

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

**EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS:
UM TEMPO DE MODERNIDADE NO ESPAÇO PRIVADO**

**Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre –
nos anos 50**

RAQUEL RODRIGUES LIMA

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Brasil
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS,
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor.

Prof^a. Orientadora: Dr^a. MARIA LÚCIA BASTOS KERN

PORTO ALEGRE
OUTUBRO DE 2005.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

**EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS:
UM TEMPO DE MODERNIDADE NO ESPAÇO PRIVADO**

Estudo da radial Independência / 24 de Outubro - Porto Alegre - nos anos 50

RAQUEL RODRIGUES LIMA

Tese apresentada ao Curso de Pós Graduação em História do Brasil do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor.

Prof^a.Orientadora: Dr^a MARIA LÚCIA BASTOS KERN

Porto Alegre
Outubro de 2005

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é fruto de uma busca constante de aprendizagem, que não teria sido possível de ser realizada sem o estímulo das pessoas que acompanharam esta jornada. A estas pessoas o meu maior agradecimento pela oportunidade de crescimento.

À professora orientadora Maria Lúcia Bastos Kern, agradeço o acompanhamento constante através das longas conversas, sugestões e críticas preciosas e do estímulo fundamental para o andamento e finalização deste trabalho.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da PUC/RS, pelo aprendizado, em especial à prof^a Núncia Constantino e ao prof^o Charles Monteiro.

À Carla Pereira, secretária do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da PUC/RS.

À Pontifícia Universidade Católica e ao Centro Universitário UniRitter pela oportunidade proporcionada e incentivo financeiro concedido ao longo do processo de titulação.

Aos colegas da FAU-PUCRS e da FAU-UniRitter, pelo carinho, pela amizade e pelo coleguismo. Especialmente à Nara Helena Machado, pelo acompanhamento profissional e amigo ao longo do trabalho. Agradeço, também, especialmente aos colegas Günter Weimer, Margot Caruccio, Viviane Maglia, Paulo Cesa Filho, Maria Regina Paradedda, Leila Mattar, Renato Menegotto, Flávio Kiefer, Leonardo Hortêncio, Udo Mohr e Humberto Hicel.

Aos colegas Tiago Balem, Anelis Flores, João Gallo pela ajuda na pesquisa, enquanto estudantes. Aos acadêmicos Lucas Volpato e Noemi Ferreira. Agradeço em especial às acadêmicas Ecléa Müllich Moraes e Daiane Rodrigues pela ajuda e empenho na pesquisa e nas ilustrações. À Claudia Silveira Rodrigues pela disponibilidade e eficiente editoração do trabalho.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e pelo constante estímulo ao trabalho.

RESUMO

Os Edifícios de apartamentos da Avenida Independência e Rua 24 de Outubro instituíram novos modos de morar, ditos modernos, para as elites porto-alegrenses. A presente Tese pretende demonstrar que o desenvolvimento dos bairros da cidade de Porto Alegre ocorreu, principalmente a partir de 1945, utilizando ideais e princípios arquitetônicos em acordo com suas especificidades locais; porém, relacionados com as questões nacionais e internacionais. Busca trabalhar com a história cultural, relacionando a arquitetura moderna com os modos de morar, desenvolvido nos bairros Independência e Moinhos de Vento, através dos edifícios de apartamentos construídos nas principais vias que configuram a Radial Independência/24 de Outubro. A história da cidade de Porto Alegre pode ser compreendida a partir do desenvolvimento dos bairros e, especificamente, do estudo de uma das radiais, a Avenida Independência/Rua 24 de Outubro, enfocando-se a habitação em seus edifícios de apartamentos modernos.

ABSTRACT

The apartment buildings on Independência Avenue and 24 de Outubro Street established a new, so-called modern mode of living for the elites of Porto Alegre in the 50s. The purpose of this thesis is to demonstrate that the development of Porto Alegre boroughs, especially from 1945 on, occurred according to ideals and architectonic principles in tune with local particularities but also sensitive to national and international trends. Cultural history and the study of the apartment buildings on the main avenues along the Independência/24 de Outubro arterial will be used to investigate the association between modernist architecture and the modes of living of the population in the Independência and Moinhos de Vento boroughs. The history of Porto Alegre can be understood as a function of the development of its boroughs and, particularly, of living standards in the modernist apartment buildings along one of its radial avenues, the Independência Avenue/24 de Outubro Street.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
-------------------------	---

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E MORFOLOGIA URBANA:

HABITAÇÃO E PLANEJAMENTO PARA PORTO ALEGRE	31
1.1 Habitação e Planejamento para Porto Alegre	44
1.1.1 No território social: a crise econômica dos anos cinquenta	44
1.1.2 Na arquitetura, a cidade materializada	54
1.1.2.1 O cenário e os atores: cidade antiga, primeiros urbanistas e primeiros planos	55
1.1.2.2 “Precisa-se de um Plano Diretor.”	63
1.2 Arquitetura Moderna em Porto Alegre: ideais e construções	68
1.2.1 A orientação estética da arquitetura moderna: uma polêmica no Rio Grande do Sul	68
1.2.2 Provisão e produção: Empreendedoras, as Construtoras	76
1.2.3 Herança do Movimento Moderno	83

CAPÍTULO 2

TEMPO E ESPAÇO NA RADIAL INDEPENDENCIA/24 DE OUTUBRO:

A HISTÓRIA DE DOIS BAIRROS ATRAVÉS DE SUAS PRINCIPAIS VIAS	86
2.1 Independência: um bairro, uma rua	90
2.1.1 Um Hospital, uma Praça: Alegria, Caridade e Modernidade - Praça Dom Feliciano	93
2.1.2 Uma igreja, um hospital, uma praça - Praça Dom Sebastião	104
2.1.3 O Hospital dos Médicos	113
2.2 O cotovelo da radial: Praça Júlio de Castilhos - os jardins dos apartamentos	120
2.3 O bairro Moinhos de Vento. A Rua: 24 de Outubro	127
2.4.1 Os jardins que abastecem a cidade. Hidráulica Moinhos de Vento	131
2.4.2 Espaço público para o lazer das elites: do hipódromo ao lazer esportivo e recreativo Parque Moinhos de Vento	137
2.4.2.1 Prado Independência e Hipódromo do Cristal	137

2.4.2.2 Plano de Humanização da cidade:	
Primeira etapa: Parque Moinhos de Vento.	140

CAPÍTULO 3

OS MODOS DE MORAR:

O ESPAÇO PRIVADO DAS ELITES EM PORTO ALEGRE.	144
3.1 O ESPAÇO PRIVADO: O APARTAMENTO NA HISTÓRIA	149
3.1.1 Antecedentes do apartamento moderno	149
3.1.1.1 As <i>insulae</i>	151
3.1.1.2 Os apartamentos da nobreza francesa	154
3.1.1.3 Apartamentos do século XIX e início do século XX.	157
3.2 História do ‘morar em apartamento’ no Brasil	160
3.2.1 Surgimento e adaptação do apartamento no Brasil.	162
3.2.2 A consagração do edifício de apartamentos no Brasil.	167
3.3 Os modos de morar em Porto Alegre:	170
3.3.1 Um pequeno histórico do apartamento.	170
3.3.2 Apartamento dos anos 50: lugar de consumo.	173
3.4 O espaço privado das elites em Porto Alegre	180
3.4.1 A chegada da luz e dos eletrodomésticos a Porto Alegre	182
3.4.2 Funcionalidade no apartamento	190

CAPÍTULO 4

O APARTAMENTO: ARQUITETURA E O MODO DE MORAR

NA RADIAL INDEPENDÊNCIA E 24 DE OUTUBRO	196
4.1 Duas esquinas e meia:	
Garibaldi, Santo Antônio e Tomas Flores	199
4.1.1 Independência esquina Garibaldi:	
um hospital e três edifícios de apartamentos	199
4.1.1.1 Os Edifícios de apartamentos	201
4.1.1.2 Habitação e cinema:	
a modernidade alia funções	206
4.1.2 Independência esquina Santo Antônio: uma flor e os “Josés”.	216
4.1.2.1 O edifício da transição: Edifício Vitória Régia.	217
4.1.2.1 Os “Josés”	220
4.1.3 Independência esquina Tomás Flores.	225

4.1.3.1 Projeto para a cidade: uma esquina pela metade.	225
4.2 Os Edifícios de Apartamentos da Praça Júlio de Castilhos	230
4.2.1 Os anos 40 na Praça:	
Batovi, Moinhos de Vento, João Ibanez	231
4.2.2 Elegância e Modernidade na praça: Edifícios Plaza e América	236
4.2.3 Esplanada e Armênia: Praça Júlio de Castilhos	240
4.2.4 Dois exemplos de Arquitetura Moderna:	
Embaixador e Cerro Formoso.....	253
4.2.5 Vila e chácara na história dos edifícios Christofell e Linck.	256
4.3 Edifícios de Apartamentos Símbolos	262
4.3.1 São Paulo, Querência, Santa Luíza e Bela Vista.	262
4.3.2 Flores da Cunha, Roma, Maximus	271
4.3.3 Independência, Santo Ângelo, Oiapoc-Chuí.	276
4.3.4 Santa Tecla, Rio Grande do Sul	280
4.4 Modos de morar nos apartamentos da Independência e 24 de Outubro. ...	282
CONCLUSÃO	285
ANEXOS	292
BIBLIOGRAFIA	333
LISTA DAS ILUSTRAÇÕES	366

INTRODUÇÃO

Justificativas e pressupostos iniciais

O historiador Lucien Febvre apresenta a construção da História com uma frase célebre através da qual indica o presente como instigador das questões a serem reconstituídas: “A História é filha de seu tempo”, diz o autor. É o presente, nessa perspectiva, que estabelece o ponto de questionamento dos modelos e convicções para que a pesquisa histórica reconstitua o passado, visando a uma reconstrução sempre reiniciada.

No artigo Sobre a atualidade de Vico¹, Constantino nos fornece importantes elementos quando cita que:

“Vico identifica a História como o largo processo que permite a passagem da animalidade à civilização, percebendo que a humanidade, como o indivíduo, atravessa uma série de idades, cuja sucessão não é linear nem cíclica, mas espiral, esboçando assim o pensamento dialético.”²

Trabalhar com a memória é trabalhar com um conjunto de lembranças coletivas e sociais. Esta memória depende das recordações e experiências das pessoas, que se referem aos espaços, às instituições, às famílias, tudo isso dentro de um quadro do passado. É como se estivéssemos sobrepondo cada *tijolo*, como se fosse um agregado de conhecimentos acumulados, a uma construção coletiva da memória social de um grupo. É neste sentido que a presente tese tem como principal objetivo agregar mais *tijolos* ao conhecimento da história da cidade de Porto Alegre, a partir do desenvolvimento dos bairros e, especificamente, do estudo de uma das radiais, a Avenida Independência/Rua 24 de Outubro, enfocando a habitação em seus edifícios de apartamentos modernos. Sabe-se, entretanto, que há diferenças entre memória e história, e pretende-se buscar o conjunto de lembranças coletivas sociais urbanas, enquanto memória, e também sistematizá-las para contribuir para a história urbana de Porto Alegre.

¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Sobre a atualidade de Vico**. *Histórica: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, nº 4, 2000 – Porto Alegre: APGH, PUCRS, 2000, p. 7 –15.

² CONSTANTINO, 1998, p.8.

A criação e a expansão dos bairros, os antigos arraiais de Porto Alegre, ocorreram logo após o surgimento da cidade. Pode-se dizer, entretanto, que a sua consolidação deu-se somente a partir da década de 50 do século XX. O objeto da presente tese é a cidade de Porto Alegre e sua arquitetura. Através dela busca-se focalizar o crescimento do espaço urbano, do centro em direção aos bairros, de modo a demonstrar que o desenvolvimento dos bairros de Porto Alegre ocorreu, de uma forma geral, utilizando ideais e princípios arquitetônicos em acordo com suas especificidades locais. Busca trabalhar com a história urbana, a partir da história de Porto Alegre, relacionando a emergência da arquitetura moderna com os modos de morar, desenvolvidos nos bairros Independência e Moinhos de Vento, através dos edifícios de apartamentos em suas principais vias que configuram a radial Independência/24 de Outubro, na década de 50.

O tema dos bairros de Porto Alegre torna-se fundamental no momento em que a cidade cresce expressivamente. E isso ocorre paulatinamente, a partir da década de 40, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, com o aumento populacional que praticamente duplica o número de pessoas nas cidades brasileiras, cujos principais motivos residem na expulsão de grandes contingentes de agricultores pelas novas lavouras, mais comerciais, que vão se organizando no Estado e também na perda de competitividade e saturação demográfica da área colonial.

Fato é que a cidade de Porto Alegre atinge o que pode ser chamado de metropolização, um crescimento populacional acentuado da metrópole e em suas regiões e áreas metropolitanas³. Esta metropolização ocorre, também, no sentido da estruturação do espaço urbano que se modifica para assumir efetivamente o seu papel terciário. E é neste sentido que Porto Alegre se destaca com relação aos demais municípios, seja nos diversos ramos comerciais, seja na infra-estrutura administrativa ou financeira. Os setores da saúde e do lazer também tiveram uma grande importância para o crescimento da cidade, que incorporou equipamentos e serviços mais sofisticados, assim como uma cultura mais requintada, como o teatro, etc⁴.

De acordo com Cabral⁵ no período de metropolização, aproximadamente de 1945 em diante, a segregação espacial e a distribuição do uso do solo em Porto

³ Conforme as definições de FERRARI para metrópole e metropolização, Porto Alegre atingiu o patamar de metrópole a partir da década de 1940, quando sua população cresceu de 263 mil para 626 mil (SOUZA, 1997, p. 105). FERRARI, 2004, p. 239.

⁴ SOUZA, 1997, p. 106.

⁵ CABRAL, 1982, p. 151-153.

Alegre seguiram algumas linhas básicas. Na área central a distribuição do solo se manteve, com a convivência de setores altos e baixos, em zonas bem definidas. As áreas altas centrais, ou com forte conteúdo simbólico, articuladas pelas Rua Duque de Caxias, Praça da Matriz (Marechal Deodoro) e Rua Marechal Floriano Peixoto, apresentavam rendas médias altas. Ali também houve a presença de baixas rendas e sub-habitação sob forma de cortiços. No setor Sul, ocorreu a expansão centrífuga por extratos de alta renda, enquanto os extratos de baixa renda eram relegados através da abertura de novas vias. O setor Norte prosseguiu com suas características de área industrial, contendo uma população de rendas médias e baixas. O setor Leste-Oeste seguiu a ocupação pela alta renda. A cidade densificou-se em áreas mais centrais, com construções em altura, especialmente na Área Central e na radial Av. Independência/Rua 24 de Outubro. No extremo Leste ocorreu uma expansão pioneira, especialmente nos Bairros de Alto Petrópolis e, posteriormente, Três Figueiras, também pelas camadas de altas rendas.

Uma das ações urbanas mais importantes deste período foi a instituição legal do Plano Diretor e do Código de Obras, na administração de Ildo Meneghetti, através da Lei 2046/2047, datada de 30 de dezembro de 1959. É certo que as sucessivas ações de planejamento, mesmo que assistemáticas, marcaram a evolução urbana de Porto Alegre e se relacionam entre si, muitas vezes de maneira desarmônica. É importante registrar que o Plano de 1959 foi resultado de um processo que possui como marco o início do século⁶.

Se é certo que a radial Independência/Vinte e Quatro de Outubro propiciou um desenvolvimento no sentido centro/bairro, não poderíamos dizer o mesmo com relação ao desenvolvimento e ocupação do bairro. Lucia Géa apresenta a ocupação residencial da Avenida Independência no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, demonstrando que eram os diversos estabelecimentos de serviços, comércio, lazer e ensino que complementavam a ocupação da rua. O fornecimento de infra-estrutura urbana, como água canalizada, energia elétrica, rede de esgotos, telefones e transportes coletivos dava as condições necessárias para a instalação das moradias⁷. Com o Bairro Moinhos de Vento poderíamos dizer que sua ocupação se deu no sentido bairro/centro, visto que a Praça São Manoel e sua capela, o Prado Independência e a Igreja Auxiliadora, com o casario ao redor, são

⁶ O Plano Geral de Melhoramentos, o Plano Gladosch, o ante-projeto do Plano Diretor e o Plano Diretor de 1959 foram os principais marcos deste processo. (PANIZZI, 1993, p. 156).

⁷ GEA, 1995, p. 45.

equipamentos e serviços urbanos que vinham se estabelecendo de forma quase independente do centro. Talvez seja possível verificar que, no período entre 1945 a 1970, aproximadamente, ocorreu a instalação efetiva desta auto-suficiência do bairro.

Revisão Bibliográfica

A arquitetura moderna em Porto Alegre tem sido estudada através de diferentes tipos de abordagens, por historiadores e arquitetos. Não há dúvidas, porém, sobre a necessidade de dar continuidade e aprofundamento a estes estudos. Um dos mais importantes trabalhos é o de Alberto Xavier e Ivan Mizoguchi, *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*⁸, pela apresentação de uma catalogação inédita, a partir do levantamento e seleção crítica, das obras dos arquitetos na cidade de 1935 até 1985. Cada obra é comentada e ilustrada com plantas baixas, cortes e fotografias. A seguir está a obra de Günter Weimer, que realiza o *Levantamento de projetos arquitetônicos. Porto Alegre: 1892 à 1957*⁹, inventaria os projetos (quase 100.000 projetos) encaminhados para o licenciamento de construção na prefeitura de Porto Alegre. O levantamento contém número do processo, nome da obra, nome do projetista, linguagem, nome do construtor e endereço, dados apresentados sempre que presentes nos projetos, entre os quais encontram-se vários vinculados à arquitetura moderna, mais especificamente aqueles dos anos 30 em diante. Weimer também faz a *Bibliografia da arquitetura gaúcha no Correio do Povo: 1940-1959*¹⁰, onde realiza o levantamento sistemático, acompanhando a cronologia das tiragens do Correio do Povo, jornal mais conceituado e de maior circulação no período abordado. A listagem apresenta título, data, página e um breve comentário de cada artigo selecionado.

Destacam-se estudos que apresentam, pela primeira vez, a história de Porto Alegre, desde a fundação até a criação dos bairros, suas administrações, sítio e localização. Muito mais como uma apresentação de dados do que com uma visão crítica, os autores Sérgio da Costa Franco, Francisco Riopardense de Macedo e Walter Spalding podem ser citados como os pioneiros de historiografia de Porto

⁸ XAVIER, Alberto e MIZOGUCHI, Ivan. **A arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre/São Paulo/ FAU-UFRGS/Pini, 1987.

⁹ WEIMER, Günter. **Levantamento de projetos arquitetônicos. Porto Alegre: 1892 à 1957**. Porto Alegre, Prefeitura de Porto Alegre/PROCEMPA, 1998.

¹⁰ WEIMER, Günter. **Bibliografia da arquitetura gaúcha no Correio do Povo: 1940-1959**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1994. Estudos Tecnológicos, Arquitetura 24 e 25.

Alegre, no que se refere à arquitetura. Franco, em *Porto Alegre: Guia histórico*¹¹, enfoca a história da cidade, sua arquitetura e desenvolvimento urbano; Macedo, em *Porto Alegre, origem e crescimento*¹², aborda os aspectos fisiográficos e históricos da formação e desenvolvimento de Porto Alegre até os anos 60, incluindo os primeiros planos de urbanização. Também com uma visão urbana, Macedo apresenta valiosos subsídios para a história da urbanização de Porto Alegre, incluindo os antecedentes e a formação da cidade, sua origem, traçados e funcionamento, em *Porto Alegre. História e vida da cidade*¹³. Com uma amplitude maior, relacionando os aspectos históricos, sócio-culturais, arquitetônicos e urbanos de Porto Alegre, Spalding apresenta sua contribuição em *Pequena História de Porto Alegre*¹⁴. Esses autores, em torno da década de sessenta, começaram a identificar aspectos da cidade de Porto Alegre, como sua situação geográfica e arquitetura com aspectos históricos e sociais.

Ainda dentro desta mesma linha, porém com um estudo mais atual, Margareth Bakos faz uma análise histórica e crítica sobre o continuísmo político governamental de Porto Alegre, no período de 1897 a 1937. Aborda o crescente endividamento do governo e a questão habitacional, além dos expedientes urbanos usados pelo poder para manter seu domínio. Esta pesquisa consta como tese de doutoramento, intitulada *A Continuidade administrativa no Governo Municipal de Porto Alegre. 1897-1937*¹⁵.

O tema que relaciona arquitetura e história também está presente nos trabalhos de alguns arquitetos. Günter Weimer em *Estruturas sociais gaúchas e arquitetura*¹⁶ realiza um trabalho pioneiro sobre a produção arquitetônica do Rio Grande do Sul, que abrange o período de 1829 a 1970. Renato Holmer Fiori, em *Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951*¹⁷, estuda os dois cursos surgidos em 1945 em Porto Alegre, como uma

¹¹ FRANCO, Sérgio da Costa, **Porto Alegre: Guia Histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

¹² MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, origem e crescimento**. Porto Alegre, Sulina, 1968. Coleção Meridional.

¹³ MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre – História e vida da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973.

¹⁴ SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre, Sulina, 1967. Coleção Meridional.

¹⁵ BAKOS, Margareth. **A Continuidade administrativa no Governo Municipal de Porto Alegre. 1897-1937**. Tese de doutoramento em História Econômica. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1986.

¹⁶ WEIMER, Günter. **Estruturas sociais gaúchas e arquitetura**. INId. (org.). **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. Série “Documenta”, nº 15, p. 155-190.

¹⁷ FIORI, Renato Holmer. **Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 à 1951**. Porto Alegre: PUC-RS, 1992. Dissertação de Mestrado.

etapa do ensino profissional e, fundamentalmente, como uma etapa da arquitetura moderna local. Os dois trabalhos de Cláudio Calovi Pereira, *Primórdios da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul: a presença dos arquitetos cariocas e Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936 – 1954)*¹⁸ analisam, respectivamente, dois projetos da escola carioca em Porto Alegre - o edifício do Hospital de Clínicas e o edifício-sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul - e a produção arquitetônica dos irmãos Milton, Marcelo e Maurício Roberto, no Rio de Janeiro, entre 1936 e 1951. Seus textos propõem relevantes abordagens crítica e teórica de um dos mais importantes momentos da arquitetura brasileira.

Ressalta-se a bibliografia que relaciona os temas da arquitetura com a história e o uso desta na cidade. Nara Helena Machado em *Modernidade, arquitetura e urbanismo: o centro de Porto Alegre (1928 - 1945)*¹⁹, estuda as transformações urbanas e arquitetônicas que se processaram na área central de Porto Alegre entre 1928 e 1945. Ela enfoca sobretudo o significado da apregoada modernização para o tecido urbano e arquitetônico da cidade. Podem-se citar também outras grandes contribuições, como de Sandra Pesavento, em *Memória Porto Alegre – espaços e vivências*²⁰; Renato Menegotto, em *Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional em Porto Alegre*²¹; Leila Mattar, em *Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900-1930)*²², entre outros. Especificamente sobre a Avenida Independência, até a década de trinta, Lúcia Géa trata do espaço da casa em *O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893 – 1929)*²³, um trabalho que apresenta os modos de morar das elites nos antigos casarões.

¹⁸ PEREIRA, Cláudio Calovi. **Primórdios da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul: a presença dos arquitetos cariocas**. Monografia das disciplinas Arquitetura do Rio Grande do Sul I e II, PROPAR/UFGRS, 1990; e PEREIRA, Cláudio Calovi. **Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936 – 1954)**. Porto Alegre: PROPAR/UFGRS, 1993. Dissertação de Mestrado.

¹⁹ MACHADO, Nara Helena Naumann. **Modernidade, arquitetura e urbanismo: O centro de Porto Alegre (1928 - 1945)**. Porto Alegre: PUC-RS, 1998. Tese de Doutorado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

²⁰ PESAVENTO, Sandra. **Memória Porto Alegre – espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

²¹ MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre, IFCH, PUC/RS, 2001.

²² MATTAR, Leila Nesralla. **Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900-1930)**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre, IFCH, PUC/RS, 2001.

²³ GEA, Lúcia Segala. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893 – 1929)**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre: IFCH, PUC/RS, 1995.

Existem alguns trabalhos sobre planejamento urbano. Gilberto Flores Cabral em *Distribuição espacial dos usos residenciais do solo urbano – o caso de Porto Alegre*²⁴, analisa a evolução urbana de Porto Alegre, desde seus primórdios até a fase de metropolização, com ênfase nos usos residenciais, distribuição do solo e distribuição pelas diversas rendas. Wranna Panizzi e João Rovatti, em *Estudos Urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*²⁵, organizam um conjunto de textos que envolvem as diferentes pesquisas urbanas em Porto Alegre. A obra encontra-se dividida em cinco partes: porto, centro, centralidade; leituras da cidade e da cidadania; planos e planejamento; planejamento, governo local, participação; transporte e habitação. Célia Ferraz de Souza e Dóris Maria Muller analisam a evolução urbana de Porto Alegre através de sua história, que enfoca desde a ocupação do território, imigração, industrialização, metropolização até a atualidade, em *Porto Alegre e sua evolução urbana*²⁶.

A biografia de arquitetos que participaram do lançamento da arquitetura moderna em Porto Alegre aparece em Anna Paula Canez, em *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*²⁷, que faz um estudo que aborda a contribuição do arquiteto autodidata Fernando Corona, que foi ainda escultor, escritor e um dos promotores do ensino de arquitetura no Estado. O período de análise estende-se de 1928 até 1951. Da mesma autora, dois trabalhos recentes seguem a mesma abordagem. São *Arquiteturas Cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eládio Dieste em Porto Alegre*²⁸, apresentando a obra destes dois arquitetos e suas relações com o sul do país, e *Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole*²⁹. Há também o importante trabalho de Maturino Luz, que apresenta o artista e arquiteto Lutzemberger em primorosa descrição e análise das principais obras arquitetônicas: *Ide todos a José. A arquitetura de Joseph Lutzemberger (1920-1951)*³⁰. Ainda se

²⁴ CABRAL, Gilberto Flores. **Distribuição espacial dos usos residenciais do solo urbano – o caso de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano. Porto Alegre, Faculdade de Arquitetura, PROPUR, UFRGS, 1982.

²⁵ PANIZZI, Wranna M. e ROVATTI, João F. (org.). **Estudos Urbanos: Porto Alegre e seu planejamento**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.

²⁶ SOUZA, Célia Ferraz de & MÜLLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1997.

²⁷ CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: UE / Porto Alegre / Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.

²⁸ CANEZ, Anna Paula. **Arquiteturas Cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eládio Dieste em Porto Alegre**. / Anna Paula Canez, Carlos Dias Comas, Glenio Boher. Porto Alegre: UniRitter Ed., 2004.

²⁹ CANEZ, Anna Paula. **Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole**. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado em andamento, PROPAR/UFRGS, 2003.

³⁰ LUZ, Maturino Salvador Santos da. **Ide todos a José. A arquitetura de Joseph Lutzemberger (1920-1951)**. Porto Alegre:UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, PROPAR – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

pode citar o trabalho do arquiteto Egon Weindorfer, que, conforme consta em relatório de pesquisa³¹ participou como autor de vários projetos arquitetônicos modernos em Porto Alegre.

A composição formal de alguns edifícios da arquitetura moderna em Porto Alegre é estudada por Glênio Bohrer, que utiliza a CEASA desde os seus antecedentes e autores, o projeto de concurso e o projeto definitivo, para, então, analisar o espaço e o seu lugar na arquitetura e no urbanismo moderno, em *CEASA – RS Espaço e lugar na Arquitetura e Urbanismo Moderno*³². Eneida Ripoll Stroher em *A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre*³³, também realiza um estudo demonstrando a adaptação dos princípios da arquitetura moderna ao contexto porto-alegrense, através da análise de sete edifícios de habitação coletiva, projetados na década de 50 pelo escritório do arquiteto Emil Bered, em Porto Alegre.

Verifica-se que, na segunda metade da década de noventa³⁴, foi retomada, no Rio Grande do Sul, uma iniciativa que estimulou a pesquisa da história da arquitetura no estado, gerando o incremento na produção bibliográfica da arquitetura, especialmente dos estudos sobre Porto Alegre³⁵. Não se pode deixar de assinalar a participação fundamental neste processo todo dos Programas de Pós-Graduação. Arquitetura e Urbanismo, História, Educação cujas áreas são as mais envolvidas na formação dos profissionais pesquisadores. Dentro desse panorama, a presente tese vem abordar uma perspectiva ainda inexplorada do tema do desenvolvimento da cidade e da arquitetura moderna. Busca trabalhar com a história cultural, relacionando a arquitetura moderna com novos modos de morar instituídos nos edifícios de apartamentos localizados nas vias principais dos bairros Independência e Moinhos de Vento.

³¹ LIMA, R. Raquel; CANEZ, Anna Paula; LUZ, Maturino. **A Contribuição de Egon Weindorfer para a Arquitetura Moderna de Porto Alegre**. Relatório de Pesquisa. Porto alegre, 1999.

³² BOHRER, Glênio Vianna. **CEASA – RS Espaço e lugar na Arquitetura e Urbanismo Moderno**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1999. Dissertação de Mestrado.

³³ STROHER, Eneida Ripoll. *A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado.

³⁴ O primeiro encontro ocorreu em 1984, em Santa Maria, depois do qual identifica-se um hiato até sua retomada em 1996.

³⁵ Foram os encontros de Teoria e História que começaram a se realizar anualmente, apresentando estudos e pesquisas sobre a arquitetura²⁸. Atualmente as disciplinas de Teoria e a História vêm assumindo uma importância cada vez maior no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Por isso, professores, pesquisadores e estudantes vêm se reunindo para enfrentarem o desafio de debater e trocar experiências didáticas, de pesquisa e de extensão. A recorrência dos estudos sobre arquitetura moderna sugeriu, em 2004, que o tema central do encontro, em Santa Cruz do Sul, se dedicasse ao Modernismo (1940-1970).

Delimitação do problema

A questão central da presente tese reside na seguinte formulação: os edifícios de apartamentos da Avenida Independência e Rua 24 de Outubro imprimiram novos modos de morar, ditos modernos, para as elites sociais porto-alegrenses.

Imediatamente surge a necessidade de esclarecer tal idéia. Que novos modos de morar são esses? Modernos. Mas modernos em que termos? Talvez estejam relacionados à situação urbana, ao espigão da cidade, ao local nobre, com vista privilegiada, próximo ao centro da cidade, que era cobiçado pelas elites locais. Além da localização, os espaços internos dessa nova moradia deveriam ter dimensões grandiosas, mantendo hierarquias sociais, mas assimilando a modernidade do funcionalismo em sua distribuição. Esses modos de morar modernos podem ter sido alardeados pela imprensa local, através da publicidade dos projetos arquitetônicos e das construções que tenderiam a manter o *status* dessas elites. Mais ainda, trazia a possibilidade de incorporar a garagem para o automóvel da família, máquina essencial para todo *ser moderno* da metade do século XX.

Outro dado importante é o universo focado. A escolha do universo social (as elites da cidade) e do universo físico (a radial Independência/24 de Outubro) não é novidade para a metrópole que se desenvolvia na década de 40. Desde o início do século, os casarões das elites sociais ocuparam essa radial. Nada mais previsível que a continuidade do processo ocorresse na metade do século XX, com adaptações, é claro. Mas o panorama é mais complexo. A radial em estudo desenvolveu-se na direção centro-bairro e, com isso, os prédios de apartamentos foram surgindo nesta ordem – primeiro na Avenida Independência e depois na Rua 24 de Outubro. Partindo desse pressuposto, surge a questão: as plantas dos apartamentos também seguem o desenvolvimento nos modos de morar, ou seriam os autores dos projetos os responsáveis pelas alterações dos prédios? A coincidência, ou não, da temporalidade com a espacialidade na radial é uma parte do problema a ser debatido.

Os atores da problemática estão divididos em dois grupos: o primeiro grupo é uma parte da sociedade, definida como as elites porto-alegrenses que habitam os edifícios de apartamentos. Fala-se em elites, no plural, por perceber a existência mais de um grupo social de elite contemplado nas moradias dos apartamentos. Um dos argumentos desta afirmação reside na compra do imóvel que poderia ser

feita através de financiamento de bancos ou incorporações de empresas, facilidade que os grupos mais abastados não necessitariam. O segundo grupo é o dos autores dos projetos desses edifícios de apartamentos, ou seja, arquitetos, engenheiros e construtores. Esse grupo não era homogêneo, pois apresentava idéias diferentes e formação profissional de diversas vertentes.

Os novos modos de morar, porém, tiveram que conviver com a realidade já existente no espaço da radial. Nesse território havia espaços já consagrados e tradicionais; edifícios antigos e de importância social e religiosa para a comunidade já implantados e que desde a abertura da rua propuseram o desenvolvimento local; ali também existiam espaços abertos, com marcantes acontecimentos ao longo de sua história. Essa convivência teria sido articulada por profissionais com características específicas: os arquitetos locais teriam perseguido os ideais vigentes no âmbito internacional e nacional? E estas idéias teriam interferido na vida dos usuários das edificações, no momento em que se materializaram concepções como o funcionalismo³⁶ em edifícios de apartamentos, mudando a rotina das pessoas?

É neste sentido que se deve pensar na problemática a partir de questões mais amplas. A arquitetura moderna, especificamente dos edifícios de apartamentos construídos nos bairros, pode constituir estudo de caso para compreendermos a metropolização da cidade.

Objetivos, metodologia e fontes consultadas

O presente trabalho tem como objetivo central pesquisar, estudar e entender o processo dinâmico da expansão urbana de Porto Alegre, assim como a relação deste processo com os principais agentes nele envolvidos. Para tanto, busca-se como objeto de estudo a área de uma das radiais da cidade, evidenciando as transformações urbanas e arquitetônicas ocorridas na implantação e consolidação do Movimento Moderno. O fato que mais chama a atenção neste processo é a substituição das moradias construídas na principal via de ligação entre o centro e os bairros Independência e Moinhos de Vento. De casarões espalhados em grandes lotes, as elites ali residentes passam a habitar apartamentos em edifícios com vários andares.

³⁶ Em **Por uma arquitetura**, de 1920, Le Corbusier divulgou as regras sensíveis para “racionalizar” ou “funcionalizar”, como sendo a arte da construção mediante um sistema lógico. O conceito de funcionalismo é desenvolvido no capítulo 1 desta tese.

Como objetivos específicos esta tese tem em vista fazer o inventário dos projetos arquitetônicos da década de 50, na Avenida Independência e Rua 24 de Outubro; identificar a contribuição dos arquitetos, engenheiros e empresas construtoras para o desenvolvimento da arquitetura moderna de Porto Alegre, através dos protagonistas deste cenário; identificar e analisar as principais polêmicas existentes entre os arquitetos no período, suas relações com as questões urbanas, estéticas, sociais, e do próprio cotidiano, com o fim de identificar as concepções vigentes e suas intervenções na planificação dos espaços residenciais. Mas, essencialmente, busca-se caracterizar os modos de morar das elites residentes nos apartamentos dos grandes edifícios assim como as transformações ocorridas no espaço privado em questão.

Portanto, tem-se em vista analisar a arquitetura moderna em Porto Alegre nos anos 50, estabelecendo conexões com a expansão urbana, do centro em direção ao bairro, bem como com as mudanças dos modos de morar da casa para os edifícios de apartamentos. Vamos analisar os projetos das novas edificações dos logradouros em questão e seus respectivos autores, bem como estabelecer uma comparação entre os projetos e as fontes da imprensa da época, especialmente no que tange ao desenvolvimento da cidade, no qual estão envolvidos os arquitetos, os urbanistas e a população em geral. Assim, a pesquisa é significativa porque vai subsidiar o avanço no entendimento da arquitetura moderna do extremo sul do país. Por extensão, os resultados auferidos no âmbito regional poderão contribuir para uma interpretação mais abrangente do Movimento Moderno brasileiro.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da presente tese está baseada em consulta a fontes primárias, complementada com a bibliografia existente, específica e em geral. Foram analisados documentos de época, tais como projetos arquitetônicos, encaminhados para aprovação na Prefeitura Municipal de Porto Alegre; artigos, anúncios e propagandas de jornais e revistas de Porto Alegre; leis, decretos, planos diretores, relatórios e anais (municipais e estaduais); e documentos dos arquitetos presentes no arquivo do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA/RS). Foram realizadas também entrevistas com profissionais e moradores participantes do processo em estudo.

No que diz respeito à amostra dos edifícios de apartamentos analisados, o procedimento seguiu os passos descritos: a aproximação com o sítio em estudo e

o primeiro reconhecimento dos edifícios ao longo da Avenida Independência e Rua 24 de Outubro se deu através de várias saídas de campo, ou visitas ao local. A identificação dos edifícios ocorreu através da percepção visual dos elementos arquitetônicos e implantação urbana nos lotes. A partir de uma primeira listagem dos objetos de estudo, resultou uma tabela, apresentando algumas características formais dos edifícios. Também foi anexada uma amostra dos dispositivos produzidos nestas saídas ou coletados em acervos de coleções. O próximo passo foi a identificação, junto à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, de dados, tais como data dos projetos, autoria e número do processo de aprovação junto a esse órgão. Foram também usados os microfilmes cedidos pelo Prof. Günter Weimer, que contém projetos de parte do período em estudo. Os projetos escolhidos representam uma amostra dos edifícios mais significativos do período. Paralelo a esse processo foi organizado, ainda, um banco de dados na medida em que diferentes representações foram reunidas: diapositivos, fotografias, plantas baixas, fachadas e cortes, além dos anúncios, propagandas e reportagens dos jornais.

No que diz respeito à imprensa da época foram priorizados dois jornais de importante circulação em Porto Alegre, o Correio do Povo e a Folha da Tarde. As revistas pesquisadas foram a Revista do Globo, e uma edição especial dedicada especialmente à mulher – a Enciclopédia da Mulher. Os periódicos de circulação acadêmica e profissional também foram consultados: Revista de Engenharia, Acrópole, revista do Centro dos estudantes universitários de Arquitetura - CEUA.

Outras fontes primárias importantes foram as entrevistas realizadas com depoentes que configuraram uma pequena amostra, sendo apresentados como protagonistas do processo inicial da arquitetura moderna de Porto Alegre, tais como Arquiteto Nelson Souza; Arquiteto Demétrio Ribeiro; Arquiteto Plínio de Almeida e a Arquiteta Enilda Ribeiro.

Suportes conceituais

O cerne da questão encontra-se na relação entre duas esferas teóricas: espaço e tempo. O espaço será debatido entre dois conceitos: o público e o privado; o tempo, entre a modernidade e a tradição. Os conceitos não são novos, mas se colocam de maneira renovada, quando indicam as diretrizes para análise urbana.

O verdadeiro problema está na esfera identitária do espaço familiar ou privado, enfocando os modos de vida das elites porto-alegrenses, que se alteraram, acompanhando a modernidade dos anos 50. Isso não ocorreu só no espaço limitado da radial em estudo, mas foi na Independência e 24 de Outubro, principal via de bairros privilegiados de Porto Alegre, que o processo de valorização e reativação dos espaços urbanos se efetivou. As importantes instituições, tais como hospitais – Santa Casa de Misericórdia, Beneficência Portuguesa, Hospital dos Médicos, Moinhos de Vento e Fêmeina – escolas – Rosário e Bom Conselho -, cinemas – Apolo, Sala Vogue e Coral, tiveram especial participação, pois criavam sociabilidades que valorizavam e imprimiam identidade ao espaço urbano.

Enfocar a esfera teórica que relaciona Espaço e Tempo remete-nos imediatamente para o estudo em que Bernard Lepetit³⁷ nos apresentou suas idéias sobre a história urbana, melhor dizendo, sobre uma nova história urbana. Nova, pois tinha o propósito de estimular a renovação dos rumos da história urbana que envolve as ciências sociais, assim como as mudanças sociais da cidade, e os rumos da prática propriamente dita dos que se ocupam do planejamento das cidades.

Lepetit³⁸ trata das diferentes temporalidades da sociedade urbana. A convivência de diversos tempos na cidade está presente em praticamente quase todas as cidades que surgem e crescem espontaneamente, mesmo sofrendo as ações de regulamentos e diretrizes para esse crescimento.

Em primeiro lugar, é importante definirmos os termos em que estamos trabalhando com o espaço urbano. Duas são as configurações que se articulam e resolvem de maneira perfeita a representação da cidade: a sociedade cidadina, que delimita os *contornos de um saber social*, com suas relações sociais, formas associativas, pontos de encontro, cerimônias públicas e constituem as dimensões da sociabilidade urbana, demonstrando os modos de estar junto no bairro, na rua, nos locais de encontro; a outra dá conta do processo de sua materialização, enfoca a cidade feita de pedras e cimento, que constituem formas que se estendem no espaço³⁹. Assim, o espaço urbano da radial Independência/24 de Outubro, que

³⁷ LEPETIT, 2001, p. 13.

³⁸ LEPETIT, 2001, p. 45 – 85.

³⁹ LEPETIT, 2001, p. 76.

contém os edifícios de apartamentos em estudo, será tratado a partir de uma correspondência direta entre o território social e a organização material da cidade.

Outro autor, o urbanista Ramón López de Lucio⁴⁰, conceitua o espaço moderno mediante uma nova situação e um novo caráter do urbano: a cidade deixa de ser um artefato físico preciso e bem delimitado, claramente destacado de seu entorno rural e de outros núcleos de população próximos, para converter-se em uma realidade mais complexa e menos facilmente perceptível visualmente. Percebe-se que, nesse campo, o território social ainda não está claramente definido, mas já se insinuam questões sociais a serem trabalhadas. O fato de ser nítida a consciência da indefinição do limite exato da cidade, já traduz indícios da percepção de elementos novos participantes do espaço em questão. Lucio ainda faz referência à série de modificações tecnológicas que se inserem e amplificam esta tendência à expansão do espaço urbano. Exemplifica a questão através dos modernos processos produtivos, generalização dos sistemas de comunicação à distância, etc.

Alan Colquhoun, importante crítico e teórico inglês da arquitetura e urbanismo, conhecido no Brasil a partir da década de 80, compartilha as idéias de Lepletit com respeito ao espaço urbano. Em seu ensaio *Conceitos de espaço urbano no século XX*⁴¹ deixa claros os limites desse conceito:

Essencialmente, acredito, existem dois sentidos em que a expressão normalmente é utilizada: no primeiro, característico de geógrafos e sociólogos, o objeto de estudo é o “espaço social” – isto é, as implicações espaciais das instituições sociais. Desse ponto de vista, as características físicas do ambiente tendem a ser epifenomenais. No segundo sentido, característico dos arquitetos, o objeto de estudo é o espaço construído propriamente dito, sua morfologia, o modo como afeta nossas percepções, a maneira como é utilizado e os significados que pode evocar.⁴²

Concorda-se com Lepletit, sobre a indissociabilidade entre o território social e sua materialização, no conceito de espaço urbano. Com esta tese, busca-se relacionar as disciplinas de história e arquitetura, de modo que o conceito de espaço urbano também tenderá a esta ligação. A ênfase, porém, será claramente fixada na questão urbana que envolve a materialização das questões sociais.

⁴⁰ LUCIO, Ramón López de. *Ciudad y urbanismo a finales del siglo XX*. Valência: Universitat de valència/ Servei de Publicacions, 1993, p. 135.

⁴¹ COLQUHOUN, 2004, p. 209.

⁴² COLQUHOUN, 2004, p. 209.

Dentro destes parâmetros, Lepetit coloca o questionamento entre o sentido e as modalidades dessa relação:

(...) os indivíduos e os grupos podem sofrer os efeitos da ecologia urbana ou, ao contrário, saber mobilizar os recursos que o meio lhes oferece; podem penetrar na cidade como numa concha ou então conferir ao espaço estruturas simbólicas homólogas às suas próprias (...)⁴³

E quanto às temporalidades diferentes da sociedade urbana? Não há certeza de que a economia das convenções e a sociologia das cidades comportem dimensões temporais idênticas. Foram elaboradas como alternativas para modelos dissemináveis, para que possam destacar as mesmas coisas com igual intensidade. Lepetit as trata de maneira cumulativa⁴⁴, a partir da noção de “ação que convém”, considerando três níveis de especificação das ações⁴⁵: o gesto íntimo, que responde a exigências de conveniência pessoal; a ação conveniente que assegura a coordenação local com outrem; a ação justificável, que depende de princípios gerais de legitimação. Essa minúcia analítica não é acompanhada de nenhuma graduação na escala temporal da ação. O ajuste entre a vontade individual e a norma coletiva opera-se num momento presente.

Duas características reforçam o caráter aparentemente eterno do presente da sociologia das cidades. A primeira é a freqüência do emprego da palavra e da metáfora da oscilação. Se os atores passam de uma situação de crise ou mudam de regime de legitimação, eles “oscilam”. As pessoas devem proceder a um contínuo vai-e-vem entre a reflexão e a ação, oscilando entre momentos de controle consciente e momentos em que o apelo do presente as embarca no curso das coisas⁴⁶. A segunda é que os atores sociais dos modelos de sociologia das cidades tentam ajustar às circunstâncias do momento os princípios de ações legitimadas que convêm. Assim, acionam convenções, mas não participam de sua elaboração. As convenções legitimadoras provêm de uma filosofia política elaborada antigamente: elas parecem inquebráveis para sempre, onde o passado é inacessível.

Abre-se, então, a questão do desenvolvimento das cidades: a materialidade e a durabilidade das formas levaram a uma reflexão sobre as modalidades de apropriação do passado. O abastecimento e a configuração das habitações e dos

⁴³ LEPETIT, 2001, p. 77.

⁴⁴ LEPETIT, 2001, p. 162.

⁴⁵ Laurent Thévenot define a noção de ação que convém em LEPETIT, 2001, p. 163.

⁴⁶ LEPETIT, 2001, p. 165.

espaços de trabalho, as características e a repartição dos edifícios públicos, a ordenação da rede viária, a distribuição e a organização dos espaços de produção, de troca e de lazer provêm quase todos de passados cuja profundidade difere e apresentam ritmos de evolução diversos. A materialidade de uma cidade é marcada pela ação contínua do tempo, de modo que o inventário urbano inscreve-se quase inteiro na história. A cidade atual não é construída sobre a cidade do século XIX, e esta não se sobrepõe às cidades clássica e medieval. Na cidade, elementos oriundos de diferentes épocas se acumulam⁴⁷. Contudo, o traço⁴⁸ resulta de um distanciamento entre ritmos de evoluções diferentes.

E o que acontece, nesse movimento contínuo, com as formas antigas? Elas escapam à sua condição de traço para serem reinseridas, numa nova coincidência entre uma forma, um uso e um valor, no circuito do sentido social.

Essa reativação não retoma senão uma parte das dimensões do objeto: uma localização, uma forma, um valor simbólico, um valor econômico... para fazê-los atuar de outro modo, e com outros fins. Mas ela permite que a cidade, cujos elementos provêm quase todos de passados com profundidade diferente, seja sempre inteiramente contemporânea a si mesma. O presente das cidades, portanto, resulta de um trabalho continuado de reinterpretações dos lugares.”⁴⁹

Vimos tratando do espaço e do território, mas qual sua relação com o objeto arquitetônico? A escala arquitetônica é, também, um operador complexo. Designa a interação entre um edifício e o que não é ele. Há uma diversidade de elementos que condicionam a dimensão do construído: o uso, a função do edifício e os materiais empregados⁵⁰.

A prática que se inscreve na fabricação de modelos reduzidos faz distinção entre as diferentes dimensões em que ele se manifesta. Ela não pretende estabelecer uma imagem semelhante ao objeto, mas apenas homóloga a ele. O modelo reduzido tem o atributo de construir e manifestar sua artificialidade. Por isso é resultado de uma experimentação, controlável, renovável, modificável em função dos parâmetros escolhidos e de pontos de vista particulares. Ele expõe, ao

⁴⁷ LEPETIT, 2001, p. 179.

⁴⁸ Denominemos traços o conjunto dos fragmentos herdados dissonantes e imaginemos que uma única categoria de atores, os urbanistas, possa interferir para modelar o espaço urbano já existente. LEPETIT, 2001, p. 180.

⁴⁹ LEPETIT, 2001, 83.

⁵⁰ LEPETIT, 2001, p. 212.

mesmo tempo, seu caráter calculado, seu poder de inteligibilidade e sua natureza artificial.

Desenhar um projeto em escala não significa somente estabelecer, entre o real e sua representação, relações de proporção. Desenhar um projeto é construir um modelo reduzido da realidade, depois de haver selecionado uma dimensão dela e de haver renunciado a outras⁵¹.

A feição do bairro é importante enquanto realidade e referência, pois a relação do prédio com a rua vai mudar a feição do bairro. Certeau⁵² apresenta um método através do qual apresenta a matéria objetiva do bairro apenas até o ponto em que ele é a terra eleita de uma “encenação da vida cotidiana”. Trabalha esta última enquanto relacionada com o espaço público e busca entender as relações entre objetos, estudando o vínculo que existe entre o espaço privado e o público.

Mas o que é um bairro? Certeau conceitua o bairro considerando suas características históricas, estéticas, topográficas, sócio-profissionais, etc. e cita Henry Lefebvre para corroborar sua posição: “O bairro é uma porta de entrada entre espaços qualificados e o espaço quantificado.”⁵³

A menção do conceito de bairro de Henry Lefebvre, feita por Certeau, sugere que o domínio da relação tempo/espaço é mais favorável para o usuário que se desloca a pé, saindo de sua casa, ou seja, o limite entre espaço privado e público é o pedaço da cidade que resulta de uma caminhada. Há uma noção dinâmica que demonstra a progressiva aprendizagem sobre o bairro pelo usuário. A privatização progressiva do espaço público mantém a continuidade entre o que é mais íntimo (residência/dentro) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade/mundo/fora).

Lepetit indica duas atitudes historiográficas possíveis, imaginando que o nosso presente está dividido entre um passado que não se deseja reproduzir e um futuro indiscernível. A primeira atitude é aquela em que a disciplina histórica deixa de pretender-se “estabelecimento crítico de uma memória verdadeira”. Torna-se uma memória para uso escolar, dedicada aos lugares nos quais um sentimento residual da continuidade

⁵¹ LEPETIT, 2001, p. 213.

⁵² CERTEAU, 2000, p. 38.

⁵³ CERTEAU, 2000, p. 41.

teria acabado por se recolher. A segunda atitude requer uma moral da ação. Convém evitar que a tensão entre o pólo da expectativa e da experiência se torne um cisma.

Para isso é preciso munir-se de projetos determinados, acabados, modestos, precisamente escalonados. É necessário também 'resistir ao retraimento do espaço de experiência', cessando de considerar o passado como encerrado para reavivar suas potencialidades não realizadas.⁵⁴

Para iniciar a discussão da problemática da constante presença de modernidade e tradição na década de 50 em Porto Alegre, é fundamental definirmos os termos. Tradição, do latim *traditio*, é dada como a transmissão de geração em geração, na repetição, nos ritos, de conhecimentos, de instituições e de princípios morais fundados sobre esse ensinamento. Nessa perspectiva distinguem-se a herança, que está ligada à morte, e a tradição, que se mantém⁵⁵.

A definição de Modernidade será desenvolvida a seguir, mas pode-se identifica-la, inicialmente, como um tipo de experiência vital, experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida. É nesse conjunto de experiências compartilhadas por homens e mulheres em todo o mundo que a modernidade une a espécie humana⁵⁶.

Quando se trata de modernidade, não se pode deixar de enfatizar um de seus verdadeiros temas: o herói. É assim que Walter Benjamin⁵⁷ se refere à modernidade quando revê Baudelaire, considerado o primeiro crítico francês moderno de arte. Para Balzac e Baudelaire, que se opõem ao romantismo, viver a modernidade significa estar imbuído de uma formação heróica. Duas figuras apresentam o herói em sua nova versão: o gladiador, atleta, de Balzac, que luta na "arena" com suas armas, e o proletário, escravo da esgrima, de Baudelaire. Mas, aquilo que o assalariado realiza no trabalho diário é tão importante como o aplauso e a glória do gladiador na antigüidade: "esta imagem é material do material das melhores experiências de Baudelaire; resulta da reflexão sobre sua condição própria".⁵⁸

Esta visão do herói pode ser compreendida também através das péssimas condições de trabalho do próprio Baudelaire: o horário em que trabalha, arduamente,

⁵⁴ LEPETIT: 2001, p. 189.

⁵⁵ SORIAU, Etiéhne: p. 1352,53.

⁵⁶ BERMAN: P. 15.

⁵⁷ BENJAMIN: 1975, p. 12.

⁵⁸ BENJAMIN: 1975, p. 12.

escrevendo à noite, sobre a vista da cidade de Paris. Benjamin se refere ao poeta como um boêmio, que não possuía ao menos um escritório para produção dos seus trabalhos. Assim, Baudelaire evidencia que os obstáculos que a modernidade opõe à produção pelo indivíduo são desproporcionais às forças dele. A imagem do artista se assemelha à do herói: o artista “atual” é o ator do mundo, não um alienado do mundo e da vida, como o poeta do romantismo.

A visão do herói é importante não somente para compreender um artista da modernidade em péssimas condições de trabalho, porém com reduzidas condições de expor suas idéias até a década de 50, mas também, e principalmente, no caso de Porto Alegre, para examinar os motivos pelos quais os projetos eram encomendados a profissionais de outros estados do Brasil. Assim, a falta de reconhecimento do “artista” local, pode ser identificada com o processo de constituição dos artistas-arquitetos modernos com formação heróica, no sentido de superarem seus obstáculos, para o que buscam soluções plausíveis, como, por exemplo, a de se associarem entre si para vencer os “gladiadores” externos.

Relacionada ao tema do herói, a idéia de gênio também está ligada à modernidade. Habermas identifica a gênese da idéia de gênio com o princípio da subjetividade. O problema da autocertificação da modernidade torna-se premente no final do século XVIII. Assim, a modernidade busca, através da fonte da filosofia, o seu equilíbrio nas bipartições por ela provocada, pois não existem mais modelos: a consciência de si própria e a necessidade de autocertificação⁵⁹.

Os tempos modernos são caracterizados por uma estrutura de auto-relação: subjetividade - liberdade e reflexão. Assim, a subjetividade implica quatro conotações: o individualismo; o direito à crítica; a autonomia do agir; a filosofia idealista.

O princípio da subjetividade indica as configurações da cultura moderna: primeiro, a ciência objetivamente despe a natureza da magia e liberta o sujeito cognoscente. O conhecimento da natureza torna-o livre. Em segundo lugar, os conceitos morais são adaptados ao reconhecimento da liberdade subjetiva dos indivíduos. Discernimento do bem-estar particular, desde que esteja de acordo com

⁵⁹ HABERMAS: 1989, p. 26-27.

o bem estar de todos. E, em terceiro lugar, a arte moderna revela sua essência no Romantismo. A forma e o conteúdo da arte são determinados por uma interioridade absoluta. É sobre esta noção que se constrói a idéia de gênio.

A figura profissional do arquiteto, se a relacionarmos com a do arquiteto moderno da fase heróica da arquitetura, modifica-se a partir da década de 30, conforme Giulio Carlo Argan:

antes de ser um construtor deve ser um urbanista, projetar o espaço urbano. Imediatamente se determina uma nítida distinção entre os inúmeros oportunistas que se põem a serviço da especulação imobiliária e ajudam a piorar as condições da cidade. Poucos eram conscientes de sua função, sua dignidade, sua responsabilidade de profissionais ou técnicos, que tentam opor projetos de utilização racional à exploração descontrolada dos terrenos. Não se trata da velha distinção de ordem moral, segundo a qual os arquitetos se colocam concretamente o problema funcional da cidade, são os únicos a empreender uma livre pesquisa e alcançar resultados esteticamente válidos.⁶⁰

Para citarmos um exemplo, basta nos referirmos à formação profissional de Demétrio Ribeiro. Quando chegou ao Rio de Janeiro, Demétrio buscou a revalidação do seu diploma para atuar no Brasil. Conforme o próprio arquiteto⁶¹, o exame foi realizado, pela primeira vez, na Escola Nacional de Belas Artes e teve a duração de 24 horas. Esta prova tinha como objeto central um projeto, a exemplo do Grande Prêmio de Roma, cujo tema era um Campus Universitário. O problema consistia em determinar uma primeira quantificação do projeto, o que hoje chamaríamos de Partido Arquitetônico: o conceito funcional, técnico e formal do projeto a ser desenvolvido. A avaliação foi feita por um arquiteto, que verificava inclusive a sombra das árvores na lagoa, e por um engenheiro, que conduzia a argüição sobre a solução do futuro projeto, como, por exemplo, do projeto hidro-sanitário. Depois de superada essa etapa, o arquiteto deveria freqüentar a escola durante um mês, em sessões diárias, para desenvolver aquele projeto.

Nesse processo, chama a atenção a exigência de solução “mágica” do partido arquitetônico, que deveria ser proposta em 24 horas. Essa é uma exigência típica de genialidade por parte dos arquitetos que fizessem os exames.

⁶⁰ ARGAN: 1992, p. 264.

⁶¹ Conforme entrevista de Demétrio Ribeiro à pesquisadora em 14/05/2003.

Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos, nos quais são tratados os enfoques centrais da cidade, bairro e radiais, os modos de morar e os edifícios de apartamentos.

O capítulo 1 trata da dialética entre cidade e edifício, usando como foco seus projetos, autores e construções. O capítulo tem por objetivo principal contextualizar o crescimento do número de edifícios de apartamentos na radial Independência/24 de Outubro com relação à demanda de habitação em Porto Alegre nos anos cinquenta. Demonstra que, com o desenvolvimento da cidade, a necessidade de um Plano Diretor tornou-se cada vez mais urgente, a fim de organizar o crescimento desenfreado que ocorreu, especialmente na radial das elites.

Visto o contexto amplo em que a cidade surgiu e se desenvolveu, e sua relação com o problema da habitação, passamos a analisar, no capítulo 2, a história da radial Independência/24 de Outubro através dos respectivos bairros, Independência e Moinhos de Vento. A qualidade da infra-estrutura, do lazer, dos serviços, enfim, dos modos de vida das pessoas que usufruíam destes bairros, é elogiável desde o século XIX. Especialmente em torno da década de 50, a radial adquire feições modernas no que diz respeito às suas organizações espaciais, sociabilidades, seus serviços, seu lazer, comércio e, principalmente na verticalização das suas edificações. O capítulo visa apresentar a história dos bairros através da sua principal artéria, enfocando suas convivências ao longo do tempo: convivências de usos, público e privado; convivências de diferentes grupos sociais; convivências de etnias, descendentes de portugueses e alemães; convivências de tempos, antigo e moderno.

As elites que passaram a habitar os apartamentos modernos necessitaram fazer adaptações nos modos de morar. Tanto o espaço como a tecnologia eram novos para uma sociedade que tinha a intenção de acompanhar o movimento dos tempos. Ajustar-se a essas transformações exigia esforços, tanto dos moradores como dos promotores dessas alterações. O capítulo 3 trata dos edifícios de apartamentos, que continham unidades privadas em um mesmo prédio e tiveram que acomodar as construções também às mudanças das classes sociais. Nem sempre morar em apartamentos representou o *status* que atingiu a partir da década de 30. O apartamento na história e os modos de morar em apartamentos no Brasil

percorreram um trajeto cheio de acontecimentos que acompanham o processo de desenvolvimento dos modos de morar. O objetivo do capítulo é apresentar as principais alterações dos modos privados de morar das elites, buscando suas relações com o cotidiano no interior dos edifícios de apartamentos na radial em estudo.

O último capítulo apresenta os edifícios de apartamentos da radial Independência/24 de Outubro e faz uma análise das partes – cada unidade - e do todo – o edifício. O ponto de partida para a análise é o projeto arquitetônico e os elementos mínimos para o entendimento da concepção espacial de tais edifícios são as plantas baixas, cortes, fachadas e perspectivas. O objetivo principal é identificar como moravam as elites porto-alegrenses em Porto Alegre na década de cinquenta. As tradições e novidades tiveram de conviver e de adaptar-se conforme as novas condições, que também dependiam de sua situação na radial. Depois de estudar a paisagem urbana com seus componentes e suas sociabilidades, através dos bairros Independência e Moinhos de Vento, os edifícios serão apresentados de duas formas: primeiro conforme sua localização na radial, de modo que, sempre que formarem conjuntos urbanos importantes, como em praças ou esquinas, os edifícios serão agrupados para análise. Em segundo lugar, serão analisados conforme suas características funcionais e/ou formais, indicando-se grupos de edifícios com semelhanças. Estes foram denominados edifícios símbolos para as elites dos anos cinquenta em Porto Alegre.

Cabe ainda colocar que os projetos analisados na presente tese foram redesenhados e agrupados em anexo, no final do volume. Os elementos gráficos presentes em cada projeto arquitetônico consistem, no mínimo, em planta baixa do pavimento-tipo e fachada principal, com as mesmas escalas gráficas a fim de facilitar a comparação entre eles. Tais elementos gráficos são acompanhados de uma ficha de identificação com os principais dados encontrados sobre o edifício.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E MORFOLOGIA URBANA: HABITAÇÃO E PLANEJAMENTO PARA PORTO ALEGRE

A arquitetura moderna possui como um de seus princípios gerais a prioridade do planejamento urbano sobre o projeto arquitetônico. Entretanto, o tempo do projeto arquitetônico e o tempo do planejamento e do projeto da cidade e suas respectivas construções possuem medidas diferentes. O projeto da cidade implica decisões de longo prazo. O projeto e a construção de um edifício de um certo porte pode durar vários anos, porém, a realização de um projeto urbano pode se prolongar por mais de dez anos e produzir disposições inscritas no solo cujas conseqüências se fazem sentir durante várias décadas¹. Com o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre, a necessidade de um Plano Diretor tornou-se cada vez mais urgente, a fim de organizar o crescimento desenfreado que ocorreu, especialmente na radial das elites. O presente capítulo tem por objetivo principal relacionar o crescimento do número de edifícios de apartamentos na radial Independência/24 de Outubro com a demanda de habitação em Porto Alegre nos anos cinqüenta.

¹ PANERAI, 2004, p. 253.

Entretanto, antes se faz necessário delimitar alguns conceitos pertinentes às questões norteadoras da tese.

A definição da arquitetura moderna pode ser iniciada pelas suas características formais. A esse respeito, Kopp² se refere à arquitetura moderna citando, em primeiro lugar, a prioridade dada ao seu aspecto exterior, em detrimento do seu interior; apresentando a forma e a técnica utilizada nas obras construídas enfatizando os progressos técnicos de tais realizações. Para esse autor, tais características seriam muito mais uma consequência, um estilo, do que propriamente a sua causa, a sua essência.

As características formais da arquitetura moderna podem ser definidas por seus principais elementos, tais como a planta baixa, o volume, as fachadas e os elementos de arquitetura. Planta baixa e funcionalidade estão sempre relacionadas na arquitetura moderna, com vistas a racionalizar o uso dos espaços e sua circulação. A planta baixa é a geradora do projeto arquitetônico, ou seja, é a partir do programa arquitetônico que o projeto será organizado conforme a composição mais funcional, mais eficiente e mais prática possíveis. É a teoria do funcionalismo³ que se aplica no projeto da planimetria da arquitetura moderna.

Os prismas puros são outra constante nessa arquitetura. A volumetria na arquitetura moderna, especialmente na obra dos grandes mestres, estava baseada nos volumes puros. O cubo é o elemento mais perfeito, com suas três dimensões iguais, podendo ser subtraído, ou adicionado com volumes secundários. Fato é que a pureza volumétrica sempre foi buscada pelos grandes mestres da arquitetura moderna, da primeira geração, como meio de atingir a essência da forma e a sua origem.

E as superfícies externas, ou seja, as fachadas planas? Os planos externos dos volumes⁴ foram tratados com simplicidade, utilizando os elementos de arquitetura indispensáveis à sua composição. A articulação destes elementos gerou

² Kopp cita que ao examinarmos o que tem sido construído ao longo da segunda metade do século XX, o que mostram as exposições e o que publicam as revistas especializadas ou mesmo a imprensa, é uma arquitetura de um simples jogo de formas e volumes. Parece que o edifício limita-se à sua observação do exterior, e que reina o mais completo mistério no seu interior. (KOPP, 1990, p. 15).

³ As referências à teoria do funcionalismo serão apresentadas no capítulo 3.

⁴ A superfície, como Le Corbusier tratou no seu livro *Por uma arquitetura*, É o segundo lembrete aos arquitetos. Esse autor diz que o arquiteto tem por tarefa dar vida às superfícies que envolvem os volumes, sem que essas absorvam ou devorem o volume a seu proveito. (LE CORBUSIER, 1985, p. 21).

uma linguagem dita moderna, cuja singeleza e completa falta de ornamentação foram suas premissas básicas.

Os elementos de arquitetura, em números reduzidos, foram organizados quase como um catálogo⁵. Os pilotis, as janelas horizontais, a estrutura livre, as rampas e escadas, as portas de acesso pedonal ou para automóveis, os *brises-soleil*, as marquises, entre outros elementos, foram usados como peças a serem articuladas com uma função muito prática, ou seja, nunca foram usados como decorativos.

A teoria do Funcionalismo

Mas a arquitetura moderna não era apenas o conjunto de formas depuradas e técnicas contemporâneas, mas também e principalmente a busca pela construção do ambiente e a transformação da sociedade⁶. O arquiteto moderno não define sua obra somente por uma série de racionalizações, como um cientista o faz, ou simplesmente pela adequação ao espírito da época, o *zeitgeist*, nem somente pelo uso da sua intuição⁷. Embora todos esses componentes estivessem presentes na geração da obra arquitetônica moderna, assim como na maioria dos processos criativos, os arquitetos utilizavam teorias da arquitetura moderna, que sintetizavam evolução e revolução sofrida pelo pensamento arquitetônico.

O funcionalismo, uma teoria marcante do Movimento Moderno, que enfatiza a expressão “*a forma segue a função*” imprime poder à utilidade e às pessoas que fazem uso desta, indicando que tudo que for útil, funcional e prático, terá a qualificação da beleza. A partir da definição do termo, encontramos duas importantes regras do funcionalismo: a forma deve refletir uma função e as formas técnicas, influenciadas pelas máquinas, ganham importância e são usadas como referência. Estes são os dois pontos focais deste texto. Ambos, portanto, se referem às formas: o primeiro em relação ao programa funcional, e o segundo, à técnica da máquina.

⁵ Bruno Zevi, em *Linguagem da Arquitetura Moderna*, de 1973, apresenta a questão da linguagem arquitetônica através da análise de sete invariáveis da arquitetura moderna, dos quais ressalta-se o item “o catálogo como metodologia de projeto”. (ZEVI, 1973, p. 17-23).

⁶ KOPP, 1990, p. 15.

⁷ COLLINS, 1970, p. 10.

Quando se busca apresentar a definição do termo funcionalismo encontra-se uma certa dificuldade em achar, na bibliografia específica, o conteúdo sobre o tema ou mesmo, quando isto acontece, não há coerência entre os autores sobre o seu conceito.

Muitos autores se referem ao funcionalismo somente no período do Movimento Moderno, ou seja, relacionado ao racionalismo das primeiras décadas do século XX, como Banham, Collins, Martinez, Frampton, Kopp, Norberg-Schulz⁸. Outros, em número menor, tratam do funcionalismo desde a Antiguidade Clássica, como é o caso de Zurko⁹, que escreveu um livro na década de 50, praticamente sobre a história do funcionalismo, suas origens, desenvolvimento e aplicações nas diferentes sociedades. Nos interessa um pouco da história do termo, especificamente, o funcionalismo dos anos 50.

Nos dicionários de arquitetura e urbanismo, encontramos aproximações do termo em relação ao racionalismo e ao Movimento Moderno. “A forma segue a função” são palavras chaves para explicar a arquitetura moderna. Na década de 20 apareceu este conceito, em contraposição ao conceito da arte tradicional da construção, ainda estranho e como uma idéia distante da prática, sendo aceito posteriormente. Segundo o dicionário de arquitetura contemporânea¹⁰, o funcionalismo, tão antigo como a própria construção, desempenha um papel de fundamento do desenvolvimento do caráter de uma nova arquitetura. Assim, os princípios da arquitetura moderna remetem-nos ao século XIX, nos anos do nascimento do funcionalismo moderno atual.

Funcionalismo e Racionalismo em Arquitetura

Desde o início da Filosofia, a origem da palavra *razão*¹¹ se opôs basicamente a quatro atitudes. A primeira é o conhecimento ilusório, ou seja, aquele conhecimento da mera aparência das coisas e que não reflete a realidade ou a verdade delas. A

⁸ Ver referências bibliográficas em: BANHAM (1979); COLLINS (1998); FRAMPTON (1987); KOPP (1990); NORBERG-SCHULZ (1999); MARTINEZ (2000).

⁹ Ver referência bibliográfica em: ZURKO (1957).

¹⁰ Dicionário ilustrado de la arquitetura contemporânea. Dirigido por Gerd Hatje. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S. A., 1980.

¹¹ Para a cultura ocidental, a palavra *razão* tem origem em duas fontes: a palavra latina *ratio* e a palavra grega *logos*. *Razão* significa pensar e falar ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para os outros. Assim, *razão* expressa a capacidade intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para pensar e dizer as coisas como são. A *razão* é uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. Estas duas palavras têm sentido muito parecido, *ratio* significa contar, reunir, medir, juntar; e *logos* significa constar, reunir, juntar, calcular. (CHAUI: 1995, p.59-60).

segunda oposição é quanto às emoções, aos sentimentos, às paixões, que expressam falta de coerência e verdade do que as coisas realmente são. A terceira é quanto à crença religiosa, onde a verdade é dada pela fé numa revelação divina, não dependendo do intelecto. E, por último, a razão se opõe ao êxtase místico, do qual o espírito depende das profundezas do divino.

Estas idéias de Marilena Chauí apresentam noções básicas sobre a origem da palavra “razão”, e servem para dar início ao estudo da racionalidade na arquitetura. Para Alan Colquhoun¹², a arquitetura é, de todas as artes, aquela em que menos podemos excluir a idéia de racionalidade. Sempre um espaço ou uma edificação deverá satisfazer critérios pragmáticos e construtivos, dentro da imaginação e criatividade do arquiteto.

O grau em que a arquitetura pode ser considerada depende menos da presença ou ausência de critérios racionais do que da importância atribuída a esses critérios no processo total do projeto arquitetônico.¹³

Racionalidade em arquitetura

O *racional* na arquitetura não existe isoladamente, e sim como um dos aspectos de um sistema complexo que somente pode ser expresso através de oposições, como razão/sentimento; ordem/desordem; necessidade/liberdade; universal/particular.

Esta percepção nos remete, por si, às dificuldades que perpassam à apreensão do significado de “racional” em arquitetura, questão cambiante que vem suscitando, ao longo da história, diferentes intervenções. Abstraindo compreensões anteriores, no século XIX, vários arquitetos dedicaram-se à problemática do racionalismo, tais como o primeiro professor de arquitetura da *École Polytechnique*, Jean-Nicolas-Louis Durand¹⁴. Teórico influente de seu tempo, sua obra consolidou procedimentos operativos do desenho arquitetônico, cujo legado perdurou durante todo o século XIX e que, em pleno

¹² COLQUHOUN, 1991, p. 91.

¹³ COLQUHOUN, 1991, p. 91.

¹⁴ Jean-Nicolas-Louis Durand publicou *Précis des Leçons données à l'École Polytechnique, entre 1802 e 1805*.

século XX, ainda suscitam discussões sobre a extensão e validade de seus métodos. Codificou uma técnica e um método de projetar graças ao qual o classicismo racionalizado poderia adequar-se às novas exigências sociais e técnicas¹⁵. Durand apresenta a idéia de utilidade do edifício como seu valor mais importante, expressando um extremo utilitarismo. Enfatiza, ainda, que a utilidade está na distribuição e que a funcionalidade do edifício se identifica na sua planta baixa¹⁶.

No século XX, a questão suscita importantes contribuições. Muitos arquitetos, historiadores e críticos da arquitetura se incumbiram de assinalar as principais características da racionalidade em arquitetura. Vittorio Gregotti apresentou, em um artigo em meados da década de sessenta¹⁷, as diversas significações que a palavra *racionalidade* pode exercer em arquitetura. Cada um dos significados depende tanto de hipóteses arquitetônicas como de realizações que se têm construído, segundo diferentes modos, para entender o conceito geral de *razão*. Estes significados tem se transformado ao longo dos anos, ocupando áreas mais ou menos amplas no processo da projeção arquitetônica.

Conforme Gregotti, existem quatro significados para a palavra racionalidade. O primeiro vincula o termo com o uso, uma disposição racional do objeto, ou seja, a racionalidade pode ser extrínseca ou intrínseca, referindo-se à função ou à lógica interna da construção arquitetônica. É extrínseca quando se refere fundamentalmente aos costumes do grupo social; é intrínseca quando está referida à conexão ótima das partes em relação aos diversos parâmetros de economia, política, produção, clareza e legibilidade, integração, etc.

O segundo significado reflete a idéia de uma linguagem estilística caracterizada pela ausência de adornos nas superfícies lisas e unitárias, pela ausência de relação com os estilos históricos, etc. No terceiro, a palavra racionalidade coincide com a palavra objetividade, pois faz relações com a mecânica da redução, à aplicação rígida do princípio de causa, a um princípio

¹⁵ FRAMPTON, 1987, p. 7, 26.

¹⁶ MARTINEZ, 2000, p. 85.

¹⁷ Vittorio Gregotti é um arquiteto, urbanista e ensaísta italiano, interessado no debate nos últimos anos na Itália, sobre problemas metodológicos e de linguagem, dentro do marco geral de superação do racionalismo. Possui uma extensa atividade crítica e didática, da qual se destaca *El territorio de la arquitectura* (1966).

contraposto, metafisicamente ou não, à intuição e ao sentimento. E, por fim, racional pode ser um processo que se constrói sobre a base de dados ou passos lógicos, de soluções ótimas ao problema e que estabelece procedimentos continuamente controláveis a partir dos próprios dados do problema.

Pode-se ainda lembrar que no início do século XX, a teorização arquitetônica racionalista absorve algumas características dos experimentos das vanguardas figurativas. O método de subdivisão do mundo em partes elementares e abstratas é correspondente à decomposição das figuras da arte e da arquitetura em seus elementos irreduzíveis.

O mesmo acontece no urbanismo racionalista. O instrumento do *zoning* se baseia em dividir a cidade em partes capazes de serem tratadas independentemente e conforme a função a que se destina. Desta forma, segue as premissas cartesianas, pois deveria funcionar como uma máquina, onde as partes monofuncionais seriam conectadas por linhas de circulação. Sabe-se das críticas feitas à cidade racionalista, que tenta planificar a complexidade da cidade, decompondo-a em simples estruturas formais e funcionais.

No racionalismo arquitetônico, a fundamentação também é feita pela admiração da máquina. Em momentos culminantes da busca da utilidade, o racionalismo na arquitetura coincide sempre com o funcionalismo, ou seja, com a premissa de que a forma é um resultado da função: o programa, os materiais, o contexto¹⁸.

Racionalismo e funcionalismo são duas qualificações que estão presentes no desenho, na arquitetura e no urbanismo do movimento moderno; uma noção de funcionalismo que é aplicada pela primeira vez por Gottfried Semper em meados do século XIX. Existe, porém, uma exceção: na arquitetura orgânica, pode-se demonstrar como a disciplina funcionalista pode se adaptar a formas que não são mecânicas.

¹⁸ Esta identificação entre funcionalismo, racionalismo e precisão técnica, tem um precedente em arquitetura que se encontra na Europa agrária do século XII. Pela primeira vez, uma ordem religiosa relacionava a atividade religiosa – o programa – com a razão e o trabalho.

Funcionalismo em arquitetura

Colquhoun¹⁹ vai mais adiante. Segundo ele, a idéia de que há uma relação causal entre funções e formas na arquitetura é parte da tradição que remonta a Vitruvius. Porém, até o fim do século XVIII, esta idéia estava ligada ao conceito de imitação no sentido dado por Aristóteles.

Na primeira metade do século XIX é que esta idéia ficou associada à noção de desenvolvimento genético. A necessidade interna tomou o lugar da analogia como gerador de formas expressivas do programa ou da estrutura do edifício. Essa necessidade interna era passível de uma interpretação idealista, um espírito invisível dirigindo a causalidade material; ou uma interpretação científica, baseada em causas eficientes e na investigação empírica.

Na arquitetura funcional não deve haver interferência, no projeto ou na avaliação de um edifício, de noções pré-concebidas do que é “arquitetura”. O projeto se define estritamente em termos de elementos interagindo uns com os outros “dentro” do sistema.

Os teóricos modernos da arquitetura concebem com *razão* o edifício como um lugar onde acontecem processos vitais. Embora Le Corbusier tenha comparado a obra arquitetônica a uma máquina, como manifestação daquele momento para a máxima unifuncionalidade da arquitetura, não se pode considerar como uma característica supratemporal. O espaço arquitetônico, como espaço ambiental, se destina às mais diversas atividades.

A arquitetura organiza o espaço como um conjunto em relação ao homem em sua totalidade, em relação aos comportamentos físicos e psíquicos de que o homem é capaz e de que o edifício possa servir de cenário. Assim, entende-se que nenhuma das partes da arquitetura tem independência funcional, mas são avaliadas pela forma de organização do espaço.

Os edifícios ou os espaços não se destinam a todos os tipos de atividades ao mesmo tempo. Existem conjuntos de gêneros arquitetônicos dos quais cada um

¹⁹ COLQUHOUN, 1991, p. 91.

envolve uma limitada funcionalidade. Os diferentes gêneros se relacionam se influenciam mutuamente, e somente o conjunto de todos os gêneros arquitetônicos de cada época é que caracteriza o aproveitamento total da esfera funcional da arquitetura nessa época e nesse meio. Existe, em cada período, uma tipologia dominante, em relação ao qual a arquitetura resolve seus problemas construtivos básicos: no Gótico era a catedral; no Renascimento e no Barroco, era o palácio; e no movimento moderno é a habitação.

Os escritos de Le Corbusier, reunidos na publicação “Por uma arquitetura”, de 1920, divulgaram as regras sensíveis para “racionalizar” ou “funcionalizar”, a arte da construção mediante um sistema lógico. Duas seriam as regras aplicadas no funcionalismo: a primeira seria a forma deve refletir uma função e a segunda seria que as formas técnicas, influenciadas pelas máquinas, devem ser usadas como referência, desta forma ganhando a devida importância.

Quanto a primeira regra, os distintos elementos de um edifício devem “falar” uma expressão arquitetônica adequada. Isto quer dizer que as vigas e pilares de uma obra devem ser visíveis o suficiente, interna e externamente, expressando sua função de sustentar as superfícies dos pisos e da cobertura, diferenciando-se das superfícies de paredes que não são apenas de sustentação, por exemplo.

No que diz respeito à estética a pergunta é: quando a forma segue a função, não há de resultar automaticamente da função formulada corretamente uma forma bela? Em alguns casos parece que sim: no projeto de aviões, pontes, ferramentas e fábricas. Se no funcionalismo a beleza se produzia automaticamente, por que deveríamos nos ocupar ainda em discutirmos do valor estético de cada projeto?

O conceito de valor é muito importante para a estética do funcionalismo, pois é a premissa básica de que a forma deve seguir a função que se converte em princípio fundamental para o bom arquiteto, mas também constitui um padrão para medir a arquitetura. Assim, o “funcionalismo é um valor”. O estudo das bases do funcionalismo envolve o problema do valor do uso, e especificamente do lugar que corresponde a adequação na beleza. Os termos função, adequação, utilidade, finalidade variam os seus significados de autor para outro. O conceito de função se aplica ao planejamento em geral, mas existe também o enfoque funcional da estrutura. No uso mais recente alemão, se identifica o funcionalismo com a *neue sachlichkeit*, ou seja, uma nova utilidade perfeita e pura.

A teoria da beleza se relaciona diretamente com o tema. O funcionalismo pode envolver ou não uma teoria da beleza. A utilidade e a adequação podem ser consideradas como a medida da excelência e da perfeição de um edifício, mas não forçosamente como a medida de sua beleza. Isto se aplica às idéias daqueles teóricos que negam à arquitetura a validade de uma busca consistente da beleza. Para os funcionalistas que empreendem esta busca, o princípio que a forma segue a função se converte no requisito fundamental da beleza.

As teorias fundamentais da arquitetura funcionalista são aquelas que fazem da estrita adaptação da forma à finalidade o princípio diretor básico do desenho e o critério fundamental para medir a excelência ou a beleza da arquitetura. Zurko afirma que o ornamento não é necessariamente incompatível com o enfoque funcionalista na arquitetura²⁰.

Existem vários fatores inter-relacionados com as funções, tais como as necessidades práticas ou materiais dos ocupantes do edifício; a expressão funcional da construção; as necessidades psicológicas dos ocupantes; a função social; e a função simbólico-monumental da arquitetura. O funcionalismo está associado aos dois primeiros itens²¹.

Já nas análises modernas, o funcionalismo tem um duplo enfoque: racional e poético. Os autores fazem analogias ou utilizam metáforas para reforçar seus argumentos²². Em defesa da posição funcional, existem três categorias de analogias: a moral, a orgânica e a mecânica.

Na analogia moral a arquitetura deve refletir e fortalecer os ideais morais ou éticos do homem. As formas devem ser exatamente o que parecem. O edifício deve ser expressão fiel de sua finalidade e de sua época, assim como materiais e sistemas estruturais devem ser utilizados com integridade. O espírito prático é uma virtude na arquitetura, tal como acontece com os homens. As formas ornamentais inúteis devem ser rechaçadas²³.

²⁰ ZURKO, 1957, p. 15.

²¹ ZURKO, 1957, p. 17.

²² ZURKO, 1957, p. 18.

²³ ZURKO, 1957, p. 20.

A analogia orgânica indica a natureza como bela e perfeita. A natureza deve ser uma grande fonte de inspiração para os arquitetos. As formas orgânicas da natureza se conformam com sua função, assim, a arquitetura deve ser orgânica. Esta analogia está intimamente ligada a teoria da arquitetura funcional utilizada por William Morris, Henry Sullivan e F. L. Wright e teve um impulso das teorias biológicas de Lamarck e Darwin do século XVIII e XIX, ou seja, do pensamento evolucionista.

Sobre a analogia mecânica, afirma-se que a beleza se desprende da mais perfeita eficiência mecânica. As criações perfeitas de engenharia alcançam beleza sem necessidade de que haja uma busca deliberada neste sentido. As máquinas perfeitas constituem uma importante fonte de inspiração para os arquitetos, que devem projetar seus edifícios com o mesmo espírito que os engenheiros projetam suas obras industriais. Exemplo disso é Le Corbusier, quando afirma que “a casa é uma máquina para ser habitada” indicando a superioridade da estética da engenharia sobre o enfoque eclético da arquitetura. Sobre a nova estética, Bruno Taut diz que “o objetivo da arquitetura é a criação da eficiência perfeita e também bela”. Todas estas coisas (obras de engenharia, máquinas, aparatos técnicos) são belas, e se os arquitetos encararem a construção fazendo da função o principal determinante da forma, suas obras seriam igualmente belas²⁴.

As teorias da arquitetura moderna estavam relacionadas ao pensamento elaborado num contexto econômico, social e político no qual apareceu a arquitetura moderna, e que é bastante complexo. Mas que contexto é esse? De que período estamos falando? Estabelecer o começo do período da arquitetura moderna é difícil, especialmente por considerarmos na presente tese a valorização do processo de longa duração. Entretanto, definir os limites da história da arquitetura moderna foi uma tarefa que muitos historiadores e críticos se ocuparam ao longo da segunda metade do século XX. A sociedade do Renascimento já se dizia moderna, especialmente para diferenciar do período da medieval. Mas com certeza essa sociedade não executava uma arquitetura moderna. A arquitetura moderna é aquela peculiar ao século XX, mas que de 1750 em diante, os arquitetos teriam atuado com motivações que não seriam as correspondentes ao que denominamos de arquitetura moderna, mas se esboçavam tendências neste sentido²⁵.

²⁴ ZURKO, 1957, p. 19.

²⁵ COLLINS, 1970, p. 9.

A década de 20 do século passado é marcada como o início da arquitetura moderna. Salientam-se as mudanças ocorridas nas cidades com a industrialização acelerada, o crescimento populacional e a introdução de novos materiais e tecnologias construtivas. A agitação do pós-guerra de 1914 -1918 era o cenário, que continha poucos arquitetos dispersos pelo mundo, mas unidos por idéias que buscavam empreender uma verdadeira revolução arquitetônica, e que na mesma época ocorreu em todos os domínios da cultura. Pode-se dizer que em nos países da Europa atingidos pela guerra desenvolveram-se campanhas em busca de uma vida melhor, com transformações nas relações sociais. Os sobreviventes do grande massacre almejavam a volta da paz, tendo à sua frente um cenário de regiões inteiras em ruínas²⁶.

No campo das artes plásticas há uma tentativa na busca de soluções para as atrocidades que a guerra gerou. Por exemplo, na França, há uma iniciativa no sentido do “retorno à ordem”. Kern cita:

(...) O “retorno à ordem” não é gerado pela 1ª Guerra Mundial, mas vem sendo produzido no interior das próprias vanguardas, no chamado período heróico (1905 – 1914). (...) ²⁷

Não se pode deixar de apresentar as transformações que a 1ª Guerra Mundial provocou especialmente para a disciplina da arquitetura. Argan²⁸ cita algumas delas: diminuição no ritmo da construção civil; aceleração do desenvolvimento da indústria, especialmente no sentido do progresso tecnológico; indiretamente, gerou o crescimento das populações urbanas; e a classe operária adquiriu um peso político decisivo, a exemplo da revolução bolchevique.

A arquitetura moderna, segundo Argan, se desenvolveu em todo o mundo, conforme alguns princípios gerais:

“1) a prioridade do planejamento urbano sobre o projeto arquitetônico; 2) o máximo de economia na utilização do solo e na construção, a fim de poder resolver, mesmo que no nível de um “mínimo de existência”, o problema da moradia; 3) a rigorosa racionalidade das formas arquitetônicas, entendidas como deduções lógicas (efeitos) a partir de exigências objetivas (causas); 4) o recurso sistemático à tecnologia industrial, à padronização, à pré-fabricação em série, isto é, a progressiva

²⁶ KOPP, 1990, p. 16.

²⁷ KERN, 1988, p. 153.

²⁸ ARGAN, 1992, p. 263.

industrialização da produção de todo tipo de objetos relativos à vida cotidiana (desenho industrial); 50 a concepção da arquitetura e da produção industrial qualificada como fatores condicionantes do progresso social e da educação democrática da comunidade.”²⁹

Estes princípios estão conectados com as mudanças que ocorreram nas cidades pela industrialização. O próprio Le Corbusier justifica as diretrizes da arquitetura moderna a partir das alterações das cidades com o processo desencadeado pela indústria³⁰.

É nesse contexto que aparecem os mestres da arquitetura moderna. Mestres que na verdade foram representantes das diversas formulações problemáticas e diversas orientações associadas a diferentes situações sociais e culturais. Argan³¹ os distingue em seis grupos: o racionalismo formal, na França, com Le Corbusier; o racionalismo metodológico-didático, na Alemanha, com Walter Gropius; o racionalismo ideológico, do Construtivismo soviético; o racionalismo formalista, do Neoplasticismo holandês; o racionalismo empírico, dos países escandinavos, de Alvar Aalto, por exemplo; e o racionalismo orgânico americano, de Frank Lloyd Wright. Esses mestres também chamados arquitetos de primeira geração da arquitetura moderna³² tinham em comum as idéias da nova arquitetura, talvez como resposta às aspirações da sociedade que acabava de assistir as profundas transformações da década de 20.

A arquitetura tratada nessa tese é a moderna caracterizada pelas obras dos grandes mestres da arquitetura, tais como Le Corbusier, Walter Gropius, Mies van der Rohe, entre outros, e que foi apresentada formalmente no início deste capítulo. Kopp assinala que os arquitetos modernos, no sentido pleno da palavra, foram os que tiveram preocupações formais e técnicas, mas também e principalmente, tiveram preocupações sociais, buscando “um modo de vida a nossa nova frente”³³.

Em terras brasileiras, o “projeto” moderno ganhou corpo pelas idéias e obras de arquitetos, primeiramente, cariocas. Frota³⁴ apresenta, ao longo do seu estudo, o início da trajetória dos principais arquitetos, até os anos 60.

²⁹ ARGAN, 1992, p. 264.

³⁰ Ver em: LE CORBUSIER. “Por uma arquitetura”. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1981, p. 189 – 205.

³¹ ARGAN, 1992, p. 264.

³² MONTANER, 2001, p. 12,13.

³³ KOPP, 1990, p. 22,23.

³⁴ FROTA, 1997, P. 373-386.

São arquitetos com essas preocupações que encontramos na arquitetura moderna de Porto Alegre.

Apresentar a morfologia de Porto Alegre na década de 1950 significa apresentar a sobreposição de malhas e planos urbanos ao longo do seu crescimento. Crescimento esse que ocorreu no âmbito urbanístico, mas também no âmbito da construção civil. Entretanto, é necessário entender os motivos pelos quais os investimentos foram realizados em um setor ou em outro. No período, os anos 50, o Rio Grande do Sul atravessava uma crise econômica significativa. Grandes contingentes foram expulsos das lavouras principalmente pelo evento da mecanização. Com isso, o aumento da população em várias cidades do estado, inclusive em Porto Alegre, determinou atitudes por parte do governo, no setor da habitação popular, e por parte da iniciativa privada, no sentido de oferecer habitação e condições mínimas de infra-estrutura.

1.1 Habitação e Planejamento para Porto Alegre

1.1.1 No território social: a crise econômica dos anos cinquenta

A deterioração do poder de troca dos nossos produtos agrícolas, a estagnação do desenvolvimento da lavoura mecanizada, em decorrência da política cambial do Governo, os efeitos decorrentes da industrialização de outras áreas do país (não compensados por investimentos em nosso Estado) sobre a inflação; o êxodo do homem rural rio-grandense para outros estados, em busca de melhores condições de vida, tornando a estrutura agrária arcaica, obsoleta, constituíram em obstáculo quase intransponível à regionalização de nossa produção rural³⁵. Por exemplo, ao comparar a evolução dos índices econômicos do Rio Grande do Sul com os brasileiros, verifica-se um descompasso do regional com relação ao nacional.³⁶

Devemos apontar aspectos da economia urbana de Porto Alegre para verificar alguns dos motivos pelos quais se deu o crescimento da cidade na década de 50. Neste sentido, duas escalas serão tomadas como referência: a

³⁵ Fundação de Economia e Estatística, 1983, p. 252.

³⁶ CARRION JR., Francisco In: CESA, : 1979, p. 410.

relação econômica entre campo e cidade, numa esfera que relaciona o contexto urbano propriamente dito com as regiões agrícolas que cedem parte de seu excedente a esse contexto³⁷; e o diagnóstico da situação econômica do estado, chamada de *nordestização*³⁸, que situa Porto Alegre no País, inserindo-a no Estado do Rio Grande do Sul, chamado de o “novo nordeste” na década de 50.

Segundo Paul Singer³⁹, a cidade de Porto Alegre deve seu crescimento principalmente à economia agrícola da zona colonial, por dois motivos: primeiro por ser um centro comercial, servindo como um escoadouro para os produtos; segundo, por ser um centro industrial, tendo as colônias como mercado para sua produção. Assim, se a zona colonial entra em decadência econômica, Porto Alegre também é prejudicada de modo sério. Uma forte crise ocorreu entre as décadas de 40 e 60, tendo como detonadores dois fatores: o primeiro, é o fator externo, ou seja, o aparecimento de concorrentes em vários mercados, antes dominados pela produção colonial do Rio Grande do Sul; o segundo, o modo de produção vigente, um método de cultivo denominado rotação de terras, que exauriu os elementos produtivos do solo, deixando a terra com valor inferior de produção, por desgastá-la muito mais rápido. Para complementar, aliado a este segundo fator, devemos considerar ainda que a agricultura na colônia é praticada em pequenas propriedades e que, segundo o censo de 1960⁴⁰, houve um aumento na intensidade do processo de formação de minifúndios.

As pequenas propriedades usadas para a prática da agricultura das colônias foram diminuindo cada vez mais. A explicação para isso encontra-se na origem da colonização, quando os lotes cedidos aos imigrantes foram sendo paulatinamente reduzidos à medida que o processo se intensificava. Além disso, o processo de subdivisão das terras devido à morte do proprietário original e à partilha da herança entre os descendentes aumentava o processo de formação de minifúndios. Essa

³⁷ Paul Singer define como *hinterland* econômico da cidade o conjunto do centro urbano e de suas regiões tributárias. “Constituem, portanto, o *hinterland* de um núcleo urbano todas aquelas áreas agrícolas que cedem à cidade (sob a forma de vendas de mercadorias, pagamentos de impostos, oferendas religiosas, etc) parte de seu excedente e consomem, em alguma medida, bens ou serviços da cidade”.(SINGER, 1974, p. 7).

³⁸ *Nordestização* é uma medida econômica, um “metro” para medir uma situação social utilizada pelo sociólogo Franklin de Oliveira. (OLIVEIRA, 1960, p. 4).

³⁹ SINGER, 1974, p. 186.

⁴⁰ Conforme o Censo de 1960, no período entre 1950 e 1960 intensifica-se esse processo. Por exemplo, o tamanho médio dos estabelecimentos cai de 22,4 ha (1950) para 18,6ha (1960), no nordeste do Estado; de 91 ha (1950) para 61,3 ha (1960) na zona das Missões, e assim por diante. (SINGER, 1974, p. 188).

proliferação de minifúndios agravou a questão, pois o sistema de rotação de terras exigia áreas consideráveis.

São Paulo e Rio de Janeiro emergiram no início do século XX como mercados nacionais para produtos agrícolas que seriam atendidos ou pelos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, ou pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Por sua situação excêntrica ao mercado nacional, foi muito mais difícil para o Rio Grande do Sul enfrentar a concorrência de áreas cujos produtos são muito menos onerados por despesas de transporte⁴¹.

A crise da economia do Rio Grande do Sul não ocorreu somente pelo surgimento de competidores no mercado interno brasileiro. O principal motivo foi a sua incapacidade de enfrentar esses competidores em termos de uma agricultura de mais elevado grau de produtividade. Como afirma Paul Singer,

É o modo de produção como um todo que não que não permite o uso de técnicas mais avançadas. A rotação de culturas, a adubação, o uso de sementes selecionadas, a recuperação de terras esgotadas, o desenvolvimento da irrigação e a expansão do uso de máquinas exigem investimentos que ultrapassam a capacidade de acumulação de capital da pequena propriedade.⁴²

Do processo de *nordestização* ocorrido nos anos 50 do Rio Grande do Sul interessa-nos indicar as diretrizes que podem ter contribuído para o crescimento desordenado de Porto Alegre. A análise deste processo é complexa, sendo objeto de estudo porque Oliveira, em 1960, trata com profundidade o contexto de disparidades regionais no Brasil que tiveram sua contribuição para o crescimento desordenado das cidades. Especificamente o processo da economia gaúcha foi destacado por Leonel Brizola, ao comparar a situação econômica do Rio Grande do Sul com a do Nordeste:

O drama do nordeste, como de outras áreas do País, é o processo espoliativo que lhes vem sendo imposto, erodindo suas economias, carreando e fazendo evadir todas as suas poupanças e os magros resultados que conseguem obter pelos frutos de seu trabalho. O que se passa conosco é o mesmo fenômeno. Sofremos da mesma 'doença econômica' do Nordeste brasileiro. A diferença está na fase de processo.⁴³

⁴¹ SINGER, 1974, p. 187.

⁴² SINGER, 1974, p. 194.

⁴³ Fundação de Economia e Estatística, 1983, p. 254.

Segundo Monteiro⁴⁴, o Rio Grande do Sul apresenta uma contradição na sua situação econômica. Por um lado identifica-se a busca da modernidade nos hábitos e formas de consumo e, por outro, o crescimento acelerado e crise da infraestrutura urbana. O mesmo autor refere-se à economia do Estado que era chamado de “o novo nordeste”.

No quadro de nordestização da economia gaúcha há a exportação de camponeses, em larga escala, para o oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, em um ritmo de 50 famílias deixando o Rio Grande do Sul por semana⁴⁵. O êxodo rural também sobrecarregou várias cidades no Rio Grande do Sul, como Caxias, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Porto Alegre. Indica-se a mecanização da lavoura e a utilização de adubos químicos e de defensivos como as principais causas desse êxodo rural dos anos de 1950⁴⁶.

Mesmo assim, na década de quarenta a participação regional do êxodo rural manteve-se estável em relação à nacional. Já na década de cinquenta, esta participação foi reduzida⁴⁷. Contudo, a urbanização da população regional acentua-se enquanto a rural se mantém praticamente estagnada em termos absolutos⁴⁸. É tamanho o aumento da população em Porto Alegre, que a chegada a um milhão de habitantes é comemorada em reportagem na Revista do Globo.

Porto Alegre em busca do milhão. Porto Alegre, metrópole e província, menina e moça, flor em botão, vaidosa prepara-se para a maioria que lhe trará o milhão, o sonhado milhão de habitantes, enquanto procura vencer os seus problemas...”⁴⁹

O discurso é de valorização da cidade, em busca de uma imagem de modernidade, com a simpatia de todos os turistas que a visitam, mas sem esquecer a mistura de metrópole e província, tanto em suas ruas e avenidas como na paisagem humana, “o homem, nesta Porto Alegre quase milionária, é uma mistura de metrópole e província”⁵⁰.

⁴⁴ MONTEIRO, IN: DORNELLES, 2004, p. 59.

⁴⁵ 90% da população desses estados é gaúcha. (OLIVEIRA, 1960, p. 9).

⁴⁶ MONTEIRO, IN: DORNELLES, 2004, p. 59.

⁴⁷ Durante a década de cinquenta a população regional apresentou uma taxa de êxodo rural de 2,7% anuais, enquanto que o Brasil atingia seu ponto mais elevado, 3,2 % anuais. (CARRION JR., Francisco. IN: CESAR, 1979, p. 409).

⁴⁸ CARRION JR., Francisco IN: CESAR, 1979, p. 409.

⁴⁹ Revista do Globo, 1964, edição 869, p. 42.

⁵⁰ Revista do Globo, 1964, edição 869, p. 42.

Como conseqüência, a falta de habitação, principalmente para a classe baixa, é um tema explorado pela imprensa, de forma a promover o debate junto à sociedade e divulgar e esclarecer os ideais e as atitudes dos responsáveis pela organização da cidade. Isso ocorreu por que, embora o Rio Grande do Sul estivesse passando uma crise econômica, e por mais que Porto Alegre sofresse suas conseqüências, a cidade teve de enfrentar os problemas do crescimento da população.

O mais sólido emprego de capital na época, como se pode inferir do texto do Correio do Povo, é o imobiliário: “Dinheiro é coisa que voa, se evapora, desaparece. Nada mais seguro, realmente, que uma casa, por pequena que seja, ou um apartamento”⁵¹. Essa é a sugestão da Diretoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura Municipal. Os índices de construções novas crescem ainda mais desde 1949 até 1951. Aumentam também as construções de garagens. Porto Alegre está muito próxima a São Paulo, a cidade de maior índice de construções em todo o continente americano. Em média, surgem nove casas a cada dia que passa. Talvez somente o Rio de Janeiro ultrapasse essa média. Aliás, este é o título da reportagem do Correio do Povo que enaltece o crescimento da cidade: “Constroem-se nove casas por dia em Porto Alegre!”⁵²

Apesar disso, ainda é necessário desenvolver mais o setor de construções residenciais. E o argumento, usado na mesma reportagem, é matemático:

Uma vez que as 3.246 casas e apartamentos edificadas em 1951 correspondem tomando-se como base a média aceita pelas autoridades estatísticas por quatro pessoas por casa à obtenção de um teto para apenas 13.056 habitantes, quando é mais do que conhecido que o crescimento populacional ultrapassa essa cifra, especialmente em virtude do êxodo rural, que tem se acentuado de forma assustadora nos últimos anos.⁵³

O texto jornalístico cita vários dados, mas alguns deles nos demonstram claramente esse crescimento.

Tipo de Construção	Período		
	1949	1950	1951
Casas de alvenaria	898	1.000	1.149
Casas de madeira	1.813	2.126	2.115

QUADRO 1: Crescimento das construções em alvenaria e madeira.
FONTE: Correio do Povo, 30/01/52, p. 2.

⁵¹ Correio do Povo, 30/01/52, p. 2.

⁵² Correio do Povo, 30/01/52, p. 2.

⁵³ Correio do Povo, 30/01/52, p. 2.

O alto índice de casas de madeira decorre do custo baixo e da facilidade de construção em novas áreas. A construção de casas de madeira só era permitida fora do perímetro central urbano⁵⁴. Na relação de projetos microfilmados de Günter Weimer⁵⁵, encontramos um crescimento expressivo nos projetos de loteamentos no mesmo período. Também a intenção de construir o bairro operário em São João e Navegantes (Fig. 1) é retomada no governo de Alberto Bins⁵⁶.

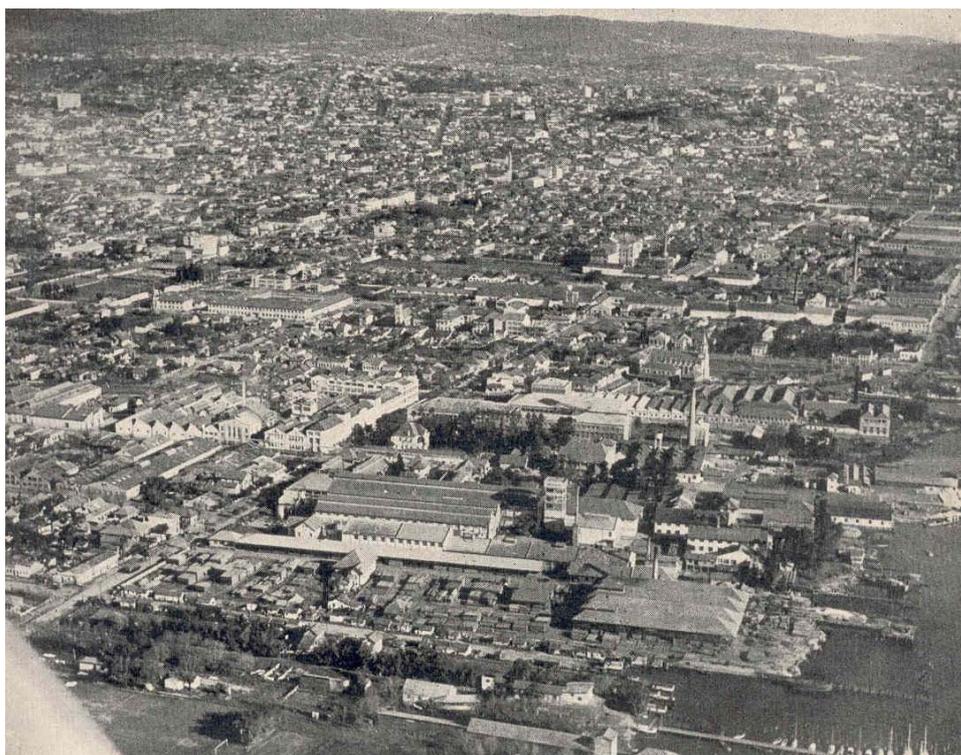


Fig.1 - Bairro Navegantes - Porto Alegre
Fonte: SPALDING, 1953, s/p

Projetos	Período		
	1949	1950	1951
Projetos de Loteamentos ⁵⁷ na Prefeitura Municipal	8	21	20

QUADRO 2: Projetos de loteamentos em Porto Alegre.
FONTE: BAKOS, 1996, p. 166.

A tendência para a localização das moradias dos operários era situá-las nas proximidades dos locais de trabalho dos mesmos, organizando-se, assim, os bairros

⁵⁴ Regulamento Geral sobre Construções, Capítulo XI (Das casas de madeira), Artigo 29, Ato nº 96, de 11 de junho de 1913.

⁵⁵ WEIMER, Günter. **Levantamento de projetos arquitetônicos. Porto Alegre: 1892 à 1957.** Porto Alegre, Prefeitura de Porto Alegre/PROCEMPA, 1998.

⁵⁶ BAKOS, 1996, p. 166.

⁵⁷ Os projetos de loteamentos situam-se na maioria dos casos na zona sul da cidade, no Passo d'Areia, Ipanema, Cavalhada, Ipiranga, Cristal, Morro da Polícia, Praia de Belas, etc.

proletários no Brasil. Além de suprir a necessidade de moradia, de acordo com Bakos⁵⁸, afastava a classe trabalhadora do centro urbano, fazendo uma espécie de “saneamento”.

Há também grande quantidade de reconstruções e aumentos que ingressam no setor de obras da Prefeitura. Mas prevalecem as construções de um pavimento de alvenaria, sendo pequeno o número de edifícios com mais de dez andares.

PERÍODO	NÚMERO DE PAVIMENTOS ⁵⁹																
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1949	630	163	49	32	2	0	1	2	3	0	0	1	1	1	2	0	0
1950	693	202	53	33	0	1	2	5	3	1	0	3	1	2	0	1	0
1951	775	222	77	55	2	4	0	0	2	6	2	2	0	0	0	0	0

QUADRO 3: Edifícios e número de pavimentos em Porto Alegre.

FONTE: Dados do Departamento Geral de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, publicados no Correio do Povo de 30 de janeiro de 1952, p. 4.

Claro que esse número parece pequeno, se comparado com o total de construções na cidade, que estava crescendo, e muito. Um dos argumentos para não se dar a construção de arranha-céus é a falta de crédito amplo. Neste sentido as construtoras e incorporadoras tiveram um papel importante, pois viabilizaram vários empreendimentos junto aos bancos, fenômeno sobre o qual trataremos mais adiante.

“Quem casa quer casa”, como afirma a matéria do Correio do Povo⁶⁰. Assim, o problema da crise da habitação deu origem à ciência urbanística.

Esta ciência é que permite definir a função habitar como sendo a possibilidade de gozar sem restrições uma sede material provida dos melhores recursos da técnica, realizada sob apurado senso estético, capazes de garantir a saúde e o perfeito desenvolvimento das virtudes humanas.⁶¹

A Revista do Globo também salienta o direito de morar expresso em todas as Constituições nacionais de países democráticos.

⁵⁸ BAKOS, 1996, p. 166.

⁵⁹ Dados do Departamento Geral de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, publicado em Correio do Povo, 30/01/52, p. 4.

⁶⁰ Revista do Globo, nº 875, 20/06/64, p. 22-25.

⁶¹ Correio do Povo, 20/03/66, p. 24.

Estreitamente ligado ao desenvolvimento demográfico de um povo, o problema habitação é a própria vida. É o direito de morar, expresso em todas as Constituições nacionais dos países democráticos. É a segurança do viver, é a proteção à infância, a certeza de que os homens de amanhã têm e continuarão a ter a defesa de um teto sobre as suas cabeças. É, de fato, a própria existência expressa em pedra.⁶²

Porém, há de se levar em consideração nesta análise questões mais abrangentes. Bakos considera a situação familiar dos operários ao longo de diferentes conjunturas:

A exigüidade dos salários, o alto custo do transporte e as dificuldades familiares de conciliar os horários do trabalho dos pais com os das escolas de seus filhos. Tais circunstâncias forçam com freqüência, inúmeras famílias a morarem no mesmo prédio, sem conforto, higiene e privacidade, expondo-se a todas as seqüelas psicológicas e educativas que a coabitação, nesses casos pode trazer.⁶³

Percebe-se, então, que a crise de habitação é um problema mais complexo e importante que a visão quantitativa que o vê apenas como a falta de moradia. A crise de habitação no Brasil não seria resolvida nos anos 50 com eficiência e seriedade, se somente fossem propostas casas desmontáveis, casa própria, matérias revolucionárias. Para cada sociedade dividida em classes sociais, o problema da habitação apresenta-se diferente e exigirá distintas soluções. O acesso à moradia para determinadas camadas da população contrasta com o de outras, que são beneficiadas pela moderna indústria da construção civil. Como em todo desenvolvimento capitalista, a especulação imobiliária de terrenos nos centros urbanos favorece os proprietários em detrimento da comunidade⁶⁴.

Paralela à prática desenvolvida pela Fundação da Casa Popular (FCP)⁶⁵, existiam, no Estado, duas formas alternativas de construção de habitação popular. Uma de âmbito privado, que se referia à construção de núcleos habitacionais pelas empresas, para seus operários. A segunda era a prática que já vinha sendo imposta pelos IAPs, desde o início da década de 40⁶⁶.

⁶² Revista do Globo: 20/06/64, p. 22.

⁶³ BAKOS, 1996, p. 173.

⁶⁴ Os lotes, permanecendo vazios à espera de valorização do mercado, transformam-se em depósitos de lixo e focos de proliferação de insetos. No início da década de trinta, o Prefeito Alberto Bins chamou a Brigada da Saúde para combater colônias de mosquitos. (BAKOS, 1996, p. 163).

⁶⁵ A questão da habitação popular foi entendida como política governamental somente em 1946, com a criação da Fundação da Casa Popular. (Fundação de Economia e Estatística, 1983, p. 283).

⁶⁶ Fundação de Economia e Estatística, 1983, p. 283.

Em Porto Alegre, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) construiu a Vila do IAPI (Fig. 2), em 1943, situada no Passo d'Areia, bairro praticamente da periferia da cidade, onde as indústrias estavam sendo implantadas e que era carente de habitações. O projeto foi originalmente concebido pelo arquiteto carioca João Sabóia e o projeto de urbanização foi assinado por Marcos Kruter, sendo responsável técnico por toda a obra o engenheiro Edmundo Gardolinski⁶⁷. Dentro dos princípios da cidade jardim européia, o projeto previa praças, parques e uma grande quantidade de equipamentos para lazer, saúde e comércio. Além disso, as habitações individuais previam jardim na frente e nos fundos, com a possibilidade de incluir galinheiro, pomar e horta, para que os moradores se adaptassem ao local, visto que a maioria era originária do interior⁶⁸.



Fig.2 - IAPI - Porto Alegre
Fonte: SPALDING,1953, s/p

No final da década de trinta, o governo de Porto Alegre estava endividado⁶⁹ e foi o Estado que se ocupou de ampará-lo, inclusive para fazer o pagamento dos funcionários. A partir de então, no período entre 46 e 64, três planos de habitação popular foram desenvolvidos pelo Estado. Os dois primeiros datam do Governo de

⁶⁷ XAVIER, 1987, p. 53.

⁶⁸ Acerca desse tema, ver especialmente: DEGANI, José Lourenço. **Modernidade e Tradição no ciclo dos IAPs: o conjunto residencial do Passo d'Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil**. Porto Alegre, 2003. 177 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). PROPARG – UFRGS, 2003.

⁶⁹ O endividamento de Porto Alegre se deu, principalmente, pelo descompasso existente entre os projetos administrativos e as condições de orçamento da municipalidade, levando-a a necessidade de contrair constantes empréstimos. BAKOS, Margareth. In: WEIMER, 1992, p. 91.

Leonel Brizola e o último do Governo de Ildo Meneghetti. Os planos do governo de Brizola – Plano de Emergência do Governo Federal – IV. Comodidades Urbanas Básicas: Habitação Popular – visavam à construção de habitações para a população operária. No plano inicial há uma clara alusão à formação de núcleos habitacionais junto a zonas industriais. Na segunda parte do plano, a ênfase recaiu na colonização das zonas rurais e na fixação da população no interior, em zonas circunvizinhas a Porto Alegre⁷⁰.

O Plano Trienal de Habitação, do governo de Meneghetti, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística⁷¹, retomou o tema da industrialização, e foi implementado de forma descentralizada, com a participação dos municípios.

A Revista do Globo⁷² chega a citar, em uma reportagem intitulada “O progresso muda a feição de Porto Alegre” que, em vinte anos, de 1940 a 1960, a população da capital dobrou. Resultante desse acréscimo no número de habitantes e o acelerado movimento imobiliário da cidade, há uma consequência evidente no seu processo de desenvolvimento: o crescimento físico, que, desordenado, num primeiro momento, acusa o colapso da infra-estrutura que não estava preparada para atender à demanda. Mas, num certo sentido, isto impulsionou a consciência da necessidade de planejamento. Na verdade, esse planejamento já vinha sendo esboçado há um bom tempo, e culminou com a produção do 1º Plano Diretor de Porto Alegre.

Sobre o crescimento de Porto Alegre, várias são as reportagens, textos e dados quantitativos que apresentam a transformação da província em metrópole. Há também os textos poéticos, de autores como Eduardo Pinto e Erico Verissimo que expressam o desenvolvimento da “menina-moça”:

Porto Alegre, cidade menina-moça, veste gradativamente a roupagem do progresso, tão imperceptivelmente, porém, que o olhar acostumado quase não percebe a transformação. Um dia, que talvez não esteja distante, constataremos admirados que a província cedeu lugar à metrópole.⁷³

Nos lugares onde hoje se empinam arranha-céus, na primeira metade do século dezoito erguiam-se apenas ocas de palha dos bugres da tribo tope-minuano.⁷⁴

⁷⁰ Fundação de Economia e Estatística, 1983, p. 287,289.

⁷¹ Fundação de Economia e Estatística, 1983, p. 290.

⁷² Revista do Globo, nº 841, 02/03/63 à 15/03/63, p. 34.

⁷³ Revista do Globo, nº 841, 02/03/63 à 15/03/63, p. 34.

⁷⁴ Revista do Globo, nº 896, 1965, p. 5.

Também na Revista do Globo⁷⁵ pode-se ver a comparação de imagens visuais urbanas, enfocando sob o mesmo ponto de vista esquinas, ruas e praças que se transformaram com o tempo. Sob o título “Porto Alegre de ontem e hoje”, a reportagem demonstra com belas imagens que dia a dia Porto Alegre cresce na vertical e na horizontal.

“Porto Alegre está se transformando da noite para o dia” publicada pelo Correio do Povo⁷⁶ e os dados do movimento imobiliário de 1956 e 1957 confirmam a expressão. A esse respeito, há quem afirme que o movimento imobiliário é o melhor índice de crescimento de uma cidade. A reportagem entusiasmada de Dante D’Ângelo se mostra, por um lado o “boom” imobiliário do período, não deixa de apontar os problemas que a Prefeitura e o Estado precisavam enfrentar.

No ano de 1956, o movimento imobiliário de Porto Alegre, atingiu 1 bilhão e 367 milhões, situando-se acima desta capital, apenas São Paulo, com 6 bilhões e 850 e Distrito Federal com 5 bilhões e 400.⁷⁷

1.1.2 Na arquitetura, a cidade materializada

Isto não ocorre somente no Rio Grande do Sul, tanto que o governo brasileiro criou subsídios para enfrentar tal problema, como os fenômenos anteriormente citados. No Rio Grande do Sul, cabe indicar que profissionais da área se mobilizaram e se sensibilizaram com o problema da habitação. Basicamente três foram as instâncias mobilizadas. A primeira delas está no âmbito urbano, representada por profissionais ligados ao poder público, que foram capazes de organizar e pôr em prática um planejamento urbano que contemplasse o crescimento de Porto Alegre e não perderam tempo em debater e formular o Plano Diretor que em 1959 foi apresentado à população. A segunda instância é a dos profissionais ligados aos ideais arquitetônicos e sociais, inter-relacionados, que debateram e criaram polêmicas a respeito desse tema – habitação – publicadas especialmente nas revistas de arquitetura da época. Em terceiro lugar, percebemos o envolvimento dos construtores, profissionais

⁷⁵ Revista do Globo, nº 896, 5/1/63, p. 6-11.

⁷⁶ Correio do Povo, 12/01/58, p. 6.

⁷⁷ Correio do Povo, 12/01/58, p. 6.

que materializaram o crescimento da cidade moderna de Porto Alegre, engenheiros e arquitetos, que buscaram várias formas de pôr em prática as soluções apontadas pelas instâncias citadas. Isto inclui as formas de incorporações, créditos junto aos bancos, que reúnem os conceitos de provisão e produção.

Nesse contexto se inserem a Avenida Independência e Rua 24 de Outubro: dois segmentos de uma importante radial que possui duas origens: a vida social e cultural proveniente da Rua dos Andradas, como centro da cidade; e a continuidade da imponência e importância da Rua Duque de Caxias, com seus habitantes ilustres das elites política e econômica de Porto Alegre. É o caminhar das elites porto-alegrenses no espigão da cidade, habitando suas áreas mais privilegiadas, seja com relação à localização e proximidade ao centro urbano, seja com relação à vista, insolação, *status* que a topografia do sítio urbano oferece.

A herança do Movimento Moderno é percebida de maneira clara na Avenida Independência, onde as convivências permanecem, por mais de dois séculos, com seus valores e significados diversos sendo renovados a cada alternância de ideais pelos quais a sociedade transita. O espaço é a materialização das sociabilidades que o tempo viveu.

1.1.2.1 O cenário e os atores: cidade antiga, primeiros urbanistas e primeiros planos

Porto Alegre surgiu na metade do século XVIII, envolta em lutas entre espanhóis e portugueses, que buscavam garantir seus domínios. O movimento de ocupação entre Laguna e a Colônia do Sacramento determinou a colonização efetiva do Rio Grande do Sul e, portanto, o surgimento do núcleo que deu origem à cidade.

a) A cidade antiga

Em 1752, um arranchamento de açorianos daria origem a Porto Alegre. O núcleo inicial, com cerca de mil habitantes, passa de Vila de Pescadores a Porto dos Casais. Em seguida, o conhecido ciclo do trigo garantiu o desenvolvimento da cidade, que se estabeleceu como entreposto de trocas. O plantio do trigo pelos

açorianos no Rio Grande do Sul possibilitou a formação de um excedente exportável. O charque e a pecuária extensiva determinaria a relevância de Pelotas e Rio Grande como pólos produtores e exportadores desde o final do século XVIII. No início do século XIX, Porto Alegre se transforma em um centro comercial de crescente importância devido à sua localização privilegiada, rivalizando com Pelotas (Fig. 3).

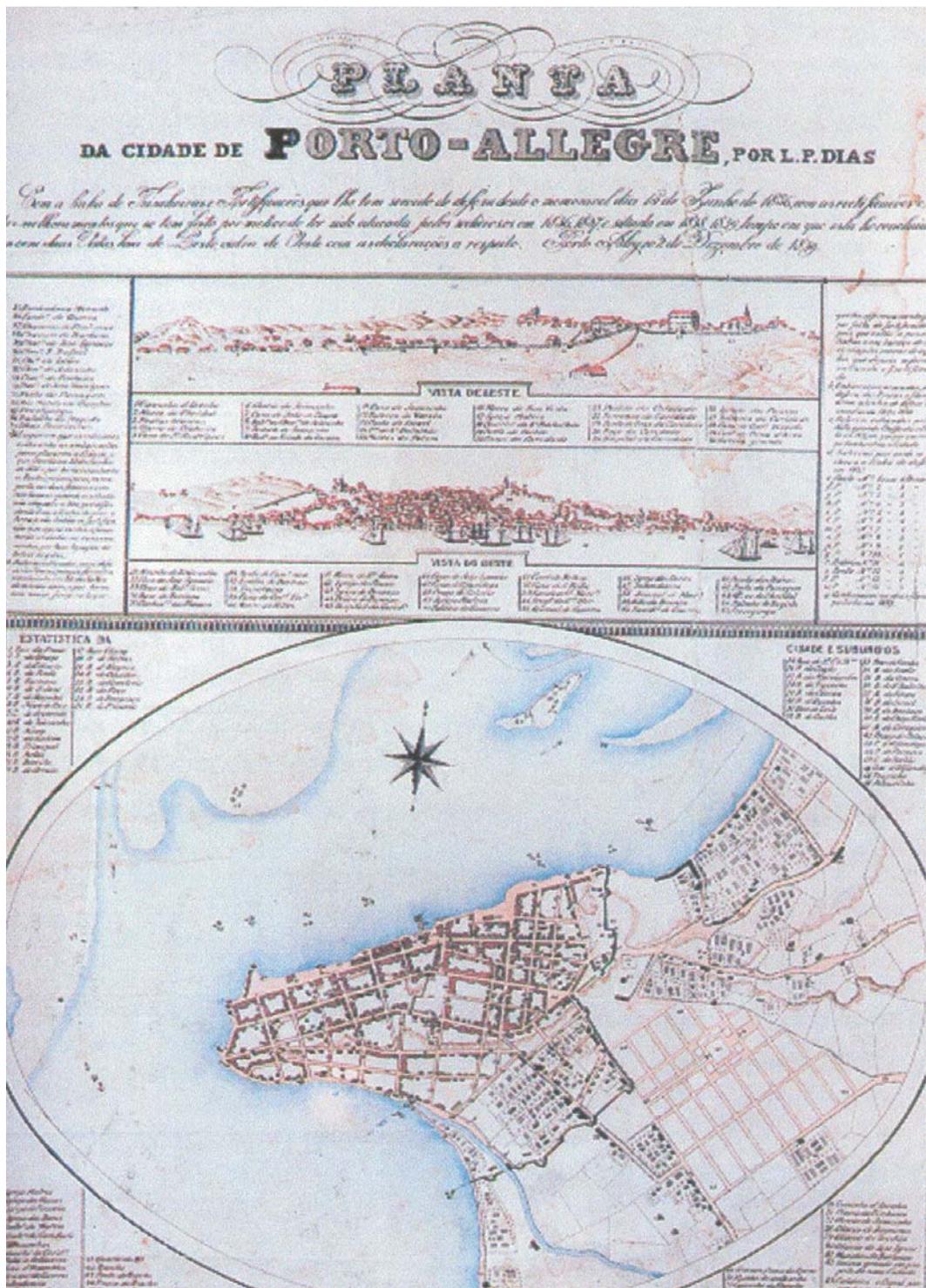


Fig.3- Planta da cidade de Porto Alegre 1839 .
Fonte: Acervo Histórico de Rio Grande do Sul.

Segundo Macedo⁷⁸, o traçado semi-regular da área central da atual cidade teria sido marcado em 1772. Inicialmente, a vila ocupou o lado noroeste da ponta da península, contando com três espaços abertos, significativos para a estruturação do tecido urbano: o largo da Quitanda e dos Ferreiros⁷⁹ que tinham função comercial e a Praça da Matriz, que era o centro cívico e religioso.

Os lotes no período colonial eram, em geral, estreitos e profundos, com construções de um ou dois pavimentos situadas no alinhamento e encostadas umas nas outras. Porém, na rua da Igreja, atualmente Rua Duque de Caxias, os lotes foram lembrados, possibilitando construções de maiores dimensões para as residências das elites porto-alegrenses⁸⁰.

A povoação recebeu uma muralha durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), que foi eliminada em seguida ao fim do conflito, fazendo com que a vila se expandisse em forma de leque a partir de cinco caminhos principais, desde o núcleo central. Eram eles: Caminho Novo (atual Voluntários da Pátria), Estrada dos Moinhos de Vento (atuais Avenida Independência e Rua 24 de Outubro), Caminho do Meio (atuais Avenidas Oswaldo Aranha e Protásio Alves), Caminho da Azenha-Estrada do Mato Grosso (atuais Avenidas João Pessoa e Bento Gonçalves) e o Caminho de Belas (atual avenida Praia de Belas).

Os imigrantes, que chegaram em 1824 em São Leopoldo, contribuíram para impulsionar o processo de povoamento da região e para propiciar o aumento da produção agrícola, especialmente nas áreas coloniais, ao longo dos vales dos Sinos e Jacuí-Taquari. Com a imigração italiana (1875), amplia-se a fronteira agrícola da província pela ocupação do noroeste, o que também vai trazer repercussão direta para o desenvolvimento de Porto Alegre.

Enquanto pólo comercial, Porto Alegre funciona como receptor e escoador de produtos oriundos do interior e do centro do país. Nesse período inicia-se na cidade o processo de industrialização, que muda radicalmente suas bases econômica e demográfica, aprofundando sua importância em relação ao resto do Estado. Os fatores fundamentais de sua industrialização e desenvolvimento seguem o modelo mais freqüente da industrialização brasileira: a pré-existência de atividades

⁷⁸ MACEDO, 1993, p. 21, 22.

⁷⁹ Atualmente são as Praças da Alfândega e XV de Novembro, respectivamente.

⁸⁰ Texto de Maturino Luz, digitado, 2003.

comerciais organizadas e desenvolvidas e a centralidade geográfica em relação ao mercado consumidor estadual⁸¹.

Em meados do século XIX também já se esboçavam pequenos núcleos populacionais próximos à cidade, os chamados arraiais, que futuramente seriam incorporados à malha urbana e que hoje formam bairros de Porto Alegre. Segundo Souza⁸², eram eles: o arraial do Menino Deus, junto à Praça do Menino Deus; o arraial dos Navegantes, junto à atual Igreja Nossa Senhora dos Navegantes; o arraial de São Manoel, em torno da atual Praça Maurício Cardoso; e o arraial de São Miguel, no Bairro Santana. Todos eles tinham elementos comuns, tais como o agrupamento de casas com a proximidade de uma capela.

A metropolização ocorre, a partir de 1945, também no sentido da estruturação do espaço urbano, para assumir efetivamente o seu papel terciário. E é neste papel que Porto Alegre se sobressai com relação aos demais municípios, seja nos diversos ramos comerciais, seja na infra-estrutura administrativa ou financeira. Os setores da saúde e do lazer destacam-se em Porto Alegre, através de equipamentos e serviços mais sofisticados ou na cultura mais requintada⁸³.

Conforme Cabral⁸⁴, no período de metropolização, a segregação espacial e a distribuição do uso do solo em Porto Alegre seguem diferentes linhas básicas, entre as quais nos interessa especialmente o Setor Leste-Oeste, que segue a ocupação pela alta renda. As áreas mais centrais possuem maior densificação e construções em altura, especialmente na Área Central e na radial Av. Independência /Av. 24 de Outubro. No extremo leste ocorre uma expansão pioneira, nos Bairros de Alto Petrópolis e Três Figueiras, também pelas camadas de altas rendas.

b) Os atores: primeiros urbanistas para Porto Alegre

Os estudos e planos diretores para a cidade de Porto Alegre sempre tiveram um forte direcionamento político, como na maioria das administrações municipais brasileiras. A questão aqui é encarar as adequações e novidades que foram incrementadas a cada etapa do planejamento da cidade. Ao indicar adequações e novidades imediatamente faz-se referência a dois conceitos fundamentais que

⁸¹ CABRAL, 1982, p. 143.

⁸² SOUZA, 1997, p. 63 – 67.

⁸³ SOUZA, 1997, p. 106.

⁸⁴ CABRAL, 1982, p. 151-153.

norteiam o crescimento e a identidade de uma cidade: modernidade e tradição. É desta forma que encaramos e vamos analisar as sucessivas transformações ocorridas mediante os planos diretores de Porto Alegre.

Desde a sua implantação, enquanto arranhamento dos açorianos, as condições físicas e a vocação do lugar forneceram-lhe os subsídios para a criação, junto ao topo norte da península. O Coronel Antonio da Veiga de Figueiredo indicou Alexandre José Montanha⁸⁵, que era capitão-de-infantaria com exercício de engenheiro, para ser o primeiro profissional a marcar as ruas da vila que deu origem à cidade de Porto Alegre, em 1772. O engenheiro aproveitou as condições locais – topografia, ventos, insolação posição geográfica – para beneficiar sua demarcação – oferecendo segurança, habitabilidade e identidade ao sítio.

A partir de então, vários profissionais se ocuparam da organização e planejamento de Porto Alegre para o futuro, a maioria de origem sul-riograndense, exceto Heydtmann e Gladosch. A cidade antiga, bem consolidada ao longo do tempo, mas também com problemas em função de seu crescimento e de sua própria implantação, ofereceu o pano de fundo para que as idéias inovadoras mantivessem a identidade do traçado semi-regular implantado desde o início.

No século XX, o Intendente José Montauray contratou Maciel para “melhorar conservando”. João Moreira Maciel⁸⁶ era natural de Santana do Livramento (1877). Formou-se pela Escola Politécnica de São Paulo (1897), com o título de engenheiro geógrafo. Completou sua formação com distinção no recém instituído curso de engenheiros-arquitetos (1898), motivo pelo qual fez jus ao prêmio de viagem ao exterior, conferido pela primeira vez, passando um ano na Europa. Depois de seu retorno, trabalhou em São Paulo, Rio de Janeiro e foi encarregado de elaborar o Plano Geral de Melhoramentos para Porto Alegre. Nessa proposta, percebe-se a intenção de equivaler Porto Alegre às demais capitais brasileiras, através dos ideais que eram vigentes no momento⁸⁷.

⁸⁵ MACEDO, 1973, p. 81-93.

⁸⁶ Referências em WEIMER (2004, p. 112-113), LEME (1999, p. 458,459), MACEDO (1973, p. 81-93).

⁸⁷ Maciel já havia projetado para o Rio de Janeiro.

Novos estudos feitos por Paiva e Faria partiram do existente e do Plano de Melhoramentos. Edvaldo Ruy Pereira Paiva⁸⁸ era natural de Porto Alegre (1911). Formou-se em Engenharia Civil (1935), sendo contratado pela Prefeitura Municipal antes mesmo de concluir o curso. Foi mandado para a municipalidade de Montevidéu (1940), onde se especializou em Urbanismo. Fundou o Curso de Urbanismo do Instituto de Belas Artes e participou da fundação da seção regional do IAB. Luiz Arthur Ubatuba de Faria⁸⁹ era natural de Rio Grande (1908). Formou-se em Engenharia Civil (1932), mas sua especialidade era o urbanismo. Foi co-fundador do Curso de Urbanismo do Instituto de Belas Artes e assinou a ata de fundação do Departamento Regional do IAB.

Loureiro da Silva, administrador de Porto Alegre, contratou Gladosch, em 1938, para fazer o Plano Diretor de Porto Alegre. Arnaldo Gladosch⁹⁰ era natural de São Paulo. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo em Dresden, Alemanha (1923). Colaborou com Alfred Donat Agache nos planos de melhoramento do Rio de Janeiro e em outros projetos daquele urbanista em todo o país. Foi contratado pelo prefeito de Porto Alegre, José Loureiro da Silva, para trabalhar nas novas diretrizes do planejamento urbano desta cidade. Além disso, teve a oportunidade de projetar importantes edifícios no centro de Porto Alegre, como os Edifícios Sulacap, União e Mesbla.

c) Primeiros Planos para Porto Alegre

O Plano Geral dos Melhoramentos de Porto Alegre (Fig. 4) foi a primeira tentativa de planificação da cidade. O arquiteto João Moreira Maciel ocupou-se, principalmente, com a reforma completa do centro colonial – a cidade antiga – através de modificações tipicamente viárias. Tanto é real a sua importância que o mesmo passou a ser conhecido como Plano Maciel e se manteve durante vinte e três anos enquanto norma orientadora dos trabalhos de reforma urbana.

Como pano de fundo, encontramos a cidade antiga, que não tinha uma ligação desafogada e contínua, principalmente com o vale do Gravataí e com a Cidade Baixa. As vias que convergiam para o centro desembocavam em ruelas coloniais, becos íngremes e de difícil circulação. Esta configuração ainda era oriunda da implantação inicial da cidade, que possuía difíceis condições de acessibilidade, primeiro requerimento a exigir um plano mais abrangente do que os projetos que haviam sido realizados até então.

⁸⁸ Referências em WEIMER (1989, p. 9-14; 1997, p. 109-122; 2004, p. 131-132), LEME (1999, p. 515-518).

⁸⁹ Referências em WEIMER (1997, p. 105-107; 1988, p. 106-107; 2004, p. 59); LEME (1999, p. 511-512); PAIVA et al. (1985, p. 15-17).

⁹⁰ Referências em WEIMER (1988, p. 120; 1997, p. 93-103; 2004, p. 72-73), LEME (1999, p. 505-506).

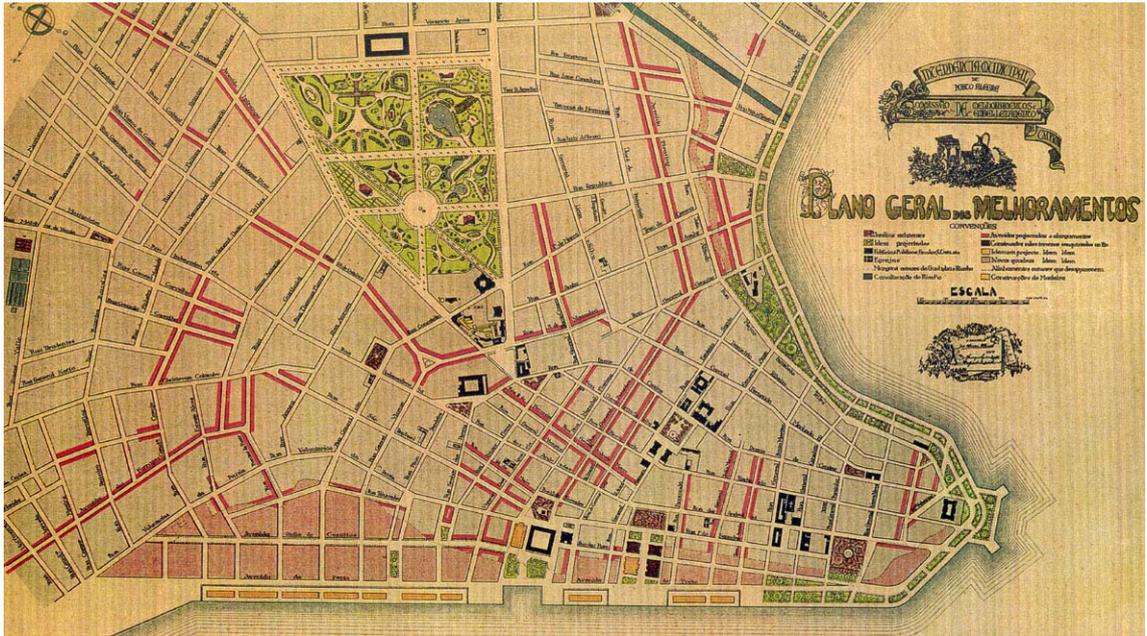


Fig.4 - Mapa do Plano Geral de Melhoramentos - 1914
 Fonte: Acervo Histórico Municipal.

Para solucionar este estado de coisas, foram projetadas vias, sendo que algumas foram construídas somente mais tarde. Encontramos, então, a proposta no conjunto de avenidas projetadas que buscava a ligação franca do centro da cidade com o exterior, ou seja, com os bairros da cidade. São elas: Júlio de Castilhos, Otávio Rocha, Borges de Medeiros, Beira-Rio, Salgado Filho e o prolongamento da Rua Vasco da Gama. Tal proposição só seria possível naquela ocasião, em que as desapropriações eram relativamente baratas, mesmo em função do padrão de preços da época.

As fronteiras do Plano Maciel talvez sejam os pontos mais importantes da concepção geral da proposta. Na realidade, o plano buscava integrar a cidade antiga com os bairros, isto através das grandes avenidas, arborizadas e que mostravam o ideal de modernidade que começava a ser aplicado na cidade de Porto Alegre. Tal era a visão desse trabalho que chegou a levantar a idéia da Avenida Farrapos e de uma avenida-prolongamento da Borges de Medeiros até a ponte do Menino Deus. Era uma busca por romper as antigas fronteiras da muralha primitiva da cidade.

Uma das ações urbanas mais importantes do período foi a instituição legal do Plano Diretor e do Código de Obras. E neste sentido é importante registrar que o Plano de 59 foi resultado de um processo que possui como marco o início do século⁹¹.

⁹¹ PANIZZI, 1993, p. 156.

Em 1935, Farias e Paiva previram diretrizes para a cidade, por solicitação da Prefeitura. Os engenheiros Ubatuba de Faria e Evaldo Paiva formularam importantes diretrizes, também de cunho viário. É importante ressaltar que naquele momento surge o conceito de Perímetro de Irradiação, que vai dar origem, mais tarde, às avenidas Perimetrais⁹².

Contratado em 1938 pelo prefeito José Loureiro da Silva, o arquiteto Arnaldo Gladosch realizou estudos urbanísticos que, de acordo com Panizzi⁹³, resultaram num pré-plano diretor, posteriormente chamado Plano Gladosch (Fig. 5). O Plano Gladosch, ou pré-plano, acrescenta conceitos de paisagismo barroco, formaliza a proposta do perímetro de irradiação, de avenidas radiais e de terminais rodoferroviários junto à perimetral. Propõe rede de áreas verdes, centro cívico na Praça da Matriz, cidade universitária, aterro da Praia de Belas, primeiras idéias sobre a travessia a seco do Guaíba. Por problemas financeiros e técnicos do município, o plano não foi detalhado e, de 1938 até 1943, o período caracteriza-se por uma espécie de hiato de planejamento. Porém, em 1942, os



Fig.5 - Mapa do Pré-Plano ou Plano Gladosch - 1938
Fonte: Porto alegre: Planejar para viver melhor

⁹² PANIZZI, 1993, p. 156.

⁹³ PANIZZI, 1993, P. 156-157.

dados foram levantados no que se chamou Expediente Urbano, coordenado pelo urbanista Paiva.

No final da gestão Loureiro da Silva, em 1943, o trabalho foi elaborado como um relatório da administração e publicado pela Livraria do Globo, sob o nome de Um Plano de Urbanização⁹⁴.

1.1.2.2 “Precisa-se de um Plano Diretor.”⁹⁵

Depois de estudos e indicações de planejamento para a cidade que crescia desordenadamente, os apelos para a criação e prática de um Plano Diretor chegam à imprensa local. Sob esse aspecto, são as reportagens de acesso ao público em geral que indicam a necessidade da formulação de diretrizes que atendam às demandas do crescimento. Além disso, essas diretrizes deveriam surgir não somente de um órgão administrativo. O apelo se dá também pela formação de um conselho que possa indicar o rumo a ser tomado, mas por diferentes segmentos da administração.

Em reportagem de Dante D’Ângelo no *Correio do Povo*⁹⁶, está presente o carinho e a afinidade pela cidade, tanto que esta é comparada a uma moça que cresce e mostra seus encantos e contrastes: “A moça está crescendo...”. Através da forma carinhosa proposta pelo poeta Athos Damasceno Ferreira, a “população aflita” recebe a constatação das dificuldades e problemas causados pelo crescimento de Porto Alegre: “Ela está na fase de mudanças, isto é, está mudando a voz, mudando os dentes, mudando a cara, mudando tudo enfim.”⁹⁷

Estes problemas atingem o espaço físico, daí a constatação de que Porto Alegre é uma cidade que se espalha livre nos arrabaldes e na zona central,

Tortura-se nas marchas e contra-marchas de contraditórias normas de urbanização. (...) Tentando uma comparação, afigurasse-nos uma menina que, crescendo de repente, surpreendesse a todo o momento a vizinhança com a revelação de novos e ignorados encantos. E também com a necessidade de novas vestes para realçá-los e principalmente para atenderem às exigências de seu crescimento.⁹⁸

⁹⁴ LEME, 1999. p. 381.

⁹⁵ *Correio do Povo*, 21/09/47, p. 14.

⁹⁶ *Correio do Povo*, 27/04/58, p. 24.

⁹⁷ *Correio do Povo*, 27/04/58, p. 24.

⁹⁸ *Correio do Povo*, 27/04/58, p. 24.

As “novas vestes” citadas se referiam a um plano diretor que possibilitasse realçar a beleza e o desenvolvimento da cidade que estava sofrendo os reflexos da falta de previsão em seu crescimento, pois nunca tivera um Plano Diretor. Nesse sentido, o trabalho de Gladosch é referido como a primeira etapa de um processo mais amplo, que foi atropelado pela intervenção do poder público na expansão porto-alegrense. Além dos desacertos e queixas, muita coisa boa ficou, afirma Alberto André⁹⁹ ao se referir à situação de Porto Alegre às vésperas da publicação do Plano Diretor de 1959.

A necessidade de uma lei que abrangesse um conteúdo humano e estético era urgente. Assim como eram urgentes as explicações ao povo sobre essas concepções, que deveriam presidir o almejado Plano Diretor, para que fosse bem recebido e houvesse colaboração ideal¹⁰⁰.

Decerto já notaste que o seu guarda-roupa não lhe serve mais. Tudo lhe está curto – as saias, as camisas, os corpinhos, as blusas – ou por outra – os transportes, as redes de iluminação, as instalações de água, etc.¹⁰¹

Até então, o Plano Diretor era entendido como o planejamento que previa apenas recuos e alturas e avenidas largas em meio a ruas estreitas e travessas. Seria antagônico, se nesse momento, a cidade continuasse a “esmagar o homem e o reduzir a simples números”¹⁰². Conforme as críticas públicas, o plano que vigorara até 1959 era diretor e era plano apenas no nome, pois abrangia a zona central e parcialmente suas extensões.

A formação do Conselho do Plano Diretor insere-se num processo conquistado pela população que almejava o instrumento que orientasse o crescimento da cidade, mas também foi construído pelos gestores e profissionais engajados na administração de Porto Alegre, os quais acreditavam na idéia tão bem expressa pelo Correio do Povo¹⁰³: “Porto Alegre precisa cuidar de seu futuro.” As diretrizes e ideais dos profissionais serão descritas a seguir. Agora cabe reforçar o envolvimento público neste processo em que as propostas eram debatidas e levadas ao conhecimento da população.

⁹⁹ Correio do Povo, 30/03/58, p. 19.

¹⁰⁰ Correio do Povo, 30/03/58, p. 19.

¹⁰¹ Correio do Povo, 27/04/58, p. 24.

¹⁰² Correio do Povo, 30/03/58, p. 19.

¹⁰³ Correio do Povo, 27/04/58, p. 24.

Uma série de reportagens de autoria de Alberto André, publicadas no Correio do Povo são exemplo desse fato. O repórter, especialmente na década de 50, serviu como interlocutor entre o órgão colegiado para debates dos assuntos de urbanismo e a população. A seqüência, três reportagens de abril de 1958, intituladas “Plano Diretor da cidade”, analisa o projeto da zona central de Porto Alegre que ficou pronto em agosto de 1957. Inclui desde dados pragmáticos, como limite de alturas, aumento de áreas verdes, número de garagens e estacionamentos, até conceitos inovadores, como o das unidades de residência vicinais.

A idéia de descentralização está presente no plano, e essa se completa com a criação das unidades residenciais de caráter vicinal. O Correio do Povo registra:

Assim se considera a cidade como um organismo composto de várias unidades, com a localização em cada uma delas, dos edifícios públicos e do uso público necessário à plena vida comunal. Dessa maneira é obviada a excessiva centralização existente em nossas urbes, possibilitando soluções mais adequadas para o seu sistema circulatório.¹⁰⁴

Para atender a essas unidades seriam construídos mercados e outros órgãos. E, nessas circunstâncias, o município pretendia acabar com o “antiquíssimo” mercado central e substituí-lo por um novo, que atenderia somente à área central. Já existiam dois exemplos de mercados que atenderiam a essas unidades: o mercado do Bom Fim e o da Floresta, sendo este último concedido à empresa privada e situado no encontro da rua Coronel Bordini com a Cristóvão Colombo, dados mencionados em duas reportagens do Correio do Povo¹⁰⁵.

Em 1954 foi elaborado um novo anteprojeto de Plano Diretor, pelo urbanista Edvaldo Paiva e pelo arquiteto Demétrio Ribeiro. Como pano de fundo deste plano, encontra-se, além do Plano de Urbanização (1943) citado anteriormente, a área física do Município de superfície mais densificada.

No interesse desta tese, destacamos os principais aspectos que compõem o plano e que são de fundamental importância para a sedimentação da arquitetura moderna em Porto Alegre: zoneamento de uso; reservas de áreas para escolas e

¹⁰⁴ Correio do Povo, 06/04/58, p. 33.

¹⁰⁵ Correio do Povo, 06/04/58, p. 33; Correio do Povo, 20/04/58, p. 24.

praças; sistema viário principal baseado nas radiais e perimetrais; obrigatoriedade de áreas de garagens ou estacionamento interno para os edifícios residenciais; regras de recuos de frente e de fundos e de afastamentos laterais; fixação de índices máximos de aproveitamento e de ocupação dos terrenos; alturas máximas permitidas; dimensões mínimas para lotes de terrenos. A partir do conhecimento das tendências de ocupação encontradas, foi construído um zoneamento das predominâncias de uso do solo sobre o qual agregaram-se os demais dispositivos urbanísticos complementares. Aí estão incluídos os índices de construção, taxas, recuos, alturas e afastamentos dos prédios em relação às divisas dos lotes.

Seus limites, ou seja, o quadro é estabelecido pelas avenidas Sertório, D. Pedro II, Carlos Gomes, Salvador França, Aparício Borges e Av. Teresópolis, (conforme mostra o mapa do Plano Diretor de 1959) (Fig. 6). Com o passar do tempo, a legislação básica foi sendo estendida a novas áreas do Município: em 1964, pelo decreto 2872; em 1967, pelo decreto 3487; em 1972, pelo decreto 4552; e em 1975, pelo decreto 5162.



Fig.6 - Mapa do Plano Diretor de Porto Alegre - Prefeitura municipal de Porto Alegre - 1959
Fonte: Porto Alegre: Planejar para viver melhor.

Esse panorama apresentado, na realidade, nos instiga a penetrar cada vez mais, no interior destes Planos Diretores e conhecer, relacionar e interpretar o seu verdadeiro sentido. (Fig. 7 e 8).

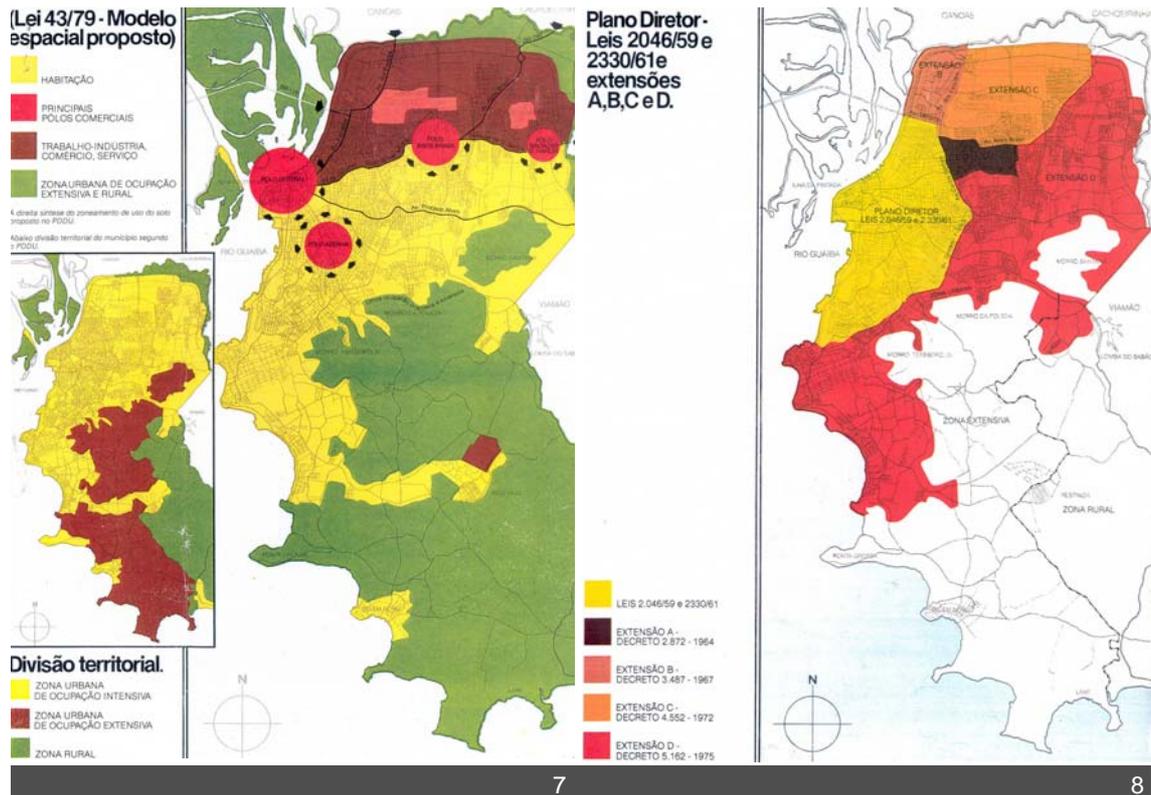


Fig.7 - Mapa do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano - 1º PDDU. Lei 43/47 - 1979.

Fonte: Porto Alegre: Planejar para viver melhor.

Fig.8 - Mapa do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano - Alterações na Lei 2046/2047- 1961/1964

Fonte: Porto Alegre: Planejar para viver melhor.

Nas propostas urbanas apresentadas, a radial Independência/24 de Outubro não foge à regra. Assim como as demais radiais mantêm sua função inicial de acesso para outros lugares, cada radial servindo como caminho de ligação até Viamão, ou Gravataí, ou Zona Sul, etc. Contudo, as radiais destacam-se como potenciais eixos de crescimento e de desenvolvimento da cidade. O Plano Diretor de 1959 incentiva a ocupação e a densificação destas radiais, não de forma homogênea, mas estimulando a verticalização, respeitando recuos e, paralelamente, índices de alturas¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Para a radial em estudo, o regime urbanístico proposto é o seguinte:

Usos: Independência e 24: ZC1: até rua Conceição.

ZR3: da rua Conceição até a Ramiro. ZR2: Ramiro até a Bordini.

IA: Z5: até a Conceição = 6,0. Z7: Conceição até a Goethe = 6,0

TO: Z2: até a Conceição = 70 ou 75% Z1: da Conceição até a 24 = 2/3 ou 66,6%.

Alturas: Z0: Perimetral: até a Conceição. Z4: Independência e 24 = recuos. (Plano Diretor de 1959, p. 43, 57, 29).

1.2 Arquitetura Moderna em Porto Alegre: ideais e construções

1.2.1 A orientação estética da arquitetura moderna: uma polêmica no Rio Grande do Sul

A idéia do artista como herói é tomada como tema central por Benjamin, como foi visto anteriormente. Mas existe uma realidade desse herói moderno, a miséria em que vive, que vem ao encontro da sua autonomia. Esse fato é importante por destacar o artista da realidade social anterior, ligado à aristocracia. Desta forma, é preciso colocá-lo como um ser cognoscente, que vive as dificuldades da modernidade, mas também expressa tal vivência como um indivíduo autônomo, pois se auto-gerencia. É claro que sua expressão, como a do poeta moderno, cujo exemplo é Baudelaire, é fruto de toda experiência de vida como reflexo de um momento de transformação evidenciado desde a Ilustração. É a respeito dessa relativa autonomia que vamos dissertar a seguir.

Marchán Fiz trata sobre *A autonomia da estética na Ilustração*¹⁰⁷, e refere-se à grande popularidade que a disciplina da Estética alcança. A Ilustração proclama para a natureza o que é inerente a si mesma. Essa é uma das premissas que possibilita a aceitação das diferentes esferas da atividade humana e das disciplinas resultantes: a Estética, a História da Arte, a Crítica de Arte e as Poéticas das Artes. A fundação da Estética se perfila como um dos vetores mais peculiares do aporte filosófico. Sua estrutura se baseia na reflexão sobre uma capacidade humana: a de adotar conduta estética, para legitimar a relativa autonomia que começa a alcançar nas diversas artes.

Desde meados do século XVIII, a Estética se converteu na disciplina filosófica da moda. A. G. Baumgarten batiza a disciplina em latim “Aesthetica” (1750), deixando a seus discípulos a tarefa de divulgar na Alemanha os seus ensinamentos¹⁰⁸. Assim, a Estética vai conquistando a sua autonomia como disciplina ilustrada por autonomasia, como uma prática nascente do domínio do homem autônomo ilustrado sobre a realidade. Seu despertar e sua consolidação, ocorridos entre 1700 e 1830, coincidem com a primeira fase do moderno.

¹⁰⁷ MARCHÁN FIZ: 1996, p. 11-36.

¹⁰⁸ Marchán Fiz cita vários discípulos de Baumgarten em toda a Europa: na Alemanha, G. F. Méier e M. Mendelssohn; na Inglaterra, E. Burke, D. Hume, A. Gerard; na França, P. André. Idem, p. 11.

A disciplina alcança grande popularidade, e isso ocorre através dos canais da opinião pública. As revistas que surgiram primeiro na Inglaterra¹⁰⁹ e logo se difundiram em toda a Europa; os Salões, na França; a ensaística francesa e alemã permitem constatar a aceitação da disciplina na sociedade como um todo¹¹⁰.

A popularidade da disciplina da Estética e a busca dos artistas em tornar públicas as novas regras artísticas que surgiam com a modernidade são fundamentais para a proposta do presente trabalho. Ressaltamos aqui a promoção dos Salões de Belas Artes do Rio Grande do Sul, a publicação da Revista do Globo, em Porto Alegre, e a constante e periódica presença de artigos sobre Arquitetura Moderna em um dos jornais mais importante do início e meados do século XX, o Correio do Povo.

Essa promoção da arquitetura não estava isolada. Fazia parte de um contexto maior, ligado às artes. Kern¹¹¹ cita que, no Rio Grande do Sul, coexistiam dois sistemas de representação visual, aparentemente antagônicos:

Um divulgado e produzido pelos artistas ligados ao Instituto de Belas Artes (IBA); e outro, tendo à frente o escritor Manoelito de Ornellas, na época diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). O campo de arte encontra-se predominantemente estruturado sob instituições como o IBA e o Salão Nacional de Belas Artes (promovido pelo IBA) e a crítica de arte.

O IBA e o Salão são modelados segundo a escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e o Salão Nacional de Belas Artes (SNBA) do Rio de Janeiro e recebem apoio e auxílios financeiros do governo do Rio Grande do Sul, controlado por interventores nacionais, e da Prefeitura de Porto Alegre.¹¹²

Os Salões de Belas Artes do Rio Grande do Sul foram eventos de significativa importância na história do IBA – Instituto de Belas Artes de Porto Alegre – e de todo Estado. Fiori¹¹³ apresenta a seqüência desses salões detalhadamente, desde o

¹⁰⁹ *The Spectator* ou *The Guardian*.

¹¹⁰ MARCHÂN FIZ: 1996, p. 11.

¹¹¹ KERN, 1995, p. 34.

¹¹² KERN, 1995, p. 34.

¹¹³ FIORI, Renato Holmer. **Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 à 1951**. Porto Alegre: PUC-RS, 1992. Dissertação de Mestrado.

seu surgimento, em 1939, e enfatiza a presença de arquitetos como José Lutzenberger, Ernani Corrêa, João Monteiro Neto e dos artistas e técnicos Fernando Corona e Duílio Bernardi. Pode-se apontar os Salões como um dos canais da opinião pública e de preocupação com a autocertificação dos trabalhos do artista e arquiteto da modernidade, de início ainda muito tradicionais, porém avançando progressivamente à Estética própria do sujeito moderno.

O segundo instrumento de divulgação da Estética em Porto Alegre, o qual atingiu o público no nível nacional, é a publicação da Revista do Globo. A publicação dos Bertaso, como era conhecida, chegou às bancas, quiosques e à vitrina da Livraria do Globo em 5 de janeiro de 1929. O quinzenário contava a história do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo, lançando no território nacional as estórias de importantes autores do século XX.

A história da Revista de acordo com Nasi¹¹⁴, é a seguinte: José Bertaso chegou a Porto Alegre ainda garoto, onde trabalhou em um fábrica de fumo, depois como quebra-galhos da empresa de Laudelino Barcellos e Saturnino Pinto. Aos poucos conquistou os empresários, tornando-se braço-direito de Laudelino, e em seguida tornou-se sócio da Barcellos, Bertaso & Cia. Dedicou-se à empresa e transformou a livraria em um centro de excelência no comércio livreiro de que resultou a casa editorial mais importante que o Estado conheceu. Há também as interferências políticas que devem ser referidas: a revista teria surgido por sugestão de Getúlio Vargas, por interesses políticos. Fato é que a Revista do Globo aparece como representação impressa de uma elite intelectual que girava em torno da livraria.

A Revista do Globo caracteriza-se por apresentar uma mistura de reportagens, artigos, colunas sociais e literatura. Os temas praticamente nunca mudaram, somente a hierarquia de cada um se alterou ao longo do tempo, de acordo com o interesse de cada época. Cabe ressaltar que até aquele momento não existia a noção de “revista cultural”, de modo que uma publicação ou era literária, com artigos sobre literatura e publicação de poesias e narrativas, ou era social. O caso da Revista do Globo é caracterizado como revista social, pois a literatura só tem destaque porque é de interesse da “boa sociedade” e da editora, que a usava como veículo para divulgação de seus produtos.

¹¹⁴ NASI: 1998, p.24-31.

Diferente dos Salões do IBA, a Revista do Globo atingia um público mais amplo, embora limitado à parcela intelectual e social da população de Porto Alegre e nacional. A Estética aqui nesse exemplo fica evidente na forma que a revista assume: desde os modelos gráficos tomados como referência, a *Life* americana e a *Paris Match*, até a expressão da linguagem das letras, das imagens, e dos temas das reportagens, artigos e propagandas – bailes, eventos sociais, concursos de misses, etc – demonstram a certeza de uma sociedade em expor suas novas diretrizes estéticas.

O terceiro instrumento de relevância é constituído pelas reportagens do jornal Correio do Povo. Mais especificamente sobre o tema proposto no presente trabalho salientamos uma coluna sobre arquitetura publicada a cada quinze dias, aproximadamente. A importância dessa fonte de dados é indiscutível, porém, o que ainda reforça mais a sua pertinência, é uma coletânea de recortes de jornais feita por Irineu Breitmann, um dos arquitetos modernos de grande relevância no período em estudo. Na coletânea aparecem colagens, às vezes fora de ordem, mas sempre com a referência da fonte de onde foram retiradas. Nesses recortes, é nítida a referência que os arquitetos locais buscavam nas obras de arquitetos americanos e europeus, como Frank Lloyd Wrigth, Mies van der Rohe, entre outros, e também a busca da referência nacional, como se vê na presença de artigos de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Villanova Artigas. Ainda são constantes as reportagens de arquitetos locais, como Miguel Pereira, Júlio de Curtis, Ari Mazzini Canarin, Celso Carneiro, Irineu Breitmann, Danilo Landó, para citar alguns importantes nomes. Essas tratavam de diferentes temas, sempre ligados à arquitetura, tais como as questões profissionais relativas à busca da independência profissional dos arquitetos; questões práticas como, por exemplo, a publicação de vários projetos de residências em bairros novos da cidade; questões ideológicas, expressas na busca de referenciais citados acima.

A década de 50 foi aberta com um instigante debate de idéias sobre arquitetura moderna. Arquitetos de Porto Alegre, especialmente Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff, levantaram a questão que envolve a polêmica sobre a estética na arquitetura moderna brasileira.

Demétrio Ribeiro publicou, na Revista Horizonte, um artigo que citava as idéias de Lúcio Costa sobre o artificialismo que se manifestava na obra de alguns

arquitetos brasileiros¹⁰⁷. O que Ribeiro pretendia, desde o início de seu texto era apontar a necessidade de se desenvolver a prática da discussão autocrítica entre os arquitetos.

A atual arquitetura no Brasil caracteriza-se pelo uso de métodos artesanais e pelo objetivo exclusivo de satisfazer as necessidades da burguesia. A arquitetura de amanhã caracterizar-se-á, ao contrário, pelo uso de métodos industriais para satisfazer às necessidades práticas e estéticas das grandes massas trabalhadoras.¹⁰⁸

Para apontar esses dados, Ribeiro indica que a crítica das obras de arquitetura pressupõe o conhecimento das condições em que elas se desenvolvem, abrangendo dois fatores: as necessidades que a arquitetura atende e os meios que dispõe para atendê-las¹⁰⁹. O arquiteto e sua clientela deveriam ter gostos semelhantes para corresponder também às necessidades estéticas e estas, por sua vez, deveriam estar de acordo com as condições técnicas (rudimentares) existentes no momento. Neste sentido, o recurso construtivo que o concreto armado disponibilizou, ofereceu a novidade que tanto desejavam clientes e arquitetos na época. A preferência pelas formas livres, curvas ou irregulares era considerada por muitos como a plasticidade com valor estético permanente, possibilitada por esse material; quando, na verdade, estavam obedecendo às condições econômicas e sociais do meio.

Contudo, a arquitetura moderna era qualificada como “revolucionária” por muitos de seus partidários e, também, pelos seus adversários. Explica o arquiteto Demétrio Ribeiro os dois sentidos da expressão:

Uma coisa é arquitetura revolucionária no sentido de arquitetura nova, diferente, que produz obras de aparência estranha e desconhecida. Trata-se neste caso de uma arquitetura que revoluciona as formas, o aspecto das construções. Outra coisa muito diversa é arquitetura revolucionária de arte do povo revolucionário. Trata-se então de uma arte que traduz o gosto e os sentimentos do povo e que contribui para o progresso cultural das massas e a própria transformação da sociedade.¹¹⁰

¹⁰⁷ O artigo de Lúcio Costa, “Muita construção, algumas arquitetura e um milagre”, menciona a doença latente pela formação empírica dos jovens arquitetos pela falta de professores orientados no espírito moderno. (RIBEIRO, 1951, p. 338).

¹⁰⁸ RIBEIRO, 1951, p. 338.

¹⁰⁹ RIBEIRO, 1951, p. 338.

¹¹⁰ RIBEIRO, 1951, p. 145.

Edgar Graeff aceitou o debate, apontando prós e contras às idéias de Ribeiro. Na verdade, mais contras. Graeff se limitou a uma análise crítica do trabalho do colega, evidenciando uma questão importante: Demétrio Ribeiro estaria, consciente ou inconscientemente, preocupado em combater a própria arquitetura moderna, e não somente as deficiências desta¹¹¹.

Graeff critica todos os elementos que Ribeiro usa em sua argumentação: a arte de construir edifícios, como se falasse de pintura ou escultura, não considerando que ela é uma técnica e, até certo ponto, uma indústria; a arquitetura nova como sendo diferente, que produz obras de aparência estranha e desconhecida, esquecendo-se de que não se trata somente de aparências. Ainda critica o “amigo e colega”, como se refere a ele em todo o seu texto, pela orientação que, segundo Demétrio Ribeiro, teria indicado o nascimento da arquitetura moderna brasileira. Demétrio, em contrapartida, indica que, as soluções inteiramente novas seriam deduzidas do estudo aprofundado da função prática do edifício, das condições do clima e do uso dos materiais locais de acordo com a técnica moderna; e não como nasceram, em sua aparência completamente diferente da arquitetura do passado. Nesse sentido Graeff demonstra ao colega um maior conhecimento da obra de Lúcio Costa¹¹².

A participação de Nelson Souza, jovem estudante na época nesse debate, demonstra o envolvimento e maturidade do curso de Arquitetura, praticamente recém criado, nos ideais modernos. E mais, Souza instiga, incentiva e convida os demais estudantes e arquitetos a expressarem também as suas idéias.

Entre tantas considerações, baseadas nos pontos já levantados por Demétrio e Graeff, Nelson Souza traz à tona uma síntese do que Mao Tse Tung indica como sendo uma diretriz para a sociedade:

É preciso não esquecer que elevar o padrão dos operários, camponeses e soldados significa levá-los de seu atual estado primitivo de cultura não para os padrões da classe feudal, burguesa ou pequeno-burguesa, mas de acordo com a linha de desenvolvimento próprio deles mesmos.¹¹³

¹¹¹ GRAEFF, 1951, p. 170.

¹¹² GRAEFF, 1951, p. 170.

¹¹³ SOUZA, 1951, p. 207.

A reprodução dessas palavras no artigo mencionado (e aqui neste estudo) levam Nelson Souza a concluir que uma arquitetura é verdadeira se perseguir os ideais e necessidades acima citados. Tais necessidades materiais e espirituais é que dariam as indicações para as realizações artísticas, aqui se referindo mais especificamente à Arquitetura¹¹⁴. Finaliza seu artigo dizendo que o papel da estética da Arquitetura moderna brasileira é subestimado.

Sobre essa polêmica, temos dois pontos de vista, o de Amaral e o de Bittencourt, que se aproximam do tema de formas diferentes, um através da arte e do contexto de época; o outro, através da arquitetura, já com um afastamento temporal considerável, a ponto de traçar críticas e fazer relações entre o ideário e a influência causada pelos ideais daqueles profissionais¹¹⁵.

Para a questão da habitação neste estudo, essa polêmica nos diz respeito, principalmente porque o universo focado baseia-se na arquitetura moderna para as elites. A polêmica como um todo é pertinente para entendermos os ideais que pairavam sobre os autores da arquitetura construída naquelas décadas. Dois aspectos interessam-nos particularmente. Para retomá-las, primeiro analisamos a afirmação de Demétrio Ribeiro de que a arquitetura nova é completamente diferente de todos os edifícios que o povo conhece. A crítica de Graeff diz respeito à falta de habitação para o povo, num sentido mais amplo do que somente o da estética e da aparência. Sobre essa carência, em especial, em torno da década de 50, já foram citadas algumas iniciativas, em diferentes níveis administrativos, para tentar diminuir o problema. Mas com relação ao conhecimento do povo, a verdade é que o povo conhece os edifícios feitos para os latifundiários e burgueses.

Por outro lado, Demétrio Ribeiro¹¹⁶ apresenta a preocupação de imitar os hábitos, os costumes as modas e o gosto predominantes nos países imperialistas. De fato, essas cópias e imitações que as elites brasileiras almejam deveriam ser

¹¹⁴ SOUZA, 1951, p. 207.

¹¹⁵ Ler sobre esses pontos de vista em:

Aracy. **Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira 1930 – 1970**. São Paulo: Nobel, 1984, p. 279 - 282.

BITTENCOURT, Dóris Maria Machado de. **Polêmica dos anos 50-60 no Rio Grande do Sul: uma arquitetura para o povo ou uma arquitetura para as classes dominantes?** In: Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis. V.3, Jun de 2001. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001, p. 213-217.

¹¹⁶ RIBEIRO, 1951, p. 338.

dosadas e intermediadas pelo trabalho interpretativo dos profissionais, arquitetos e engenheiros, na busca de soluções próprias e novas. O mesmo raciocínio pode ser adotado para as demais classes.

Em segundo lugar é preciso lembrar que, a existência das duas correntes principais dentro do curso do Instituto de Belas Artes¹¹⁷ – a orientação de Demétrio Ribeiro e a posição de Edgar Graeff – marcaram presença forte, por consequência, na formação das gerações seguintes de profissionais. Interessa-nos esse dado porque são essas as gerações que darão continuidade ao debate, seja no campo das idéias, seja no ofício do projeto e execução dessa arquitetura moderna. A esse respeito, Fiori¹¹⁸ relaciona as diretrizes da polêmica citada com o ensino da arquitetura da época.

(...) Ribeiro revela que tem uma pretensão teórica no curso. Procura seguir a idéia de que a arquitetura não deve ser antagônica à bagagem cultural das pessoas, o que está ligado a importantes preocupações e convicções políticas de esquerda. (...) ao mesmo tempo em que a influência corbuseana em Graeff é evidenciada, quando ele menciona Le Corbusier e analisa a obra deste, parece haver também uma postura crítica importante. O mecanismo funcional, uma das importantes faces das propostas de Le Corbusier é criticado, pois pode tornar a obra estranha ao seu meio.¹¹⁹

Mas o que nos parece ainda mais abrangente é que a polêmica avança com respeito aos profissionais. Num outro nível de debate, agora enfocando uma única clientela, as elites, diferentes profissionais expõem, na radial em estudo, as obras executadas com diferentes vertentes: aquela que ainda era tida como estética tradicional, que reforça os estilos históricos; a que propõe o início de um moderno sem grandes pretensões estéticas; e ainda a vertente do movimento moderno apoiado em referências à arquitetura carioca.

Essas diferentes vertentes serão estudadas no quarto capítulo. Mas quem executou os edifícios para fomentar esse debate na radial das elites de Porto Alegre? Que subsídios bancaram essa provisão da arquitetura? Empreendedoras, as construtoras, vão encabeçar esse processo.

¹¹⁷ Não se pode deixar de citar a presença indispensável, na formação dos arquitetos estudantes no IBA, destas duas figuras, como professores, ilustres no panorama da arquitetura moderna do Rio Grande do Sul – Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff.

¹¹⁸ Ler sobre esses pontos em: **FIORI, Renato Holmer**. *Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 à 1951*. **Porto Alegre: PUC-RS, 1992. Dissertação de Mestrado**. P. 245 – 268.

¹¹⁹ FIORI, 1992, p. 251-266.

1.2.2 Provisão e produção: Empreendedoras, as Construtoras.

A provisão e a produção da arquitetura moderna na radial Independência/24 de Outubro se complementam. No universo de jornais, revistas de amplo público e revistas mais específicas da área de arquitetura e engenharia consultadas, encontram-se anúncios dos edifícios de apartamentos com referências às figuras dos empreendedores, incorporadores, construtores e autores e responsáveis técnicos das obras. Mas não somente dos edifícios; há anúncios das próprias empresas construtoras, indicando o *port folium* como referência para novos trabalhos. Um dos pontos que chama a atenção nos anúncios é que muitas vezes essas atividades são realizadas pelos mesmos profissionais.

É sabido que, no final da década de 40, surge, no Brasil, a figura do incorporador imobiliário, ou seja, do promotor de ofertas de uma nova mercadoria: o apartamento em condomínio. Essa figura também pode ser definida como uma espécie de agente cultural¹²⁰, a condicionar as necessidades e expectativas da classe média¹²¹. Segundo Carlos Lemos, não eram uma, duas ou três pessoas que comandavam os corretores de imóveis:

Referimo-nos a carteiras imobiliárias de bancos, a escritórios organizados em torno de empresários, de advogados, de engenheiros e até de arquitetos, todos ocupados a auscultar o mercado, a verificar as demandas, a procurar terrenos de “bom aproveitamento”, a organizar as vendas prévias e a dar andamento às obras.¹²²

No Rio Grande do Sul, o mercado imobiliário envolvia bancos e incorporadores, muita vezes alardeando as vendas exclusivas para os grandes empreendimentos. Encontram-se muitos anúncios com estas intenções, sempre salientando o nome da própria empresa, o endereço desta e, muitas vezes, imagens dos empreendimentos em questão. É o caso da Sociedade Imobiliária lochpe Ltda., com sede no Edifício Brasília¹²³, que anunciava, entre outros negócios, as vendas exclusivas do Edifício Esplanada (Fig. 9). Também havia anúncios que qualificavam a própria organização, como o GRIFAR – Organização Imobiliária¹²⁴.

¹²⁰ Agente cultural é aquele que se envolve com a administração das artes e da cultura, criando as condições para que outros criem ou inventem seus próprios fins culturais. Atua na área da difusão junto ao público. (COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: FAPESP/Illuminuras, p. 42).

¹²¹ LEMOS, Carlos. IN: SAMPAIO, 2002, p. 7.

¹²² LEMOS, Carlos. IN: SAMPAIO, 2002, p. 7.

¹²³ Edifício Brasília, conjunto 42, 4º andar.

¹²⁴ Rua dos Andradas, 1290, 4º andar.

A Sociedade Imobiliária Iochpe Ltda.

contribuindo para o progresso e embelezamento de

P Ô R T O A L E G R E

tem a satisfação de brindar aos porto-alegrenses sua imponente realização:

O EDIFÍCIO ESPLANADA



um conjunto arquitetônico composto de 4 blocos independentes, localizada no aristocrático bairro dos MOINHOS DE VENTO, perto dos melhores educandários femininos e masculinos, clubes, hospitais e sociedades recreativas, frente à Praça Julio de Castilhos, na confluência da rua Romiro Barcelos com a Avenida Independência e rua André Puente.

CADA APARTAMENTO COMPRA TUDO ISTO: **EDIFÍCIO ESPLANADA**

- * Todas apartamentos de frente
- * 4 amplos salões de festa no terraço
- * 4 grandes e luxuosas entradas independentes
- * Magnífico jardim no centro do conjunto
- * Completo parque infantil coletivo
- * 2 quartos de banho independentes
- * Água quente e fria permanente
- * Força própria em todos os elevadores
- * Calorização em todos os apartamentos
- * Instalações de gás em todos os apartamentos
- * 50% em abundância em todos os apartamentos

- * Completo panorama da cidade, alcançada ilhas, marcos e rios
- * Incinerador de lixo
- * Garage no sub-sólo
- * Acabamento finíssimo
- * Entrega da chave em 30 meses
- * Apartamento desde Cr\$ 1.150.000,00
- * Num plano de vendas que lhe convém:
 - 52% de venda no pagamento de 30 parcelas
 - 52% parceladas, durante a construção
 - 10% em 5, 10 e 15 anos, para 70 dias 70 dias.

Vendas com **SOCIEDADE IMOBILIARIA IOCHPE LIMITADA**
 Edifício Brasília — conjunto 42 — 4.º andar — Fones: 4627, 6653, 8369, 8074,
 6633 (Chamar 53 ou 54) — P Ô R T O A L E G R E — Rio Grande do Sul
 e com O r g . I m o b . T A N C R E D O O L I V E I R A — Fone: 8391

Fig.9 - Anúncio do banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A
 Fonte: SPALDING,1953, s/p

Ainda anterior a esse fato, a regulamentação da profissão, através das iniciativas do CREA, impôs limitações às atividades de muitos profissionais especializados. Segundo Weimer¹²⁵, como consequência, os tradicionais escritórios de arquitetura foram preteridos e as obras mais significativas passaram às empresas construtoras. Desde o final da década de 20, várias empresas passaram a ter destaque nas construções de Porto Alegre. As mais importantes foram a Azevedo Moura & Gertum, A D. Aydos e Cia Ltda., Dahne & Conceição e Haessler & Woebke.

A ascensão das empresas construtoras evidencia uma reorganização da construção com ênfase em moldes empresariais. De acordo com Machado¹²⁶, muitas alcançam grande porte, como a Empresa Construtora

¹²⁵ WEIMER, 1989, p. N50, N51.

¹²⁶ MACHADO, 1998, p. 177.

Brasileira Gruen Bilfinger, multinacional alemã, com sede em São Paulo; a firma Barcelos e Cia; Sylvio Ferreira Filho e Cia; E. Kemnitz e Cia, com matriz no Rio de Janeiro.

Na década de 50, as empresas mais expressivas eram a Azevedo Moura & Gertum, a Mello Pedreira, a Aydos e Cia., a Azevedo, Bastian & Castilhos, a Construtora Helmut Petry, o escritório do Engenheiro Civil Paulo Ricardo Levacov, a Empresa de Toigo e Geremia.

A respeito da Empresa Construtora Helmut M. Petry (Fig. 10, 11 e 12), com sede na Rua Dr. Flores, 245, 6º andar, vários anúncios em diferentes fontes¹²⁷ foram encontrados. Era uma empresa que se dispunha a várias atividades: projetos, construções, administrações, incorporações e financiamentos.

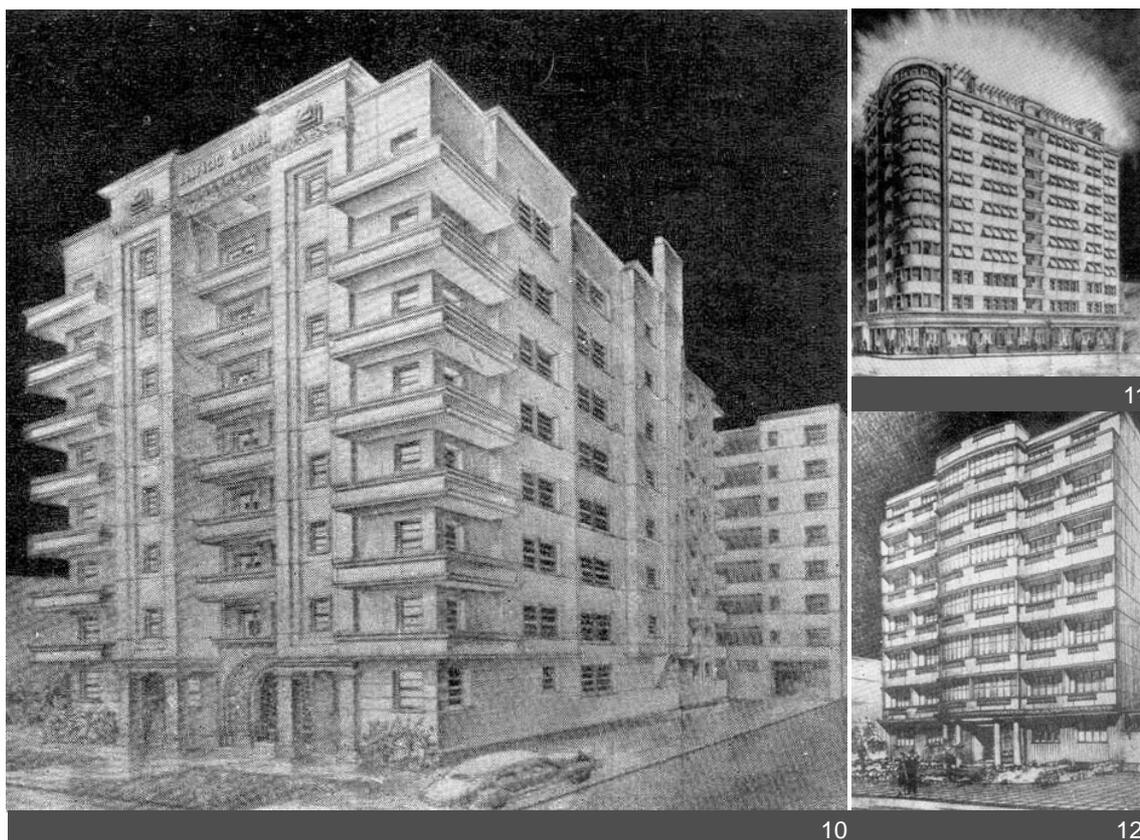


Fig.10 - Edifício Glória, à rua Dr. Barros Cassal. Projeto e construção: Helmut M. Petry. Fonte: SPALDING, 1953, s/p

Fig.11 - Edifício à avenida Independência, esquina com rua Dr. Barros Cassal. Projeto e construção: Helmut M. Petry. Fonte: SPALDING, 1953, s/p

Fig.12 - Edifício à rua Dr. Augusto Pestana. Projeto e construção: Helmut M. Petry. Fonte: SPALDING, 1953, s/p

¹²⁷ Ver anúncios em: Revista Espaço Arquitetura nº 2; Porto Alegre – Monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal. Compilação Walter Spalding. Habitat Editora Ltda. São Paulo, 1953.

Uma parcela expressiva em favor do desenvolvimento das firmas pertence à firma Helmut M. Petry que, a cerca de vinte anos vem cooperando, dentro do seu ramo de atividade, para o crescente progresso desta cidade. (...) Dentre as centenas de edificações levantadas pela organização especializada em referência, figuram residências de vulto destinadas a particulares, como também, casas de apartamentos, obras de caráter técnico, conjuntos residenciais para funcionários públicos, grupos escolares, colônia de férias Setembrina, em Viamão.¹²⁸

O anúncio ainda antecipa que, devido a sua idoneidade e experiência, foi confiada a essa empresa a construção do Edifício Glória, um lançamento que lhe ampliava o sistema de incorporações. Os incorporadores Ruy dos Santos Netto, Mário Santos Netto e Danilo Francisco Tschiedel, não poupavam elogios aos trabalhos, pelo bom andamento da obra:

Pelo que me tem sido dado a verificar na obra, quer quanto ao seu aspecto, quer quanto a sua solidez e apresentação material, assim como pelos informes que me tem sido oferecidos pelos nossos fiscais da construção, Engenheiro Germano Petersen Filho e Christiano de la Paix Gelbert, posso assegurar que o conceito firmado pela Construtora Petry é dos melhores, nada deixando a desejar, levando-me, portanto, a julgá-la digna e capaz da realização de qualquer construção civil, não tendo escrúpulo em recomendá-lo como pessoa apta a concorrer com qualquer firma congênere.¹²⁹

A mesma distinção foi encontrada com respeito à Empresa Azevedo, Bastian e Castilhos & Cia. Engenharia e Arquitetura¹³⁰. Desta vez, por intermédio do arquiteto alagoano Carlos Alberto de Holanda Mendonça, radicado em Porto Alegre. Os profissionais moços e entusiastas que fundaram a empresa contaram por três anos com a presença do referido arquiteto. Teriam produzido um número elevado de obras de importância, “ajudando a impor a nova linha funcional, hoje triunfante na quase totalidade dos grandes edifícios com que se vai enriquecendo a cidade”¹³¹. São de autoria deste arquiteto os edifícios Formac, Santa Terezinha, Excelsior, São Sebastião, Flores da Cunha, entre outros. Estes dois últimos serão analisados no capítulo quatro (Fig. 13).

Também marcam importante presença nos anúncios da época a Construtora Mello Pedreira e Cia Ltda. – Engenheiros Construtores¹³² (Fig. 14); a empresa dos Irmãos Irace Ltda.¹³³ (Fig. 15), que oferecia serviços de Arquitetura,

¹²⁸ Correio do Povo, 25/12/48, p. 20.

¹²⁹ Correio do Povo, 25/12/1948, p. 20.

¹³⁰ A Empresa Azevedo, Bastian, Castilhos & Cia Ltda. tinha sua sede na Av. Farrapos, 314.

¹³¹ Correio do Povo: 29/07/56, p. 26.

¹³² A Construtora Mello Pedreira e Cia Ltda. tinha sua sede no Edifício Brasília, 12º pavimento, apto. 126.

¹³³ A Empresa dos Irmãos Irace Ltda., tinha sua sede na Rua Dr. Flores, 451.

Edifício Fiores de Castro, Av. Independência esq. Cef. Vicente

Edifício FORNAC, Avenida Mauá esq. Tron. F. L. Tucci

Edifício "VISTA ALBERTI" nos Diques de Contorno, esq. Espírito Santo.

AZEVEDO, BASTIAN, CASTILHOS & CIA. LTDA.
 ENGENHARIA & ARQUITETURA
 AV. FARFAROS, 314, FONE 8105, PORTO ALEGRE

Edifício LINCK
 Por Cel. Francisco Linck

Projetos: E. REED,
 S. KRUCHAL, arquitetos

CONSTRUÇÃO: **Mello Pedreira e Cia Ltda**
 engenheiros construtores

Edifício Brasil, 10º andar — apto 105
 200 metros x 200m x 100m x 100m — 6662
 Porto Alegre — no cruzamento do sul
 brasileiro Intergralcom "P" e "O A.E.L.L."

13

14

EDIFÍCIO PROFESSOR ELYSEU PAGLIOLI
 AV. INDEPENDÊNCIA, ESQ. R. GARIBALDI.

IRMÃOS IRACE LTDA.
 ARQUITETURA - URBANISMO - CONSTRUÇÕES
 RUA DR. FLORES, 451; FONE 7273; PÔRTO ALEGRE
 BRASIL

15

Fig.13 -Anúncio da Empresa Azevedo,Bastian, Castilho e Cia Ltda. Fonte: SPALDING,1953, s/p
 Fig.14 -Anúncio da Construtora Mello Pedreira e Cia Ltda. Fonte: SPALDING;1953, s/p
 Fig.15 -Anúncio da Empresa Irmãos Irace Ltda. Fonte: SPALDING;1953, s/p

Urbanismo e Construções; a Sgrillo & Leggerini Ltda.¹³⁴, com serviços de Engenharia e Arquitetura e a Empresa Aydos e Cia Ltda.¹³⁵, também com serviços de Engenharia, Arquitetura e Construções.

Uma referência especial merece a Construtora Azevedo Moura & Gertum¹³⁶, responsável pela execução de reconhecidas obras de Porto Alegre, algumas delas hoje identificadas como patrimônio arquitetônico da cidade¹³⁷. Sua fundação ocorreu em junho de 1924, pelos engenheiros Fernando de Azevedo Moura e Oscar Mostardeiro Gertum.

No decorrer dos seus 69 anos de existência, a AMG empregou dezenas de profissionais brasileiros e estrangeiros: engenheiros, arquitetos, desenhistas e universitários que ajudaram a fazer da construtora uma das que mais produziu em Porto Alegre. Segundo os documentos que fazem parte do acervo AMG, a construtora realizou o impressionante número de 853 obras¹³⁸. Entre seus profissionais, trabalharam, em determinados períodos, Agnello Nilo de Lucca, Egon Weindorfer, Fernando Corona, Guido Trein e João Antônio Monteiro Netto. Outros, como Arnaldo Gladosch, Román Fresnedo Siri, Luís Fernando Corona e Cláudio Araújo tiveram seus projetos executados pela empresa.

Hoje, a construtora é lembrada principalmente pela qualidade, tanto da arquitetura quanto do acabamento de suas obras, bem como pelo uso da tecnologia do concreto armado na cidade, o que vem sendo objeto de estudos de várias e recentes investigações. Seu campo de atividades abrangeu projeto e execução de obras industriais, residenciais, instalações comerciais, bancárias, hospitalares, saneamento básico, reservatórios e distribuição de água, além de prestar assessoramento técnico, emitir pareceres e realizar levantamentos topográficos. Outro dado importante é o dos os nomes dos compradores ou

¹³⁴ A Empresa Sgrillo & Leggerini Ltda. tinha sede na Rua Dr. Flores, 245.

¹³⁵ Empresa Aydos e Cia Ltda., tinha sede na Rua Uruguai, 240.

¹³⁶ **Acervos Azevedo moura Gertum. e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre** / Anna Paula Canez ...[et al.]. Porto Alegre: UniRitter Ed., 2004, p. 73.

¹³⁷ Em 1993 a construtora encerrou suas atividades. Seu período de produção mais significativo, no entanto, compreende as décadas de 1930 a 1960.

¹³⁸ A listagem completa das obras executadas pela Azevedo Moura & Gertum, de 1924 até 1993, encontram-se em **Acervos Azevedo moura Gertum. e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre** / Anna Paula Canez ...[et al.]. Porto Alegre: UniRitter Ed., 2004, p. 95 –124.

participantes dos empreendimentos, que comparecem nos anúncios como chamariz aos negócios¹³⁹.

O que se pode concluir, ainda parcialmente, frente aos dados sobre os atores da construção dos ideais dos arquitetos é que muito ainda se tem a conhecer sobre essas figuras promotoras e executoras da arquitetura moderna em Porto Alegre. Há uma longa caminhada para que a história de todos, ou muitos, dos profissionais responsáveis venha à tona. Mas não se tem dúvida da sua fundamental participação neste processo de desenvolvimento da cidade e, especificamente, na construção da arquitetura dos novos modos de morar das elites porto-alegrenses.

Percebe-se que os dados apresentados nos remetem a uma aparente contradição. De um lado verifica-se a situação econômica do Rio Grande do Sul, em crise, semelhante ao nordeste brasileiro, como argumenta o sociólogo Franklin de Oliveira. Um quadro desanimador, com alta taxa de desemprego, fechamento de fábricas, redução do consumo em geral, greves e falta de habitação. De outro lado, é notável o crescimento imobiliário, especialmente nos anos 50, que, no caso de Porto Alegre, se apresenta como um processo diretamente ligado à modernidade. Esse fenômeno, aparentemente ambíguo, pode ser explicado por vários argumentos, dentre os quais destacam-se os referentes a esta tese.

Em primeiro lugar, cabe situar o *boom* imobiliário apresentado, pois esse crescimento refere-se aos grupos de elites e não aos grupos populares da sociedade. A esse respeito, Mascaró¹⁴⁰ cita que, já nos 40, as propriedades imobiliárias eram um dos meios mais eficazes de ampliação financeira. É certo, entretanto, que o estado passava por uma crise econômica, e as elites também sofreram com essa situação. Porém, uma maneira de contornar a crise e manter os investimentos era a de buscar financiamento. Foi exatamente o que encontramos na maioria dos anúncios dos empreendimentos oferecidos pelas construtoras.

¹³⁹ O exemplo do Edifício Monarca, situado à Av. Independência esquina rua Pinheiro Machado é característico. Apresenta os nomes dos proprietários de apartamentos já vendidos como incentivo aos demais interessados ao adquirir um imóvel. Os nomes citados são: Fernando Correa Oliveira, José Moraes Vellinho, Augusto Pasqualli, Clineu Andrade Silveira, Ismael Costa Torres, José Luiz Correa Pinto, Gomercindo Marins, Francisco Edgar Stumph, entre outros. Esse fato oferece credibilidade para os futuros compradores, garantindo uma vizinhança conhecida e de um mesmo padrão social. (Correio do Povo, 1º/05/54, p. 35).

¹⁴⁰ MASCARÓ, 1982, p. 177.

Em segundo lugar é importante observar a mudança social ocorrida no decorrer deste processo. As elites envolvidas no crescimento imobiliário fazem parte de grupos sociais de profissionais liberais, como médicos, advogados, arquitetos, entre outros, funcionários públicos, ou ainda grupos de fazendeiros e produtores agrícolas do interior do Rio Grande do Sul. Sobre esses últimos, verifica-se que a aquisição de imóveis, especialmente os apartamentos no bairro privilegiado em questão, tinha uma finalidade vinculada à manutenção do *status* destes grupos. Muitos filhos de fazendeiros e produtores vinham estudar na capital, pela falta de boas instituições no interior do estado, mas também pelo *status* conferido à moradia em Porto Alegre. Além do mais, morar em um edifício de apartamentos, como o edifício Esplanada, por exemplo, afirmava um dos modos de ser moderno, na época; e era bem mais econômico do que manter uma casa na capital.

Cabe registrar, ao final deste capítulo, uma breve avaliação da parte da cidade que se tornou uma espécie de casa para as elites. A Avenida Independência e Rua 24 de Outubro registram até hoje uma herança deixada pelos novos modos de morar da década de 50, através da sua arquitetura moderna.

1.2.3 Herança do Movimento Moderno

Há cidades que param, deixam de se transformar pela ausência de diálogo entre espaço e tempo. Deveriam, por isso, não mais ser chamadas de cidades, mas de museus ou cenários de turismo, ou talvez como observa Santos¹⁴¹ de cemitérios. Não é o caso da radial das elites, que se transformou e muito. Talvez seja esta radial um bom exemplo para um início de reflexão a respeito destas transformações e das convivências proporcionadas pelas mudanças.

Quarenta ou cinquenta anos depois de sua construção, os bairros desenvolvidos pelo Movimento Moderno, sob o signo do higienismo e do progressismo, entraram num ciclo de degradação física que levou os poderes públicos a empreender importantes operações de reabilitação ou remodelação desses lugares¹⁴². O que hoje aparece na Avenida Independência, especialmente, é uma colagem, um panorama que expressa os diferentes tempos vividos na história

¹⁴¹ SANTOS, Projeto nº 86, p. 59.

¹⁴² PANERAI, 2004, p. 225.

da via. Convivem diferentes tipologias: casa, sobrado, edifício de 4 pavimentos, edifícios de mais de 10 pavimentos, encostado nos limites, torres soltas no lote, casarões com torres nos fundos.

Os fatores que possibilitaram esse panorama? Muitos e muito complexos. Entretanto dois destes fatores devem ser apontados aqui como uma resposta, mesmo que temporária, aos dados apresentados anteriormente. O primeiro está no âmbito da cidade. As diferentes etapas de planejamento de Porto Alegre certamente têm sua parcela de responsabilidade sobre a constituição desse panorama. O Plano Diretor de 1959 imprimiu diretrizes que, se tivessem sido aplicadas, teriam marcado profundamente a forma urbana. A intenção de criar um novo parcelamento do solo, por exemplo, teria sido desastrosa se tivesse sido colocado em prática. Mas os limites de áreas construídas, alturas e ocupação do solo causaram, sim, cicatrizes que jamais serão apagadas. A intenção era coerente e buscava a solução de um problema que era contemporâneo: o crescimento da população, da modernidade e, por sua vez, a necessidade cada vez maior de aproveitar mais os melhores e mais nobre locais da cidade. Sem entrar na questão da especulação imobiliária, a idéia de cidade funcional seria a solução, se partíssemos do princípio de que partes da cidade seriam completamente demolidas e reconstruídas nos moldes previstos.

Utopia, talvez. O que se verificou foi a implantação, em muitos terrenos da radial das elites, dos índices e previsões do Plano Diretor, justamente porque estas elites tinham condições econômicas de financiar tais alterações. Em muitos, mas não em todos, como era a intenção, quem sabe, dos idealizadores da cidade. E isto é facilmente explicável, inclusive com um argumento já acima referido: cidades que param. Assim, por motivos que não nos cabe analisar neste trabalho, pois fogem ao período escolhido, a cidade não parou, a radial se estendeu ainda mais, as novas elites foram se estabelecendo em diferentes locais, entre os quais, o bairro Boa Vista seria o próximo. E a radial Independência/24 de Outubro ficou com o projeto interrompido.

Retomando a questão sobre “que partes da cidade seriam completamente demolidas”, pode-se dizer que este tipo de pensamento estava em acordo com os ideais urbanos da época, a maioria destes regidos pela Carta de Atenas. Parece que a renovação completa das cidades, ou de partes delas, era cobiçada, mesmo que estas não tivessem passado pelas destruições de uma guerra. Era a vontade de implementar o Movimento Moderno em Porto Alegre, além dos limites centrais.

E o patrimônio arquitetônico? A população em geral e os profissionais em particular não se interessavam por manter sua cultura? Não queriam registrar os espaços que foram palco de acontecimentos marcantes das elites nas décadas de 10 e 20, na Independência, por exemplo?

Mas enfim, o que é patrimônio? Quem cuida deste? O que pensavam os profissionais na época? Tais questões são complexas e de extensa resposta, que se delineia fora dos limites deste estudo. Entretanto, não se podem deixar de assinalar as principais questões que ampliarão os horizontes desta reflexão. Hélio Piñon¹⁴³, ao apresentar suas idéias sobre projeto e patrimônio, salienta o conceito de patrimônio, sobre que, para a avaliação constante dos espaços urbanos, é importante manter clareza.

(...) o patrimônio, em termos gerais, significa o conjunto de bens que alguém recebeu em herança ou transmissão. No nosso caso, patrimônio arquitetônico seria o legado, cuja preservação garantiria a consciência histórica que um conjunto social tem do âmbito espacial de onde se encontra; não é exagerado aventurar que dessa consciência depende a capacidade do homem para ordenar o espaço construído no futuro.¹⁴⁴

O segundo fator a ser analisado está no campo das idéias. Foi apresentada anteriormente a polêmica entre Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff¹⁴⁵ que tratava da estética da arquitetura moderna. Mas será que a construção da cidade, especialmente da radial, teve tempo para assimilar o conteúdo importantíssimo da polêmica? Ou será que foi atropelado pelo “boom” imobiliário, que buscava a todo custo oferecer habitação, para as elites, no lugar desta na cidade, isto é, na Independência/24 de Outubro?

De acordo com Santos¹⁴⁶, “nas cidades o espaço fala.” Os lugares, por serem como são, dizem uma porção de coisas para bastante gente. Falam de uma organização econômica que, por sua vez, se refere a uma estrutura social, que se realiza através de modos de vida característicos, configurando, assim, sua cultura. E, participar de uma cultura é estar em casa, dentro dela, dominando uma certa quantidade de códigos classificatórios.

¹⁴³ PIÑON, Hélio. “**Recuperação, salvaguarda e valorização do patrimônio arquitetônico**”. In: Congresso sobre Patrimônio Arquitetônico. Porto: Portugal, mar. 1999.

¹⁴⁴ PIÑON, 1999, s/p.

¹⁴⁵ A polêmica entre Edgar Graeff e Demétrio Ribeiro foi apresentada nas páginas 68-37, desse capítulo..

¹⁴⁶ SANTOS, Projeto nº 86, p. 60.

CAPÍTULO 2

TEMPO E ESPAÇO NA RADIAL INDEPENDÊNCIA / 24 DE OUTUBRO: A HISTÓRIA DE DOIS BAIROS ATRAVÉS DE SUAS PRINCIPAIS VIAS

Visto o contexto amplo em que a cidade surgiu e se desenvolveu, e sua relação com o problema da habitação, passamos a analisar a história da radial Independência/24 de Outubro através dos respectivos bairros, Independência e Moinhos de Vento. A qualidade da infra-estrutura, do lazer, dos serviços, enfim, dos modos de vida das pessoas que usufruíam desses bairros, é elogiável desde o século XIX. Especialmente em torno da década de 50 do século XX, a radial acentua feições modernas no que diz respeito às suas sociabilidades, seus serviços, seu lazer, comércio e, principalmente, na verticalização das suas edificações. O presente capítulo visa apresentar a história dos bairros através da sua principal artéria, enfocando suas convivências ao longo do tempo: convivências de usos, público e privado; convivências de grupos sociais, elites e populares; convivências de etnias, portuguesas, alemãs e descendentes; convivências de tempos, antigo e moderno.

Na evolução urbana, as primeiras áreas caracterizadas e delimitadas são as correspondentes às paróquias que, atendendo inicialmente à distribuição do serviço de registros de nascimentos, casamentos e óbitos, serviram, também, como divisão territorial para os trabalhos administrativos da Câmara de Vereadores, no Império, inclusive repartição de distritos eleitorais. Mais tarde, nova divisão territorial foi admitida para os distritos policiais.

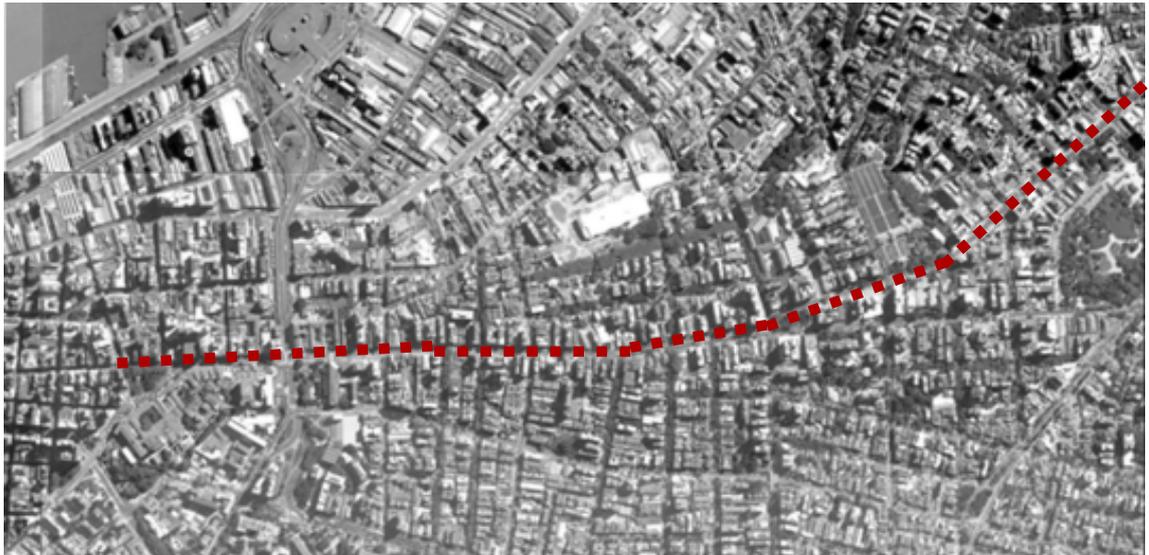
Até o final do século XIX, o conceito de bairro permanecia com a antiga conotação sentimental, algumas vezes ligado à paróquia, quando a igreja se constituía como principal centro de interesse, capaz de estabelecer o sentido de vizinhança; outras vezes, ligado à produção, como é o caso da Azenha (moinho d'água) ou a logradouros de especial importância, como Bom Fim (campos do) e Partenon (templo da razão, pretendido pela Sociedade Partenon Literário).

Fato é que, em meados do século XIX, já se esboçavam pequenos núcleos populacionais próximos à cidade, os chamados arraiais, que futuramente seriam incorporados à malha urbana e que hoje formam bairros de Porto Alegre. Eram eles: o arraial do Menino Deus, junto à Praça do Menino Deus; o arraial dos Navegantes, junto à atual Igreja Nossa Senhora dos Navegantes; o arraial de São Manoel, em torno da atual Praça Maurício Cardoso; o arraial de São Miguel, no Bairro Santana. Todos eles tinham uma característica semelhante, que era o agrupamento de casas nas proximidades de uma capela¹.

A artéria de cota topográfica mais alta de Porto Alegre sempre manteve uma atividade ao longo de sua história: a habitação. A Avenida Independência/24 de Outubro, desde a sua abertura, possuía como característica principal a presença de moradias, especialmente para a elite, desde o início do século XX. A Avenida Independência afirmou-se como um dos locais prediletos da moradia burguesa. Os palacetes construídos entre 1900 e 1930 expressam um momento histórico de prosperidade do comércio e da indústria porto-alegrense. Casas de saúde, hospitais, escolas, comércio, teatros, cinemas, enfim, todo o tipo de prestação de serviços era oferecido na radial em estudo, mesmo que em diferentes momentos. Mas as habitações para as elites permaneceram. É sobre essas habitações, que a partir da década de 40 mudaram a feição da radial, que serão investigadas as relações com seu entorno imediato.

¹ SOUZA, 1997, p. 63 – 67.

A respeito de sua morfologia, dois aspectos são importantes: sua origem e a configuração dos espaços abertos. O início da Avenida Independência se dá na Praça Dom Feliciano, um espaço aberto de características marcantes desde a fundação da cidade. Porém, cabe analisar se essa avenida seria uma continuação da Rua Duque de Caxias ou da Rua dos Andradas (Fig. 16 e 17).



16



17

Fig.16 -Foto satélite de Porto Alegre, identificando a Avenida Independência e a Rua 24 de Outubro.

Fonte: Fotos Aéreas de Porto Alegre.

Fig.17 - Vista Aérea de Porto Alegre na década de 50.

Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

A Rua dos Andradas, a mais antiga das ruas de Porto Alegre, aquela que defrontava o “porto de Viamão”, foi onde se estabeleceu a primeira capela da povoação. Rua da Graça, rua da Praia, rua dos Andradas: sua história é repleta de acontecimentos desde 1781 e palco das cenas urbanas mais vividas e contadas da cidade. Era lugar de moradia, de serviços, de lazer, de circulação, de se ver e de ser visto; lugar de badalação, de compras, de circulação pedonal e de veículos. Trata-se de uma rua com uma vocação de vida urbana, de trocas, de convivências, de sociabilidades características do centro de uma cidade. Apresenta feições antigas, que foram permanecendo ao longo do tempo, e feições modernas, que foram se incorporando ao organismo sempre em movimento desse espaço.

A Rua Duque de Caxias, que fez conjunto com a dos Andradas e a Riachuelo como os principais eixos de ocupação da cidade, possui um status diferente. Antiga e tradicional da zona central, tortuosa por se desenvolver no topo da colina onde a cidade nasceu, teve uma ocupação de atividades privilegiadas: rua Formosa, rua da Igreja, rua do Hospital, rua Duque de Caxias. À rua pertenciam três espaços abertos que desde o século XIX foram ajardinados para o seu embelezamento: a praça da Matriz, a praça Conde de Porto Alegre e a praça General Osório. Uma das praças mais importantes de Porto Alegre, rodeada dos diferentes poderes urbanos, a Praça da Matriz tem sido o ponto alto desta rua. Poder, religião, política, cultura, economia são os setores que envolvem a praça, através da Igreja da Matriz, do Palácio do Governo, do Palácio da Justiça, do Teatro São Pedro e da moradia das figuras ilustres de Porto Alegre, como o Visconde de São Leopoldo. Desde o início, a rua ostentou alto padrão de vida e com grande número de moradores.

Lá no alto da colina, na Rua Duque de Caxias, antiga Rua da Igreja, morava a burguesia apatacoada dos tempos coloniais; lá estão ainda algumas de nossas mansões mais tradicionais, com seus portões pesados e imponentes, seus azulejos, seus jardins com estátuas, seus móveis vetustos e seus fantasmas. Naquela rua fica o Palácio do Governo, a Casa da Assembléia dos representantes, a Catedral (...).²

A Avenida Independência herdou da Rua dos Andradas a característica de ser um lugar de moradia, de serviços, de lazer, de circulação, de se ver e de ser visto, lugar de badalação, de compras, de circulação pedonal e de veículos. Assim como a Andradas, a Independência configurou-se como uma rua de vocação de

² REVISTA DO GLOBO, nº 896, 1965, p. 6.

vida urbana, de trocas, de convivências e de sociabilidades. Herdou, também, da Rua Duque de Caxias o *status* do alto padrão de vida de seus moradores, a cultura através de teatros e cinemas, e uma estruturação urbana ancorada em espaços abertos em que as praças que ao longo do eixo são excepcionalidades ritmadas pelo fôlego de que a radial necessita para o seu crescimento. Muitas cidades possuem o tecido urbano ordenado segundo uma sucessão de praças, como Roma e Montpellier, por exemplo³. A radial em estudo parece se desenvolver da mesma forma.

São esses espaços abertos, praças, segmentos de ruas e algumas esquinas que irão nos contar a história da radial. Analisando os elementos do espaço aberto, como vegetações, equipamentos, pavimentações, usos, limites e as cenas urbanas, que revelam os modos de viver dos bairros, veremos a sua história até a década de 50.

2.1 Independência: um bairro, uma rua.

O bairro Independência possui como eixo principal a Avenida de mesmo nome. Desta forma, a sua história se sobrepõe à da avenida. Enquanto bairro, seus limites foram definidos no final da década de cinquenta, como a zona em torno deste eixo⁴. Porém, o seu surgimento é contemporâneo a dos bairros Menino Deus (1847) (Fig. 18), Floresta (1841) (Fig. 19 e 20), Azenha (1844), e posterior a dos bairros Cidade Baixa (fim do século XVIII) e Navegantes (1806). Os bairros Santana e Partenon (1873), Glória e Medianeira (1884), Teresópolis (1876) e São João (1874) surgiram cerca de três décadas depois⁵.

O caminho surgiu espontaneamente, sendo este uma das saídas da vila de Porto Alegre para a Aldeia dos Anjos de Gravataí. As referências à estrada dos Moinhos de Vento, como era denominada a Avenida Independência, datam de 1829. De acordo com Franco⁶, partindo do Alto da Misericórdia, dava acesso aos moinhos de vento de Antonio Martins Barbosa, ou Barbosa Mineiro.

³ PANERAI, 2002, p. 124.

⁴ Conforme a Lei Municipal nº 2022, de 7/12/1959.

⁵ As datas apresentadas como surgimento dos bairros na verdade indicam o período em torno do qual as primeiras ruas destes foram oficialmente reconhecidas. (FRANCO, Sergio da Costa. In: FLORES, 1987, p. 28 – 34).

⁶ FRANCO, 1992, p. 218.



18



19



20

Fig.18 - Rua 17 de junho, antiga "Rua dos Coqueiros", no arrabalde do Menino Deus.Fonte:Costa:1922,p235

Fig.19 - Trecho da Rua Cristovão Colombo, com vista para a "Cervejaria Becker". Fonte:Costa:1922,p225

Fig.20 - Rua Cristovão Colombo, antiga Floresta.Trecho da "Cervejaria Bopp" o mais importante estabelecimento gênero no Rio Grande do Sul.Fonte:Costa:1922,p183

Antes mesmo da Revolução Farroupilha já havia a intenção de urbanizar a estrada dos moinhos de vento⁷, mas a deflagração do movimento impediu que a cidade se expandisse, pois se viu fechada por trincheiras defensivas. A partir de 1843, o alinhamento começou a ser definido. Foi, porém, foi com uma grande despesa que a Avenida Independência surgiu.

É que a chácara dos descendentes do brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, 'a chácara da Brigadeira', continuava existindo, e, para a regularização da rua, foi necessário acertar entre 1845 e 1846 o pagamento de uma indenização, à base de seis mil-réis o palmo de frente desde a Rua Senhor dos Passos com a Rua da Praia, até a esquina da Rua da Conceição, então chamada 'da Brigadeira'.⁸

⁷ Em 14/08/1833 Teodora Inácia da Conceição requereu à Câmara Municipal a demarcação de um terreno de 55 palmos de frente à rua dos moinhos de vento. (FRANCO, 1992, p. 218).

⁸ FRANCO, 1992, p. 219.

Quanto à infra-estrutura, temos a água encanada chegando à Avenida Independência em 1869, com 18 assinantes de penas domiciliares, provenientes dos serviços da Cia. Hidráulica Porto-Alegrense. Depois disso, em torno de 1884, a urbanização se manteve precária durante um bom tempo. Somente em 1888, foi realizado orçamento para calçamento da avenida até a rua Barros Cassal. Os paralelepípedos só foram utilizados no calçamento a partir de 1925, quando Otávio Rocha indicou a substituição das pedras irregulares para paralelepípedos até o Prado. A implantação da linha de bondes da Cia. Carris Urbanos coincidiu com o ano de inauguração do Prado Independência, em 1894⁹ (Fig.21, 22 e 23).



Fig.21 - Colocação de trilhos de bonde na Av. 24 de Outubro, 1907.(fotógrafo: Virgílio Calegari)

Fonte: Porto Alegre uma história em três tempos:1998, p.29

Fig.22 -Trecho da Avenida Independência, na década de 20, com harmônico conjunto de casarões.

Fonte: Costa:1922, p.187

Fig.23 - Avenida da Independência, na década de 20. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

⁹ FRANCO, 1992, p. 220.

Lúcia Géa¹⁰ apresenta a ocupação residencial da Avenida Independência no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Demonstra que eram diversos estabelecimentos de serviços, comércio, lazer e ensino que complementavam a ocupação da rua, e o fornecimento de infra-estrutura urbana, como água canalizada, energia elétrica, rede de esgotos, telefones e transportes coletivos, dava as condições necessárias para a instalação das moradias (Fig.24 e 25).



Fig.24 e 25 - Avenida Independência, na década de 20.
Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

2.1.1 Um Hospital, uma Praça:

Alegria, Caridade e Modernidade - Praça Dom Feliciano

As duas praças da radial mais próximas ao centro de Porto Alegre seguem a origem tradicional do surgimento das praças no Brasil. Talvez por se tratarem de espaços urbanos públicos na sua essência.

As praças são logradouros públicos por excelência e devem sua existência sobretudo aos adros de nossas igrejas. Se, tradicionalmente essa dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida com jardim. A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana esses estabelecimentos de prestígio social, realçava-lhes os edifícios, acolhia os seus freqüentadores¹¹ (Fig.26, 27 e 28).

¹⁰ GEA, 1995, p. 45.

¹¹ MARX, 1980, p. 49,50.

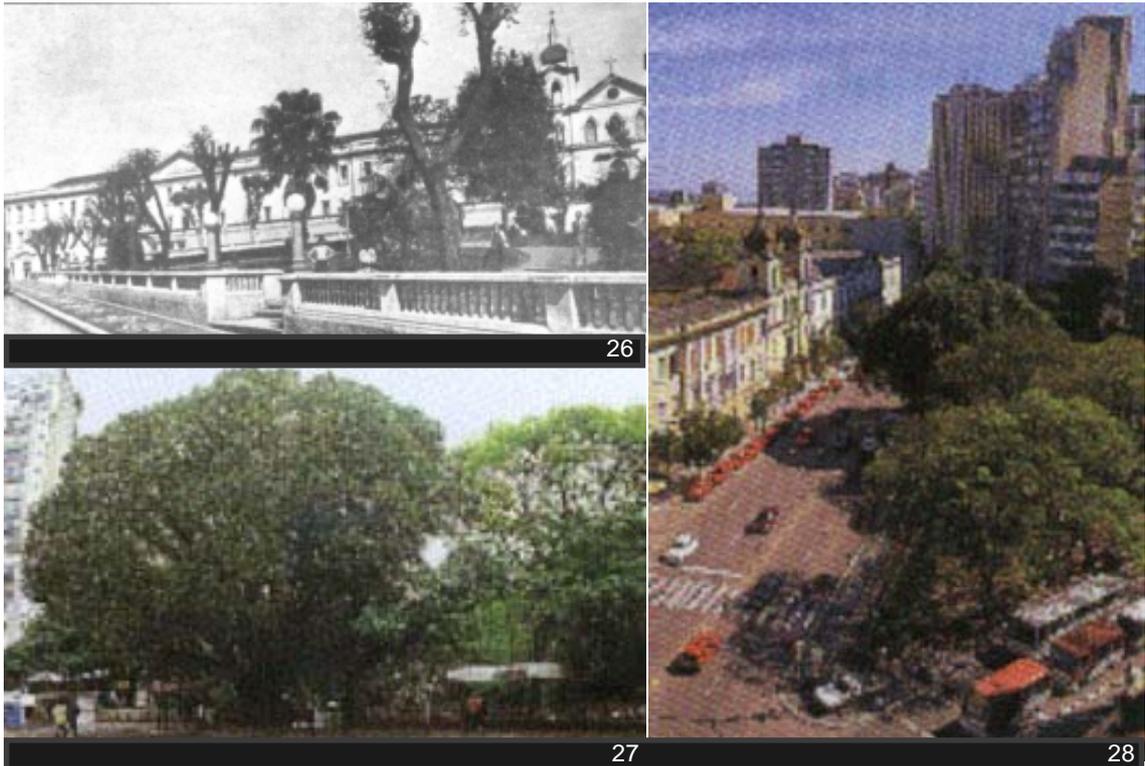


Fig.26 - Praça Dom Feliciano, década de 50.

Fonte: Hospital Santa Casa de Porto Alegre, Arquivo: Domingos de Almeida Costa.

Fig.27 - Praça Dom Feliciano. Fonte: Atlas Ambiental de Porto Alegre.

Fig.28 - Praça Dom Feliciano e Hospital Santa Casa, no fim do século XX. Fonte:Atlas Ambiental de Porto Alegre.

Uma igreja, uma praça; regra geral nas nossas povoações antigas. Os templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas. Congregavam os fiéis e os seus adros reuniam em torno de si as casas, as vendas, quando não, o paço da câmara. Largos, pátios, terreiros e rocios, ostentando o nome do santo que consagrava a igreja, garantiam uma área mais generosa a sua frente e um espaço mais condizente com o seu frontispício. Serviam ao acesso mais fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, à representação dos autos-de-fé. E, pelo seu destaque e proporção, atendiam também às atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar¹².

Seguindo a tradição brasileira, a praça Dom Feliciano (Fig. 29) teve seu surgimento ligado à Santa Casa de Misericórdia, embora outros planos tenham sido pensados para sua ocupação. Mas sempre esteve relacionada com a função de hall de entrada ou recepção para o edifício mais importante daquele logradouro público. É o vazio urbano, com uma de suas fachadas que dá ênfase ao espaço coletivo de significação fundamental para a cidade. Trata-se de um espaço urbano

¹² MARX, 1980, p. 50.

único, que desde o seu surgimento ofereceu à população o serviço essencial da saúde, relacionado com a instituição secular religiosa portuguesa.

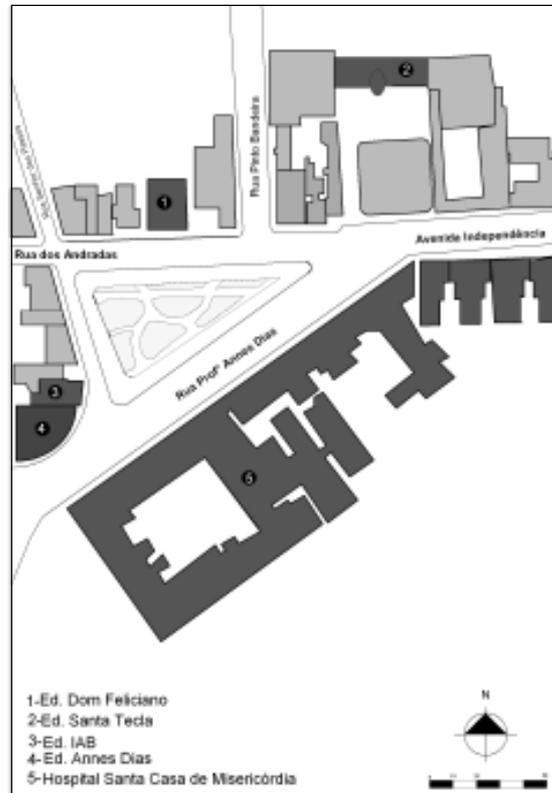


Fig. 29 – Planta de Situação da Praça Dom Feliciano.
 Fonte: Maquete Eletrônica do acadêmico Lucas Volpatto, baseada em plantas aerofotogramétrica da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e levantamento no local, 2005.

Localizada na zona central de Porto Alegre, defronte ao prédio secular da Santa Casa de Misericórdia, a praça Dom Feliciano foi conhecida sucessivamente como Praça da Alegria, Alto da Caridade, Alto da Misericórdia e Praça da Misericórdia. Somente em 1873 foi denominada como Praça Dom Feliciano em homenagem ao primeiro bispo do Rio Grande do Sul, Dom Feliciano José Rodrigues Prates, falecido em 1858¹³.

Assim, a história da praça se sobrepõe à história da Santa Casa. A antiga Praça da Caridade surgiu de uma parte do terreno doado à Santa Casa de Misericórdia pelo Desembargador Luís Corrêa Teixeira de Bragança e sua esposa.

Em 1809, a Praça da Alegria fora destinada para logradouro público da Vila¹⁴ com o objetivo de arrumação das carretas que entravam na Vila com gêneros

¹³ FRANCO, 1992, p. 168,169.

¹⁴ Essa destinação foi dirigida por ofício pela Câmara ao Governador Dom Diego de Souza. (FRANCO, 1992, p. 168.)

comestíveis, que foram transferidas para a Praça do Paraíso (atual Praça 15 de Novembro), onde permaneceram por várias décadas. A Praça da Alegria só atingiu maior expressão depois que ali foi construída a Santa Casa de Misericórdia.

Até 1810 essa praça e a da Matriz foram pontos escolhidos para retirada de barro e saibro dentro da vila. Mas ela serviu como referência, em 1840, para alinhamento da Avenida Independência, prolongamento da Rua da Praia, no sentido da Estrada dos Moinhos de Vento. Entre os argumentos para essa definição, estava “a conveniência de ficar à frente da Santa Casa, uma espaçosa praça que muito concorrerá para maior elegância da perspectiva deste edifício”¹⁵.

Mas a construção da Santa Casa não foi realizada fluentemente. Neste sentido, a construção da capela Senhor dos Passos (Fig.30) teve prioridade com relação à obra da própria Santa Casa. A Mesa dos Irmãos da Misericórdia, no início de 1814, pediu que “fosse instalada uma capela onde se conserve o Santíssimo Sacramento para da mesma se administrar aos enfermos, dirigido tudo pelos Irmãos da Mesa.”¹⁶



Fig.30-Santa Casa, na época da sua inauguração. Fonte: SCHERER:1984, p.8

Mas não somente a construção da igreja foi solicitada, como também a eleição da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia:

Elucidativo ofício dirigido pelo Capitão-mor José Francisco da Silveira Casado, como Tesoureiro, e João Coelho Neves como Procurador das obras do Hospital, ao então Governador da Capitania Diogo de Souza, em 24 de janeiro de 1814, expõe-se a necessidade de complementar-se a administração da Santa Casa pela eleição da respectiva Mesa Administrativa, segundo a regra da Irmandade de Lisboa, em condições de gerir eficazmente a construção do Hospital e de edificar a respectiva igreja ou capela, para onde se transladaria a imagem do Senhor dos Passos, até então conservada na Matriz, a cargo da respectiva Irmandade do Santíssimo Sacramento.¹⁷

¹⁵ FRANCO, 1992, p. 168.

¹⁶ SPALDING, 1984, p. 17.

¹⁷ FRANCO, 2003, p.22.

O pedido foi encaminhado ao provedor de capelas e resíduos e, em setembro do mesmo ano, o juiz deferiu a petição, concordando que “é necessário eleger-se uma maior corporação que administre e zele não só a boa arrecadação das esmolas, mas o prosseguimento da obra.”¹⁸

Este fato aponta para as dificuldades que as obras da Santa Casa enfrentaram e para as alternativas que a população buscava. Assim, no final de 1821, o empenho na construção da capela Senhor dos Passos era maior que na do próprio Hospital. Em 1822 já se cogitava a contratação de capelão para manter o culto divino na capela¹⁹ (Fig.31).

Também eram bastante freqüentes as sessões de benefício e caridade, sendo a Santa Casa de Misericórdia uma das instituições mais favorecidas. Um exemplo foram as sessões realizadas pelo Cinematógrafo Barrucci (1909), cuja renda foi entregue ao provedor da Santa Casa. Essas sessões eram chamadas de festivais, beneficiando sociedades carnavalescas, clubes esportivos e militares, igrejas, construção de prédios, etc²⁰ (Fig.32 e 33).



Fig.31- Santa Casa, sustentado pela Irmandade da Misericórdia, em 1900.

Fonte:SPALDING:1953, p/p.

Fig.32 e Fig.33 -Escadaria do Hospital Santa Casa na década de 30.

Fonte:Hospital Santa Casa de Porto Alegre, Arquivo: Domingos de Almeida Costa.

¹⁸ SPALDING, 1984, p. 17.

¹⁹ O capelão deveria celebrar missas na 6ª-feira e no sábado, aos domingos e dias santos, além de acompanhar a Irmandade nas ruas e dar assistência aos condenados à morte. Sabe-se que a freqüência que mudaram os capelães foi grande, e isso ocorreu pela baixa remuneração que lhes era oferecida. (FRANCO, 2003, p. 24).

²⁰ STEYER, 2001, p. 136.

Além da saúde, junto à praça também era oferecido um outro serviço à população, especialmente para a elite: o lazer do cine-teatro Apolo.

O Teatro Apolo era um dos mais populares da cidade. O jornal do Comércio chegou a publicar, em 1909, o seguinte comentário:

Atualmente o cinematógrafo é o divertimento mais procurado pelo povo de nossa cidade e tudo parece indicar que essa preferência não o deixará por longo tempo. Onde quer que apareça não lhe falta público numeroso, que se acotovela e soa a entrada dos salões. Na realidade o cinematógrafo é para a vida intensa das populações laboriosas a distração mais própria. É essencialmente democrata e não exige apuros de *toilette*, o operário, sem mesmo mudar a blusa de trabalho, pode vê-lo e admirá-lo. Instrui e deleita, sem nos roubar sequer o tempo que se consagra ao repouso. É numa palavra, cômodo e barato²¹.

Além das salas mais populares do Centro, como por exemplo, o Recreio Ideal, o Palácio e o Apollo (décadas de 10 e 20), havia os cinemas de bairros, com ingressos mais baratos²². Franco²³ lembra que foi aberta ao público em 2 de abril de 1914 a grande sala de Teatro Apolo, com mais de dois mil lugares no início da Avenida Independência.

A grande atração da rua foi sem dúvida o Teatro Apolo. O cinema vinha conquistando a preferência do público e incentivando o surgimento dos cine-teatros como o eram, na verdade, não só o Apolo, como o Guarani, o Orfeu e outros. Uma das razões de seu sucesso pode ter sido, além da novidade, o preço dos ingressos mais “populares”, como anunciavam os jornais. Franco²⁴ relata que os freqüentadores que chegavam pelo bonde da Floresta movimentavam a Independência nos dias de espetáculo.

Localizado onde hoje está o edifício Santa Tecla o Apolo, teve seu projeto encaminhado à Intendência em 1908 (Fig. 34). Alguns anos depois, em 1913, foi proposta a reforma e construção de nova cobertura, abrigando uma área de 1940 cadeiras (autoria de João Baade). Outra reforma foi efetivada em 1922, pela firma Weise, Menning e Cia., com a finalidade de reformular os espaços internos, ampliando os camarins e a casa de máquinas²⁵ (Fig. 35).

²¹ STEYER, 2001, p. 136.

²² STEYER, 2001, p. 136.

²³ FRANCO, 1992, p. 116.

²⁴ GÉA, 1995, p. 62

²⁵ GÉA, 1995, p. 62, 63.

Costa resgata os elogios ao Apolo:

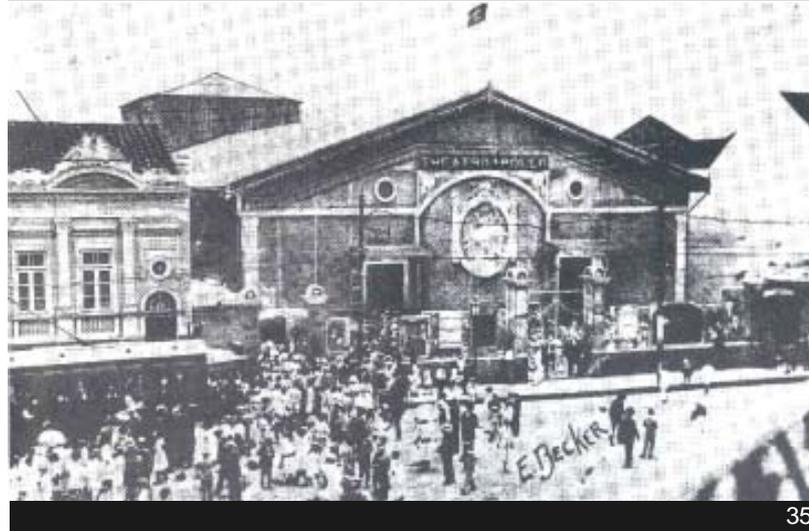
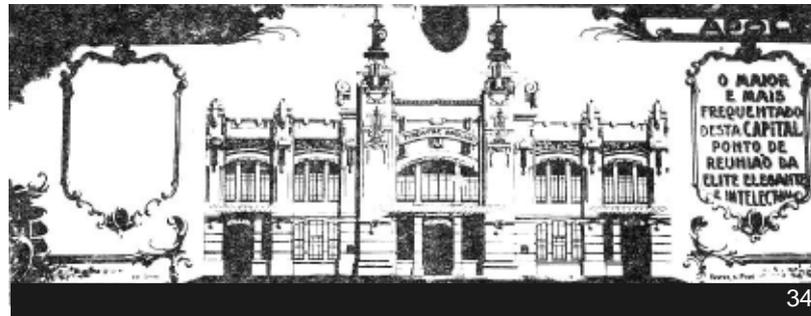


Fig.34 - Projeto para o Cine-Teatro Apolo, não construído. Fonte: ANDRIOTTI, Décio. In: Flores, 1987, p.107.

Fig.35- Cine-Teatro Apolo, na Avenida Independência, junto à Praça Dom Feliciano
Fonte: ANDRIOTTI, Décio, In: Flores, 1987 p. 107.

(...) É um edifício vasto e confortável, instalado com capricho, dispendo de todos os compartimentos e material necessários ao fim que é utilizado e possuindo lotação para vários milhares de pessoas. A sua grande lotação permite-lhe dar funções por preços inferiores aos das casas congêneres do centro, o que, como é natural, muito concorre para a enorme freqüência que registra, freqüência esta de muitos milhares de pessoas mensalmente. O gênero de teatro ali com mais freqüência explorado é o do cinema, exibindo-se belíssimas películas, nacionais e estrangeiras, sempre com boa concorrência. É um dos melhores teatros da capital do Estado (...).²⁶

Em anúncios do jornal A Federação, constam, como publicidade, os preços populares do Teatro Apolo, além da menção às oportunidades de ouvir uma banda de música que se apresentará em frente a este. Era referido no jornal como “querido Apolo” e “de extraordinário e colossal sucesso”²⁷.

²⁶ COSTA, 1922, p. 255.

²⁷ STEYER, 2001, p. 117.

Durante muito tempo, pode-se dizer até a década de quarenta do século XX, a praça foi ocupada, além da Santa Casa (Fig. 36 e 37), por casarios, de dois pavimentos em média, conforme se vê nas imagens.

No lugar de um edifício que reunia mais de duas mil pessoas por sessão, foi construída em 1953 uma obra que, embora tivesse cunho privado, expressava a mesma intenção de atualidade e de modernidade a que o cine-teatro Apolo se propunha: o edifício Santa Tecla, importante tanto pela sua implantação urbana, como pelas características modernas de suas habitações, que trouxeram um ar de modernidade ao âmbito privado da Praça Dom Feliciano.

O ar de modernidade a que nos referimos é visto num anúncio do Jornal Correio do Povo. O anúncio valoriza a presença da Empresa carioca Pagani Pinheiro S. A. responsável pelo fornecimento das esquadrias de alumínio para o edifício de 23 andares. Essas iriam substituir as antigas em madeira.

A Empresa Metalúrgica "PAGANI PINHEIRO" S. A do Rio de Janeiro orgulha-se de anunciar ao povo gaúcho que fará a apresentação de seus reputados produtos no Rio Grande do Sul através do fornecimento de toda a esquadria de alumínio que guarnecerá o majestoso EDIFÍCIO SANTA TECLA mandado construir pela Companhia de seguros de Vida "Providência do Sul" à Praça Dom Feliciano, em Porto Alegre. A oportunidade é muito feliz, por se tratar de um prédio alteroso, de magníficas linhas arquitetônicas e cujos apartamentos, em número de 45, dadas a suas invulgares características de beleza e conforto, serão certamente adquiridos por pessoas de recursos e fino gosto, habilitadas, por isso mesmo, a apreciar devidamente e a recomendar a qualidade dos artigos de nossa fabricação.²⁸



Fig.36 - Edifício Santa Tecla, entrada pela avenida Independência. Fonte: Acervo da autora
Fig.37 - Edifício Santa Tecla, vista da fachada da avenida Independência.
Fonte: Acervo da autora

²⁸ CORREIO DO POVO, 22/04/58, p. 13.

Voltando às fachadas da praça, pode-se apontar um edifício de habitação coletiva bastante significativo: o Edifício Dom Feliciano (Fig. 38, 39 e 40). Talvez um dos primeiros a expressar a verticalidade neste espaço essencialmente de caráter público. Sua imponência decorre dos 13 pavimentos, resguardados pelo recuo de frente, mas mantendo uma certa continuidade à praça no que diz respeito ao vazio. Parece que o lugar de encontro da população em geral, em frente à Santa Casa, agora é estendido a um público mais privado, os moradores do edifício residencial.



Fig.38 - Edifício Parque Dom Feliciano, vista da praça. Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum.

Fig.39 - Edifício Parque Dom Feliciano, detalhe da fachada para a praça. Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum.

Fig.40 - Edifício Parque Dom Feliciano, vista da praça. Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum.

O espaço da praça certamente servia como mirante para o público visualizar esse “arranha-céu” de uso privativo. Sua fachada mantinha, de certa forma, o ritmo da fachada do edifício da Santa Casa - apresenta uma simplicidade e ao mesmo tempo um ar de modernidade que surgia não só pela altura desenvolvida, como também pelos terraços que permitiam que seus usuários apreciassem a vista para a cidade. Mas talvez a maior mudança tenha sido a presença das garagens no nível térreo e sub-solo, integrando à praça que tinha uso pedonal e de transporte público, os automóveis de uso particular, que, produzindo um movimento de entrada e saída, alteraram a identidade da praça.

A obra é da Empresa Azevedo Moura e Gertum, de 1946. A planta tipo se define praticamente em dois blocos, orientando dois apartamentos para a praça. Os apartamentos, quatro por andar, possuem terraço, três dormitórios, área de serviço completa e acesso de serviço separado do social, incluindo um hall de serviço. Sem dúvida é edifício com grandes proporções, especialmente no que se refere ao conforto e dimensão dos cômodos privativos.

Na década de 50 dois edifícios marcam a praça pelo seu caráter público e ideológico, ou de classe: os edifícios Annes Dias e IAB. O edifício Annes Dias é de autoria do arquiteto Armando d’Ans, contratado pelo Banco Lar Brasileiro para realizar projetos de vários fins, construídos na década de 50²⁹. Devido a sua proximidade com a Santa Casa, o Annes Dias foi originalmente projetado para abrigar consultórios médicos (Fig. 41, 42, 43 e 44).



Fig.41 - Edifício Annes Dias, vista da Fachada principal. Fonte: Acervo do Arquiteto Maturino da Luz.

Fig.42 - Edifício Annes Dias, acesso principal. Fonte: Acervo do Arquiteto Maturino da Luz.

Fig.43 - Edifício IAB, acesso principal. Fonte: Acervo do Arquiteto Maturino da Luz.

Fig.44 - Edifício IAB, visto em conjunto com o Edifício Annes Dias. Fonte: Acervo do Arquiteto Maturino da Luz.

Esta finalidade é confirmada pelos anúncios do Jornal Correio do Povo de 1957 e 1958 que demonstram essa intenção de agrupar profissionais liberais, especificamente a classe médica. Em edição de 11 de dezembro de 1957, encontra-se a chamada: “O local ideal para V. Sa instalar o seu consultório ou escritório. (...) No centro de Porto Alegre – junto às zonas hospitalar e universitária”; e em edição de 17 de janeiro de 1958, o anúncio diz: “Por todos os méritos... digno do seu consultório ou escritório”. Além das chamadas dos anúncios as imagens apresentadas enfocavam o desenho da perspectiva do edifício a ser construído em primeiro plano e, como fundo, o contexto em que seria inserido, em frente à Santa Casa, com o público já consagrado da Praça Dom Feliciano. Essas imagens sugeriam sucesso no empreendimento.

O pioneirismo e os “requisitos ultra-modernos” estão presentes nesse projeto. A inovação é apresentada pela fachada curva, inteiramente recoberta por superfície

²⁹ XAVIER, 1987, p. 131.

envidraçada fixa a caixilhos de alumínio, constitui técnica pioneira na cidade³⁰. Essa estética da fachada é resultado do partido arquitetônico assumido pelo arquiteto. Como o terreno tinha forma triangular, as circulações verticais foram localizadas no vértice interno do triângulo, possibilitando, através da forma radial, a distribuição dos seis conjuntos dedicados aos consultórios ou escritórios, cada um com sanitário e *kitinete*. A linguagem volumétrica não deixa de caracterizar a herança historicista, quando se identifica claramente a composição tripartite da base, corpo e coroamento do edifício.

Os “requisitos ultra-modernos” – conforme o anúncio no jornal Correio do Povo de 17 de janeiro de 1958 - ficam por conta das novidades técnicas e de materiais.

Todos os conjuntos de frente, 3 elevadores de grande velocidade (150 m/ minuto), previsão para instalação de Raio X em quase todos os conjuntos, incineradores de lixo, fachada com pastilhas em porcelana em cores, entrada e hall revestidos em mármore e granito, (...) e outros detalhes de conforto que caracterizam os empreendimentos Lar Brasileiro.³¹

O uso público da praça reforçava sua identidade com esse empreendimento e mostrava sua vocação e integração com o edifício local mais importante.

Em 1960, o projeto do edifício IAB/RS foi resultado da iniciativa de alguns arquitetos, que adquiriram o terreno e organizaram a incorporação. O projeto selecionado, através de concurso interno, de autoria do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet,

(...) organiza seis conjuntos em cada um dos nove pavimentos-tipo, em que a escada, com os espelhos vazados, e as circulações de acesso criam um amplo espaço central, para o qual se voltam as portas de elevadores e escritórios. No térreo organizam-se loja e bar-restaurant e no primeiro pavimento, as dependências do IAB.³²

A fachada principal, também curva, possui uma única esquadria de painéis de ferro esmaltado e de vidro. A marquise de acesso ao prédio serve também como terraço da sala de estar e secretaria do IAB, propiciando, pelo nível em que se situa, uma boa integração com a praça Dom Feliciano.

³⁰ XAVIER, 1987, p. 131.

³¹ CORREIO DO POVO, 17/01/58, p. 5.

³² XAVIER, 1987, p. 161.

2.1.2 Uma igreja, um hospital, uma praça - Praça Dom Sebastião

Muito próximo à Praça Dom Feliciano, encontra-se outro espaço sagrado e público ao mesmo tempo: a Praça Dom Sebastião. Com o mesmo significado de espaço sagrado da praça anteriormente estudada, a Dom Sebastião tem a característica principal de sua fundação relacionada à Igreja Nossa Senhora da Conceição (Fig. 45).

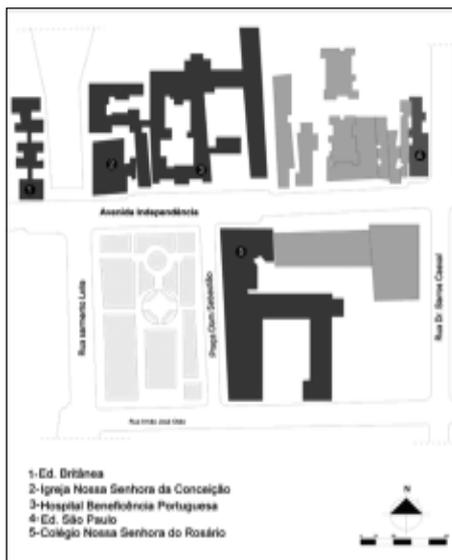


Fig. 45 - Planta de situação da Praça Dom Sebastião
Fonte: Maquete Eletrônica do Acadêmico Lucas Volpatto, baseada em plantas aerofotogramétricas

A antiga praça era conhecida, até 1884, como Praça da Conceição, quando, então, a área recebeu sua denominação atual. Sua origem decorre de uma permuta de terrenos, em 1848, entre a Santa Casa e o Município, para dar prosseguimento à Rua da Conceição (atual Rua Sarmiento Leite). A praça foi demarcada em frente ao terreno doado para a construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição, cuja obra iniciou em 1851.

A partir de 1863, a Praça Dom Sebastião passou a receber cuidados com seu ajardinamento. Primeiro foi um morador vizinho que se ofereceu para plantar algumas árvores às suas próprias custas. Em 1899, a praça foi nivelada e ajardinada. No início do século XX, entre 1903 e 1904, recebeu parte dos gradis de ferro retirados da Praça XV e Marechal Deodoro.

A década de 20 foi marcada por algumas perdas. Os canteiros da praça foram reformados mediante a remoção de paineiras, em cujo espaço houve um novo plantio. Em 1925, os gradis recebidos das praças do centro da cidade foram transferidos para o jardim da Hidráulica Moinhos de Vento (Fig. 46).



Fig.46 - Praça Dom Sebastião, na década de 30.
Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Mas foi na administração de Alberto Bins que a praça, até então modesta, foi totalmente remodelada. Em 1935, foram transpostas para ela as quatro estátuas que restaram do belo chafariz antes existente na praça Marechal Deodoro, representando os rios Jacuí, Caí, Gravataí e Sinos. As quatro figuras mitológicas: “os quatro rios”, foram desmembradas e transferidas para a Praça Dom Sebastião, onde, ao longo do tempo, têm sido objeto de inqualificáveis depredações. O conjunto escultórico do italiano Giuseppe Obino foi possivelmente inspirado no conjunto de igual nome da Praça Navona, em Roma. Foi implantado inicialmente na Praça da Matriz, e desmontado para dar lugar ao monumento a Júlio de Castilhos³³.

Uma das igrejas mais antigas da cidade e que melhor conservou suas características originais, está situada na Avenida Independência, em frente à Praça Dom Sebastião: a Igreja Nossa Senhora da Conceição (Fig. 47). Essa igreja foi inspirada no traçado peculiar à arquitetura religiosa no Rio Grande do Sul colonial, portanto é tão singela quanto as demais igrejas da Província de então. A devoção da Virgem sob essa designação é uma das mais antigas, data de 1773 e provém da localidade de Arroio, pertencente à época ao município de Santo Antonio da Patrulha. Desentendimentos entre os membros da Irmandade instalada em 1790 junto à Praça da Matriz de Porto Alegre, em relação ao local em que a igreja deveria ser erguida, prolongou o tempo de sua construção. Alto da Bronze e uma das faces da Várzea foram alternativas cogitadas para a construção. Somente em 1851 foi definido o sítio destinado à sua edificação, defronte à Praça Dom Sebastião³⁴.

³³ WEIMER, 1992, p. 73.

³⁴ DAMASCENO, 1971, p. 58.



Fig.47 - Igreja Nossa Senhora da Conceição na Av. Independência em frente a praça Dom Sebastião.
Fonte:www.terracams.com.br

As obras foram, então, iniciadas imediatamente, em 1851, e a igreja foi concluída e inaugurada em dezembro de 1858. A execução do projeto e a decoração interna são de autoria do construtor e entalhador português João do Couto e Silva, cuja competência e bom-gosto artístico já se haviam patenteado nas obras da Igreja Nossa Senhora das Dores³⁵.

A Igreja Nossa Senhora da Conceição é praticamente uma réplica das de Nossa Senhora Madre de Deus, Rosário, Nosso Senhor Bom Jesus e outras, seja da Capital ou do interior. Conforme Athos Damasceno, foi

Construída de alvenaria, sua altura é de vinte metros, conta com duas torres quadrangulares e pequena escadaria à entrada, avançando sobre o passeio, visto haver sido a Igreja erguida no alinhamento da rua, não dispendo, portanto, de adro. Três amplas portas de madeira caprichosamente lavoradas dão acesso ao interior do templo e, ao alto, três espaçosas janelas servem à iluminação do coro. Interiormente apresenta uma nave única com capacidade para seiscentas e cinqüenta pessoas. Ao fundo, levanta-se a Capela-mor, guarnecida de imponente altar, em cujo topo, sob esmerado dossel, está entronizada a Padroeira. Lateralmente existem mais quatro alteres, sendo dois deles escantilhados junto aos ângulos formados pela abertura do arco do cruzeiro.³⁶

A parte externa da igreja é muito simples, mas interiormente chama a atenção pelo aparato das obras de talha que a ornamentam. Couto e Silva, que na Igreja das Dores foi bem mais comedido em sua fantasia, na de Nossa Senhora da Conceição – fruto exclusivamente seu – sobrecarrega a decoração de labores excessivos que destoam bastante das modestas dimensões da nave³⁷.

³⁵ DAMASCENO, 1971, p. 58.

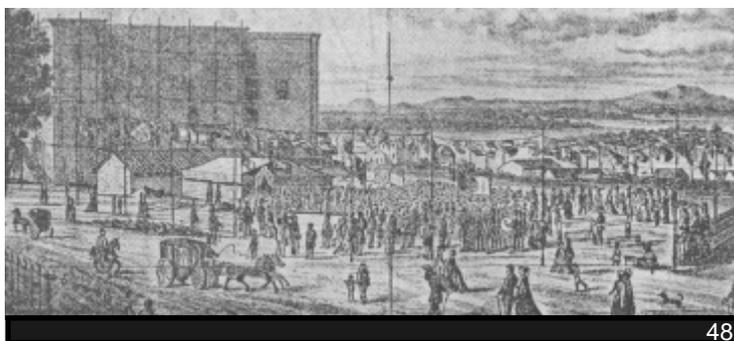
³⁶ DAMASCENO, 1971, p. 58.

³⁷ DAMASCENO, 1971, p. 59.

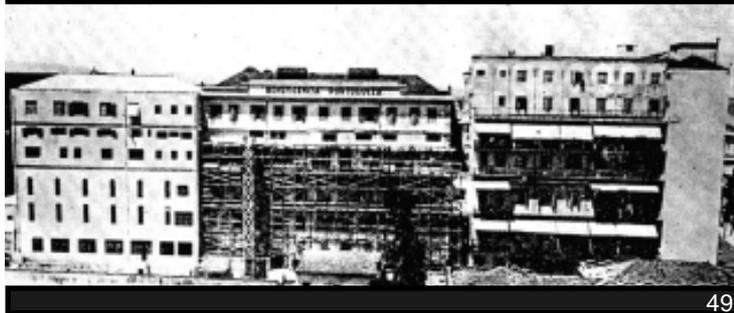
A igreja foi construída logo após a abertura da rua, então denominada “da Brigadeira”, que, em 1845, buscava facilitar a ligação entre a Estrada dos Moinhos de Vento e o Caminho Novo. Mais tarde, essa mesma rua veio a chamar-se “da Conceição”, primeiro no segmento entre os Moinhos de Vento e a Várzea (20/10/1857), e depois também na parte entre aquela estrada e o Caminho Novo (13/2/1874). Quase simultaneamente à construção da igreja, nasceu a sua frente à praça, que foi oficialmente denominada “da Conceição” (20/10/1857), até converter-se em Praça Dom Sebastião, em 28/10/1884³⁸. Assim, a Igreja além de emprestar seu nome à praça, que inicialmente era chamada de Praça da Conceição, deu nome também à rua.

Foi sua referência que serviu como qualificação para o terreno escolhido para edificação do segundo hospital de Porto Alegre: a Beneficência Portuguesa (Fig. 48). Em Porto Alegre só havia um hospital, a Santa Casa de Misericórdia, que o Visconde de São Leopoldo havia reformado e ampliado.³⁹

Desde sua fundação em 26/2/1854, configura-se como uma sociedade beneficente e hospitalar da colônia portuguesa de Porto Alegre, responsável pela manutenção de um dos mais tradicionais hospitais da cidade (Fig. 49). Seu fundador foi



48



49

Fig.48 -Lançamento da pedra fundamental do Hospital Beneficência Portuguesa, em 1867, publicada no semanário “Sentinela do Sul”. Fonte: SPALDING: 1954, p.33.
Fig.49 -Vista do Hospital Beneficência Portuguesa, fachada lateral.
Fonte: SPALDING: 1954, p.93.

³⁸ FRANCO, 1992, p. 121.

³⁹ Para os doentes mentais, o governo da Província criou em 1858, o Hospital São Pedro. (SPALDING, 1954, p. 27).

(...) Antonio Maria do Amaral Ribeiro, então vice-cônsul honorário de Portugal. A princípio, os doentes filiados à Sociedade eram atendidos numa sala especial da Santa Casa de Misericórdia. Depois, em 1858, passaram a sê-lo numa casa da atual Rua Cel. Genuíno, então Rua da Figueira.⁴⁰

No início, tanto a Sociedade Portuguesa, como a Francesa⁴¹, tratavam seus enfermos nas enfermarias da Santa Casa. Depois passou a funcionar na casa adquirida na Rua da Figueira (atual Rua Gal. Genuíno).

Em 1867, sobre terreno doado pelo Dr. Dionísio de Oliveira Silvério, médico, e sua mulher dona Maria Sofia de Silva Freire Silvério, iniciou-se a construção do hospital próprio da entidade, que foi inaugurado solenemente em 29/6/1870, com a presença do Presidente da Província, Dr. João Sertório. Ali funciona desde então, sem interrupções. As instalações hospitalares receberam repetidas ampliações, porém o prédio matriz conserva seus traços arquitetônicos originais.⁴²

Spalding⁴³ relata na ata de 29 de junho de 1867, consta que a Diretoria da Sociedade Beneficência Portuguesa apresentou às autoridades presentes à reunião a planta do edifício, feita pelo engenheiro Frederico Heydtmann, e o desenho da fachada, feito pelo litógrafo Inácio Weingaertner (pai do pintor rio-grandense Pedro Weingaertner)⁴⁴. Para realização da obra, além do custo financiado pela Sociedade, uma série de espetáculos e concertos foram realizados a partir de 1867, no Teatro São Pedro e em teatros particulares, em benefício da obra da colônia portuguesa em Porto Alegre. Ao iniciar o ano de 1871, a capela do novo hospital já estava pronta (Fig. 50 e 51).

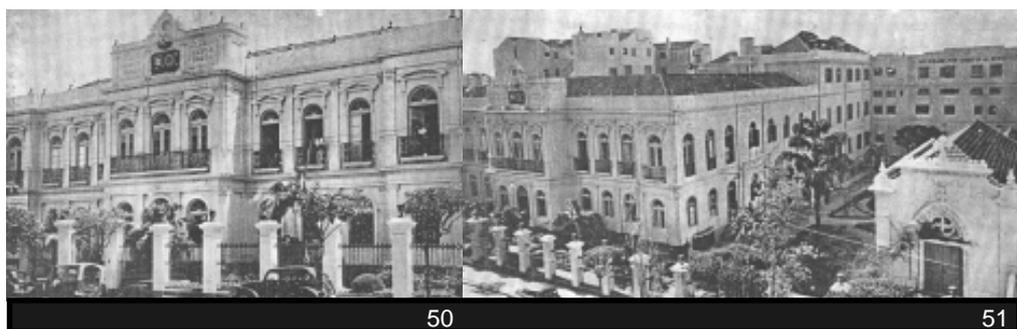


Fig.50 -Fachada principal do hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

Fonte: SPALDING: 1954, p.49.

Fig.51 -Vista do conjunto hospitalar da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

Fonte: SPALDING: 1954, p.65.

⁴⁰ FRANCO, 1992, p. 68.

⁴¹ Os franceses de Porto Alegre criariam, porém sem êxito, sua Sociedade Beneficência, em 1867. (SPALDING, 1954, p. 27).

⁴² FRANCO, 1992, p. 68.

⁴³ SPALDING, 1954, p. 37, 48.

⁴⁴ SPALDING, 1954, p. 36.

Neste aspecto o conjunto se assemelha muito com a praça estudada anteriormente: um hospital, uma igreja, uma praça. Mas aspectos importantes e de diferentes caracteres começaram a incorporar-se à praça e a dar um significado próprio a este lugar público.

Na década de 20 do século XX, surge o edifício do Colégio do Rosário, o qual mantém ainda um pouco de sagrado, porque esteve sempre sob a coordenação da igreja, por irmãos da congregação marista⁴⁵. Em 1908, a escola havia se instalado na Rua Riachuelo, onde permanecera cinco anos e, em 1913, ocupara as salas do antigo Seminário Diocesano, atrás da Catedral Metropolitana. Na década de 20 a ordem marista iniciou a construção de um amplo edifício na Avenida Independência, para onde se transferiram as aulas em 1926 (Fig. 52).

Em 1942, o Rosário passou a denominar-se Colégio Nossa Senhora do Rosário, incorporando o segundo ciclo do curso médio. Em anexo às instalações do Ginásio, desde 1928, funcionou oficialmente um Instituto Superior do Comércio, destinado à formação de contadores, o qual ganhou foros de curso superior, em 1931. Desse instituto, depois denominado Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, deveria nascer a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, cuja sede funcionou durante as décadas de 40 e 50 em edifícios anexos ao do Rosário, construídos com frente para a Praça Dom Sebastião. Em 1967, com a transferência da PUC para sede própria, na Avenida Ipiranga, o Colégio do Rosário passou a utilizar as salas antes usadas por aquela instituição universitária⁴⁶ (Fig. 53).

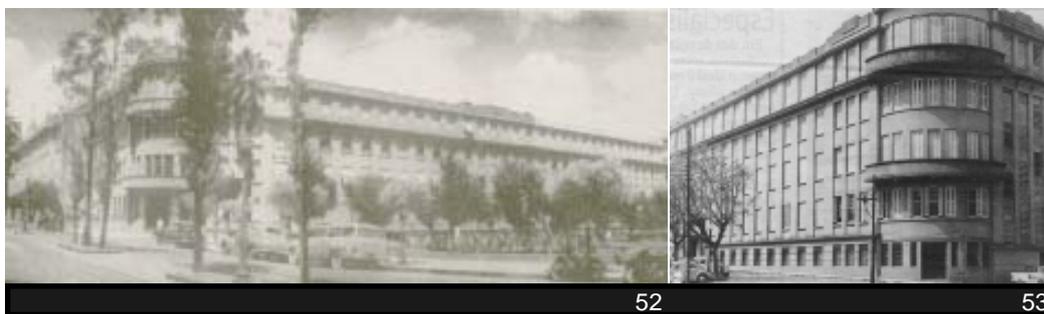


Fig.52 -Sede das Faculdades Pontifícia Universidade Católica, na praça Dom Sebastião.
Fonte: SPALDING: 1954, p.89.

Fig.53 - Atual Colégio Rosário. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

⁴⁵ O Colégio Nossa Senhora do Rosário é uma instituição escolar dos Irmãos Maristas, que teve origem em 1904, quando dois irmãos estabeleceram uma escola paroquial junto à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Rua Vigário José Inácio. Deu origem a uma das instituições mais importantes de ensino no Rio Grande do Sul: a PUCRS. (FRANCO, 1992, p. 357).

⁴⁶ FRANCO, 1992, p. 357, 359.

A cidade crescia e a praça Dom Sebastião tornar-se-ia um ponto nevrálgico do centro de Porto Alegre. Na década de 50, o projeto do viaduto da Conceição transfiguraria completamente a feição desse espaço público. A presença do automóvel na cidade fez com que a praça se moldasse à organização urbana comandada pelo tempo, pelo progresso e pela velocidade do automóvel, e não mais do trânsito pedonal prioritariamente. Esse momento é tão importante quanto o primeiro, da criação da praça e instalação dos equipamentos religiosos. Trata-se da mudança de caráter da praça por um grande evento de desenvolvimento físico e morfológico no sítio urbano.

A idéia do projeto do viaduto Conceição circulou através da imprensa, de sorte que os jornais debatiam os benefícios e as transformações que atingiriam a cidade. A sugestão para a construção de um viaduto na esquina da Avenida Independência com a Rua da Conceição, possibilitando a ligação da Farrapos e da Voluntários da Pátria com o Bom Fim é de autoria do Sr. Germano Petersen Filho, antigo engenheiro da municipalidade. O autor apresentou inclusive *croquis* ilustrando a forma de pôr em prática sua idéia⁴⁷ (Fig. 54).

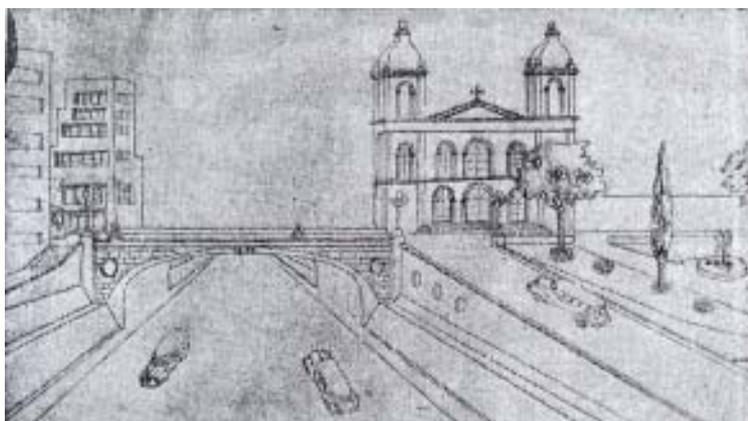


Fig.54 -Viaduto Conceição.
Fonte: Correio do Povo, 07/11/1956, p. 12.

O projetado túnel da rua Conceição teria importante função de caráter viário e faria, por baixo da avenida Independência, a ligação entre o novo bairro Praia de Belas e as futuras estações ferroviárias e rodoviárias, conforme consta nos estudos para o plano urbano. Argumenta o autor da idéia:

Aproveitando o desnível existente da rua da Conceição com a Avenida Independência, cujo perfil é fácil de analisar, e com esta situação tão propícia, é que sugeri, apenas com o desejo de colaborar, a construção de um viaduto para pedestres e veículos, na citada Avenida Independência e a passagem por baixo dos veículos que farão o trajeto da Rua da Conceição.⁴⁸

⁴⁷ CORREIO DO POVO: 15/04/57, p. 20.

⁴⁸ CORREIO DO POVO, 7/11/56, p. 12.

Os aspectos do projeto foram analisados em três níveis pelo Sr. Petersen Filho, autor da matéria do jornal. O primeiro seria a resolução da parte viária, fundamental para atingir os principais objetivos da obra, sendo rápida a sua construção, e representando, segundo seus argumentos, “um conjunto de linhas arquitetônicas modernas e que iriam indiscutivelmente embelezar aquela ambiente”⁴⁹. O segundo aspecto diz respeito às desapropriações que seriam necessárias ao túnel. A proposta do viaduto não atinge nenhuma propriedade, deixando a salvo a entrada da Beneficência Portuguesa (Fig. 55 e 56), na Rua da Conceição, e podendo manter “a velha e respeitável Igreja Nossa Senhora da Conceição, um dos nossos monumentos históricos e que faz parte do nosso patrimônio artístico, perfeitamente intacta, a fazer parte do conjunto da obra projetada”⁵⁰. Porém, sua construção prejudicou substancialmente a presença de um importante edifício do centro de Porto Alegre: o edifício Ely (Fig. 57). O terceiro aspecto é relativo à economia de custo do viaduto, que permitiria o aproveitamento da diferença em outras obras na cidade. O cálculo inicial, ainda impreciso, segundo o autor da idéia, oscilava de 40.000



56



55



57

Fig.55 -Hospital Beneficência Portuguesa. Fonte: Laboratório de História e Teoria UniRitter.

Fig.56 -Fachada da rua Conceição - Maternidade. Fonte: SPALDING: 1954, p.73.

Fig.57 -Tomada da elevada da Conceição para o Edifício Ely. Fonte: Laboratório de História e Teoria UniRitter.

⁴⁹ CORREIO DO POVO, 7/11/56, p. 12.

⁵⁰ CORREIO DO POVO, 7/11/56, p. 12.

(quarenta mil cruzeiros) para cima. Ainda dependeria, do conhecimento da natureza do solo, através de sondagens o custo do metro linear do túnel, enfim, um orçamento real.

O viaduto fazia parte de uma modificação ainda maior da qual fazia parte a construção da primeira Avenida Perimetral. No Plano Diretor de 1959, esta consta como destaque entre as soluções propostas pelo esquema viário (Fig. 58). Este esquema mantinha um sistema de vias radiais e perimetrais que, associado ao conjunto de vias secundárias, buscavam organizar as áreas urbanas em residenciais, comerciais e industriais. A importância da primeira Avenida Perimetral estaria no papel que desempenharia no sentido de reestruturar a área central da cidade (Fig. 59 e 60), buscando uma solução definitiva para o trânsito naquela zona⁵¹.

Estabelecendo um anel coletor de tráfego no contorno do centro congestionado, ampliam-se assim consideravelmente as possibilidades de ingresso e saída desse centro. Prevendo mais dois pontos de travessia do espigão da Rua Duque de Caxias, através de um túnel na Rua Gal. João Manoel e outro na Rua Conceição, a perimetral permitirá a livre circulação em torno do núcleo central, dando acesso diretos a todas as vias radiais que conduzem aos bairros, modificando-se assim sensivelmente o atual esquema de tráfego da área.⁵²

Franco⁵³ avalia que, naquele contexto, a recente construção do túnel viário da Conceição, se percebermos a longevidade da praça, obrigou o município a consideráveis obras de arrimo para a sustentação do templo, dado que a Rua da Conceição, a seu lado, foi tragada pela escavação do túnel.

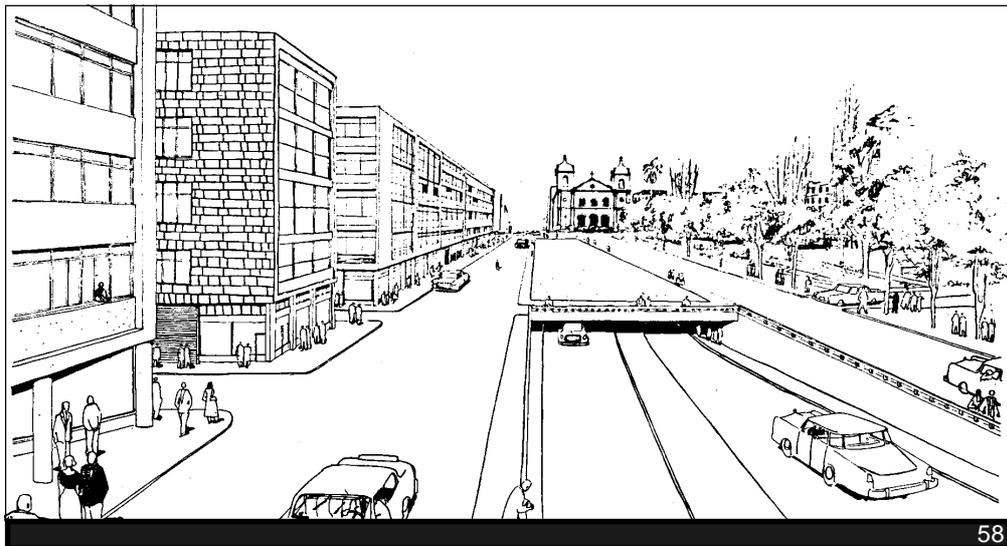


Fig.58 -Croqui da Avenida Perimetral - Trecho "c". Fonte: Plano Diretor 1954/64 - Porto Alegre.

⁵¹ Plano Diretor de 1959, Edição da Prefeitura Municipal de Porto Alegre: 1964, p. 45.

⁵² Plano Diretor de 1959, Edição da Prefeitura Municipal de Porto Alegre: 1964, p. 57.

⁵³ FRANCO, 1992, p. 121.

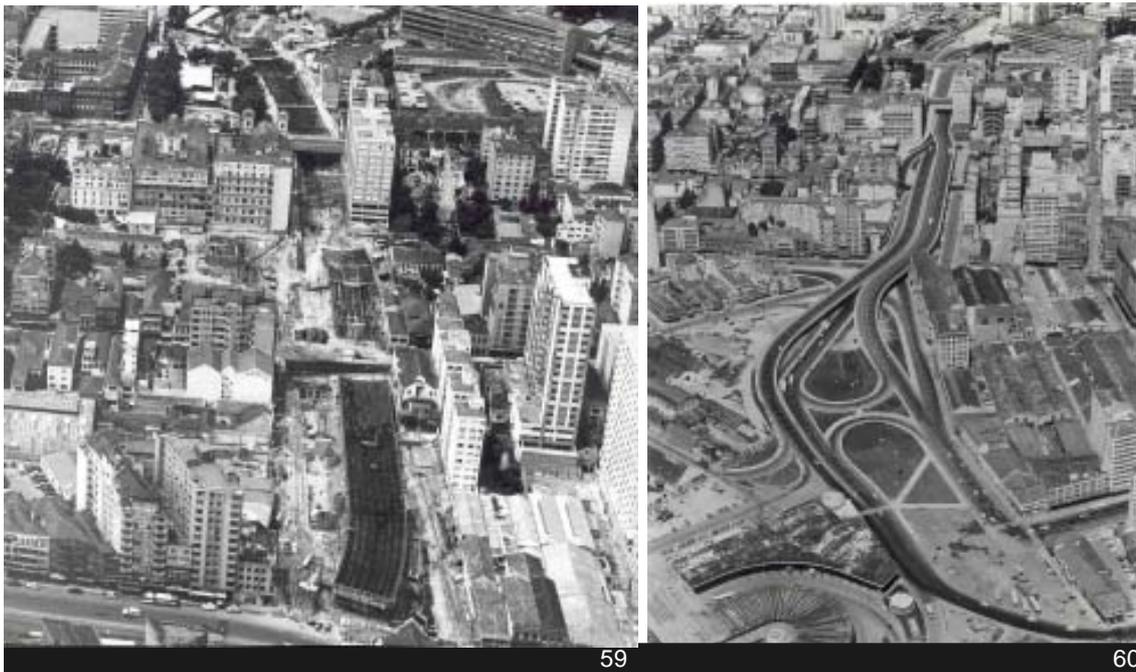


Fig.59 -Vista aérea da construção do túnel da Conceição. Fonte: Laboratório de História e Teoria UniRitter.
 Fig.60 -Vista aérea do túnel da Conceição. Fonte: Laboratório de História e Teoria UniRitter.

No sentido de analisar o aspecto privado da praça, buscam-se alguns edifícios de uso habitacional que também fazem fachada agora a essa nova feição moderna da praça. Um exemplo é o Edifício Britânia que, de certa forma, enfatiza a rua Independência e ignora a lateral do viaduto, criando, na lateral, uma fachada completamente insignificante, se comparada com a principal.

O projeto do Edifício Britânia, situado ao lado do viaduto, e que data de 1968, não incorporou a cena urbana, projetada em sua lateral. Ignora completamente a chegada do túnel, mesmo que construído posteriormente ao seu projeto, na fachada lateral.

Morfologicamente, a praça tem dois momentos bem distintos: o de seu surgimento, que se estende até a década de 70, e o da adequação à modernidade, quando o Viaduto da Conceição é construído. A diferença da largura ao lado da Praça Dom Sebastião foi aproveitada para o projeto de uma rampa de acesso, para veículos que vinham da zona sul, e se dirigiam à Avenida Independência.

2.1.3 O Hospital dos Médicos

A Avenida Independência incorpora a característica de uso médico ou hospitalar ao longo da sua história. Isto se dá desde a Praça Dom Feliciano,

com a Santa Casa de Misericórdia, e continua com recorrência ao longo da avenida. Os exemplos citados até agora, como o da própria Santa Casa e da Beneficência Portuguesa, são de iniciativa pública, e de uso dedicado à população em geral. No decorrer da Avenida (Fig. 61), o uso desta atividade se mantém, porém, destacam-se os exemplos de iniciativas particulares, de entre os quais podemos citar a Casa de Saúde Independência Ltda (Fig. 62). Para termos noção de sua importância, cabe dizer que esta instituição comparece na publicação de Walter Spalding, de 1953, ao lado dos hospitais mais importantes da época, o Hospital Espírita, o Hospital do Pronto Socorro e a Santa Casa:



Fig. 61 – Planta de Situação de trecho da Avenida Independência
 Fonte: Maquete Eletrônica do acadêmico Lucas Volpato, baseada em plantas aerofotogramétricas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e levantamento no local, 2005.

Fig.62 - Casa de Saúde Independência Ltda.
 Fonte: SPALDING: 1953, s/p.

A CASA DE SAÚDE INDEPENDENCIA, sob a direção técnica do Prof. CÉSAR AVILA, catedrático da Faculdade de medicina do R. G. S., situada num ponto privilegiado do melhor bairro da Capital, à rua 24 de Outubro, 445, está otimamente aparelhada para atender casos de ORTOPEDIA – TRAUMATOLOGIA – NEURO-CIRURGIA – CIRURGIA EM GERAL e CIRURGIA DE URGENCIA. Dispõe de modernas salas de cirurgia e ortopedia, RAIO-X nas salas de operações. Ambiente e pessoal de enfermagem selecionados. PLANTÃO PERMANENTE. Não aceita doenças contagiosas ou mentais e não tem maternidade. Escolha livre de assistência medica à vontade do cliente.⁵⁴

Outro exemplo é o Instituto de Radioterapia, de propriedade e direção do Dr. José Baldone⁵⁵, que estava situado à Avenida Independência esquina Rua Santo Antônio, onde hoje se encontra um edifício de apartamentos com o mesmo nome – Edifício Baldone. Em ampla reportagem do jornal Correio do Povo⁵⁶, a iniciativa é apresentada à sociedade como uma preciosa colaboração à classe médica e, em decorrência, ao público em geral. Várias são as notas que apresentam a instituição, reforçadas por imagens significativas da casa onde estava instalado o instituto, espaços internos, equipamentos da Siemens, modernos equipamentos vindos da Alemanha, e foto do grupo presente na inauguração do empreendimento.

A reportagem mostra a relevância do evento de inauguração, um dos acontecimentos sociais que movimentava a radial:

(...) teve lugar à Avenida Independência o solene ato inaugural da nova casa e que constituiu um verdadeiro acontecimento social, a ele comparecendo um destacado número de dirigentes de associações médicas e assistenciais, do presidente da Associação Sul-Riograndense de Combate ao Câncer e avultado numero de médicos especialistas em Radiologia, além de muitas outras pessoas gradas, bem como o corpo administrativo e técnico da conceituada Casa Lohner.⁵⁷

Mas a iniciativa particular de oferecer serviços médicos é bem mais antiga na radial. O Hospital Presidente Vargas torna-se exemplo, quando, em 1947, uma

⁵⁴ SPALDIND, 1953, s/p.

⁵⁵ Dr. José Baldone é natural da Itália e formado médico cirurgião pela Real Universidade de Bolonha, daquele país, em 1921. Após oito anos de especialização foi nomeado, por títulos, Co-Primário Radiologista dos hospitais daquela importante cidade. Imigrou para o Brasil em 1930 e foi contratado pela Beneficência Portuguesa de Rio Grande, onde prestou serviços durante muitos anos. Quando fixou residência em Porto Alegre, teve uma breve passagem na Beneficência Portuguesa local, e resolveu instalar o Instituto de Radiologia na cidade.

⁵⁶ CORREIO DO POVO, 10/10/1954, p. 7.

⁵⁷ CORREIO DO POVO, 10/10/1954, p. 7.

equipe de seis médicos, liderados pelo Dr. Antonio Saint-Pastous, constituiu uma sociedade para montar um ambulatório num casarão da Avenida Independência, a fim de atender pacientes privados⁵⁸. Não se têm registros sobre a exata situação desse casarão, mas sabe-se do sucesso da iniciativa da sociedade, que impulsionou a idéia da edificação do primeiro prédio do então Hospital do Médico (Fig. 63).



Fig.63 - Hospital do Médico.

Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Fig.64 - Hospital do Médico, no contexto do bairro Independência.

Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum

“Um dos maiores e mais modernos hospitais do país em construção em Porto Alegre”, é o título da reportagem no jornal Correio do Povo, de que valoriza a iniciativa particular do Hospital do Médico e explica para a sociedade em geral sua criação, funcionamento e a importância do empreendimento para o progresso e transformação da “leal e valorosa” Porto Alegre.

Uma demonstração eloqüente do que acabamos de afirmar é a iniciativa da Sociedade Hospital do Medico Ltda., constituída por um grupo de médicos riograndenses, que se constitui com o objetivo de principal de colaborar de maneira mais eficiente, não somente no terreno propriamente da medicina, como, também, dotando a nossa capital de uma das mais belas construções que, pelo seu valor arquitetônico, se destaca das similares.⁵⁹

⁵⁸ Estes dados são do Folheto comemorativo Hospital Materno Infantil Presidente Vargas – 1953-2003 50 anos. Segundo dados do jornal Correio do Povo, a idéia da implantação desta iniciativa teria surgido em 1941, quando o Professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Antonio Saint Pastous, fez uma viagem para os Estados Unidos. Após observações e estudos, regressou com a idéia de dois grandes empreendimentos de ordem médico-social: a campanha contra o câncer no Estado do Rio Grande do Sul e a instalação de um hospital particular.

⁵⁹ CORREIO DO POVO, 22/08/1943, p. 11.

O projeto do Hospital do Médico possibilitou ao arquiteto Fernando Corona, autor do projeto arquitetônico, novas linguagens. Um hospital privado, com novo programa, controlado por um grupo de médicos com claro desejo de transmitir a imagem da modernidade ao empreendimento. O arquiteto não era um iniciante da problemática arquitetônica hospitalar. Em 1925 já havia projetado o Hospital São Francisco, contíguo à Santa Casa, produto de Concurso Público, acrescentando em seus manuscritos o envolvimento com o tema que passou a estudar a partir de então⁶⁰.

Implantado em terreno exíguo e de meio de quarteirão (Fig. 64), o Hospital do Médico difere da tipologia da torre prismática ou do bloco horizontal, de geometria rígida e volume puro, de acordo com as arquiteturas hospitalares brasileiras do final da década de quarenta e da década de cinquenta. As condicionantes impostas pelo sítio apontaram para Corona a solução da torre, resolvendo o problema do programa extenso em uma área reduzida. A simplificação geométrica de leitura fácil não é perseguida por Corona, pelo contrário, o autor fez vários exercícios formais para adicionar movimento e verticalidade ao volume básico principal, através do recurso do escalonamento progressivo a partir do décimo pavimento, aliado ao volume curvo, que define o coroamento da composição em três partes.

No entanto, os recursos para equipar o Hospital foram se esgotando e, em 1950, restou aos médicos associados a alternativa de vender a instituição ao IAPETC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas. Após várias reformas e incorporação de novos equipamentos, foi transformado em Hospital Geral, em 1953, como consta no Folheto Hospital Materno Infantil Presidente Vargas – 1953-2003, 50 anos.

A partir de então, várias reportagens foram encontradas em jornais locais, atestando a qualidade do hospital. As visitas de pessoas ilustres e da própria imprensa ocorriam freqüentemente, sendo relatadas em notícias que praticamente prestavam contas à sociedade. “Hospital do IAPETC na capital gaúcha”, “Última etapa de grandes realizações”, “Operação Nº 10.000 realizada hoje no Hospital do IAPETC”, são manchetes das notícias que apresentam os serviços do hospital,

⁶⁰ CANEZ, 1998, p. 115.

sempre fartamente ilustradas com imagens de suas dependências, que eram orgulho de seus diretores.

Na segunda metade da década de 60, a ampliação do hospital se fez necessária e, segundo um de seus autores, Iveton Porto Torres, o principal motivo seria o baixo número de leitos por unidade hospitalar, o que inviabilizaria a instituição economicamente⁶¹.

Assim, o projeto arquitetônico do Hospital Presidente Vargas (Fig. 65) data de 1966, conforme publicação de Xavier e Mizoguchi e localiza-se exatamente na esquina da Avenida Independência com a Rua Garibaldi. O projeto é de autoria dos arquitetos David Léo Bondar e Iveton Porto Torres, que projetaram um edifício para ambulatórios com setor de atendimento de urgência.

Construído nos alinhamentos de terreno de esquina, tem como característica importante de partido a diferenciação entre as circulações de serviço e de público. Esta se dá verticalmente pelo bloco oeste e horizontalmente pela periferia da edificação, enquanto a dos médicos e pessoal ocorre no bloco leste e pelo anel interno, voltado para uma área aberta que integra os seis pavimentos de ambulatórios.⁶²



Fig.65- Hospital Presidente Vargas, década de 70. Fonte:Acervo do próprio hospital.

Fig.66- Hospital Presidente Vargas, interior do conjunto hospitalar, década de 70.

Fonte: Acervo do próprio hospital.

⁶¹ CANEZ, 1998, p. 113.

⁶² XAVIER, 1987, p. 211.

O atendimento de urgência está localizado no sub-solo em relação à Avenida Independência e junto ao desnível da Rua Garibaldi. Isto oferece uma setorização própria e necessária ao uso da instituição. Além disso, mantém a intenção plástica do projeto que enfatiza os dois blocos de circulação e o volume dos ambulatórios. O concreto aparente dos volumes de circulação baliza o dos ambulatórios, onde é empregada uma cortina de vedação com módulo composto de peitoril, janela e veneziana.

Se analisada isoladamente, esta edificação possui características que negam sua situação urbana de esquina. Porém, ao identificarmos o conjunto das edificações do Hospital Presidente Vargas, verificamos uma harmonia e a apresentação das diferentes épocas e momentos vivenciados pela instituição.

Dez anos mais tarde, quando foram unificados os Institutos de Aposentadorias e Pensões, nascia o INPS (Fig. 66), que passou, então, a gerenciar o Hospital. Como a demanda na área materno-infantil era de 70% do contingente segurado da Previdência Social, em 1978 ocorre a transformação de Hospital Geral em Hospital Materno-Infantil – HMIPV. Em 2000, através de convênio assinado entre o Ministério da Saúde e a Prefeitura de Porto Alegre, o HMIPV passou para a gestão municipal⁶³.

É realmente instigante o número de iniciativas com esse tipo de prestação de serviços – médico – na radial Independência. Caracterizada como uma nobre avenida da cidade desde a sua primeira ocupação, aliou a função de habitação à prestação de serviços. Uma das explicações de se usarem esses valiosos terrenos seria justamente esta ocupação inicial. A mistura de funções, nesse caso consultórios médicos e residências, é recorrente na avenida, principalmente pela classe de médicos habitarem nesta avenida e usarem parte de suas residências como consultórios particulares. O público a ser atendido também residia neste local, ou nas proximidades, pois era um público da classe nobre também.

Esse público a nos referimos já habitava os grandes casarões da Independência e, aos poucos, foi se mudando para os edifícios de apartamentos que eram construídos paulatinamente ao longo da radial. Desde a década de 40, assistimos às alterações no modo de morar desta classe. Claro que as

⁶³ Folheto Hospital Materno Infantil Presidente Vargas – 1953-2003 50 anos.

mudanças ocorreram lentamente, com adequações de usos internos nas habitações e ajustes inclusive na estética e conceito de aconchego de suas residências.

De qualquer modo, existe uma característica que se manteve ao longo tempo: a mistura de funções. E certo que a convivência entre a habitação e a prestação de serviços, especialmente na área médica, é uma constante na radial. A partir da década de 50, os edifícios de apartamentos foram ocupando os lotes junto à avenida, que tomou forma de avenida de cidade moderna, verticalizada e possuidora das formas da modernidade. A convivência de funções ocorre muitas vezes nos próprios edifícios de apartamentos, em cujos pavimentos térreos se instalam padarias, lojas e cinemas, como veremos a seguir, ou em edifícios próprios para a assistência médica, como analisamos no caso anterior.

O que percebemos é que essa transição da avenida que busca o caráter de modernidade, vai adquirindo força à medida que as construções vão tomando forma. Esse esforço é conjunto e não tem uma única direção ou ordem. Ocorre através de seus idealizadores – engenheiros e arquitetos - que a partir de experiências anteriores impulsionaram essa transformação; ocorre também através de seus gestores, que por meio de leis e diretrizes urbanas – especialmente por meio do Plano Diretor - encaminharam essa renovação para a avenida; e ainda pelos próprios usuários que desejavam que as melhorias funcionais e estéticas chegassem aos seus lares. Vejamos alguns exemplos significativos da Avenida Independência.

2.2 O cotovelo da radial:

Praça Júlio de Castilhos - os jardins dos apartamentos.

A Praça Julio de Castilhos está localizada no final da Avenida Independência, e originou-se de um largo do início do século, com o nome de Praça dos Moinhos de Vento. Em 1904 recebeu o nome de Julio de Castilhos, falecido no ano anterior. Na praça existem monumentos à Árvore da Amizade, o Chafariz e o busto a Florêncio Ygartua⁶⁴. Porém, já se falava em Praça Júlio de

⁶⁴ Site <http://www.portoalegre.rs.gov.br/smam>.

Castilhos desde 1890⁶⁵, denominada espontaneamente pelo povo em homenagem ao líder republicano de maior destaque na época, pois esse logradouro recém começava a existir quando foi proclamada a República (Fig. 67).

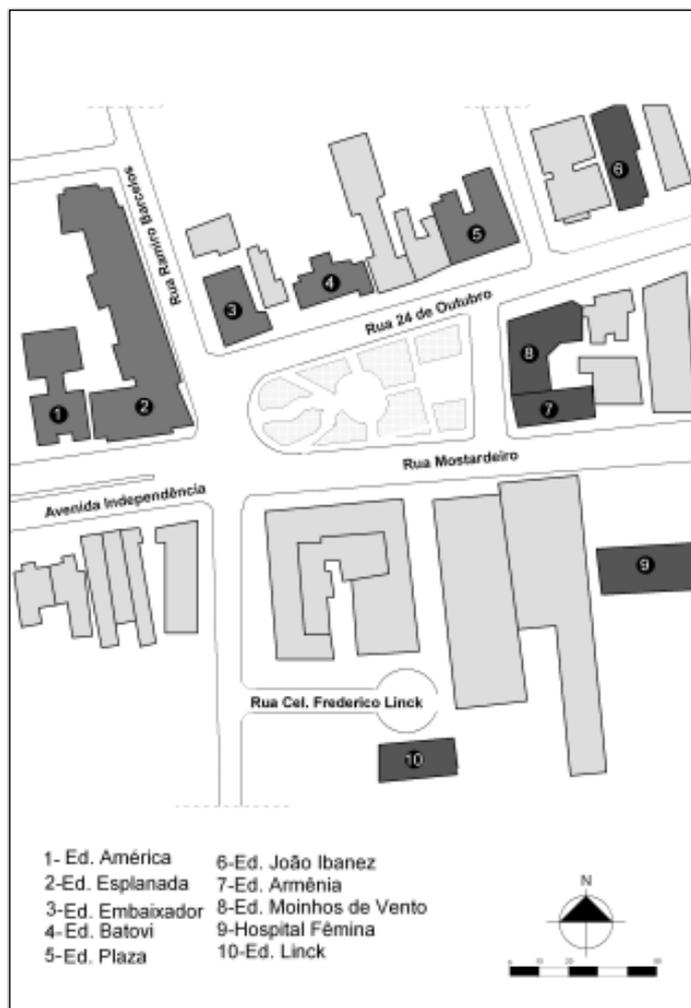


Fig. 67 – Planta de Situação da praça Júlio de Castilho. Fonte: Maquete Eletrônica de Lucas Volpatto, baseada em plantas aerofotogramétricas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e levantamento no local, 2005.

Em 1891 a Cia Hidráulica Guaibense colocara na praça uma torneira para gozo provisório e gratuito dos moradores. Em 1893 registra-se um expressivo gasto com aterros e de 1897 à 1900, na primeira administração de José Montaury, a praça foi nivelada e ajardinada. A área era pouco habitada e não exclusivamente

⁶⁵ No jornal católico “A Época” se lê referencia a praça, em 12/12/1890.

residencial: Companhia de Chapéus José Bastos era uma das fábricas estabelecidas ali, segundo o Jornal do Comércio, de 26/1/1896⁶⁶.

Em 1904 a praça recebeu urbanização mais apropriada, tendo sido cercada com gradis retirados das praças Marechal Deodoro e 15 de Novembro. Em meados do século XX torna-se puramente residencial e de alta qualificação, sendo atualmente residencial e comercial, por força de sua grande densidade e valorização⁶⁷.

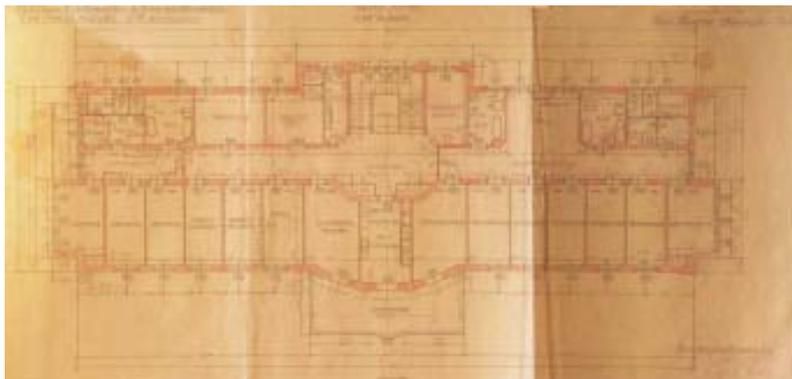
Se a praça Dom Sebastião tinha uma identidade relacionada com a imigração portuguesa, a Praça Júlio de Castilhos tem uma referência à imigração alemã. Não somente pelos seus habitantes iniciais, mas também e fortemente pelo caráter público das instituições que ali se estabeleceram, como é o caso do Hospital Moinhos de Vento e a Sociedade Germânia.

O hospital não está situado na praça propriamente dita, mas atende a uma população que usa esse espaço público, mesmo que seja de passagem ou como referência.

Além dos equipamentos de infra-estrutura, os serviços também fazem parte da tradição do bairro. Em 1912 nasceu a idéia da formação de um hospital para os alemães e teuto-brasileiros de Porto Alegre. Estavam envolvidas duas entidades alemãs a *Verband Deutscher Vereine* (Federação das Sociedades Alemãs) com sede em Porto Alegre e a *Frauenhilfe fürs Ausland* (Ordem Auxiliadora de Senhores para o Estrangeiro), da Igreja Evangélica da Alemanha. Comprado um grande terreno, com excelente localização, entre as ruas Ramiro Barcelos e Dr. Vale, a pedra fundamental da obra foi solenemente lançada em 21/03/1914 (Fig. 68 e 69). A eclosão da Primeira Guerra Mundial determinou a paralisação da construção durante vários anos, sobretudo porque um grande abatimento atingiu a colônia germânica de Porto Alegre como decorrência da derrota da Alemanha. Em 1921, com uma nova comissão construtora, as obras foram reiniciadas, permitindo a inauguração do Hospital Alemão em 02/10/1927, o qual reunia as melhores condições técnicas entre todos os seus congêneres (Fig. 70).

⁶⁶ FRANCO, 1992, p. 243.

⁶⁷ FRANCO, 1992, p. 243.



68



69



70

Fig.68 - Planta do Deutsches Krankenhaus, 1913.

Fonte:TORRENSINI:2002, p.18.

Fig.69 - Hospital Alemão, construção interrompida em 1914 no início da 1ª Guerra Mundial. Fonte:TORRENSINI:2002, p.20 e 21.

Fig.70 - Hospital Alemão, em 02 de outubro de 1927, dia da inauguração. Fonte:TORRENSINI:2002, p.27.

Em 1942, por força do rompimento de relações e posterior estado de beligerância entre Brasil e Alemanha, deu-se a mudança do nome para Hospital Moinhos de Vento (Fig. 71, 72 e 73).

A partir de 1959, o conjunto hospitalar foi sendo sistematicamente ampliado, a ponto de eclipsar o primeiro bloco, inaugurado em 1927 (Fig. 74 e 75).



Fig.71 - Hospital Alemão, 1907. Vista da Rua Tiradentes. Fonte:TORRENSINI:2002, p.23.

Fig.72 - Hospital Alemão e seu jardim, depois da inauguração. Fonte:TORRENSINI:2002, p.28.

Fig.73 - Rua Ramiro Barcelos, antiga entrada. Fonte:TORRENSINI:2002, p.56.

Fig.74 - Ampliação do prédio principal do Hospital Moinhos de Vento. Fonte:TORRENSINI:2002, p.83.

Fig.75 - Ampliação do prédio principal do Hospital Moinhos de Vento. Fonte:TORRENSINI:2002, p.83.

No desenvolvimento do Hospital Moinhos de Vento tiveram atuação marcante o Pastor Karl Gottschald, os médicos Dr. Frederico Falk e Josef Steidle, o arquiteto Theo Wiedersphan e o comerciante Guilherme Klohs. A entidade hoje é dirigida pela “Associação para Manutenção do Hospital Moinhos de Vento”, uma associação sem fins lucrativos⁶⁸ (Fig. 76 e 77).

⁶⁸ FRANCO, 1992. p. 282, 283.



Fig.76 - Ampliação do prédio principal do Hospital Moinhos de Vento. Fonte:TORRENSINI:2002, p.83.
Fig.77 -Hospital Moinhos de Vento no final da década de 50. Fonte:TORRENSINI:2002, p.81.

Também de origem germânica, o próprio nome diz, a Sociedade Germânica (Fig. 78) se instalou junto à praça desde de 1917. Essa instituição é a mais antiga sociedade recreativa de Porto Alegre. A primeira assembléia que tratou da sua fundação data de 1º/06/1885. Teve a princípio a denominação de *Gesellschaft Germânia*. Reunia a elite alemã radicada em Porto Alegre, diferenciando-se, por isso, de outras sociedades mais modestas, que surgiram mais tarde. Em 1886 inaugurou uma imponente sede própria, à Rua Dr. Flores, lado par. Esta sede foi incendiada e saqueada por ocasião de manifestações de anti-alemães de 14 a 16 de abril de 1917. Como o terreno foi desapropriado pela Intendência Municipal, para as obras de abertura da Av. Otávio Rocha, a sociedade adquiriu, na Praça Júlio de Castilhos, o elegante prédio neoclássico conhecido como “Vila Palmeiro”. Durante a Segunda Guerra Mundial, o prédio foi apropriado pelo governo federal, que ali instalou o comando da Zona Aérea. Devolvida a sede à entidade em 1953, reiniciou-se a vida associativa do centenário clube. Em 1981, a Sociedade permutou seu imóvel por dois andares no edifício que veio a ser construído no mesmo local. Expressivas personalidades do comércio e da indústria porto-alegrense dirigiram, ao longo do tempo, a Sociedade Germânia⁶⁹.

Mas a Praça Júlio de Castilhos também sofreu uma mudança que a aproximou da modernidade. Não uma mudança de escala grandiosa urbana, como o caso da Praça Dom Sebastião, que se organizou em função da circulação viária. A alteração se deu no sentido grandioso da verticalidade, pois os edifícios de dois ou três pavimentos foram sendo substituídos por arranha-céus de uso residencial com mais de dez pavimentos (Fig. 79). Percebe-se que, além da situação topográfica em que se encontra o sítio, a intenção de subir em altura é deflagradora de uma intenção de modernidade sem precedentes em Porto Alegre.

⁶⁹ FRANCO, 1992, p. 195.

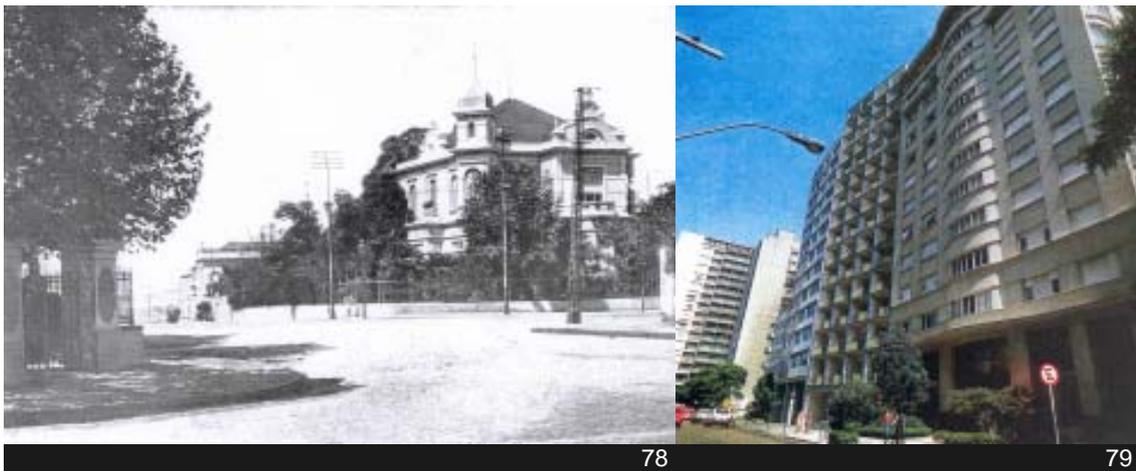


Fig.78 - Praça Júlio de Castilhos, e o palacete da "Sociedade Germânica", sede da antiga associação.

Fonte: COSTA: 1922, p.223.

Fig.79 - Entorno da praça Júlio de Castilhos, com edifícios de apartamentos. Fonte:

Mas não se pode deixar de apresentar a rica e diversificada prestação de serviços que foi se estabelecendo em torno desta praça: além do Hospital Moinhos de Vento, ali estabeleceu-se o Hospital Fêmea em 1955, o Colégio Bom Conselho, e o comércio de pequeno porte ao longo das galerias dos pavimentos térreo dos edifícios residenciais.

O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (Fig. 80), situado até hoje na Rua Ramiro Barcelos, nº 996, é apresentado à população como uma instituição que admite alunas internas, externas e semi-internas, com a finalidade de proporcionar à mocidade uma sólida educação intelectual, moral, religiosa e cívica. O Colégio era mantido pela Sociedade Caritativa e Literária de São Francisco de Assis, com sede em São Leopoldo. Na década de 50 integrava já um conjunto de instituições escolares⁷⁰ que contemplava a educação feminina completa.

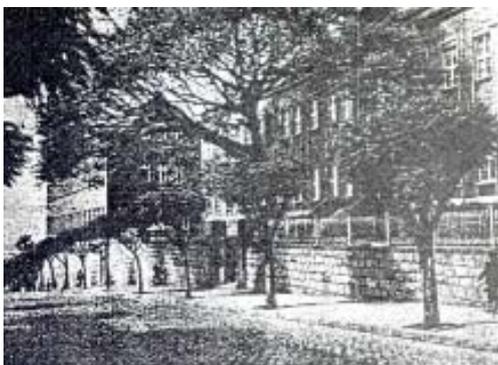


Fig.80 - Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.
Rua Ramiro Barcelos.

Fonte: SPALDING: 1953, s/p.

⁷⁰ Na década de 50, integrava o seguinte conjunto de instituições escolares: Curso Fundamental comum de 4 anos e Primário Complementar de 1 ano. Curso Ginásial de 4 anos. Curso Colegial de 3 anos, desdobrado em Clássico e Científico. (SPALDING, 1953, s/p)

O Instituto Santa Luzia, situado à Avenida Independência, era uma importante Fundação de Assistência Social em Porto Alegre. Este Instituto, para cego e surdos-mudos, pertencia ao rol das grandes e beneméritas instituições da ilustre dama, Dona Lydia Moschetti (Fig. 81 e 82).

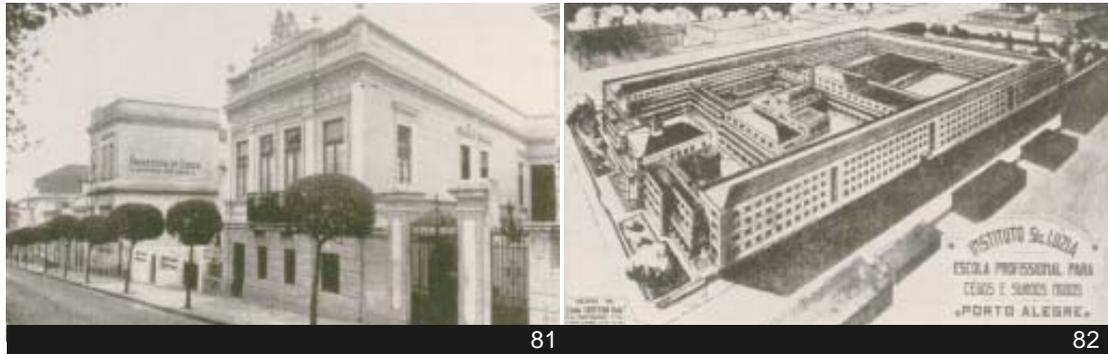


Fig.81 - Instituto Santa Luzia, na Av. Independência, sede inicial da instituição de Dona Lydia Moshetti. Fonte:SPALDING: 1953,s/p.

Fig.82 -Projeto da nova sede do Instituto Santa Luzia, para cegos e surdo-mudos.Obra iniciada na Estrada da Tiririca. Fonte:SPALDING: 1953, s/p.

Esses pobres que desconhecem a luz, e ignoram as belezas que encerra a grande Mãe Natureza, recebem nesse instituto dirigido por abnegadas freiras, todo carinho e o máximo cuidado intelectual e moral através, principalmente, do sistema Braille. (...) Prédios pequenos e acanhados, adotados à finalidade, estão, entretanto, longe de serem o que deveria ser a grande instituição de Dona Lydia Moschetti. Mas há um grande projeto já em vista de execução e para o qual já possui sua criadora regular fundo de reserva e terreno adquirido.⁷¹

2.3 O bairro Moinhos de Vento

A Rua: 24 de Outubro

Os bairros foram legalmente estabelecidos a partir da lei nº 2022, de 7 de dezembro de 1959, que fixou o limite de 58 deles, sendo o Moinhos de Vento o oitavo. O conceito de bairro como “a área que reúne as pessoas que usam o mesmo equipamento comunitário” estabelece uma ponte entre o conceito sentimental (o que dizem que é) e o técnico (unidade de consumo de serviços). Daí a validade e o interesse pela delimitação.

Os nomes dos bairros têm especial significação na toponímia geral da cidade, porque ao lado da motivação sentimental, determinada pela sua circunstância, deve ainda influir no condicionamento técnico-funcional dos equipamentos urbanos.

⁷¹ SPALDING, 1953, s/p.

Os moinhos situados a 270 metros das fortificações da cidade que passavam próximos de onde, hoje, situa-se a rua Pinto Bandeira, pertenciam a um senhor, Antonio Barbosa, e serviram durante a Revolução Farroupilha para os rebeldes se fixarem durante o ataque à cidadela, em 20 de junho de 1836. E, por essa razão, foram desapropriados e demolidos pelo governo imperial. Os outros, situados a 730 metros das mesmas fortificações, foram ocupados pelo general Antônio de Souza Neto, em 2 de maio de 1837, e usados, em 20 de junho, contra os imperiais. Importante é notar que os últimos, embora se situassem também nas proximidades da atual Avenida Independência, foram os primeiros que conferiram, inicialmente, o topônimo “moinhos de vento” à área em questão⁷².

O bairro Moinhos de Vento é sem dúvida um caso singular em Porto Alegre. Desde muito cedo, enriqueceu com as áreas de lazer como o Parque da Hidráulica e o Hipódromo. Sua característica aristocrática, denunciada visualmente pelos belíssimos prédios residenciais, atraiu o comércio de nível superior (modas, *souvenir* e arte) que foi expulso do centro urbano, devido ao custo elevado dos aluguéis (Fig. 83, 84, 85, 86, 87 e 88), para dar lugar à rede bancária. Participou também no aprimoramento da saúde da cidade de Porto Alegre com a implantação de hospitais, de prontos-socorros, de laboratórios e de gabinetes médicos. E para não dizer que todos dormem quando a noite chega, lá estão bares, restaurantes sofisticados e galerias de arte, freqüentados por porto-alegrenses de todas as camadas sociais e culturais.

Assim, Porto Alegre, pelo nome de dois de seus grandes bairros – Azenha e Moinhos de Vento - está ligada a estes velhos engenhos. As azenhas e os moinhos de vento foram usados, no fim do século XVIII e começo do seguinte, para garantir a maior produção de trigo do Brasil⁷³ (Fig. 89).

Vejamos um pouco da história do arraial São Manoel. Este bairro começou a ser loteado e povoado em torno de 1878, quando Maurícia Cândida da Fontoura Freitas e Fernando Fontoura Freitas promoveram a implantação do arraial denominado “São Manoel”, ligando a Estrada dos Moinhos de Vento (Rua 24 de Outubro) à Estrada da Floresta (atual Cristóvão Colombo). A regularização deste loteamento, entretanto, só foi feita em 1887, quando o engenheiro municipal verificou

⁷² MACEDO, 1966, p. 4.

⁷³ MACEDO, 1973, p. 193-196.

a equivalência das ruas do arraial com a planta. Poucos anos depois, em 1893, ocorreu a implantação da linha de bonde “Independência”, pela Cia Carris Urbanos, primeiro até a estação central (Rua Barreto Viana na esquina fronteira ao Parque Moinhos de Vento), e, logo depois, até a Rua Cel. Bordini. Eram ainda pequenos bondes, os chamados “caixa de fósforo” que foram substituídos pelos elétricos da Carris Porto-Alegrense em 1909. Percebe-se, assim, que desde a virada do século está presente a preocupação com o transporte coletivo neste bairro.



Fig.83 -Rua Mostardeiro, no arrabalde Moinhos de Vento, na década de 20.

Fonte: COSTA : 1922, p.230.

Fig.84 -Trecho da rua Moinhos de Vento, na década de 20.

Fonte: COSTA : 1922, p.229.

Fig.85 - Residências de Theodoro Saibro e Ernesto Hugo, de Edmundo Eichenberg e de Ernesto Heitmann. Arrabalde Moinhos de Vento, na década de 20.

Fonte: COSTA : 1922, p.240.

Fig.86 - Residência do Sr. Hugo Gertum, diretor do Banco Nacional do Comércio, à rua Mostardeiro, na década de 20.

Fonte: COSTA: 1922, p.244.

Fig.87 - Residência do Sr. Waldemar Bromberg, à rua Mostardeiro no aristocrático arrabalde Moinhos de Vento, na década de 20.

Fonte: COSTA : 1922, p.233.

Fig.88 - Luxuosas habitações em Porto Alegre: Residência de Carlos Daut, à avenida Indeendência; e residência de Henrique A. Jaeger, à rua Dr. Valle, na década de 20.

Fonte: COSTA : 1922, p.233.



Fig.89 - Moinho de vento típico dos Açores, modelo trazido para o Rio Grande do Sul, na metade do século XVIII.
Fonte: MACEDO: 1973, p.194.

Porém, de arraial São Manoel o bairro passa a chamar-se Moinhos de Vento. Esta denominação provém do nome da Rua Vinte e Quatro de Outubro que, até 1930, se denominava Rua Moinhos de Vento, como antes se chamara Estrada ou Caminho dos Moinhos de Vento a Av. Independência⁷⁴.

Em 1965, Érico Veríssimo apresenta os habitantes do bairro Moinhos de Vento:

Os descendentes de alemães que enriqueceram e hoje são os pilares do alto comércio e da indústria, elementos integrantes de nossa classe média-alta, habitam as residências do bairro chamado Moinhos de Vento, onde, no fundo de jardins em que brincam gnomos de barro pintado, vêem-se casarões com torres góticas e telhados de bico, numa espécie de nostalgia das neves germânicas. A classe média-baixa de origem alemã – pequenos comerciantes e industriais, artesãos, funcionários públicos, empregados do comércio – vive em geral lá em baixo, perto do rio, no sopé da colina principal dos Moinhos de Vento, num bairro chamado Floresta.⁷⁵

Ao longo da radial, três elementos estruturadores do espaço aberto organizam o bairro com escalas, funções e tempos diferentes. São eles: a Praça São Manoel, a Hidráulica Moinhos de Vento e o Prado Independência/Parque Moinhos de Ventos. Importante é verificar as vivências em momentos diferentes como promotoras de novos espaços e de sociabilidades.

A Praça São Manoel, localizada na confluência das ruas Félix da Cunha e Tobias da Silva, atualmente é chamada de Praça Maurício Cardoso. É uma praça antiga, implantada com o loteamento do Arraial São Manoel, que se abriu nos terrenos de Maurícia Cândida da Fontoura Freitas e Fernando de Freitas Travassos, em 1878. Teve, de início, o nome de Praça São Manoel, aonde foi lançada a pedra

⁷⁴ FRANCO, 1992, p. 281, 282.

⁷⁵ REVISTA DO GLOBO, 896, 1965, p. 6.

fundamental (24/02/1878) de uma capela de mesmo nome. Esta capela funcionou durante vários anos e chegou a ser sede de um curato (1912), cuja transferência ocorreu em 1917 para a Igreja São Pedro, na Avenida Cristóvão Colombo. Naquele tempo, a praça não tinha senão alguns casebres⁷⁶.

2.4.1 Os jardins que abastecem a cidade.

Hidráulica Moinhos de Vento

Nada melhor que apresentar um espaço público que tem significados diferentes para a população de uma cidade. Esse é o exemplo da Hidráulica Moinhos de Vento que oferece o serviço de abastecimento e de tratamento de água em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, abre para a população um espaço de visitação amplo e arborizado que foi expresso pelo próprio ambiente, os benefícios que presta à sociedade (Fig. 90).

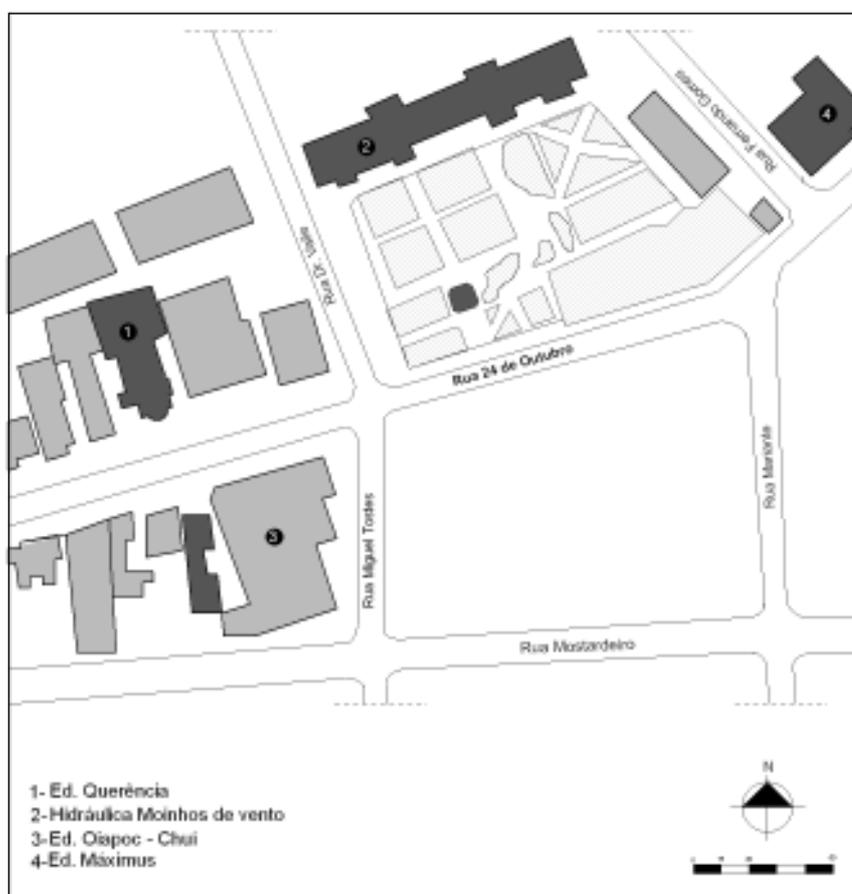


Fig. 90 – Planta de Situação da Hidráulica Moinhos de Vento.

Fonte: Maquete Eletrônica do acadêmico Lucas Volpato, baseada em plantas aerofotogramétricas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e levantamento no local, 2005.

⁷⁶ FRANCO, 1992. p.267

A história do abastecimento de água em Porto Alegre é de longa data, e tem características peculiares desenvolvidas pelos diversos administradores (Fig. 91). Foi no final do século XIX e início do XX que o Bairro Moinhos de Vento adquiriu um dos mais importantes equipamentos para o abastecimento de água da cidade. Esta história começou em 1780 quando a Câmara demonstrou a primeira preocupação com o conserto de uma fonte fora do “portão” da cidade, e a construção de uma fonte dentro da vila para consumo comum do povo. O abastecimento de água potável à cidade ocorreu, aproximadamente em 1860, com a fundação da Companhia Hidráulica Porto-Alegrense e a implantação do reservatório, dos chafarizes e das penas domiciliares. Com a expansão da cidade, esta companhia empenha-se em avançar com sua rede de canalização para atender além dos limites urbanos. Porém, era freqüente, especialmente no verão, que o fornecimento fosse suspenso.

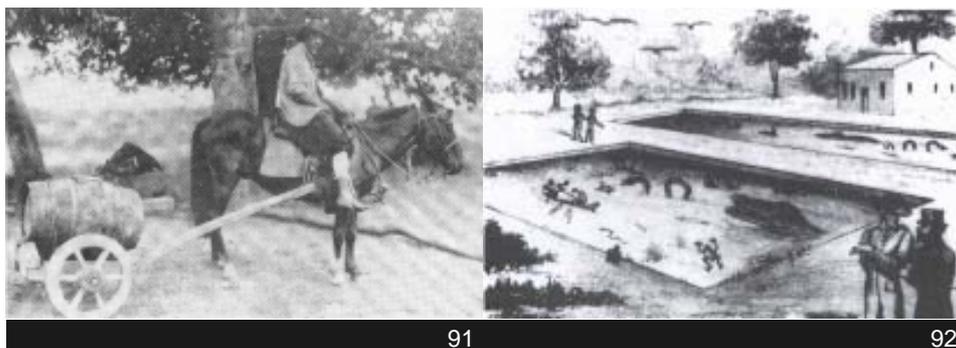


Fig.91 - Um pipeiro anônimo, distribuindo água potável na área próxima do Parque Farroupilha.
Fonte: PEREIRA: 1991, p.18.

Fig.92 - O humor crítico da edição “O Século”, em 02 de novembro de 1884. Tanques primitivos de Guaibense, no Moinhos de Vento, com a “água suculenta” oferecida a população.
Fonte: PEREIRA: 1991, p.24.

Desta insuficiência no abastecimento de água, abriu-se a oportunidade para outra empresa concessionária, a Cia Hidráulica Guaibense (Fig. 92), a captar o “líquido precioso” de uma fonte inesgotável: o próprio lago do Guaíba. Seu administrador, o engenheiro José Estácio de Lima Brandão, encaminhou os planos à Câmara Municipal em 1887, com detalhes finais em 1889. Com uma grande expectativa da população, em 1891, a Hidráulica Guaibense começou a operar, fazendo sua captação de água na Praia de Belas. Mas, em 1904, o município encampou, através de um processo de compra, todo o sistema desta hidráulica, passando a explorar os respectivos serviços, além de iniciar, por conta própria, a construção de uma nova usina de recalque à Rua Voluntários da Pátria e de reservatórios no Bairro Moinhos de Vento (Fig. 93, 94 e 95).

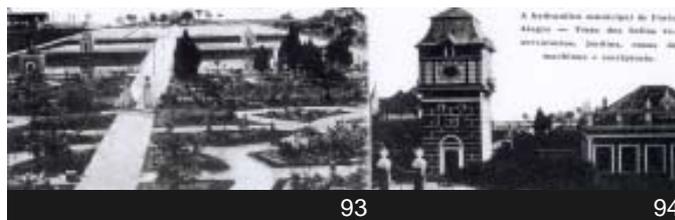


Fig.93 -Vista geral da Hidráulica Municipal de Porto Alegre.

Fonte: COSTA : 1922, p.175.

Fig.94 -Vista das construções da Hidráulica Municipal de Porto Alegre. Fonte: COSTA : 1922, p.175.

Fig.95 -Vista aérea da Hidráulica Municipal de Porto Alegre.

Fonte: COSTA : 1922, p.175.

José Montaury dedicou-se a questão do abastecimento de água, realizando elogiáveis melhoramentos durante sua administração. Construiu um novo reservatório na Hidráulica Moinhos de Vento, comprou novo conjunto de bombas e ampliou a rede existente⁷⁷ (Fig. 96).



Fig.96 - Klinger (à esquerda de óculos e chapéu) chegou a morar na Hidráulica Moinhos de Vento para acompanhar os serviços de ampliação.

Fonte: PEREIRA: 1991, p.54.

⁷⁷ WEIMER, 1992: p. 100.

Uma das primeiras ações do político Otávio Rocha, ao assumir a Intendência Municipal, foi nomear uma Comissão para estudar os principais problemas do espaço urbano. Esta foi dividida em subcomissões, das quais, a de Saneamento ocupou-se em trabalhar sobre o problema do abastecimento, da captação e do tratamento d'água, entre outras atividades.

Assim, a administração de Otávio Rocha deu aos habitantes da capital água de verdade, água potável, água tratada. A água começou a ser tratada quimicamente com cloro, e, graças a esse processo e aos filtros modernos instalados na 'Casa dos Filtros', esta pode ser bebida pura, com boa qualidade, diretamente das torneiras. A Casa dos Filtros estava na Hidráulica Municipal Moinhos de Vento, que também era chamada simplesmente de "Caixa d'água", a partir de 1910, quando iniciou sua construção⁷⁸.

A instalação de novos equipamentos para tratamento e filtragem da água, contratada pela empresa norte-americana Ulen & Cia., de Nova York, marcou uma revolução na qualidade de água fornecida ao porto-alegrense, em 1928, na Hidráulica da Rua Vinte e Quatro de Outubro⁷⁹. Pois, desde 1917, o consumo de água em Porto Alegre começou a aproximar-se da capacidade da estação hidráulica (captação, tratamento e filtragem); além disso, a capacidade dos filtros não reduzia mais a turbidez e a matéria orgânica de forma satisfatória. Então, o Engenheiro Alfredo Wiltgen foi enviado a Montevideu e a Buenos Aires, onde um sistema de tratamento e filtragem havia sido recém instalado, para estudar o assunto. No seu retorno, encaminhou um projeto idêntico para Porto Alegre, o qual seria elaborado pela empresa norte-americana Ulen and Company com sede em Nova Iorque.

O projeto foi aprovado pela Câmara Municipal, em 1920; em 1921, a câmara autorizou a obtenção de um empréstimo externo, mas a operação não foi realizada. Somente em 1925, Otávio Rocha conseguiu autorização para contrair o empréstimo de 4 milhões de dólares⁸⁰. Assim, as obras iniciaram em outubro de 1926 e foram inauguradas, em novembro de 1928, por Alberto Bins.

⁷⁸ PEREIRA, 1991, p. 39.

⁷⁹ FRANCO, 1992, p. 19,20 21.

⁸⁰ O empréstimo foi feito junto à norte-americana *Londerburg Thelmann e Cia.*, pagando juros de 7,5% ao ano, por 40 anos. (PEREIRA, 1991, p. 44.)

A modernização da Estação de Tratamento da Hidráulica Moinhos de Vento contava com a construção de uma nova galeria para abrigar oito filtros rápidos, além dos quatro filtros lentos já existentes que seriam adaptados e transformados em decantadores.

Na galeria seria feito um torreão central para ser sede de um laboratório, para controlar a água distribuída. Um outro prédio foi construído para abrigar instalações destinadas a operação de adição de sulfato de alumínio, um acondicionador, para acelerar a mistura do sulfato com a água bruta, antes dela chegar aos decantadores.⁸¹

Além disso, seria construído um reservatório em forma cilíndrica (com capacidade de 6.500.00 litros), e aproveitados os reservatórios subterrâneos já existentes. A torre do reservatório elevado seria aumentada, enquanto um outro reservatório metálico e elevado seria construído para conter a água destinada à lavagem dos filtros⁸². Finalmente, então, Porto Alegre teria água de verdade, água potável, água tratada (Fig. 97 e 98).

Em 1950, Porto Alegre tinha uma população de 394.151 habitantes em todo seu território. E o abastecimento de água tornava-se tão insuficiente que o prefeito, engenheiro Ildo Meneghetti, na sua segunda administração municipal, em 1953, traçou como prioridade a construção de duas novas estações de tratamento e distribuição, na Lomba do Sabão e na Tristeza⁸³. A estação da Lomba do Sabão seria responsável pelo abastecimento dos bairros Vila São José, Vila João Pessoa e grande parte do Partenon. A segunda, a Hidráulica da Tristeza, abasteceria os bairros da Tristeza, Cristal, Pedra Redonda, Vila Conceição, Cavahada e Vila Assunção⁸⁴.



97



98

Fig.97 - Vista aérea dos jardins da Hidráulica Municipal de Porto Alegre. Fonte: COSTA, 1922, p. 175.

Fig.98 - Vista aérea dos tanques da Hidráulica Municipal de Porto Alegre. Fonte: COSTA, 1922, p. 175.

⁸¹ PEREIRA, 1991, p. 44.

⁸² PEREIRA, 1991, p. 44.

⁸³ PEREIRA, 1991, p. 40.

⁸⁴ SPALDING, 1953, s/p.

A Hidráulica dos Moinhos de Vento era o orgulho da administração de Otávio Rocha. A concepção espacial, ocupando um quarteirão inteiro, além de demonstrar importância fundamental para a melhora da qualidade de vida da população, adequava-se ao local implantado. Técnica e arte se mesclavam com a sensibilidade da natureza, através da criação de canteiros que harmonizavam as casas de filtros e caixas d'água necessárias. Segundo Weimer⁸⁵, o projeto arquitetônico de Christiano de La Paix Gelbert e a construção de Theo Wiederspahn e os tanques de filtragem eram os mais modernos equipamentos de controle importados diretamente dos Estados Unidos. “O prosaico castelo d'água transformado em obra monumental”⁸⁶, é exemplo da hierarquia dedicada ao conjunto. Não se pode esquecer também, que a localização desta hidráulica era no topo da cidade, ao lado das moradias das elites.

Quanto aos jardins, há a presença forte da influência francesa, que os torna mais requintados com os desníveis, necessários à questão técnica, para o trânsito do pedestre. Passeios que eram freqüentes pela população, pois além de ser um local protegido, por ser murado, seus encantos eram apreciados pelas famílias que atravessavam as pontes, usavam os bancos para descanso e usufruíam da beleza arquitetônica e do espaço aberto (Fig. 99).



Fig.99 - Hidráulica Municipal de Porto Alegre. Um dos aspectos das instalações na rua Moinhos de Vento.
Fonte: COSTA, 1922, p.173.

A Hidráulica Moinhos de Vento era orgulho da cidade, sendo muitas as imagens encontradas em fontes de época dos seus espaços abertos, equipamentos, bancos, fontes, etc⁸⁷.

⁸⁵ WEIMER, 1992, p. 102.

⁸⁶ WEIMER, 1992, p. 103.

⁸⁷ Ver imagens em SPALDING, Walter. **Porto Alegre – monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal**. São Paulo: Habitat Editora Ltda., 1953.

2.4.2 Espaço público para o lazer das elites: do hipódromo ao lazer esportivo e recreativo. Parque Moinhos de Vento

Entre a idéia de lazer público e loteamento privado surgiu, no final da década de 50, a polêmica urbana sobre o destino do sítio onde hoje se encontra o Parque Moinhos de Vento.

O conceito de parque é bem definido entre os brasileiros, e teve sua história caracterizada pela expansão dos centros urbanos. O parque é, essencialmente, um espaço público, dedicado ao povo para seu lazer e entretenimento. É local obrigatório nas cidades desde a concentração da população nos centros urbanos, a partir do século XIX. O Parque Moinhos de Vento surgiu como um espaço dedicado ao lazer e teve uma história que sempre valorizou o esporte. Público por excelência, o espaço para a prática do turfe era freqüentado pela elite de Porto Alegre. De 1894 a 1959, o local que hoje é ocupado pelo Parque Moinhos de Vento – o conhecido Parcão – foi sede do hipódromo que organizou e deu status a uma diversão bem gaúcha e bem campeira: a corrida de cavalos⁸⁸.

O nome do parque, assim como o do bairro, teve origem no século XVII, quando um português, Antônio Martins Barbosa, vindo de Minas Gerais, estabeleceu-se com seu moinho de vento nas imediações da atual confluência da Avenida Independência com a Rua Ramiro Barcelos⁸⁹.

2.4.2.1 Prado Independência e Hipódromo do Cristal

A história dos prados de Porto Alegre tem um charme especial. Mais ou menos no mesmo período da implantação da linha de bonde Independência, no fim do século XIX, encontravam-se instalados quatro hipódromos na cidade. A igual distância do centro e à margem das radiais mais importantes, os prados representavam significativos núcleos periféricos, verdadeiros candidatos a centro de novos bairros. Na planta da cidade de 1888, de João Cândido Jacques, já apareciam os dois primeiros, o Prado Rio-grandense, no Menino Deus e o Boa Vista, no arraial de São Miguel. A planta seguinte, de Alexandre Ahrons, registra os

⁸⁸ Zero Hora, 29/11/2001, p. 62.

⁸⁹ Atlas de Porto Alegre, p. 139.

outros dois, o Navegantes e o da Independência⁹⁰, localizados nos bairros de mesmo nome. Todos acabaram fechados, concentrando-se a atração turfística do porto-alegrense no bairro que aos poucos foi se povoando e se transformando num dos mais requintados da Capital⁹¹.

O Prado Independência (Fig. 100), inaugurado em 1894, organizou associações turfísticas, com um programa inicial de 12 páreos. Sérgio da Costa Franco cita o Jornal do Comércio que publicou notícia sobre a sua inauguração:

Este novo hipódromo, que se acha colocado em ótimo lugar, junto à estação da Companhia Carris Urbanos, dará hoje as suas corridas de estréia. O seu pavilhão, com espaçosas arquibancadas pode dar acomodações para milhares de pessoas. Daí, bem como de qualquer lugar dentro do recinto do Prado, se poderá apreciar perfeitamente as corridas. A cancha, construída sobre um belo chapadão e tendo de circunferência 1000 metros, prestar-se-á ao fim de que é destinada, mesmo depois de fortes chuvas, porque houve o cuidado da construção de largos escoadouros para as águas.⁹²

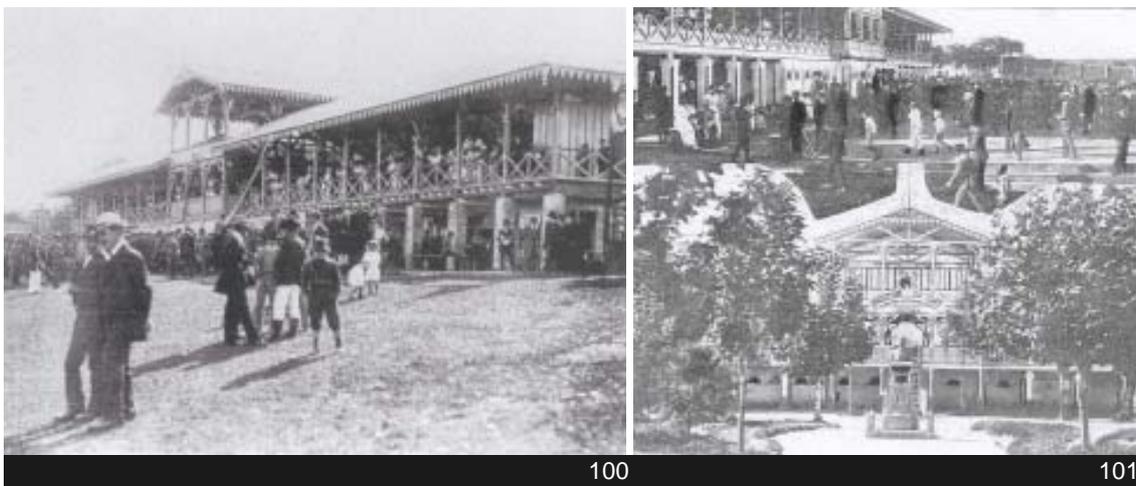


Fig.100 -Prado da Independência no início do século XX. (Fotógrafo: Virgílio Calegari).

Fonte:"Porto Alegre uma história em 3 tempos":1998, p.36.

Fig.101 -Pavilhão do Hipódromo da "Protetora do Turfe", em dia de corrida, Fonte: COSTA, 1922, p.189.

A partir de 1909, o Prado Independência eliminou, pela concorrência, todos os demais. A sede escolhida para a Associação Protetora do Turfe (Fig. 101) foi este hipódromo, que depois se transformou em Jockey Club do Rio Grande do Sul. Dentro de uma das áreas que se tornaram mais valiosas da cidade, cercado de

⁹⁰ MACEDO: 1993, p. 79

⁹¹ Zero Hora, 29/11/2001, p. 62.

⁹² FRANCO: 1992, p . 209.

construções de alto preço, o Prado Independência começou a ser visto como um equipamento fora de escala e de propósito para o bairro. Assim, em 1957, depois de 15 anos de negociações com a Associação e alegando medida de “higiene e urbanismo”, o hipódromo da Rua 24 de Outubro encerrou suas atividades. Tendo-se tornado o único centro turfístico da capital, suas pequenas instalações obrigaram o Jockey Club do Rio Grande do Sul a procurar local mais amplo para sua transferência⁹³. Assim, no mesmo ano de 1957 foi inaugurado o Hipódromo do Cristal⁹⁴, com atraente arquitetura e duas pistas, uma de areia e outra de grama, construído na beira do Guaíba⁹⁵. Ao longo de sua história, pode-se citar várias figuras destacadas do Estado e do país que freqüentaram o prado, entre elas Carlos Barbosa, J. F. de Assis Brasil, José Montauray, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getulio Vargas e João Goulart⁹⁶.

Depois da transferência do prado para o Cristal, ainda restava no local a Baixada do Grêmio⁹⁷. O patrimônio de um clube de futebol começa pelo seu estádio, e o Grêmio, logo após sua fundação, estava construindo o seu. Em 1904 foi inaugurado o Estádio da Baixada, localizado no Bairro Moinhos de Vento, onde ficou até 1954 (Fig. 102), quando foi inaugurado o Estádio Olímpico⁹⁸.



Fig.102 - Parcão na década de 80. Fonte: Museu José Joaquim Felizardo.

⁹³ Atlas de Porto Alegre, p. 139.

⁹⁴ Sobre o Hipódromo do Cristal ver em CANEZ, Anna Paula. **Arquiteturas Cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eládio Dieste em Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2004.

⁹⁵ FRANCO: 1992. p. 209-210.

⁹⁶ Zero Hora, 29/11/2001, p. 62.

⁹⁷ Zero Hora, 29/11/2001, p. 62.

⁹⁸ A denominação de “Olímpico” é resultado de que o estádio foi construído para todos os esportes olímpicos, sendo sede da Olimpíada Mundial Universitária, em 1963. (MARTINS, Luiz Carlos. IN: DORNELLES: 2004, p. 324.)

2.4.2.2 Plano de Humanização da cidade:

Primeira etapa: Parque Moinhos de Vento.

Houve grande empenho da imprensa e da Câmara Municipal, por meio do jornalista Alberto André e dos vereadores Germano Petersen Filho e Marino dos Santos, no sentido de impedir o loteamento do local do antigo Prado Independência e transformar a área em verde e pública⁹⁹. Até meados do século XX, Porto Alegre possuía apenas dois parques: o Farroupilha, muito próximo ao centro, e o Saint-Hilaire, fora da cidade. A intenção de lotear a área do antigo Prado gerou muitos debates e, finalmente, em 1962 o prefeito José Loureiro da Silva assinou o decreto de desapropriação.

Em 9 de novembro de 1972, a área de 115.000m² recebeu o nome de Parque Moinhos de Vento, sendo inaugurado no dia 11 do mesmo mês. Neste evento foi inaugurado também o trecho da 2ª perimetral, que divide o parque em dois setores: o primeiro com predominância de equipamentos esportivos e o segundo utilizado pela população para caminhadas, e que se caracteriza pelas funções de recreação infantil e lazer contemplativo¹⁰⁰.

Na década de 70 foram divulgadas muitas notícias do Parque Moinhos de Vento, desde a sua construção, manutenção, atividades diversas de lazer e problemas, sendo a população envolvida sugerindo alternativas para superar os diversos problemas (Fig. 103). Para citar um exemplo, “Em novembro a cidade respira em novos parques”, é o título que Alberto André deu a um artigo publicado para o Jornal Correio do Povo, explicando com detalhes as alterações nas imediações e a construção do próprio parque¹⁰¹.



Fig.103 - Parcão na década de 80. Fonte: Museu José Joaquim Felizardo.

⁹⁹ Atlas de Porto Alegre, p. 139.

¹⁰⁰ Atlas de Porto Alegre, p. 139.

¹⁰¹ Correio do Povo, 11 de abril de 1971, p. 15.

A memória justificativa do projeto do Parque Moinhos de Vento, elaborada pelo arquiteto José Morbini, no final de 1969, desencadeou uma iniciativa da prefeitura em melhorar os espaços abertos de Porto Alegre. A administração decidiu apoiar a execução do Parque Moinhos de Vento – como uma primeira etapa do projeto - e também de outros parques, visando a caracterizar o ano de 1971 como o ano de “humanização da cidade”¹⁰². Foi assim então denominado, o Plano de Humanização da cidade, que possuía um rol de empreendimentos, no qual se destacou o colorido das praças e o desafogo dos espaços abertos. Era, sem dúvida, um “programa que visava melhorar a relação entre a área livre e o habitante”, segundo o Prefeito Thompson Flores (Fig. 104,105 e 106).

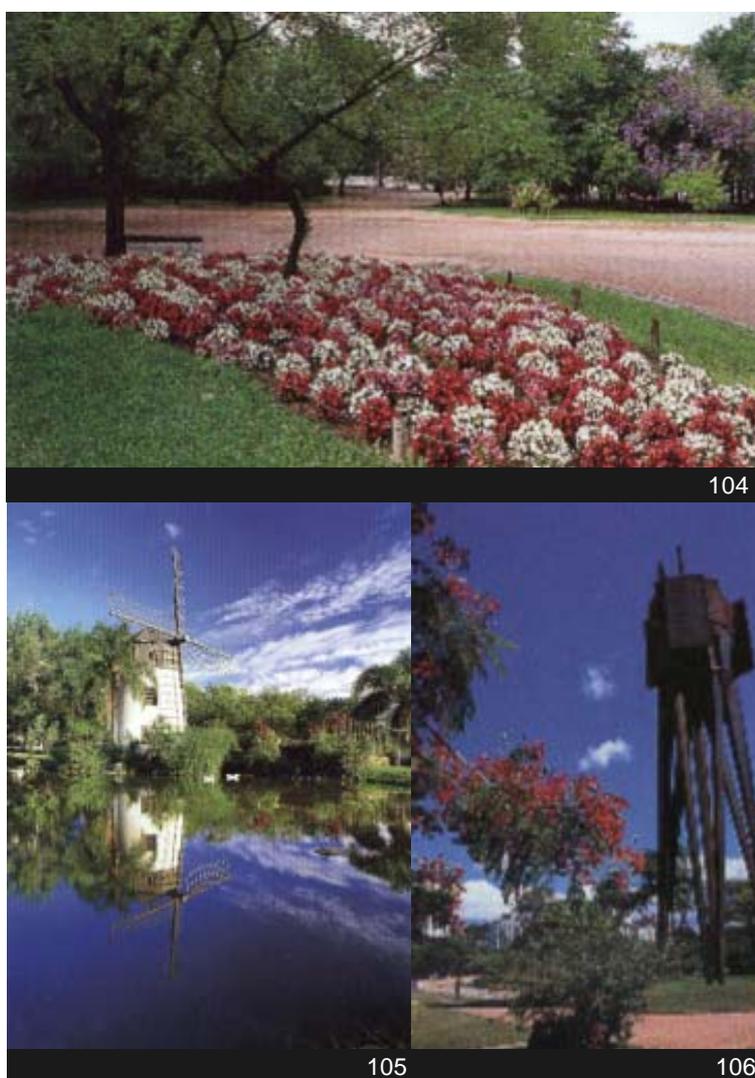


Fig.104, 105 e 106 - Parque Moinhos de Vento, na década de 90.
Fonte: www.terraccams.com.br

¹⁰² CORREIO DO POVO, 11/04/71, p. 15.

A argumentação é bastante conhecida, mas não apreendida como o demonstra São Paulo, hoje totalmente engolida pelo cimento armado e tomada pelo esquema viário. A equação técnica ideal de dez metros quadrados de área verde por habitante é em Porto Alegre de um por um. A referida Memória anota algumas cidades: Londres com 10,7 m², Nova Iorque com 9,3 m², Brasília com 22 m², São Francisco na Califórnia com 35 m², plano diretor de Curitiba com 23. Concordando com tal equação, urbanistas, arquitetos, sociólogos, higienistas e outros, deixam, no entanto claro terem países e cidades fatores próprios. Para os entendidos, ao que parece, a conclusão é de pelo menos cinco metros quadrados.¹⁰³

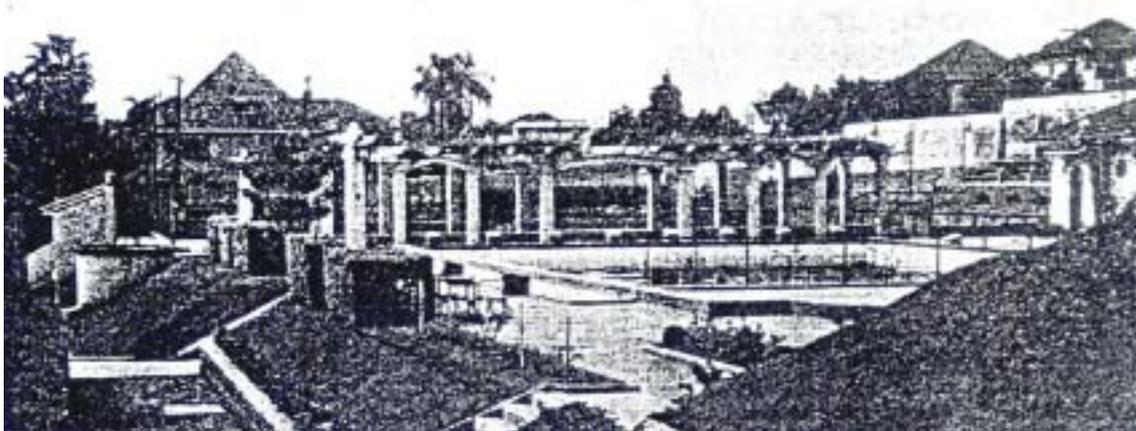
Um equipamento importante do parque era o Grupo Escolar Uruguai, cuja escola Alberto André se referia como uma amável surpresa. O Prof. Frederico Lamacchia afirmava “ser um dos mais bonitos construídos pela Prefeitura”. Havia também o campo de futebol, as canchas de vôlei, cestobol e atletismo, além de duas unidades de futebol de salão, vestiários e sanitários¹⁰⁴.

Em uma das imagens da referida reportagem do Jornal Correio do Povo é marcante a presença dos edifícios de apartamentos que compõem duas das fachadas do parque. A verticalidade nas construções nas imediações do parque aponta para mais um argumento na transformação do espaço em área verde para a cidade. Edifícios com mais de dez andares comportavam uma parcela representativa da população do bairro que, certamente, usufruiriam deste espaço. São eles: os Edifícios Moinhos de Vento, Rio Grande do Sul, Santa Luíza e Bela Vista, para citar alguns dos mais importantes.

Depois deste trajeto percorrido através da história dos bairros, e de através de suas principais vias, pode-se lançar uma hipótese que envolve o crescimento da cidade e, ainda, em qual sentido ou em que direção ocorreu este crescimento. Se é certo que a radial Independência/Vinte e Quatro de Outubro estabeleceu um desenvolvimento no sentido centro/bairro, não poderíamos dizer o mesmo com relação ao desenvolvimento e ocupação do bairro? Com relação ao Bairro Moinhos de Vento, sua ocupação se deu no sentido centro/bairro e também no sentido bairro/centro, visto que a Praça e a capela São Manoel, e o Prado Independência, foram equipamentos e serviços urbanos que se estabeleceram de forma quase independente do centro (Fig. 107 e 108).

¹⁰³ CORREIO DO POVO, 15/04/71, p. 15.

¹⁰⁴ CORREIO DO POVO, 11/04/71, p. 15.



107



108

Fig.107 - Associação Leopoldina Juvenil, à rua Marques do Herval.

Fonte: SPALDING: 1953, s/p.

Fig.108 - Sede da Sociedade Leopoldina Juvenil, fundada em 1863.

Fonte: SPALDING: 1953, s/p.

CAPÍTULO 3

OS MODOS DE MORAR: O ESPAÇO PRIVADO DAS ELITES EM PORTO ALEGRE.

As elites, que passaram a habitar os apartamentos modernos, necessitaram fazer adaptações nos modos de morar. Tanto o espaço como a tecnologia eram novos para uma sociedade que tinha a intenção de acompanhar o movimento dos tempos. Ajustar-se a essas transformações exigia esforços, tanto dos moradores como dos promotores dessas alterações. Os edifícios de apartamentos, que continham unidades privadas em um mesmo prédio, tiveram que se acomodar também às exigências dos moradores, de acordo com a sua situação social. Nem sempre morar em apartamentos significou o *status* que atingiu a partir da década de 30. O apartamento na história e os modos de morar em apartamentos no Brasil percorreram um trajeto cheio de acontecimentos que acompanha o processo de desenvolvimento da sociedade brasileira. O objetivo deste capítulo é apresentar as principais alterações no modo privado de viver das elites, buscando suas relações com o cotidiano no interior dos edifícios.

Morada, vivenda, residência, habitação, lar, família. Todas estas palavras referem-se, de uma maneira ou de outra, a integração particular entre o homem e o espaço privado, entre o homem e a casa, que nada mais é do que o edifício para o seu abrigo e proteção. Se verificarmos em Dicionários de Arquitetura, encontraremos o termo habitação como abrigo ou invólucro que protege o homem e favorece sua vida tanto no aspecto material quanto no aspecto espiritual.¹

A casa é o espaço delimitado onde se desenvolve uma série de atividades relativas à sobrevivência ou a manutenção do corpo e do espírito, no domínio do privado, isto é, aquelas atividades que devem ocorrer na intimidade, fora das vistas do público ou de estranhos. A arquitetura deve garantir o seu desenvolvimento em circunstâncias ideais, pois a sua qualidade de desempenho depende das condições oferecidas pela construção.²

A importância da vida privada para o habitat doméstico pode ser verificada no valor que a unidade contém e na sua capacidade de favorecer recolhimento e uma discreta relação entre os próprios espaços interiores. Pode-se dizer que seu valor arquitetônico reside na capacidade que têm os espaços em si mesmos de expressar através de sua forma aquele recolhimento e aquela relação³.

O termo privacidade é tradução literal do inglês. Privacidade diz respeito ao conjunto de ações que devem ocorrer na esfera do velado, no intramuros: satisfação das necessidades fisiológicas, relações sexuais, afetividade, religiosidade, atividade intelectual, convívio familiar, etc. Desde o século XVI assistimos ao desenvolvimento da privacidade e da higiene; até que no século XIX a privacidade tornou-se uma das funções mais importantes da casa⁴.

Deve-se levar em consideração que a relação de privacidade e intimidade entre os homens e os espaços se modificam com o passar dos tempos. Certas atividades em determinado período passaram a não ser mais realizadas individualmente. Exemplo disso são os afazeres que correspondem ao ambiente da cozinha. O que antes era realizado por uma escrava ou, posteriormente, por uma empregada, na década de 50, pode ser realizado pela dona da casa ou pelas demais pessoas, devido ao conforto que os eletrodomésticos trouxeram. Muitas vezes, não há a distinção física espacial das áreas de estar e de jantar.

¹ CORONA E LEMOS, 1972, p.45.

² HOMEM, 1996, p. 23.

³ CORNOLDI, 1999, p. 9.

⁴ HOMEM, 1996, p. 23.

Um dos conceitos mais atuais de vida doméstica é a de “um conjunto complexo de momentos individuais diferenciados, integrados em uma ampla série de momentos de encontro, todavia mais diferenciados segundo os diversos graus de relação.”⁵

Na cultura de massas do habitar contemporâneo, a idéia da vivenda se conforma a partir de modelos de ostentação exteriores. Na mesma cultura arquitetônica, a vivenda unifamiliar é geralmente objeto de interesse “em negativo”, por quanto se refere àquilo que sucede no exterior de seus muros: a vivenda em relação à cidade com a implantação; o alojamento em relação a tipologia edificatória e suas características organizativas gerais; a vivenda em relação a problemas figurativos abstratos. Tudo que sucede no interior de seus muros está tratado com negligência. Mas pode-se atribuir valor de fato arquitetônico. Isto só é possível baseando o projeto no compromisso de um tipo arquitetônico de vivenda, cujos elementos representem o lugar do habitar, como elemento destacado em relação a uma idéia de vida doméstica.⁶

Roberto Segre apresenta a idéia da moradia individual no fim de milênio, como uma idéia anacrônica, pois a população do mundo é prioritariamente urbana, resultando como forma de moradia o habitat coletivo.

Porém, a idéia de casa – grafismo elementar que mistura realidade e fantasia em desenhos de crianças e habitações reais – subsiste na extensão do planeta, reafirmando as teses sobre a imanência da cabana primitiva, a maneira de ícone da segunda ou terceira pele do homem.⁷

Para explicar esta transformação, convém citar Pierre Bourdieu que apresenta o *habitus* como uma teoria do comportamento das classes sociais que se relacionam através de práticas, representações e disposições em um tipo particular de meio. As elites, referidas neste trabalho, tiveram que transformar, adaptar suas práticas de relacionamentos para adequar-se aos novos tempos da modernidade e, em conseqüência, à nova arquitetura. Mas será que o *habitus* que Bourdieu cita, não permaneceu nestes indivíduos? Ou será que somente foi ajustado ao meio que, aos poucos se desenvolveu, tanto quanto as classes sociais? Ou será que se mantém, e incorpora a inventividade e a criatividade? Segundo o próprio Bourdieu:

(...) o *habitus* é o gerador das práticas e representações e como resultante da assimilação e interiorização consciente ou inconsciente das estratégias. As estratégias educacionais seriam as mais importantes

⁵ CORNOLDI, 1999, p. 9.

⁶ CORNOLDI, 1999, p. 9.

⁷ Conforme Roberto Segre, a segunda pele pode ser vista como a roupa, que ficaria entre o homem e a casa. (SEGRE, 1999, p. 14).

por serem fornecidas pela família e decorrentes da posição de classes. Seguem-se as pedagógicas, econômicas, profissionais, matrimoniais, os investimentos culturais ou as estratégias ditadas pelos meios de produção, etc. Habitus faz a pessoa social com todas as disposições que são marcas da posição social.⁸

Muitos são os fatores que podem influir nas moradias de uma sociedade, dentre os quais, citados no capítulo anterior, o desenvolvimento físico da cidade e dos bairros no século 20. As décadas de 40 e 50 são representativas para o desenvolvimento e consolidação do Movimento Moderno em Porto Alegre, assim como são significativas as transformações nos modos de morar das elites.

Para a família em geral, na década de 50, duas eram as possibilidades de habitação: uma casa isolada ou um apartamento. Tanto uma alternativa como a outra poderiam abrigar no mínimo duas pessoas – um casal sem filhos, por exemplo – ou mais pessoas, isto é, um casal com um filho ou mais do mesmo sexo ou de sexos diferentes; ou uma família numerosa composta por, além do casal e dos filhos, parentes. Existia ainda o caso do indivíduo sozinho habitando em um apartamento mínimo. Estes seriam, de uma maneira geral, os tipos de habitações, naturalmente variáveis segundo as possibilidades financeiras dos habitantes⁹.

Mas como esses elementos, os diferentes tipos de família, de hábitos e de habitação, aparecem na Porto Alegre no período abordado pela presente tese? Ao longo deste capítulo, serão apresentados dados de uma edição especial da Editora Globo, intitulada Enciclopédia da Mulher, de 1958, originalmente francesa e editada pela primeira vez em Paris. Tal publicação possui, em um capítulo dedicado especialmente à casa, importantes conceitos sobre os modos de morar, assim como a maneira de se organizar e de se viver em uma casa moderna. Era uma publicação direcionada, essencialmente, às elites.

Segundo a Enciclopédia da Mulher, a casa é o habitat essencial do homem, o ambiente no qual em grande, senão na maior parte, ele se desenvolve, adquire seus hábitos de vida e forma a sua própria personalidade. A publicação relaciona o habitat do homem com o dos animais e das plantas, este último depende de causas externas, que escapam da possibilidade de modificação por parte do homem. Já o habitat humano depende, em grande parte, dele próprio. Apresenta

⁸ HOMEM, 1996, p. 17.

⁹ ENCICLOPÉDIA DA MULHER, 1958, p. 73-75.

como problema fundamental da consciência clara da responsabilidade na qualidade da própria habitação, pois desta consciência depende, em grande parte, a vida da família (Fig. 109).



Fig.109 - A Casa
Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p.72.

Essa publicação, que possui um público bem definido, ou seja, as mulheres das elites, apresenta um pouco das idéias que se encontram originalmente na família, *o habitus*.¹⁰ . Nesta enciclopédia o tom de ensinar é característico.

O habitat tem o significado biológico, mas também é acrescido de poesia. Poesia não quer dizer cantos e recantos, adornos e sentimentalismo a baixo preço; quer dizer o contínuo refazer-se de acordo com o sentido da natureza e da ingenuidade das coisas; quer dizer ar, luz, flores, plantas e, sobretudo o banimento da mesquinhez moral que se percebe em uma casa, do porão de grades à janela, graças à ausência absoluta de uma planta viva ou de um livro; incluindo-se nessa

¹⁰ ENCICLOPÉDIA DA MULHER, 1958, p. 80.

mesquinhez moral o abrir-se a sala de visitas uma vez por ano e o hábito de comer-se na cozinha quando se tem uma sala de jantar.¹¹

Poderemos aqui lembrar Bourdieu, citado anteriormente, e sua compreensão de *habitus* vinculador de estatuto social e práticas sociais.

A seguir, iremos conhecer um pouco da história do processo privado do habitar na sociedade brasileira, e nos aprofundaremos nos modos de morar das elites porto-alegrenses da década de 50.

3.1 O ESPAÇO PRIVADO: O APARTAMENTO NA HISTÓRIA

3.1.1 Antecedentes do apartamento moderno

Estudar a genealogia do apartamento moderno implica, nessa tese, considerar a longa duração. Segundo Eleb¹², freqüentemente o pesquisador valoriza apenas o seu período, sem se dar conta que ele está imbricado com períodos precedentes. Por outro lado, é necessário considerar um limite possível de ser trabalhado, abordando as modificações ocorridas em longos períodos deixando de lado períodos curtos e bem delimitados¹³. Não se tem a pretensão, no presente item, de tentar estabelecer um histórico do apartamento ao longo dos séculos, mas, sim, destacar alguns importantes antecedentes do moderno apartamento.

Quando se trata de apartamento, duas características nos parecem fundamentais para a sua delimitação enquanto espaço conceitual. Embora pareçam contraditórios, o coletivo e a privacidade são os dois dos itens que mais definem o “morar em apartamento”. O coletivo diz respeito à habitação em conjunto, de várias famílias em uma mesma construção, em um mesmo abrigo. É o que caracteriza o morar coletivamente, pois embora isolados, vários núcleos familiares convivem de maneira muito próxima. Ao mesmo tempo, essa convivência é igualmente privativa, pois cada grupo possui o seu território bem definido, a sua espacialidade identificada por seus limites físicos, seus costumes e suas rotinas. Características formais

¹¹ ENCICLOPÉDIA DA MULHER, 1958, p. 80.

¹² ELEB, 2002, p. 150.

¹³ ELEB, 2002, p. 149.

também devem ser citadas: o princípio da verticalidade, que na maioria das vezes acompanha a idéia do apartamento e o princípio da repetição de unidades, que via de regra é usado para otimizar a construção das vivendas em conjunto. Também sua condição de urbanidade é significativa, ou seja, a habitação coletiva é um edifício essencialmente urbano, localizado nas cidades, onde a proximidade dos serviços que estas oferecem é condição prioritária para seus habitantes. Porém, o “morar em conjunto”, e o “separar no modo de viver” são, ao nosso ver, condições essenciais aos apartamentos.

Na história ocidental, a idéia de obter intimidade, privacidade e conforto nos núcleos de moradias ou de trabalho é perfeitamente adaptável ao fato de apartar, separar, dividir, com tal objetivo. Apartamento, conforme Lemos e Corona¹⁴, vem da palavra que significa ato ou efeito de apartar, em arquitetura, é usada para designar elementos de separação como, por exemplo, cercas, muro ou divisórias, ou então elementos separados como as unidades de moradia em prédios de habitação coletiva. Daí a expressão, “prédios de apartamentos”.

Três são os antecedentes do apartamento moderno que devem ser citados como mais importantes. O primeiro deles nos remete à Antigüidade Clássica, no período da Roma Imperial, quando edifícios de até cinco pavimentos foram construídos para habitação coletiva dedicada à classe menos favorecida da sociedade. As *insulae*, como eram denominadas, consistiam em edificações de propriedade dos cidadãos mais ricos agrupando diversos apartamentos que eram alugados para inúmeras famílias, localizando-se, sobretudo no centro urbano. O segundo antecedente a ser mencionado cristalizou o espaço do apartamento para as elites. No século XVII, a corte francesa separa recintos delimitados dentro de sua própria habitação urbana – o *hôtel particulier* - especialmente para a sua privacidade. São os apartamentos propriamente ditos, separados do restante da edificação, com características bem definidas de intimidade e privacidade. O *appartement*, situado no *hôtel particulier* francês inaugura a configuração espacial do que, mais adiante, vai se configurar no apartamento moderno. O terceiro antecedente é o apartamento do século XIX e início do século XX, que serve como precursor do moderno apartamento.

¹⁴ CORONA e LEMOS, 1972, p. 45.

3.1.1.1 As *insulae*

A origem propriamente dita dos prédios de apartamentos encontra-se, conforme referido acima, no período final do Império Romano, onde edificações de até cinco pavimentos de altura – as *insulae* - demonstravam o esplendor da vida urbana, especialmente nas cidades de Roma, Pompéia e Óstia. Contudo, à medida que este Império declinava e, por conseqüência, as cidades antigas se despovoavam, tais edifícios foram, aos poucos, sendo abandonados¹⁵. Não se tem dúvida do caráter de modernidade que as *insulae* representaram nestas cidades e dos serviços que prestavam. Mas, apesar desta urbanização intensa fascinar pela sua modernidade, impõe-se naquele momento como excepcional, mesmo no Ocidente¹⁶.

Foi com o crescimento da população, a partir do século III a.C., que Roma atingiu um estilo de vida de grande cidade, que voltará a alcançar, somente em finais do século XIX¹⁷. As conseqüências deste crescimento foram a formação de um proletariado urbano, a especulação do solo, o aparecimento de subúrbios e uma escassez permanente de habitação. Para a massa da população carente de habitações, foi então criado um novo tipo de moradia: a casa de aluguel, constituída, sobretudo, de pequenos apartamentos (*Cenacula*)¹⁸. As primeiras destas *insulae* surgem mediante transformações, elevações e agrupamentos de casas de átrio¹⁹. O preço elevado dos aluguéis obriga numerosos locatários a sub-alugar parte do seu apartamento, o que agrava a promiscuidade²⁰.

A característica da insula em abrigar mais de uma função não era novidade para a tipologia da habitação unifamiliar. Em vários exemplos de *domus*, os compartimentos junto à fachada da frente, laterais ao vestíbulo de entrada, a *fauces*, eram espaços dedicados à prestação de serviços, normalmente constituído pelo comércio do próprio dono da habitação. Nas *insulae*, o térreo apresentava total ou parcialmente depósitos ou armazéns. Poderia também ser ocupado por lojas (*tabernae*) ou por um só apartamento que lembrava a casa unifamiliar, a *domus*,

¹⁵ RYKWERT, 2004, p. 100.

¹⁶ Mesmo no Ocidente, onde o modelo romano se desenvolveu sem contestação. As cidades provinciais, submetidas ou não a um esquema de diretrizes, apresentam um habitat extensivo, fundado na habitação familiar. HOLTZMANN, p. 4.

¹⁷ A densidade da população da Roma Imperial se calcula em uns 80.000 habitantes/km², com cifras muito superiores no centro da cidade. (MÜLLER, 1995, p. 225).

¹⁸ Por volta de 350, os quatorze bairros de Roma compreendem 46.602 “*insulae*” para 1.797 “*domus*”. HOLTZMANN, p. 3.

¹⁹ MÜLLER, 1995, p. 225.

²⁰ HOLTZMANN, p. 3.

enquanto que os andares superiores sempre eram divididos em apartamentos menores²¹ (Fig. 110).

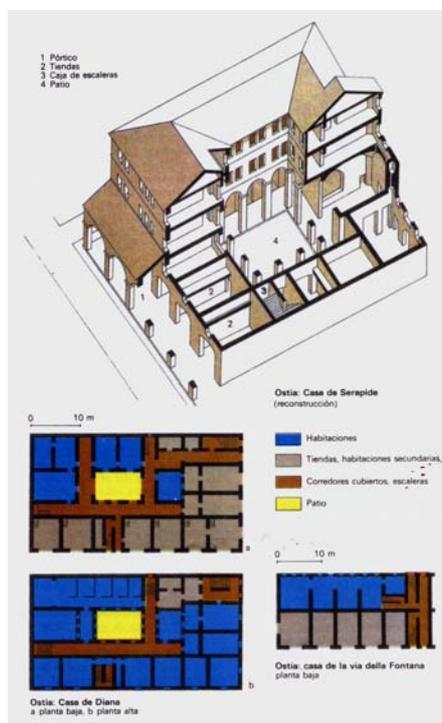


Fig.110 - Casas Urbanas de vários pisos.
Fonte: MULLER, 1995, p. 224.

Ainda, um grande número de janelas de grandes dimensões era característica da insula bem como a ausência de quartos de banho, cozinhas, chaminés ou latrinas identificáveis; e também o fato de que embora as ruas fossem servidas de água, esta não chegava acima do piso térreo²². O conforto era rudimentar, sobretudo em Roma: sem calefação nem água nos andares superiores, somente braseiros eram permitidos para a cozinha e aquecimento por causa da freqüência dos incêndios. Sem cozinhas nem instalações sanitárias estes imóveis de cinco andares são levados rapidamente a se transformarem em cortiços, pocilgas.

A verticalização se dava em habitações de múltiplos pavimentos, provavelmente quatro ou cinco²³, e cada pavimento reproduzia a planta dos pavimentos inferiores, ou seja, sua estrutura e os materiais usados eram os mais

²¹ HOLTZMANN, p. 3.

²² ROBERTSON, 1997, p. 365,366.

²³ É possível deduzir com alguma segurança o número original de pavimentos a partir da espessura das paredes que se conservaram, da altura dos pavimentos remanescentes e do limite legal de aproximadamente 21 m fixado por Augusto para Roma e reduzido por Trajano; é possível que Nero tenha renovado o primeiro ou antecipado o segundo depois do incêndio de 64 d.c. (ROBERTSON, 1997, p. 365,366).

tradicionais possíveis. As casas formavam fileiras contínuas de plantas quase idênticas e presumivelmente altura idêntica, com estreitos becos cobertos localizados a determinados intervalos, apenas no nível térreo. Os diferentes pavimentos eram totalmente independentes, formando pisos muitas vezes subdivididos, eles próprios, em conjuntos separados, cada qual com um ou dois cômodos maiores que os restantes.

Pouco a pouco a oferta de vivendas deste tipo vai se diferenciando segundo os diversos grupos de inquilinos. As leis imperiais da construção tendem a regulamentar esse desenvolvimento. Entre outras coisas, se fixa em várias ocasiões a altura máxima das casas de aluguel e, finalmente, Trajano estabelece em 60 pés romanos, equivalentes a 17,60 m²⁴. De quatro a cinco pisos poderia ser construído, sete a oito já era considerado perigoso.

Se utilizar um edifício para mais de uma função não era tão inovador conforme referido antes, o conceito de habitação coletiva era sim uma grande novidade para a sociedade ocidental. Morar coletivamente significava dividir equipamentos, serviços e privacidade. Em contrapartida, a vida coletiva proporcionava muitas das necessidades domésticas. Usar a mesma fonte no centro do pátio, a latrina que se localizava no térreo, o lazer, os alimentos e as comodidades, faziam parte de um sistema coletivo, em que a comunidade urbana desenvolvia, fora de casa, a maior parte da vida social.

Também a relação destes edifícios – as *insulae* - com a paisagem urbana era inovadora, mas ao mesmo tempo preservava características já conhecidas das grandes casas unifamiliares das elites da sociedade romana, as já mencionadas *domus*, tipologia que preservava o pátio central²⁵. Uma das inovações estava nos balcões. Os apartamentos menores abriam-se para as ruas por largas aberturas em balcão, criando uma animação urbana como nunca havia sido vivenciada. O balcão favorecia uma relação entre o espaço privado dos apartamentos e público das ruas, cujos traçados eram, muitas vezes, tortuosos. Outra relação nova entre a *insula* e a cidade se dava a partir dos acessos, as escadarias de pedras em intervalos regulares, que davam

²⁴ MÜLLER, 1995, p. 225.

²⁵ As *insulae* tinham, normalmente, uma fonte no pátio central, e no térreo se localizava uma latrina. (KOSTOF, 2000, p. 254).

diretamente para a rua, na maioria das vezes ruelas, ligavam os pavimentos de apartamentos diretamente ao espaço público (Fig. 111 e 112).

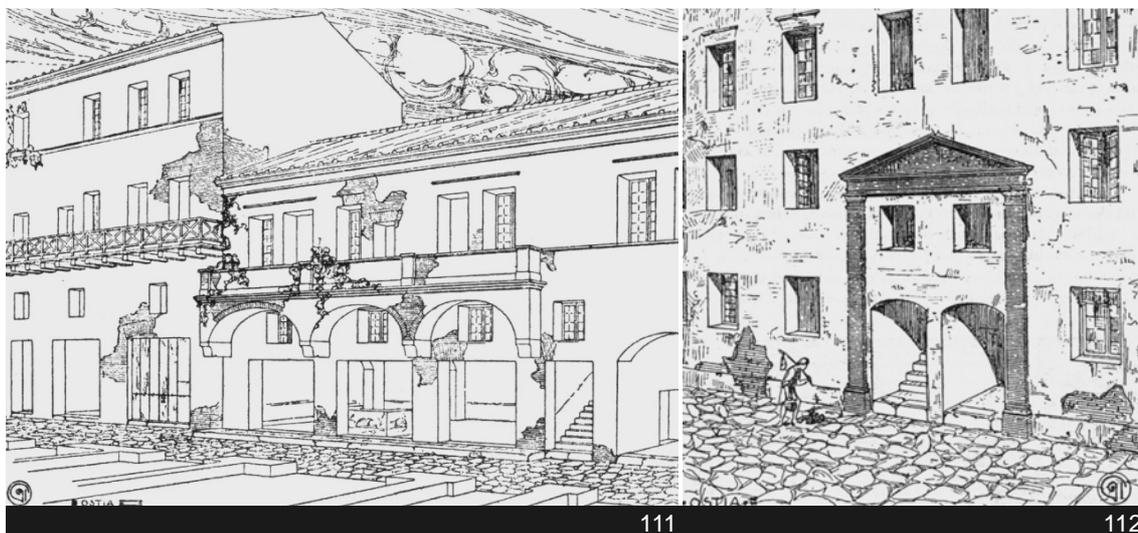


Fig.111 - Casas na "Vila di Diana", Óstia (reconstituição). Fonte: ROBERTSON, 1997, p. 367.

Fig.112 - Casas na "Via dei Vigili", Óstia (reconstituição). Fonte: ROBERTSON, 1997, p. 368.

Estas ruelas não estavam presentes em Óstia, por exemplo. As *insulae*, inscritas num tecido urbano mais regular e menos denso, parecem ter sido mais salubres e agradáveis, mesmo alojando de cento e cinquenta a trezentas pessoas. É que Óstia era uma cidade nova, planificada, destinada a descongestionar o porto do Tibre, que recebia cerca de dez milhões de sacas de trigo, necessárias a cada ano, para o abastecimento de Roma.

Algumas das melhores e mais antigas *insulae* foram encontradas em Pompéia, por vezes bastante alteradas. Algumas das ruas eram margeadas por arcadas de pilares, com colunatas abertas na parte superior. A impressão geral da cidade como um todo, segundo o parecer unânime dos observadores, é surpreendentemente moderna; se pensarmos em Roma, é evidente que a cidade do fim do período imperial diferia muito menos, em termos de aparência externa, de uma cidade do século XX do que normalmente se presume.

3.1.1.2 Os apartamentos da nobreza francesa

O segundo antecedente do apartamento moderno a ser considerado neste trabalho é o apartamento da nobreza francesa do século XVII. Este apartamento fazia parte de uma grande casa individual em que a nobreza e a alta burguesia

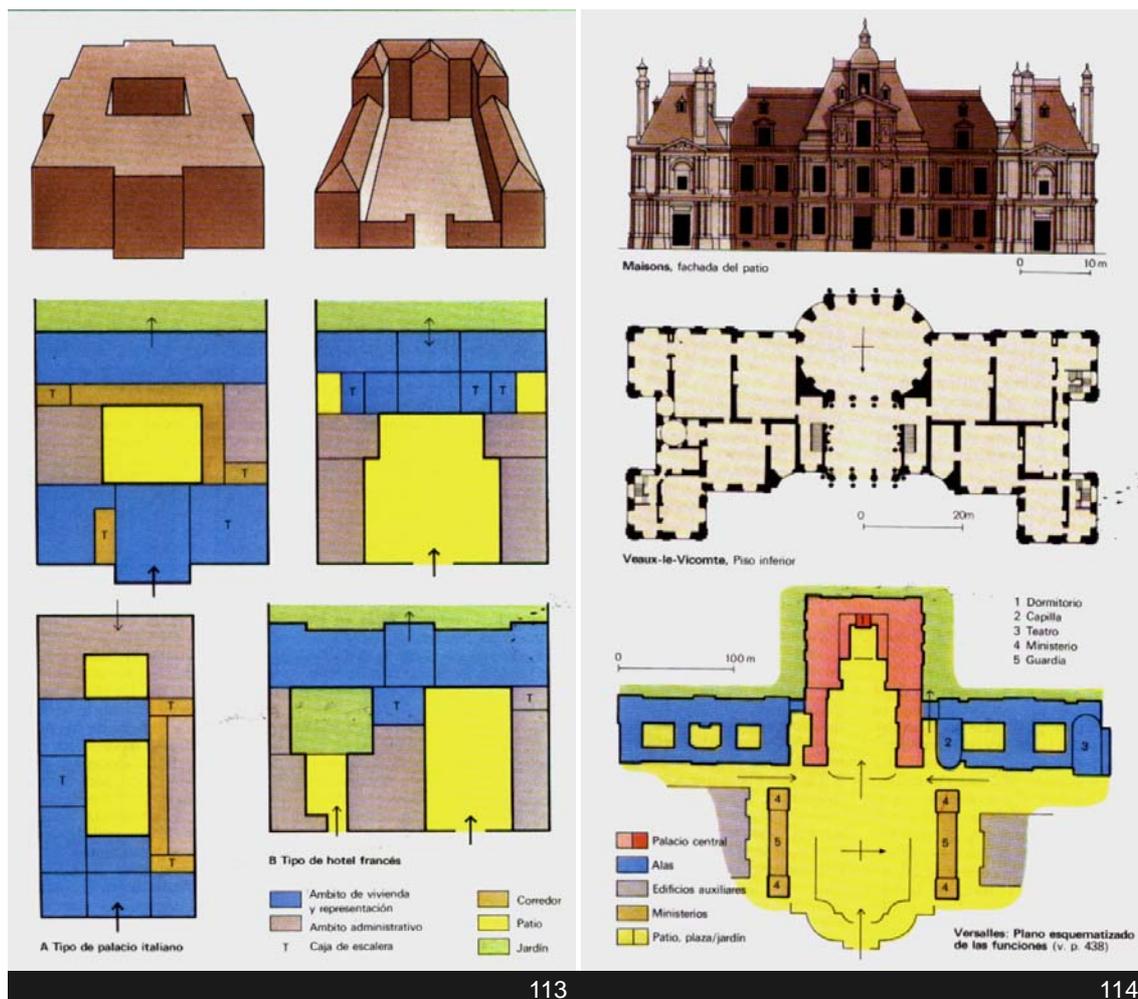
viviam - chamada de *hôtel particulier*. O precedente neste caso se caracteriza também pela situação urbana deste edifício, mas principalmente pela espacialidade interna caracterizada pela separação de unidades privativas.

O hotel tem sua origem na corte nobiliária medieval: disposições multiformes, com várias alas de diferente função e forma²⁶. A existência de acomodações de aluguel ressalta uma mudança que vinha ocorrendo desde a Idade Média: muitas pessoas não mais viviam e trabalhavam no mesmo local. Apesar da maioria dos donos de loja, mercadores e artesãos ainda morarem na “sobreloja”, havia mais burgueses – construtores, advogados, notários, funcionários públicos – para quem a casa era somente residência. A consequência desta separação foi que – com relação ao mundo exterior – a casa estava se tornando um lugar mais privado. Junto com esta privatização da casa surgiu um maior senso de intimidade, que identificava a casa exclusivamente com a vida familiar²⁷. A inserção urbana do *Hôtel Particular* é exemplar tanto para o uso privativo como para a composição da cidade como um todo. Um hotel particular é uma residência urbana extensa e representativa, originalmente para um membro da nobreza de Corte. Essa edificação se integra ao quarteirão urbano dando lugar a notáveis distribuições, habilmente imaginadas para reproduzir em escala menor os elementos e espaços de um palácio, é a adaptação do palácio francês suburbano ao contexto citadino. Isto ocorre através da chegada ao corpo principal, o *corps de logis* atravessando um pátio que está flanqueado de construções secundárias – alas de serviço, cavaliças, cocheiras – que compõe uma perspectiva visual. Pelo lado oposto, o corpo principal se abre para um jardim, que por sua vez, reproduz miniaturizado o tipo de extensão verde que tem os palácios²⁸. Esta composição alcança sua perfeição nos hotéis da nobreza de Paris, onde a limitação do terreno obriga a concentração da edificação no lote e a economia de espaço urbano (Fig. 113 e 114).

²⁶ O modelo do hotel mais adaptável que o sistema italiano de blocos, as soluções racionais e variadas criadas para as plantas e as entusiastas publicações teóricas e obras gráficas descritivas explicam a grande influência da arquitetura francesa. É um aspecto parcial do caráter prototípico do absolutismo francês e da cultura francesa do Barroco em geral. Entre os primeiros hotéis regulares estão o Palácio para o cardeal Ferrara em Fontainebleau, de Serlio, e a própria casa de Ph. Delorme em Paris, de meados do século XVI. (MÜLLER, 1995, p. 457).

²⁷ RYBCZYNSKI, 2002, p. 51.

²⁸ MARTINEZ, 2000, p. 204.



113

114

Fig.113 - Tipos básicos europeos: Palácios e hotel. Fonte: MÜLLER, 1995, p. 456.

Fig.114 - Residências nobres e centrais de governo: Palácios barrocos na França. Fonte: MÜLLER, 1995, p. 464.

Dentre outras cidades francesas é o exemplo de Paris que mais se aproxima da idéia de apartamento moderno. Paris, muito mais compacta do que qualquer cidade anglo-saxônica, já havia se acostumado, em meados do século XVII, com prédios de apartamentos construídos para tal fim para a classe média. Paris era socialmente estratificada na vertical. Um prédio de apartamentos podia ter lojas e oficinas no andar térreo e luxuosos apartamentos de pé-direito alto no primeiro andar. O preço caía à medida que se subia de andar, e pobres de toda ordem ocupavam o espaço sob a cobertura, as mansardas. Estas receberam seu nome do grande arquiteto do século XVII, François Mansart, que popularizou o telhado curvo de duas águas, que domina o perfil da maioria das cidades francesas e de muitas outras cidades européias²⁹ (Fig. 115 e 116).

²⁹ RYKWERT, 2004, p. 102.

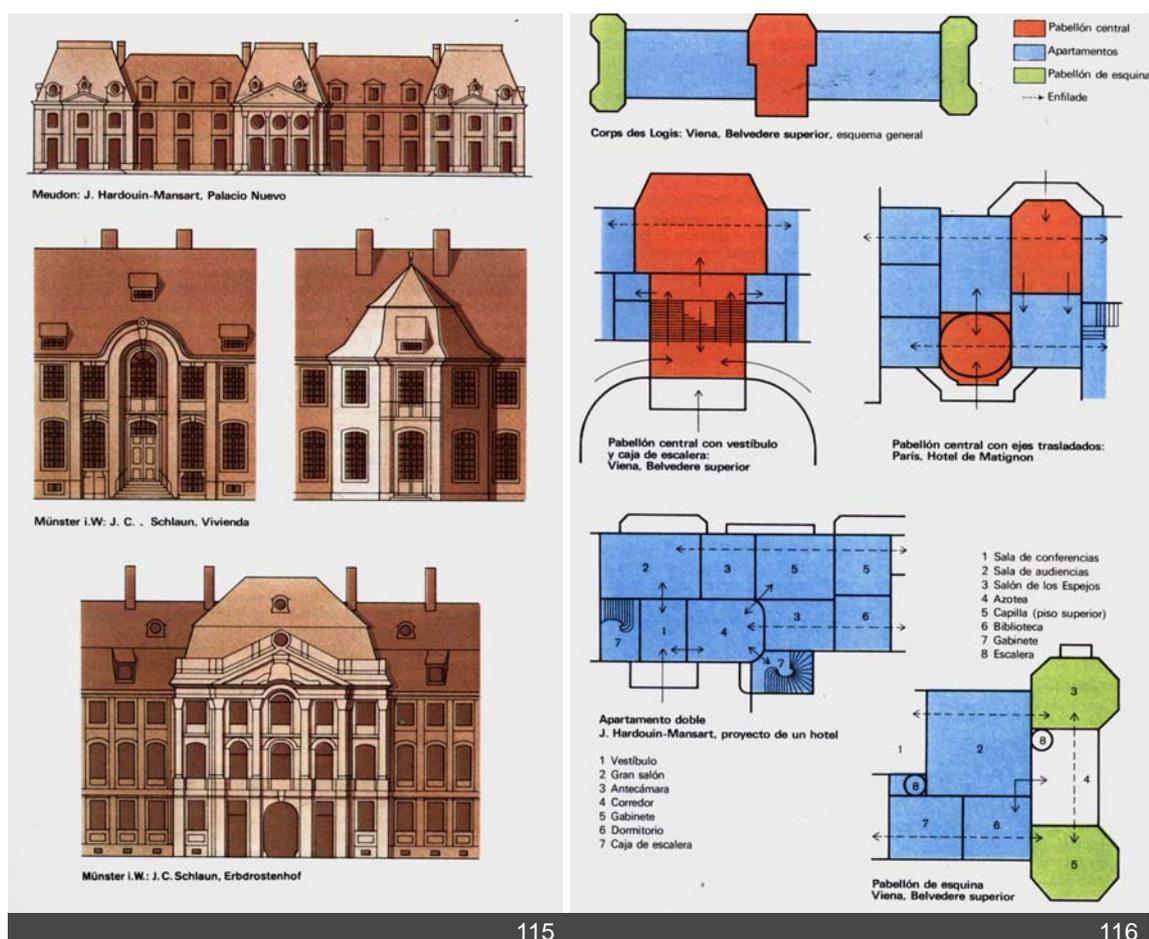


Fig.115 - Configuração do corpo arquitetônico por meio da união de corpos parciais.

Fonte: MÜLLER, 1995, p. 468.

Fig.116 - Configuração da planta por meio da união de grupos de espaços. Fonte: MÜLLER, 1995, p. 470.

3.1.1.3 Apartamentos do século XIX e início do século XX.

O terceiro antecedente do apartamento moderno consiste no edifício de apartamentos dos grandes centros urbanos, no fim do século XIX e início do século XX. A unidade urbana é uma das características presentes nesses exemplos, como é o caso da Paris, de Haussmann e da Barcelona de Cerdà.

A importante experiência do imóvel de apartamentos parisienses do século XIX³⁰ não será vista aqui com detalhe. Mas, segundo Perrot³¹ pode-se identificar uma relativa unidade no modo de vida burguês no século XIX, sobretudo na França.

³⁰ Ver: SANTELLI, Serge. "Les immeubles de rapport parisiens". In: **Moments historiques**, nº 108, février, 1980. p. 27 – 32. ELEB, Monique; DEBARRE, Anne. **L'invention de l'habitation moderne**. Paris 1880-1914. Paris: Hazan/Archives d'architecture moderne, 1995.

³¹ PERROT, 1991, p. 310.

A autora chama de casa-modelo a uma sutil mistura de racionalidade funcional e nostalgia aristocrática. Em contrapartida, as classes populares urbanas francesas desenvolveram de forma diferente sua intimidade, “amontoadas nos seus infectos pardieiros”. As maneiras de morar populares desconheciam ar puro e salubridade até fins do século XIX, embora já existisse a noção de moradia mínima, com normas de cubagem de ar e conforto³².

Para atender parcialmente a essas exigências, na região central da Paris do século XIX, o administrador Haussmann estabeleceu uma legislação urbana que buscava arejar a cidade tanto no aspecto social como no aspecto físico. As relações entre altura máxima das fachadas e a largura das vias públicas deveriam ser rigorosamente mantidas, com o principal objetivo de criar ruas “bem habitadas”³³. Esse é apenas um exemplo da intervenção urbana de Haussmann, mas que demonstra a dimensão da transformação ocorrida no espaço público e, por consequência, no espaço privado.

Guerrand³⁴ apresenta as principais características dos apartamentos construídos neste período, em Paris. Eram imóveis de aluguel proibitivo para quem não tinha uma posição social “séria”, ou seja, uma condição econômica mínima para manter o imóvel. Conforme o autor, estavam divididos em classes de imóveis de aluguel para a burguesia. Os de primeira classe, eram apartamentos de dupla orientação, um lado para o pátio e outro para a rua e era assegurado o aquecimento por caldeira. Possuíam quatro pavimentos, sendo três de pé-direito elevado e o apartamento do último andar que era habitado por uma família menos abastada. O acesso também mantinha a hierarquia, podendo ser pelo pátio ou por uma escada oculta.

O imóvel de segunda classe possuía um pavimento a mais, dois apartamentos por andar, apenas um poço no interior do prédio e os pavimentos inferiores eram usados como lojas. Nota-se a presença do zelador nesse tipo de imóvel, que faz o papel do proprietário que não morava no edifício. Havia ainda um último espaço no apartamento burguês, era o sexto andar. Os pequenos cômodos arrumados no sexto andar eram ocupados pelos domésticos, que não podiam mais dormir no espaço de seus patrões, para evitar a promiscuidade³⁵.

³² PERROT, 1991, p. 314.

³³ GUERRAND, In: PERROT, 1991, p. 236.

³⁴ GUERRAND, In: PERROT, 1991, p. 330, 331.

³⁵ GUERRAND, In: PERROT, 1991, p. 338.

Ainda no século XIX a importante contribuição da Escola de Chicago³⁶ fez dos Estados Unidos um precursor na utilização da estrutura de ferro para a construção de arranha-céus. Os primeiros *apartment buildings*³⁷ foram derivados dos melhores hotéis da cidade de Chicago, e ainda não possuíam uma identidade arquitetônica própria. Em Chicago, aparentemente o primeiro edifício de apartamentos data de 1879, sobre o qual se sabe muito pouco³⁸. De qualquer forma, importante é salientar a influência oriunda dos hotéis. No início do século XIX, na América, o hotel era, sobretudo um local público para reunião de homens de negócios. Por volta de 1860, os hotéis começaram a acolher famílias e a promover estadias de uma certa duração³⁹.

Quanto ao espaço do apartamento propriamente dito estava dividido em sala, sala de jantar, quarto, escritório, cozinha e banheiro. Pode-se dizer que a maior inovação no projeto interno dos apartamentos foi a introdução de repartições móveis, por meio das quais as áreas da sala e da sala de jantar poderiam ser abertas para o escritório formando uma única e contínua peça. Esse plano interior tornou-se um aspecto importante nos projetos das casas de Frank Lloyd Wright, em torno de 1900⁴⁰.

Para citar alguns exemplos importantes do início do século XX, em Paris o arquiteto August Perret⁴¹ realizou sua primeira obra significativa em 1903. O Edifício da Rua Franklin, com vários pavimentos, situado num terreno entre divisas e com pouca profundidade. Perret projetou uma planta em U para buscar luz direta da rua⁴², visto que era impossível abrir um pátio interno, devido às poucas dimensões do terreno. Com a estrutura em concreto, gerou uma planta livre e, através de pilares dispostos a partir de distâncias regulares, possibilitou a alteração do número e da

³⁶ Sobre a Escola de Chicago ver: MASSAU, Claude. **L'architecture de l'école de Chicago**. Paris: Bordas, 1982; CONDIT, Carl W. **The Chicago School of Architecture: a History of Commercial and Public Buildings in the Chicago Area, 1875 – 1925**. don: The University of Chicago Press, 1964.

³⁷ O termo *apartment buildings* era utilizado na região de Chicago para designar os edifícios suficientemente altos para ter um elevador. (WESTFALL, 1987, p. 269).

³⁸ O primeiro edifício de apartamentos de Chicago é bem posterior aos precursores dessa mesma tipologia nos Estados Unidos. Duas edificações seriam anteriores, uma em Boston, de 1857, e outra em Nova Iorque, de 1869. (WESTFALL, 1987, p. 288).

³⁹ WESTFALL, 1987, p. 269.

⁴⁰ CONDIT, 1964, p. 152.

⁴¹ Sobre Auguste Perret ver: BRITTON, Karla. **Auguste Perret**. Paris: Phaidon, 2003. Ver especificamente o capítulo 4: "*La syntaxe poétique de l'espace: les immeubles*", p. 134-157. GARGIANI, Roberto. Auguste Perret: la théorie et l'oeuvre. Paris: Gallinard, 1994. Ver, na parte 2: "*L'idée de ville*", o capítulo "*De l'immeuble de 25 bis rue Franklin aux 'villes-tours'*", p. 218-235.

⁴² FUSCO, 1992, p. 188.

forma dos compartimentos internos de cada apartamento. Estrutura, ritmo e ordenação são algumas das características marcantes apresentadas nessa proposta.

Em Barcelona, na Espanha, a Casa Milá foi construída entre 1905 e 1910, constituindo um edifício de cinco pavimentos, na esquina da rua Graça com a Provença. Encontra-se na região atingida pelas alterações urbanas de Ildefonso Cerdá, cuja configuração da esquina segue a geometria das diagonais, onde se encontra a entrada do edifício. Nesse exemplo, as valorizações encontram-se em dois aspectos: o primeiro é a ocupação do lote, que mesmo cumprindo com a taxa de ocupação, manteve a intenção de contextualizar o edifício com seu entorno, especialmente com relação à escala; o segundo aspecto é a fachada interna, que se configura através de dois pátios internos criando corredores de acesso aos apartamentos. O tratamento orgânico de linhas côncavo-convexas é uma característica individual do arquiteto Antoni Gaudí, que não só nesta obra, marcou sua identidade e uma linguagem própria do modernismo catalão.

Estes antecedentes deixaram para os apartamentos modernos o conceito de morar coletivamente dividindo equipamentos e serviços, sem abrir mão da privacidade.

3.2 História do ‘morar em apartamento’ no Brasil

Morar em apartamento é uma maneira recente de habitar no Brasil. Segundo Machado⁴³, nas primeiras décadas do século XX, o país ainda estaria engatinhando nesse processo se comparado com outros, como a França, que desde 1885 já visualizava seus benefícios. Muitos franceses que moravam em uma residência onerosa deram-se conta de *“que podia ser mais cômodo, mais agradável e menos dispendioso habitar um apartamento”*⁴⁴.

No Brasil o processo de aceitação deste gênero de habitação coletiva foi lento. Nas grandes cidades o edifício de apartamentos era conhecido como “degradante”, como um tipo de moradia com uma solução mal-querida para a burguesia. Não é de se estranhar, pois até as primeiras décadas do século XX a

⁴³ MACHADO, 1998. p. 246.

⁴⁴ MACHADO, 1998. p. 246.

classe média morava em habitações unifamiliares: no pequeno *chalet*, no *bungalow*, ou no sobradinho geminado nos bairros afastados do centro das cidades. Eventualmente era aceito o apartamento, desde que bem situado⁴⁵. Encontra-se, portanto, na localização uma das razões do início da aceitação do apartamento e uma das suas maiores vantagens. A boa localização permitia que as famílias residissem em áreas centrais beneficiando-se da proximidade com o trabalho⁴⁶. Mas ainda não era visto com bons olhos, se comparado às tipologias anteriores.

Lemos⁴⁷ apresenta algumas diferenças que existem entre o apartamento europeu e o brasileiro. Duas dessas comparações são essenciais para o presente estudo. Primeiro é o processo de implantação do edifício de apartamentos, desde o seu surgimento até a sua consagração em diferentes camadas da sociedade.

Na Europa, o apartamento constituiu uma solução para as classes baixas, enquanto no Brasil, ele surgiu de encomenda para uma classe situada na média dos escalões. Lá o apartamento seguiu um penoso caminho ascendente para servir às camadas superiores da sociedade. Aqui a difusão do apartamento foi diferente – depois de muito tempo é que ele foi servir de moradia para o ex-favelado e que foi aceito como residência categorizada pelo rico.⁴⁸

A segunda diferença diz respeito ao zoneamento dos edifícios de apartamentos, desde o acesso, passando pelas circulações verticais e horizontais, até os espaços internos. Não é de espantar que as elites brasileiras quisessem apontar separações entre as classes serventes e servidas.

As habitações coletivas do Velho Mundo mostram a ausência de zoneamento interno nos apartamentos, zoneamento tão do nosso agrado que sempre procura diferenciar as circulações verticais das horizontais, separar o caminhamento da empregada, do fornecedor, do percurso do “nobre” do proprietário, e agrupar os quartos e banheiros em zona íntima.⁴⁹

Então, o apartamento para as elites visava o máximo de conforto aliado ao mínimo de promiscuidade. Máximo de conforto porque se exigia distinção completa entre prédios de apartamentos e cortiços ou casas de cômodos. Havia o preconceito:

⁴⁵ Lemos não deixa de apontar as facilidades que esse modo novo de morar - o apartamento - possibilitaria. Não haveria mais jardins para cuidar, os quintais para varrer, os cômodos eram menores para facilitar a limpeza enfim, adaptações para uma vida que poderia ser mais movimentada. (LEMOS, 1976, p. 158).

⁴⁶ SAMPAIO, 2002, 109.

⁴⁷ LEMOS, 1976, p. 157 – 166.

⁴⁸ LEMOS, 1976, p. 158.

⁴⁹ LEMOS, 1976, p. 160.

habitação coletiva era o mesmo que “casa mal freqüentada”. Assim era preciso ser amplamente difundido, especialmente pela imprensa, que apartamento era casa de família, com copa e cozinha, salas de jantar e de visitas, e com acomodações para criadagem, principalmente⁵⁰. E isso estava diretamente ligado à separação hierárquica. Não se pode esquecer, como apresenta Lemos, que

A maioria das famílias da república teve que aceitar a negra alforriada como criada doméstica, mas mantendo uma escravidão disfarçada, tendo como garantia somente o caminho da cozinha, ou seja, a “passagem de serviço” da casa burguesa.⁵¹

O apartamento brasileiro caracterizou-se sim pela dupla entrada, a nobre e a de serviço, e pela instalação de elevadores separados, para cada caso. Isto era “luxo”, pois demanda gastos com áreas comuns que elevam o custo da unidade residencial, mas a nova forma de morar coletivamente não teria sido consagrada sem esses requisitos.

Outro aspecto importante é a tipologia arquitetônica dos edifícios de apartamentos modernos que se encontra, no maior número de exemplos, associada à torre⁵², ou seja, ao edifício alto. Foi essa verticalidade uma das características dos surtos de industrialização e urbanização progressista em algumas cidades brasileiras, com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo. Mas nem sempre os primeiros edifícios altos corresponderam aos primeiros edifícios de apartamentos nestes mesmos centros urbanos. Mas como surgiu o apartamento no Brasil? Em que cidades e em que condições a sociedade passou a habitar nestes novos espaços?

3.2.1 Surgimento e adaptação do apartamento no Brasil.

A breve história dos apartamentos brasileiros pode ser dividida em três etapas, conforme Carlos Lemos⁵³: a primeira, pioneira, que vai aproximadamente

⁵⁰ LEMOS, 1976, p. 162.

⁵¹ LEMOS, 1976, p. 159.

⁵² Ceça Guimarães apresenta o edifício alto como o tipo arquitetônico torre que foi um símbolo utilizado pelo poder, civil e militar, muito antes da fundação das cidades modernas. Durante os séculos XIV e XV a torre se erguia junto às fortalezas, e desde então, foi um símbolo que substituiu as flechas das catedrais, e as flâmulas e as bandeiras que adornavam o seu topo identificavam o proprietário, um cavaleiro ou um aristocrata. (GUIMARÃES, 2002, p. 33).

⁵³ LEMOS, 1996, p. 77.

de 1925 até a Segunda Guerra Mundial; a segunda, situada entre o armistício de 1945 até mais ou menos meados da década dos anos 70; e a terceira vem desse tempo até os nossos dias.

A partir de 1925 o Brasil conhece o edifício de apartamentos em suas maiores cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda carregado de pré-conceitos pela parcela da sociedade que o habitava, aos poucos segue conquistando espaço na cidade e no mercado imobiliário. O apartamento deveria substituir o palacete da classe abastada, não só com relação aos hábitos e costumes, mas também no significado e *status* aparente.

O primeiro prédio de apartamentos do Rio de Janeiro é ainda anterior a década de 20. O Palacete Lafont (já demolido), situado na Avenida Rio Branco esquina Santa Luzia, data de 1910⁵⁴. Era luxuoso e a própria denominação de palacete indica a sua vinculação com o estilo europeu parisiense. Construído em 1925, o edifício do cinema Capitólio, com dez pavimentos, é considerado o primeiro arranha-céu do Rio de Janeiro, aliava habitação coletiva ao lazer do cinema. Rapidamente surgiu a Cinelândia, que formava o elo de conexão entre o centro da cidade e a zona sul, com vários edifícios semelhantes ao Capitólio, originalmente residenciais, com cinemas⁵⁵.

Segundo Lemos, em São Paulo o apartamento foi criado para a parcela da sociedade de hábitos modestos. Eram pessoas vindas das antigas propriedades que levavam em consideração o nome de família com vaidade, ou, ainda, oriunda das fábricas ou do comércio. Lemos apresenta como o primeiro edifício de apartamentos naquela cidade o prédio construído em 1916⁵⁶, na rua Líbero Badaró, em terreno dos padres da ordem de São Bento. Era um edifício destinado a homens solteiros ou viúvos que faziam suas refeições nos restaurantes da proximidade. Os apartamentos eram compostos por quarto, sala e banheiro e o edifício já possuía elevador. Contudo o primeiro prédio de apartamentos para famílias surgiu em 1922, na rua Dom José Barros esquina rua 24 de Maio. O edifício foi projetado e construído pelo engenheiro Raul Simões para o industrial Martins Ferreira, segundo os “modelos parisienses”⁵⁷.

⁵⁴ VAZ, 2002, p. 63-64.

⁵⁵ VAZ, 2002, p. 64.

⁵⁶ O prédio de apartamentos foi construído pelo engenheiro Samuel da Neves, baiano radicado em São Paulo. Muito criticado na época, o prédio foi transformado algum tempo depois em edifício de escritórios e pequenas oficinas. (LEMOS, 1976, p. 161, 162).

⁵⁷ LEMOS, 1976, p. 162.

No início, a proposta causou admiração, porém a resistência em ocupá-los foi maior que a curiosidade. Tornou-se necessário uma verdadeira doutrina no sentido de melhorar a imagem deste tipo de moradia, começando pelo trabalho de compra do terreno, que por vezes abrigava um palacete, até a apresentação de projeto de arquitetura convincente, uma planta de outro palacete, só que “empilhado” sobre outros semelhantes, até o imprescindível auxílio da publicidade. Alardeou-se que os apartamentos eram “cômodos e muito funcionais”, eram anunciados *playgrounds* para crianças, quarto para a criada. Porém, a crítica nesse momento recaiu sobre a completa falta de cuidado com o projeto desses espaços. Lemos aponta os seguintes dados:

Há a desmoralização completa da palavra funcional, pois eram oferecidos compartimentos mal dimensionados, e muito pequenos. (...) Nada de jardins para as crianças, porque os *playgrounds*, algumas vezes anunciados, nada mais são que áreas internas sem serventia, e carentes o ano todo da osculação solar. (...) O quartinho da criada abrindo porta para o terraço do tanque de lavagens, ainda é a senzala.⁵⁸

Tudo isso porque o apartamento era visto pelo brasileiro como uma solução transitória. A idéia de edifícios em altura proliferou principalmente devido às dificuldades de comunicação, de transporte coletivo, de maus serviços de águas, gás e esgoto fora das zonas centrais cujos terrenos tiveram seus preços cada vez mais elevados. Isso ocorreu inicialmente em edifícios de escritórios e, depois, em edifícios mistos, caracterizados por lojas, tendo em cima um ou dois andares de residências⁵⁹.

Contudo, no fim da década de 20, já eram comuns os prédios de apartamentos de muitos andares, acessíveis agora não só por escadas, mas também por elevadores importados, quase sempre americanos da marca Otis. Era uma novidade, uma nova sensação americana que propunha mudar o comportamento e a cabeça da sociedade, sedenta de novidades e lucro. O novo investimento era oferecido mais como negócio do que uma nova opção de espaço para habitar. O arranha-céu no Brasil começou a apresentar suas agulhas nas grandes capitais, espalhando-se por cidades menores e trazendo a sensação de progresso⁶⁰.

⁵⁸ LEMOS, 1976, p. 164.

⁵⁹ LEMOS, 1996, p. 79.

⁶⁰ VERÍSSIMO, 1999: p. 71.

Em São Paulo, o final da década de 20 é marcada pela a inauguração, em 1929, do prédio mais alto da América do Sul: o Martinelli. Assim como no edifício Capitólio, no Rio de Janeiro, o Martinelli, em São Paulo, alia as funções de habitação coletiva a prestação de serviços, no caso, às salas de escritórios.

Localizado no começo da Avenida São João, entre São Bento e Líbero Badaró, tem 105 metros de altura, 2133 janelas, 11 elevadores e trinta andares, revestido de cimento cor-de-rosa importando da Suécia. No interior, 873 salas de escritórios, 60 salões e 247 apartamentos.⁶¹

Segundo Somekh, o edifício Martinelli ilustrava a ambigüidade da cidade de São Paulo naquele momento, “no desenho de suas mansardas e no salão Paris, ambos de estilo europeu, e na altura tipicamente americana”⁶². O edifício Sampaio Moreira, construído em 1924, reivindica, através de seu responsável técnico, o engenheiro Christiano Stockler das Neves, o título de primeiro arranha-céu de São Paulo. O argumento principal reside no mérito desse edifício utilizar a estrutura de concreto armado para uma altura de 14 pavimentos, o que não era usual na época (normalmente esse tipo de estrutura era usada para 10 a 11 pavimentos)⁶³. Mas o edifício Martinelli manteve seu *status*, sendo o prédio que transmitiu, com maior eloqüência, as novas possibilidades do crescimento vertical da cidade de São Paulo.

Os edifícios de apartamentos foram ocupando muitos dos bairros que eram abandonados pelas elites paulistanas, especialmente para aproveitamento dos lotes, que eram de grandes dimensões, para usufruir a arborização das ruas e o status ou prestígio ainda impregnados nos antigos bairros elegantes. Segundo Marins⁶⁴, os bairros de Santa Ifigênia, Vila Buarque e Santa Cecília foram as regiões que testemunharam o primeiro modelo de verticalização em São Paulo. Contudo, o bairro Higienópolis é o exemplo mais consistente de substituição das casas por edifícios de apartamentos, dentro das exigências dos dispositivos da legislação paulistana⁶⁵, de 1937.

⁶¹ Revista Cidade, p. 110.

⁶² SOMEKH, 1997, p. 80. Sobre o Martinelli, ver também: **HOMEM, Maria Cecília Naclério. O prédio Martinelli: ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo.** São Paulo: Projeto, 1984.

⁶³ SOMEKH, 1997, p. 89.

⁶⁴ MARINS, Paulo Casar, IN: SEVCENKO, 1998, p.187, 188.

⁶⁵ A legislação de São Paulo de 1937 exigia, entre outras disposições, que os edifícios erguidos em bairros residenciais privilegiados guardassem recuos laterais e frontais, assegurando, assim, a insolação e a ventilação aos apartamentos. (MARINS, Paulo Casar, In: SEVCENKO, 1998, p.188.)

Na década de 30 ainda havia restrições: “mora-se em cortiços verticais”, “é o mesmo que favela” eram as falas mais comuns da sociedade em geral. Mas também se verificavam os benefícios da habitação coletiva: é lucrativo, pois o proprietário de um tradicional palacete, talvez até em dificuldades econômicas, poderia – com a venda de seu terreno para a construção de um prédio de apartamentos - ganhar sua unidade habitacional no andar escolhido (bem alto, de preferência) e, além disso, conseguir dois ou mais apartamentos para renda⁶⁶. Ocasionalmente, no final da década já se encontra a garagem, o local para o veículo importado que sorrateiramente começou a ocupar os ideais de consumo do homem da época⁶⁷.

Além da introdução da garagem, a disposição tradicional se mantinha como característica principal dos apartamentos, o que pode ter sido oportuno nesse momento de adaptação dessa tipologia à sociedade brasileira.

E as plantas? Não encontramos nenhuma modificação substancial em relação às utilizadas nas residências de então. Podemos mesmo dizer que encontramos casas empilhadas, com o mesmo organograma, a mesma postura patriarcal e escravocrata, apenas dispostas umas sobre as outras, e não lado a lado, como era tradicional, necessitando agora da ajuda do elevador.⁶⁸

O setor social se mantinha formal, os interiores ainda ofereciam o mesmo luxo das grandes casas e o serviço continuava com o ar senhorial. Ou seja, os valores sociais permaneciam quase os mesmos. O processo de penetração do ideário americano de vida na sociedade brasileira – que se acelerará após a Segunda Guerra Mundial – já ocorre de maneira diferenciada, preferencialmente via cinema e imprensa. Verifica-se, progressivamente, a introdução e a aceitação de novos hábitos que vão conquistando a opinião pública⁶⁹.

⁶⁶ Sobre este aspecto ver: VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p. 72. Ver também: SOUZA, Maria Adélia. **A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo**. Hucitec/Edusp, 1994, col. “Estudos Urbanos”, p. 200.

⁶⁷ VERÍSSIMO: 1999: p. 72.

⁶⁸ Sobre este aspecto ver: VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p. 72. Ver também: REIS Filho, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 79.

⁶⁹ Sobre este aspecto ver: VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p. 73; Alves, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 1988. Ver também, LOURENÇO, Maria Cecília França. **Operários da modernidade**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1985, p. 126 e seguintes. Esta autora ressalta que, nos anos 30, uma série de intelectuais e artistas foram incentivados, pelos Estados Unidos, a visitarem-no, “na certeza de que na volta passarão a difundi-lo em seus países” (p. 136). Com a proximidade da Segunda Guerra Mundial, esta política se acentuará.

3.2.2 A consagração do edifício de apartamentos no Brasil.

A década de 40 marca a consagração do edifício de apartamentos no Brasil. Como cita Carlos Lemos, 'é a última aquisição urbana brasileira', que passa a conviver, especialmente nas zonas centrais das grandes cidades, com edifícios de uso comercial, de escritórios e também com os velhos casarões transformados em cortiços, hotéis ou pensões.

Contudo, em Belo Horizonte e Recife o edifício de apartamentos parece ter surgido tardiamente, se comparado às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O aparecimento da habitação coletiva nessas duas capitais coincidiu, no início da década de 40, com a implantação do movimento moderno.

A aprovação dos três primeiros projetos de "casas de apartamentos" – como eram denominados os edifícios de apartamentos na época – ocorreu em 1939, período em que também iniciou o processo de verticalização das edificações no centro de Belo Horizonte⁷⁰. Eram os edifícios Lutetia, à rua São Paulo esquina rua Amazonas, edifício Teodoro, à avenida Afonso Pena esquina rua Tupinambás e o edifício San Marco, à rua São Paulo esquina rua Padre Belchior, todos na área central da cidade⁷¹.

José Tavares Lira⁷² apresenta a idéia de ter sido realmente tardia a difusão do modernismo arquitetônico em Pernambuco, somente em meados da década de 40, se comparado ao restante do Brasil, que ocorreu nas décadas de 20 e 30. Os primeiros protagonistas foram os arquitetos Luiz Nunes, João Correa Lima, Fernando Saturnino de Brito, entre outros. O autor associa o modernismo arquitetônico ao desenvolvimento dos edifícios de apartamentos, especialmente aos projetos de habitação econômica no Recife. Um dos primeiros exemplos é o Edifício Inconfidente, no Cais Martins de Barros, bairro Santo Antonio, região central da cidade. Sua construção data do início da década de 40 e o projeto é de Carlos Frederico Ferreira⁷³.

⁷⁰ PASSOS, 1998, p. 17.

⁷¹ PASSOS, 1998, p. 39.

⁷² LIRA, José Tavares, IN: SAMPAIO, 2002, 52,53.

⁷³ LIRA, José Tavares, IN: SAMPAIO, 2002, 56,57.

Especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, até o final da década de 40, os apartamentos eram alugados. Somente por volta de 1948 é que o *boom* imobiliário acelerou o processo de verticalização da cidade, através das normas impostas pelo condomínio.

Surgiu a popularização da figura do condomínio – da providência cooperativista facilitadora da obtenção da moradia própria. Apareceu o “condomínio pelo preço de custo”. Foi uma corrida geral e ficou patente que havia uma carência enorme de qualquer construção que satisfizesse a qualquer programa. Tudo que se planejasse tinha comprador certo – as vendas eram feitas antes do início das obras. Foi quando apareceu no mercado o apartamento mínimo composto de uma sala-quarto, banheiro e kitchenete – programa até então absolutamente inédito, cuja planta era nada mais que a reprodução de um quarto de hotel.⁷⁴

No Rio de Janeiro esse processo teve início em 1946, quando foram aprovadas as plantas de urbanização e zoneamento de Copacabana, Flamengo, Laranjeiras e do Catete, que estabeleceram a altura das edificações e o seu limite de profundidade em função da largura das quadras. A partir de então, o *boom* imobiliário de Copacabana acentuou-se com a substituição dos edifícios construídos no início da ocupação do bairro, por prédios modernos e de vários pavimentos⁷⁵.

Houve uma alteração nos costumes da sociedade brasileira nos anos 40, já perceptível, em menor escala, no decênio anterior. O *american-way-of-life*, difundido especialmente pelos cinemas, fascinou a sociedade, fazendo com que muitas pessoas abandonassem, em grande parte, seus hábitos franceses, já quase tradicionais.

A moradia também recebe essas influências, principalmente quanto ao seu funcionamento: era a casa patriarcal procurando ser a máquina americana utilitária, fenômeno sem respaldo necessário para persistir. Ficamos restritos a uma sala diretamente ligada à cozinha, ou a jardins de inverno; mas consagra-se, principalmente, o edifício de apartamentos. Nos grandes centros, o piano na sala vai ser substituído pela radiovitrola e pelos discos de 78 rotações, que começam a trazer para o Brasil a música norte-americana. Podemos até afirmar que a década de 40, principalmente o pós-guerra, foi muito mais uma preparação, uma transição, para a verdadeira revolução do que as duas décadas posteriores iriam apresentar.⁷⁶

⁷⁴ LEMOS: 1999, p. 80.

⁷⁵ CARDEMAN, 2004, p. 54.

⁷⁶ VERÍSSIMO: 1999: p. 75.

A sociedade incorporava hábitos culturais que se integravam entre si. Exemplo disso é o significado que o apartamento moderno assumiu para os amantes da música popular brasileira, especialmente a bossa nova. Nelson Motta relata essa cumplicidade entre arquitetura e música:

O apartamento de Nara (Leão) era um luxo, com dois salões envidraçados de frente para o mar de Copacabana. Chamava-se Champs Elysées, era um dos edifícios mais modernos e um dos endereços mais valorizados da cidade. Ipanema era quase só casas e árvores e a Barra da tijuca era selvagem e inacessível. Chique era a Avenida Atlântica.⁷⁷

Ressalta-se que o nome do edifício em que morava Nara Leão – *Champs Elysées* – ainda denota a influência francesa. Entretanto, muitas pessoas passaram a viver intensamente a arte do momento, e o apartamento presenciou e participou desse contexto. Nos tapetes macios do apartamento de Nara é que os “brotos” criavam a música do futuro, e utilizaram novidades absolutas como o piano elétrico. Era mesmo uma questão de atitude, que introduzia novos padrões de comportamento, com a encarnação da bossa nova, mais do que uma voz e um estilo, as pessoas assumiram uma “atitude bossa nova”⁷⁸.

Os edifícios de apartamentos já tinham sua posição consagrada. Até em áreas nobres, em bairros de elites, já se encontrava sua presença alterando o tradicional perfil das casas existentes. No Rio de Janeiro o excelente exemplo de edifícios de apartamentos no Parque Guinle, projetados por Lúcio Costa, inclusive adotou o modelo duplex, visando a uma parcela da sociedade de maior poder aquisitivo⁷⁹.

Nos anos 50, as habitações procuraram novos caminhos quanto ao aspecto formal e ao gosto moderno, com fachadas retilíneas, formas geométricas simples, janelas de correr – e principalmente, no final da década, a garagem começa a compor este novo vocabulário.

⁷⁷ MOTTA, 2000, p. 28.

⁷⁸ Para exemplificar, Nara Leão tinha mesmo um *look* diferente, era uma mistura, meio japonesa, meio índia, meio existencialista francesa. Era o protótipo da “garota moderna”, com uma voz pequena e tímida, buscava quebrar tabus, trabalhar, ser independente e vestia-se de uma maneira *cool* e moderna com as saias bem acima dos futuros célebres joelhos. (MOTTA, 2000, p. 29).

⁷⁹ VERÍSSIMO: 1999: p. 75.

Grandes conjuntos habitacionais foram construídos, alguns revolucionários como projeto. O exemplo do conjunto Mendes de Moraes, no Pedregulho, Rio de Janeiro, do arquiteto Affonso Eduardo Reidy⁸⁰, procura interpretar modelos estrangeiros, e propõe uma solução funcional para abrigar funcionários de baixa renda da prefeitura, não levada a bom termo por falta de ajustamento social. Trata-se de uma unidade de vizinhança, constituindo-se de apartamentos simples e duplex, escola, creche, jardim de infância, mercado, posto médico, lavanderia, além de equipamentos desportivos como quadras e piscina.

Ainda no Rio de Janeiro, a Zona Sul da cidade, principalmente Copacabana, torna-se um verdadeiro sonho para aqueles que procuram *status*, projeção, mudança de vida. E a especulação imobiliária, já bastante fortalecida, encarrega-se de tornar o sonho realidade e transforma a área praiana, ainda com alguns sobrados à beira mar, num verdadeiro labirinto de edifícios, um *canyon* de concreto armado, com habitações, ou melhor, apartamentos conjugados de quarto-e-sala. Enfim, verdadeiros cortiços verticais cujo objetivo era atrair a população sedenta da imagem da “Princesinha do Mar”, vendida em cartões postais, cinema e música.⁸¹

O breve panorama histórico do ‘morar em apartamento’ é importante para contextualizar esse modo de morar em Porto Alegre. Em linhas gerais, a cidade também seguiu os parâmetros brasileiros, visto ser uma grande cidade nos anos 40 e 50, semelhante a São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte. Com algumas diferenças, é claro, que irão caracterizar sua identidade.

3.3 Os modos de morar em Porto Alegre:

3.3.1 Um pequeno histórico do apartamento.

O modo de morar em apartamento foi conquistado passo a passo através modificações e adequações às moradias tradicionais. A tipologia denominada ‘casa porto-alegrense’, iniciou a vivência da sociedade em pequenas habitações. Segundo Bittencourt, as casas eram baixas e atarracadas remontando às origens açorianas, e ocupando toda a largura do lote do período colonial, com uma ou duas janelas e construídas no alinhamento em grupos de duas até onze unidades⁸².

⁸⁰ A respeito da obra do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, ver: CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. **Affonso Eduardo Reidy. O poeta construtor**. Barcelona: Escola Superior de Arquitetura de Barcelona, 2000. (Tese de Doutorado).

⁸¹ VERÍSSIMO: 1999: p. 77.

⁸² BITTENCOURT, 1990, p. 109.

A disposição dos cômodos seguia uma ordem, privilegiando o espaço mais público, a sala, e protegendo os mais privados, quartos, varanda e cozinha. A mesma seqüência que foi utilizada nas casas térreas, foi também nos sobrados, nas casas de porão alto e nos palacetes dos anos dez, com adaptações. Os ambientes denominados gabinete e corredor também foram incorporados à seqüência inicial dos cômodos. Nas casas com porão alto, por exemplo, o serviço poderia ficar no porão e os dormitórios no pavimento superior. Lúcia Géa analisa os espaços internos da casa das elites porto-alegrense dos anos 10 através de um mapa simbólico:

(...) a sala fazia a transição entre a rua e a casa e era o local de recepção e representação, completado pelo gabinete. No extremo oposto, estavam os invioláveis dormitórios. A varanda era o centro da vida domestica e o espaço mediador e conciliador das relações familiares, servindo também para receber os convidados mais íntimos. (...) ⁸³

As dimensões dos lotes eram determinantes na ocupação pelas residências e, por conseqüência, por sua distribuição interna. No século XX as exigências com relação à higiene e a salubridade dos espaços indicaram mudanças nesta ocupação. O recuo lateral é uma destas mudanças, possibilitando as aberturas dos dormitórios para a fachada lateral; a taxa de área verde que deveria ser deixada livre no terreno é outra destas alterações que visavam a melhoria dos espaços da habitação ⁸⁴.

Havia também as casas para aluguel, na década de 30. ‘Casas de Renda’, era a denominação de época para casas geminadas, como cita Günter Weimer, no projeto aprovado para a Rua Dona Sofia, no bairro Menino Deus. Projeto do arquiteto Fernando Corona de 1935 e construção da Empresa Azevedo Moura & Gertum ⁸⁵, estas unidades serviram, a meu ver, como o início da convivência necessária para moradia em edifícios de habitação coletiva.

Mas, segundo Nara Machado ⁸⁶, Porto Alegre já conhecia os edifícios de apartamentos nos anos 20. Eram pequenas edificações, de dois a três pavimentos, para aluguel, e utilizando o térreo para fins comerciais. Cita que o primeiro edifício de apartamentos teria sido destinado às instalações da Cia. de Seguros de Vida

⁸³ GÉA, 1995, p. 207.

⁸⁴ GÉA, 1995, p. 206.

⁸⁵ WEIMER, 1998, p.103.

⁸⁶ MACHADO, 1998, p.246.

Previdência do Sul, de 1911, no térreo e sobreloja, com dois apartamentos por andar nos demais pavimentos.

O sobrado multifamiliar era uma antecipação dos prédios de apartamentos que surgiram posteriormente com o advento dos edifícios mais altos. Segundo Mattar⁸⁷, eram provavelmente destinados para aluguel, sendo os pavimentos superiores ocupados por apartamentos, enquanto no térreo sua utilização era para armazéns, lojas e depósitos. Os exemplos citados por Mattar⁸⁸, entre outros, encontram-se situados na rua Voluntários da Pátria, construídos na década de 20, de autoria do arquiteto Theo Wiedersphan e da construtora Azevedo Moura e Gertum. Eram os projetos do proprietário Manoel Pereira e de Eduardo Secco, respectivamente.

A seqüência na disposição dos cômodos das casas para as elites se mantém nos edifícios de apartamentos de pequeno porte. Sala, quarto, varanda e cozinha. Essa era a disposição usual desde os casarões da Avenida Independência dos anos dez do século XX⁸⁹.

No bairro Cidade Baixa o processo de mudança na imagem das edificações, especialmente nos conjuntos de casas, teve início na década de 30. Menegotto⁹⁰ analisa vários exemplares através dos quais pode-se identificar a busca de outro tipo de linguagem, uma linguagem associada à modernidade⁹¹. Até então, elementos arquitetônicos oriundos do classicismo eram predominantes nas edificações. As formas de vida sofreram alterações graduais, mantendo os espaços e as ligações internas das casas muito semelhantes à configuração das pequenas casas implantadas em lotes estreitos dos oitocentos.

Contudo, nos edifícios de apartamentos, a situação dos dormitórios era priorizada, dispondo suas aberturas para as fachadas de frente⁹². A grande novidade na organização dos espaços do apartamento da década de trinta se dá na localização da área de serviço.

⁸⁷ MATTAR, 2001, p. 167.

⁸⁸ MATTAR, 2001, p. 169, 170, 171.

⁸⁹ GÉA, 1995, p. 99.

⁹⁰ MENEGOTTO, 2001, p. 133.

⁹¹ Menegotto cita como exemplos os conjuntos de casas da rua José do patrocínio, da rua Lima e Silva esquina rua Alberto Torres e quatro casas geminadas na rua Alberto Torres. (MENEGOTTO, 2001, p. 134-143).

⁹² Esta pesquisa realizada por Nara Machado aponta vários exemplos, situados no centro de Porto Alegre. (MACHADO, 1998, p.252).

(...) na distribuição do espaço, uma interessante inversão começa a tomar corpo com frequência, qual seja a colocação da zona de serviço próxima à entrada do apartamento e não mais nos fundos do mesmo. Grande descoberta, possibilita uma ocupação mais eficiente do espaço. Decorrente de uma nova acepção da zona de serviço ao nível simbólico, é natural que esta acabasse se traduzindo também ao nível espacial. Não há mais a necessidade de isolar esse ambiente no fundo da casa.⁹³

Muitos exemplos são deste período, destacando-se os edifícios São Gabriel, Santa Rosa, Guaspari, Piccardo, Alcaraz, para citar alguns dos mais importantes⁹⁴. Importante destacar a busca da funcionalidade e privacidade aliada a uma continuidade espacial. Segundo Machado, essa continuidade espacial entre diversos elementos seria um indício identificador de modernidade.

Modernidade que segue um processo de desenvolvimento ao longo dos anos 40 e 50. No centro de Porto Alegre marcaram os anos 40 o Edifício Santa Helena, do arquiteto Fernando Corona e o Edifício Sulacap, do arquiteto Arnaldo Gladosch, para citar alguns exemplos importantes.

Sobretudo nos anos 50 a publicidade que havia iniciado duas décadas atrás ganhava maior influência norte-americana e conquistava, cada vez mais, a sociedade para morar em apartamentos modernos, equipados com infra-estrutura atualizada e com novos materiais. São esses novos padrões de consumo que serão analisados no próximo item.

3.3.2 Apartamento dos anos 50: lugar de consumo.

A partir dos anos 40 intensificou-se a influência norte-americana em Porto Alegre, sobretudo com a vertiginosa ascensão da propaganda, em veículos como a televisão, as revistas e os jornais. Com o incentivo, em âmbito nacional, para o consumo de equipamentos e máquinas em vários setores da sociedade, a habitação não poderia ficar de fora. E é com um apelo enfático que o “Correio do Povo” e a “Folha da Tarde”, dois importantes jornais de circulação porto-alegrense, apresentaram neste período os anúncios de eletrodomésticos, oriundos, na maior parte das vezes, da América do Norte, para as habitações modernas. Mas esse incentivo não ocorreu isoladamente. Na verdade, fazia parte do processo pelo qual o país estava vivendo.

⁹³ MACHADO, 1998, p.253.

⁹⁴ Ver detalhes e outros exemplos em MACHADO, 1998, p.253 e 254.

A segunda Guerra Mundial mudou o mundo. A década de 50 foi repleta de acontecimentos que envolvem desde a arte até convulsões e profundas transformações sociais passando por desenvolvimento e progresso. Em 1960, no Brasil, o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou Brasília, com planejamento urbano de Lúcio Costa e arquitetura de Oscar Niemeyer.

Juscelino Kubitschek de Oliveira enfocou o seu Plano de Metas, cujo símbolo maior foi a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Foram anos de intensa atividade econômica – com a reordenação do sistema de energia e transportes, instalação de estruturas industriais e de bens de produção (siderurgia, elétrica pesada, máquinas, construção naval) e o nascimento da indústria automobilística brasileira – e de não menos intensa penetração do capital estrangeiro. Governando dentro de uma concepção empresarial e desenvolvimentista, sem levar em conta os custos, Juscelino atuou sob um lema que ficou famoso: “50 em 5”, ou seja, fazer o país crescer cinqüenta anos em apenas cinco. Cabe referir o papel prioritário dos Estados Unidos em termos de investimentos na indústria brasileira, que foi ampliada nos anos 50 absorvendo também capitais europeus e japoneses. Segundo Rodrigues, em 1958 estavam registradas como brasileiras 1353 firmas, das quais 522 eram associadas ao capital norte-americano⁹⁵.

A partir dos anos 50 o Brasil intensificou a construção de uma economia moderna. Era fabricado o aço, na Siderúrgica Nacional, na Cosipa, na Usiminas, na Acesita, em Tubarão, etc; o petróleo e sus derivados, que saíam da Petrobrás e de suas subsidiárias; cresceram e se modernizaram as indústrias do alumínio, do cimento, do vidro e do papel⁹⁶.

Essa aparente prosperidade era acompanhada, ao ritmo do surgimento da Bossa Nova no Rio de Janeiro, pelos dois campeonatos mundiais de futebol conquistados pelo Brasil e pela grande divulgação da arquitetura brasileira, sobretudo com as expectativas em torno de Brasília. A chamada “Era JK” (iniciais do presidente) trouxe uma série de inovações no quadro econômico brasileiro, mas deixou uma herança crítica com inflação alta e déficit da balança de pagamentos⁹⁷.

Além disso, durante os anos 50 o modo de vida dos moradores dos grandes centros urbanos mudou, adaptando-se a um ritmo cada vez mais acelerado. Para

⁹⁵ RODRIGUES, 1992, p. 67.

⁹⁶ MELLO, 1998, p. 562.

⁹⁷ SEGAWA, 1999, p. 160.

uma parcela da sociedade mais abastada, o carro, fiador da liberdade de ir e vir, e símbolo do progresso, passou a ser visto como indispensável para vencer as distâncias das cidades que se agigantavam⁹⁸.

As senhoras que antes iam ao centro fazer compras, das quais fazia parte uma pausa para o repousante chá da tarde em elegantes salões, como o do Mappin, em São Paulo, foram substituindo este hábito pelo do “pulinho” rápido ao comércio do bairro, que cada vez mais se diversificava e se ampliava, oferecendo facilidades de estacionamento. Gradativamente as senhoras trocaram o “papinho” matinal com o dono do armazém ou da quitanda pela impessoalidade e rapidez oferecidas pelos supermercados que, em São Paulo, começaram a ser instalados em 1953⁹⁹.

Toda esta penetração econômica ensejou, naturalmente, a necessidade de ampliação da penetração cultural, sobretudo, via cinema e imprensa, inclusive e principalmente como forma de intensificar a difusão e consumo de produtos norte-americanos. No que diz respeito ao ideário familiar norte-americano tratava-se de divulgar a imagem de uma família realizada, vinculando-a, concretamente, a produtos que poderiam ser consumidos em território nacional. Neste sentido – e com muito sucesso – penetrou a famosa família feliz: a família *seven up* (1945). Nos cartazes publicitários estão retratadas uma arquetípica família norte-americana se divertindo ao ar livre. A beleza jovial, os largos sorrisos, o pai tranqüilo (o pai está segurando uma vara de pesca) e a clara simbologia apresentam a bebida como um produto saudável, refrescante. No geral, em anúncios apresentados em revistas americanas vemos o conjunto da família - o pai, a mãe e o filho - todos com um franco sorriso no rosto, fazendo uso e apreciando os diversos benefícios e facilidades que os produtos oferecem (Fig. 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127 e 128).

O consumo do alimento industrializado, já empacotado de fábrica em sacos de plástico, encantou a dona de casa brasileira. Chegou o extrato de tomate, a lata de ervilha, o leite condensado, a lingüiça e outros embutidos, a batata *chips*. A sociedade como um todo aderiu ao consumo, como o de refrigerantes que se multiplicou, a coca-cola, depois a pepsi-cola; o primeiro sorvete industrializado, o Kibon; os chocolates, o Bis, o Sonho de Valsa e o Alpino; o chiclete Adams, depois o de bola, o Ping-Pong¹⁰⁰.

⁹⁸ RODRIGUES, 1992, p. 34.

⁹⁹ RODRIGUES, 1992, p. 34.

¹⁰⁰ MELLO, 1998, p. 565.

HERE'S THE NEW 1950 **CROSLLEY** WHOSE MARVELOUS WORKSAVER DESIGN GIVES YOU UP TO 23% MORE SPACE IN THE SAME SIZE CABINET

Yes! —Shelvador® gives you
 —New space—More space
 —All at the "convenience level"
 —All easy to reach, easy to use
 —No stooping clear to the floor

See those steady, non-rotating plastic shelves completely recessed in the door of this new Shelvador®? Well, without taking any space from inside the cabinet, they give you nearly 2 cubic feet of convenient, extra space for eggs, fruits, milk, bottles, and all those little things that "get lost" in ordinary refrigerators! All at your finger tips—*all complete refrigeration!*

CROSLLEY HAS THE WOMAN'S ANSWER!
DOUBLE THE SPACE WHERE YOU WANT IT
IN FRONT—IN SIGHT—IN REACH!

Now on display at all Crosley Dealers! Beautiful models now here priced

AT THAT BIG FRONT DOOR!
 What's more, that big, sliding door swings open and stays open with ingenious latch. Heavy-duty, top-grade hinges inside the cabinet, of course, the same—also assure that in Crosley's new mechanism things that get the heaviest shelf loads—*but not so heavy that you have to stoop clear to the floor.* All space is at the "convenience level!"

AT THAT WONDERFUL BIG FREEZER!
 Not just a "piggy-back" in a few pounds of ice cubes—but a heavy, built-in freezer that holds up to twenty pounds—and its freezer shelf is removable or set over for fast freezing! And there's a separate compartment with frozen food for storing ice cubes and the frozen foods you use

AT THAT STYLING BEAUTY!
 Sleight, clean, uncluttered... charming. Dishes, elegant exterior... from day to day. Below, is the big *display* compartment for normal storage: glassware, condiments, and see marvelous "crispers" to keep vegetables and greens deep pink, acid resistant, easier-to-clean porcelain enamel interior with silver-brigit chrome shelves. You've never seen such a handsome refrigerator. And—wonder of wonders—the famous extra-wide unit (backed by a 3-year warranty) that protects every egg. That's what you've never seen, surely, nor can you buy it elsewhere! So this amazing refrigerator at your nearby Crosley Dealer's!

CROSLLEY
 Better Products for Happier Living

ONLY CROSLLEY GIVES YOU THE SHELVADOR® THE WORLD'S MOST CONVENIENT REFRIGERATOR

Another great G-E first! General Electric's **ALNICO MAGNETIC DOOR!**

No latches! No slam! Each door seals magnetically... closes easily, quietly!

Here's another G-E research achievement, the new G-E Refrigerator-Home Freezer Combination with an Alnico Magnetic Door that seals itself tight to prevent the loss of precious cold air.

How is such a wonderful and possible?
 The answer is in the G-E developed alnico magnets, which are placed end-to-end inside the door's gasket. They grip the door shut... and it completes all the way around!

G-E alnico magnets are permanent. They will last the lifetime of your refrigerator!

So dependable, too! More than 2,500,000 G-E Refrigerators are still performing faithfully after 10 long years. Many as long as 15 and 20 years!

See your nearest G-E dealer. He's listed in your classified directory, under General Electric Refrigerators.
 General Electric Company, Bridgeport 2, Connecticut.

Available in 8- and 10-cu-ft sizes.

Watch the G-E Alnico Magnetic Door close easily, quietly. The G-E model NHX-10G, above, has two magnetic doors... and a new foot-pedal door-opener for the fresh-food section. The home freezer stores up to 70 pounds of frozen food!

No more defrosting of the fresh-food section! Forget that weekly fuss! Frost just cannot accumulate in this compartment. Foods don't dry out, either! Has a fresh-food-storage capacity equivalent to a standard 10-cu-ft model.

NEW! RECI-CUBE ICE TRAYS
 You pick cubes singly, or lift out as many as you want! It's a General Electric outdoor!

NEW! VEGETABLE ROLLA-DRAWERS
 Drawers that roll in and out quietly at a touch! No channels or guides to clean!

G-E REFRIGERATOR-HOME FREEZER COMBINATION
 A separate Refrigerator plus a separate Home Freezer

You can put your confidence in—**GENERAL ELECTRIC**

Fig.117 - Anúncios de geladeira. Fonte:The American Home, March 1950.

Fig.118 - Anúncios de geladeira. Fonte:The National Geographic Magazine, June 1950.

Conforme Correia¹⁰¹, a “máquina de morar” apresentada pelo Movimento Moderno, através de Le Corbusier, converteu-se em “máquina de consumo”. O período em questão foi foco de criação de necessidades subjetivas, promovendo o consumo de produtos de valor meramente simbólicos.

Entre as camadas altas e médias da população urbana brasileira assiste-se a uma padronização do consumo provocada pela expansão da propaganda, instrumento básico para a ampliação do comércio e da produção. Fios sintéticos, alimentos enlatados, eletrodomésticos e utensílios saltavam das coloridas páginas das revistas semanais criando novos hábitos e despertando necessidades. Esta é a época em que o avanço dos meios de comunicação de massa – imprensa, rádio, TV e cinema – marca o início da indústria cultural no Brasil. Seu poder homogeneizador, embora bastante forte, não pode ser tomado como absoluto. A padronização dos hábitos, do consumo e dos comportamentos atinge apenas parcelas da população, em parte devido ao baixo padrão de vida do brasileiro. Nossa cultura, até hoje, continua diferenciada e marcada por conflitos de classe e por desníveis regionais¹⁰².

¹⁰¹ CORREIA, 2004, p. 76.

¹⁰² RODRIGUES, 1992, p. 35.

For purses of all sizes

it's DAYSTROM

This is it! The Sensational New Way to Paint!

GORGEOUS NEW COLORS

TEXOLITE Seven Star Imperial

REALLY WASHABLE

AN OIL FINISH

READY TO USE

NO PAINTY ODOR

ONE EASY COAT PROVIDES PROTECTIVE FINISH

DRIES IN AN HOUR

119 **120**

MODERN MAGIC FOR AMERICA'S WALLS

enduring tile-like **CONGOWALL**

Now Going On! MAGIC CONGOWALL SHOW!

To introduce you to this amazing wall covering, your dealer is staging a Magic Congowall Show and invites you to see it now!

MAGICAL...the way you can put up Congowall with your own two hands!

MAGICAL...the way it ends wall refinishing problems for good!

MAGICAL...the walls bottom too close! Less than 1/4 of a square foot!

MAGICAL...how Congowall looks, cleans, even feels like expensive hand-set tile!

YOU APPLY IT YOURSELF...

Just paste to wall—that's all! Congowall is thick and sturdy—yet flexible and easy to handle. Mortar-like lines and realistic raised tiles magically make seams all-but-invisible; patented fiber backing assures smooth, trouble-free installation!

AND—LIKE MAGIC—BRING YOUR KITCHEN UP TO DATE!

You won't know it's the same kitchen—magically brightened with glossy, gray, dainty-fresh Congowall! The baked-on enamel surface is a cinch to keep dazzling-clean, never needs refinishing—for when Congowall's on your walls, it's on to stay! You get the smart, expensive look of ceramic tile for only a fraction of the cost (you can cover ten feet of wall waist-to-high with enduring Congowall for less than \$6.50). Don't wait another minute—see the Magic Congowall Show at your floor covering dealer's right away!

THIS IS CONGOWALL'S magic, patented fiber backing—the backing that makes it different, makes it far better, than any other enamel-surface wall covering. Always look for this backing.

CONGOWALL, made by the makers of world-famous Gold Seal Congoleum, is backed with the Gold Seal guarantee of satisfaction or your money back.

CONGOWALL

SATISFACTION GUARANTEED OR YOUR MONEY BACK

CONGOLEUM-NAIRN INC.

FIRST WITH THE FINEST FLOOR AND WALL COVERINGS

Kearny, New Jersey—Makers of Guaroseal Floor and Wall Coverings; Nairn Linoeum • Nairn Asphalt Tile • Nairn Self-Polishing Wax • Congoleum • Congowall

© 1951, CONGOLEUM NAIRN INC.

121

Fig.119 - Anúncio:“ O sensasional novo jeito de pintar”.

Fonte: The American Home, March 1950.

Fig.120 - Anúncio:“ Congowall - Mágico e Moderno para as paredes americanas”.

Fonte: The American Home, March 1950.

Fig.121 - Anúncios.

Fonte:The American Home, March 1950.

NOW - AN EASY ADD-AN-ITEM PLAN GIVES YOU A
Crosley Complete Kitchen
Start with what you want most

PREPARATION CENTER
 This superb Crosley Custom Sink (one of seven beautiful models) gives you everything to make food preparation and "clean-up" faster, easier. King-size twin bowls - twin drainboards - splashless faucet and spray assembly - divided handless food drawer for cutting. Simply, select down flip open ready, and inside there's a sliding wire Strainer for vegetables, a cutting board, "Sheltrays" for washing pans, a dual round rack. Crosley's marvelous Kitchen Waste Disposer is of revolutionary design - can't jam or clog - and will fit practically any sink. Around the sink, Crosley here and will cabinets and accessory shelves - one plus your "preparation center".

STORAGE CENTER
 The Sheltray Refrigerator and Crosley Kitchen Front (shown below) provide ideal storage for perishables... Crosley's "Multi-Grate" Pantry and other well and have cooking give the same extra convenience for "storage" and automatic. All Crosley cabinets shelves are extra sturdy and strong - never sag - have rounded edges - can be removed for easy cleaning. Crosley and cabinets come in different sizes and shapes. To fit over and beside your present permanent units.

COOKING CENTER
 Double the joy of cooking on your Crosley Electric Range with the Crosley "Range Pantry" - that ranges cabinet for the wall directly above the range - with racks for condiments, special space for cookbooks, full width shelf (perfect for your Crosley Kitchen Radio). Tighten it with Crosley base cabinets of heavy gauge steel with baked enamel finish - insulated, silent doors - heavy-duty glides - top with deep hardy oak - pressure drawers. Cabinets have double doors or single doors opening right in left.

Crosley's Add-an-item plan means you start improving your kitchen piece by piece, utilizing waste space and replacing old, out-moded units with this new featured one. Crosley now gives you sinks, cabinets and accessories as well as the famous Sheltray Refrigerator, Crosley Electric Range, Freezer and Waste Disposer... all that fit together - complement each other - give you what you want in your kitchen the way you want it. Begin with what you need most today on your budget terms.

WRITE HOME ECONOMICS DEPT. FOR FREE BROCHURE!
CROSLEY
 All Steel Kitchen
The Heart of a Happy Home

Model Produced by the Whittaker Company
 General Motors Corporation, Detroit, Michigan

3 TIMES FASTER

It's Basic!

WIRE CENTER TITE-ROPE
 •CLEANER
 •STRONGER
 •LASTS LONGER
 •NEVER STRETCHES

Why wait? GAS has got 'em!

CHEEZ-IT
 America's largest calling cheese cooker!

and see for yourself how much CHEAPER

THE AMERICAN HOME, BOSTON, 1950

Fig.122 - Anúncio: "Crosley a cozinha completa".
 Fonte: The American Home, March 1950.
 Fig.123 - Anúncios.
 Fonte: The American Home, March 1950.

HIDE-A-BED IS A DREAM OF A SOFA... PLUS A BIG DOUBLE BED TO DREAM ON!

You'll see many Hide-A-Bed styles, 100 observation-selected fabrics, in leading furniture and department stores. Prices, \$119.00 up, depending upon style, fabric, and mattress you select. For instance:

- At top of page: "BROOKLYN" - Lawson. Sofa in eggplant leather with bench seat, \$229.50.
- At right (A) "AMERICAN" - Sofa in red with matching fringe, \$229.50. Chairs to match, \$89.50 each.
- At right (B) "NEW VENICE" - "MONTICELLI" - Sofa in green, with fringe, \$229.50. Chair to match, \$99. (Prices slightly higher west of Rockies.) Convertible twin mattress.

Only SIMMONS makes HIDE-A-BED
 Another quality product from the House of Simmons... the greatest name in sleep

A Simple Recipe to "Pep up" Tired-Looking Rooms

Paint Right with Color Dynamics!
Paint Best with Pittsburgh Paints!

Here are young ideas and fresh coloring ideas to wake up dull, drab surroundings! Cheerless rooms can be made friendly and inviting. Small, stuffy ones can be made to seem spacious and airy.

PITTSBURGH PAINTS
 PAINTS • GLASS • CHEMICALS • BRUSHES • PLASTICS

Fig.124 - Anúncio de sofá cama.
 Fonte: The American Home, March 1950.
 Fig.125 - Anúncios.
 Fonte: The American Home, March 1950.



Today – **IT&T** provides
 your finest home entertainment—TELEVISION
 by
Capehart

You have never seen or heard television performance—at any price—comparable to the performance of these fine Capehart instruments. Incomparable Polatron[®] picture—plus Capehart's incomparable Symphonic-Tone System—these make the great difference. International Telephone and Telegraph Corporation, through its associate, Capehart-Farnsworth Corporation, brings you the finest in home entertainment. See, hear Capehart—priced from \$269.95* upward—before making your decision.



*Plus tax. (T.M. Reg. Available at slight extra cost. Prices subject to change without notice—slightly higher South and West.

International Telephone and Telegraph Corporation, New York



Unrivalled Capehart tone is also available in new phonograph-radios!

For a new thrill in radio—at home or wherever you roam...

New Zenith "Universal" PORTABLE RADIO
 with exclusive "Tip-Tip" Dial and Wave Magnet

Here—from the world's finest portable radio—the most portable when you open the lid, some all when you close it. Set the dial, and there's the glow "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate "Wave Magnet" built right into the radio's tuning mechanism. Also, a new "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate tuning mechanism. Also, a new "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate tuning mechanism. Also, a new "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate tuning mechanism.

New Zenith "TRANS-O-RADIO"
 Here—another of our exclusive portable radios with built-in speaker and earphone. It's the most portable when you open the lid, some all when you close it. Set the dial, and there's the glow "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate "Wave Magnet" built right into the radio's tuning mechanism. Also, a new "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate tuning mechanism. Also, a new "Tip-Tip" Dial, an exclusive feature for the most accurate tuning mechanism.

Price on our new long life battery, and 4C or DC. Headphones, carrying case, and built-in speaker are extra. Price on our new long life battery, and 4C or DC. Headphones, carrying case, and built-in speaker are extra. Price on our new long life battery, and 4C or DC. Headphones, carrying case, and built-in speaker are extra.

Over 50 Years of "Zenith" in Radio's History. Price subject to change without notice. Price on our new long life battery, and 4C or DC. Headphones, carrying case, and built-in speaker are extra. Price on our new long life battery, and 4C or DC. Headphones, carrying case, and built-in speaker are extra.

Cool retreat from sweltering heat

It may be stifling outside, but you'll never know it with this handsome new Carrier Room Air Conditioner. All summer long it provides heavenly cool, clean air in gentle circulation—and humidity that's just right for comfort. You. But better, sleep better, work better. Made by men who know air conditioning best, it's simple to operate, quiet, easy to install. Economical, too, with more comfort per dollar than any comparable investment. May be had in your choice of color, custom-matched to sample in six new models—window and console styles—that meet all your needs in home or office. Feel it and refreshed from now on this summer—call your Carrier dealer. He is listed in the Classified Telephone Directory. Carrier Corporation, Syracuse, N. Y.

AIR CONDITIONING Carrier REFRIGERATION

"Master the National Geographic—It's Weather you!"

Fig.126 - Anúncio: " O novo Zenith - rádio portátil". Fonte:The National Geographic Magazine, June 1950.
 Fig.127 - Anúncio de televisão. Fonte:The American Home, March 1950.
 Fig.128 - Anúncio do ar condicionado Carrier. Fonte: June, 1950.

Cada vez as mulheres foram obrigadas a se igualar aos homens buscando trabalho "fora de casa". Em 1960 a porcentagem de mulheres no mercado de trabalho era de 16,5% sobre o total da população feminina do País, contra 14,7% do início da década anterior¹⁰³.

A imprensa brasileira completa as transformações em curso durante a década anterior. O ritmo cada vez mais acelerado da vida moderna exigiu adaptações que tornassem o jornal um veículo dinâmico para a notícia e para a propaganda. Em

¹⁰³ RODRIGUES, 1992, p. 35.

função disso, modernizou-se a impressão, o aspecto gráfico, as técnicas de redação e lançaram-se suplementos semanais. As redações passaram a ser ocupadas por pessoal especializado, saído dos cursos de jornalismo criados no Rio de Janeiro e São Paulo no final da década de 40. Com eles vieram as técnicas do jornalismo americano, que, gradativamente, suplantaram a tradição francesa da imprensa brasileira.

Embora assumindo cada vez mais um papel significativo devido à rápida expansão urbana, os jornais não atingiam circulação nacional. Entre as revistas semanais, apenas *O Cruzeiro*, fundada em 1928, e a *Manchete*, lançada em 1952, alcançavam todo o país. Na década de 50 começou a aparecer nas bancas de jornal, então em franca expansão, um grande número de publicações dedicadas ao consumo em larga escala; entre elas inúmeras histórias em quadrinhos, revistas especializadas em rádio, TV e cinema, além de outras direcionadas especialmente ao público feminino¹⁰⁴.

A propaganda estabeleceu a conexão entre o consumo do apartamento e os novos produtos de higiene e conforto doméstico, representado por máquinas, equipamentos e técnicas importadas. Os anúncios intensificaram a presença nos jornais cariocas a partir de 1922, e contemplavam desde fogões à gás alemães “Otto”, até antena coletiva (para rádio) no prédio, passando por “Frigidaire”, louças sanitárias, climatizadores “Carrier” e incineradores “Kieruf”¹⁰⁵.

Encontrava-se à disposição as novidades para o conforto doméstico: o ferro elétrico, o fogão à gás de botijão, as panelas de pressão ou frigideiras de alumínio, o liquidificador, a batedeira, o secador de cabelos, a máquina de barbear, o aspirador de pó, a enceradeira, o rádios transistorado, com AM e FM, a televisão preto e branco, depois à cores¹⁰⁶.

3.4 O espaço privado das elites em Porto Alegre

Para demonstrar como o funcionalismo esteve presente nos modos de morar em Porto Alegre, buscou-se exemplos de anúncios de jornais da época. O universo

¹⁰⁴ RODRIGUES: 1992, p. 36.

¹⁰⁵ VAZ, 2002, p. 139, 140.

¹⁰⁶ MELLO, 1998, p. 564.

analisado inclui diferentes periódicos locais com circulação entre as elites. Jornais, revistas e livros com edições especiais como enciclopédias ou mesmo livros comemorativos da cidade de Porto Alegre: Correio do Povo, Folha da Tarde, Revista do Globo, Enciclopédia da Mulher, Livro Comemorativo de Walter Spalding. Em todos estes documentos de fonte primária encontramos uma série ou conjunto de anúncios que englobam utensílios diários, eletrodomésticos e mobiliários e que apresentam os modos modernos de morar¹⁰⁷. Na verdade, este tipo de propaganda não surgiu neste momento: desde as décadas e 20 e 30, os periódicos locais já continham os elementos que divulgavam as melhorias da vida privada. Porém, nas décadas de 40 e 50 estes anúncios se intensificaram ainda mais.

Os critérios para analisar os anúncios foram selecionados conforme sua relação e importância dos eletrodomésticos no contexto da habitação. Desta forma, são relevantes os seguintes itens: a disposição dos equipamentos nos compartimentos verificando se a utilidade está acima de outros fatores de organização; as frases e expressões dos anúncios que enfatizem a funcionalidade e/ou racionalidade; e a reunião dos equipamentos e mobiliários, para verificar se tem unidade conforme a funcionalidade, na cozinha, no dormitório, por exemplo.

Há uma série de anúncios, denunciando muitas vezes uma certa seqüência, para que o leitor, através da repetição, absorva as informações apresentadas. São, via de regra, eletrodomésticos, com a característica central da praticidade na cozinha: refrigerador, fogão, liquidificador, forno elétrico. Há também mobiliário de cozinha: armários e disposição nos ambientes, gás, banquinhos. E, em menor quantidade, aparecem os anúncios de mobiliário de casa: cama, sofá, cadeiras e mesa de jantar. O lazer para o interior das casa não pode faltar. Ele apresenta-se através do rádio e, posteriormente, da televisão. O conforto e palavra essencial: seja por meio da oferta do bem estar, com o telefone e ar condicionado; seja através da higiene, com equipamentos como o aspirador de pó, a enceradeira, a máquina de lavar roupas (Fig. 129).

¹⁰⁷ A descrição da imagem, segundo Meneses, é feita levando-se em conta o tamanho e sua proporção conforme a página – se é de página inteira ou não; se pertence a uma série ou a um conjunto de propagandas e qual a fonte da propaganda, se é de revista, jornal, periódico, etc. A seguir, o autor apresenta a análise do conteúdo a partir do significado dos textos, tamanho de letras, grifos e localização na página. Títulos, subtítulos, colunas de textos e localização do endereço do fornecedor, são fundamentais para se entender a propaganda. (MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **O fogão da *Societe anonyme du gaz*** – Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária. Projeto Historia – Historia e Imagem. Revista do programa de Estudos Pos-Graduados em Historia e do Departamento de Historia – São Paulo: novembro/2000, no. 21, PUC-SP, p. 105-119.)



Fig.129 - Anúncios em geral.
Fonte: Jornal Folha da tarde: 11/02/1954, p.10.

3.4.1 A chegada da luz e dos eletrodomésticos a Porto Alegre

O processo de modernização inclui vários melhoramentos na cidade. O sistema de iluminação pública consiste em uma destas melhorias ocorridas no século XIX. Constantino¹⁰⁸ analisa um aspecto deste momento de Porto Alegre, apresentando o crescimento e a urbanização focalizando duas dimensões: “o tempo noturno e as mudanças que acrescenta elementos da modernidade ao meio urbano”¹⁰⁹.

Até a chegada da luz elétrica a iluminação pública de Porto Alegre era precária. Eram usados vários combustíveis: o hidrogênio, o querosene e até óleo de baleia. Mas Porto Alegre foi a terceira cidade a implantar esse serviço no Brasil, quando em 1889 a concessão do serviço de iluminação elétrica foi dada a um cidadão francês chamado Aimable Jouvin¹¹⁰.

¹⁰⁸ CONSTANTINO, 1994, p. 65 – 84.

¹⁰⁹ CONSTANTINO, 1994, P. 82.

¹¹⁰ Em Porto Alegre, Aimable fundou uma companhia a que deu o nome de Fiat Luz – faça-se a luz, logo após ter recebido a concessão do poder público para explorar a energia elétrica na Província. (FRANCO, 1992, p. 149).

Até a década de 20, várias usinas foram construídas em Porto Alegre. Faziam parte de três respectivas companhias elétricas. Eram a Fiat Luz, a Usina Municipal e a Companhia Força e Luz Porto-Alegrense. Porém, em 1928, a CEERG – Companhia Energia Elétrica Rio Grandense¹¹¹, instalou-se em Porto Alegre, incorporando tais usinas.

Mas a sensação do ano de 1929 foi a inauguração da loja da companhia. A instalação da CEERG no prédio sito à Rua dos Andradas proporcionou que, no pavimento térreo, fosse oferecida uma loja de comércio, que divulgaria o conhecimento dessa energia ‘mágica.’ Nesta verdadeira celebração compareceram, além das autoridades, as elites porto-alegrenses, que faziam fila em plena Rua dos Andradas para conhecer de perto as novidades (Fig. 130 e 131).

A própria loja era motivo de deslumbramento numa Porto Alegre ainda pequena e provinciana. Para começar, tinha quatro pavimentos, isso numa época de estabelecimentos pequenos, acanhados. No piso da entrada estava o lema da Companhia: “Servimol - o com prazer”- lema que era, alias, uma constante nos anúncios. Nesse piso estavam expostos eletrodomésticos. Grande novidade eram, por exemplo, os fogões elétricos. Para os porto-alegrenses, que ainda usavam fogões a lenha ou fogareiros a querosene, aquilo era uma maravilha: cozinhar sem fumaça, sem se esforçar para manter o fogo aceso... O sonho de qualquer dona de casa. No segundo piso havia um grande armário com balcão de vidro (de cristal, segundo os jornais da época) também com artigos a exposição. No terceiro andar havia um bangalô – modelo (morar em bangalô era, então, muito chique) mostrando tudo que podia ser movido a eletricidade em uma casa. (...) ¹¹²



Fig.130 - Fachada do edifício. Fonte:CEEE ERICO VERISSIMO, p. 80.

Fig.131 - Interiores do edifício.Fonte:CEEE ERICO VERISSIMO, p. 81.

¹¹¹ Em 1923 (data de fundação) a CEERG – Companhia Energia Elétrica Rio Grandense – instalou-se no Rio de Janeiro, e estava ligada à Companhia Brasileira de Força Elétrica, Pertencente à American Foreign Power Co. (AMFORP), do mesmo grupo da Electric Bond & Share Corporation. (SCLIAR, Moacyr. In: BORDINI, 2002, p. 77)

¹¹² SCLIAR, Moacyr. In: BORDINI, 2002, p. 77.

Desde então, os anúncios publicitários sobre estes eletrodomésticos começaram a ser divulgados na mídia local. Não com a mesma intensidade que se apresentam nos periódicos a partir de 1950, isso pelo investimento do governo federal, analisado no item anterior. Agrupando os anúncios de equipamentos e mobiliário, verifica-se que existe unidade, se relacionarmos os cômodos da habitação, como na cozinha, no dormitório ou na sala de estar, por exemplo. Sem dúvida a quantidade maior de anúncios que aparecem são referentes a eletrodomésticos de uso na cozinha. Geladeiras, fogões, liquidificadores e forno elétrico são alguns dos exemplos usados (Fig. 132, 133, 134, 135 e 136).

Em decorrência do evento ‘energia elétrica’, uma verdadeira revolução para o modo de morar, a importância das máquinas no contexto da habitação é marcante, especialmente se compararmos com o número de anúncios de mobiliário de salas de estar ou jantar ou dormitórios, por exemplo. Isto demonstra o grau de modernidade que a habitação continha, conforme o número de máquinas em seu interior. Não se pode deixar de referir as idéias de Le Corbusier sobre a “máquina de morar”, em “Por uma arquitetura”.

Hoje como ontem
KELVINATOR é o lider

Seja KELVINATOR chegou
 unicamente, para a alegria de
 milhares de donas de casa que
 esperavam pelo seu refrigerador.
 E valeu a pena esperar por
 ele... Esta esperança do seu
 marido, a nova KELVINATOR é
 inextinguível também em nível
 pessoal. Veja, certifique-se
 pessoalmente disso, admirando a
 KELVINATOR 1914 em 1944
 mil e de exposições. Confira-se
 mil e um detalhes técnicos que
 fazem dele o melhor refrigera-
 dor, desde logo, a sua unidade
 em pronta entrega.

Seja um dia de teste para a
 sua: far quando você receber o
 seu novo KELVINATOR e este
 dia pode ser hoje mesmo!

Recebemos o seu
 refrigerador em troca
 Use as facilidades
 oferecidas pelo nosso
 Credário

Uma exposição e venda na
CASA VICTOR S.A. onde o conforto custa menos.
 Av. Paulista, 1212 - Edifício Passagem, Av. Assis Brasil, 308 - Fátima São João, Av. Prof. Ruyviroli, 1289

**REFRIGERADOR
 SPRINGER**

- 3 ANOS DE GARANTIA LOCAL
- 7 PÉS CUBICOS DE CAPACIDADE
- BAIXO PREÇO!

VOCE VAI DETERMINAR A FORMA DE PAGAMENTO

SPRINGER
 SÍMBOLO DE BOM QUALIDADE

132

133

Fig.132 - Refrigerador Kelvinator. Fonte: Jornal Folha da tarde, 22/02/1954.

Fig.133 - Refrigerador Springer. Fonte: Jornal Folha da tarde, 29/09/1954.

A Casa Lux



**Acaba de expôr
a venda os
magnificos
refrigeradores
G E**

FACILITA-SE O PAGAMENTO — SOLICITEM PREÇOS
Rua dos Andradas N. 1489 - Telephone, 4370

134

*A nova linha em
Liquidificadores:*

ARNO
IV CENTENÁRIO

**moderno...
funcional...
características
exclusivas**



ARNO

Toda loja em Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1294 — Telefone: 4455
Em Porto Alegre, recomendamos a compra no Sudo Sudo em toda a cidade e Recife, nos melhores
casas de lojas.

Conforto...
nos 4 cantos
do lar!



90,00
mensais

Coales

135

136

Fig.134 - Refrigerador GE. Jornal Folha da tarde, 19/03/1954.

Fig.135 - Liquidificador Arno. Fonte: Jornal Folha da tarde, 19/03/1954.

Fig.136 - Refrigerador Springer. Fonte: Jornal Folha da tarde, 12/02/1954.

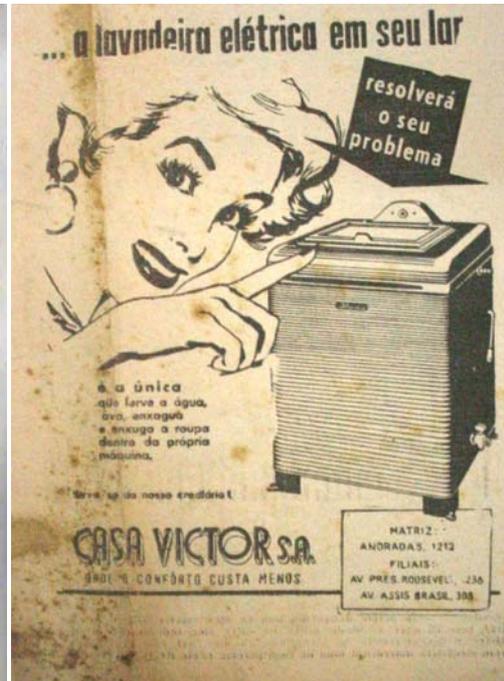
O apelo da publicidade é realmente criativo e insistente. Podem ser analisados vários pontos que certamente atingiram o público. São eles: as chamadas, como títulos que prendem a atenção; as ofertas, que muitas vezes oferecem 'presentes' aos compradores; os preços e as condições de pagamentos tentadoras; as imagens com grafismos expressivos e modernos; as lojas, situadas no centro de Porto Alegre e algumas inclusive com filiais em bairros da cidade; e as frases e expressões que enfatizam a funcionalidade dos aparelhos.

Os títulos abrangem desde condições de pagamento, como "Dê a entrada que quiser, e pague o restante em 10 suaves mensalidades.", o conforto e a funcionalidade na habitação, como "Conforto...nos 4 cantos do lar! Com uma enceradeira EPEL, você verá como é fácil manter a casa limpa, com o mínimo esforço em tempo."; ou ainda "A nova linha em liquidificadores Arno, moderno...

funcional...características exclusivas.” E também apresenta as novidades, como “...a lavadeira elétrica em seu lar resolverá o seu problema”; ou ainda “a última palavra em fogão a gás de querosene – DAKO” (Fig. 137, 138, 139, 140, 141 e 142).



137



138

Fig.137 - Exaustores Contact. Fonte: Jornal Folha da tarde, 22/01/1955.
 Fig.138 - Lavadeira Elétrica. Fonte: Jornal Folha da tarde, 29/12/1954.



139



140

Fig.139 - Rádio Mascote II. Fonte: Jornal Folha da tarde, 05/03/1954.
 Fig.140 - Máquina de costura Elna. Fonte: Jornal Folha da tarde, 17/03/1955.

The image contains two side-by-side advertisements. The left one, labeled '141' at the bottom, has the headline 'Toda uma indústria não descansa para que Você possa descansar AMANHÃ'. It features a large illustration of a woman in a dress pointing her right hand towards several pieces of furniture, including sofas and armchairs. Text on the page includes 'M. A. COSTA & CIA. Importadora', 'GRÁTIS', and 'M. A. COSTA S. A. Importadora e Distribuidora'. The right advertisement, labeled '142' at the bottom, has the headline 'Conforto e bom gosto para o seular'. It shows a three-seater sofa and two armchairs. Prices are listed as '1.200', '1.480', and '595'. The text 'M. A. COSTA & CIA. Importadora' is also visible.

Fig.141 - Anúncio: "Para você descansar amanhã". Fonte: Jornal Folha da tarde, 09/02/1955.

Fig.142 - Anúncio: "Conforto e bom gosto". Fonte: Jornal Folha da tarde, 08/03/1955.

As lojas também fazem questão de grifar seus nomes e inserir nos anúncios endereços das matrizes e filiais, em Porto Alegre e no interior, quando existiam. Para citar alguns exemplos eram as lojas: Lojas Segal Eletro Geral Limitada, na Av. Borges de Medeiros; Casa Coats S. A., com matriz na Rua dos Andradas e filial na Rua Sete de Setembro; Casa Victor S. A., com matriz na Rua dos Andradas e duas filiais, na Av. Presidente Roosevelt e na Av. Assis Brasil; Imcosul, Companhia Importadora Sul Rio Grandense, Rua Dr. Flores e filiais no interior (Pelotas, Caxias); Sociedade Comércio e Refrigeração Springer Limitada, na Rua Conceição; M. A. Costa & Cia. Importadora, na Rua Senhor dos Passos; Loja Arno, na Rua dos Andradas; Pedrette & Cia. Ltda., na Rua Ramiro Barcelos. Percebe-se que além de lojas ao consumidor existiam também várias importadoras que vendiam diretamente ao público, como representantes autorizadas no Brasil.

As imagens apresentadas são, via de regra, desenhos com grafismos dos próprios aparelhos e dos usuários, que seguiam as feições daqueles americanos, cuja família *seven up* era usada como referência. Nos anúncios dos jornais da Folha da Tarde e do Correio do Povo, eram as mulheres que usualmente apresentavam os produtos. Esbeltas, com cortes de cabelos modernos, e vestindo roupas que parecem ter saído das revistas de figurino, a felicidade é expressa nos sorrisos

das mulheres, e, diga-se de passagem, em lábios marcados por batons. A família feliz também comparece nas publicidades normalmente de refrigeradores, às vezes só o casal, às vezes o casal e os filhos.

Mas, além da mensagem do consumo propriamente dito, das facilidades dos eletrodomésticos, e das ofertas, preços e condições de pagamento, há, implícita, uma outra mensagem que diz respeito ao novo modo de morar. É a forma de utilização destes aparelhos, ainda não conhecidos pelas donas de casa. A mensagem aqui referida é aquela que ‘ensina’ ao usuário a manutenção dos produtos oferecidos. É que se lê no anúncio do aspirador de pó (Fig. 143 e 144): “Com um aspirador de pó EPEL, que possui 5 acessórios diversos para limpar tapetes, cortinas, poltronas, etc..., haverá higiene rápida e absoluta em seu lar.”¹¹³

Há também anúncios que oferecem a demonstração nas lojas e revendedores. As diferentes marcas de fogões, refrigeradores, liquidificadores, enfim, buscavam a preferência dos clientes (Fig. 145, 146, 147, 148 e 149).

Confôrto...
nos 4 cantos do lar!

Com um aspirador de pó EPEL, que possui 5 acessórios diversos para limpar tapetes, cortinas, poltronas, etc., haverá higiene rápida e absoluta em seu lar. E, para maior facilidade, use nosso crediário.

sômente
210,00
mensais

Poderosa sucção - 350 Watts
Mangueira ultra-flexível
Linhas modernas e sólida construção
Fabricada para 110 e 220 Volts

CASA
Coates
S. A.

MATRIZ: Andradas, 1306 - Fone 4446
FILIAL: 7 de Setembro, 1126 - Fone 855

Confôrto...
nos 4 cantos do lar!

Com uma enceradeira EPEL, V. verá como é fácil manter sempre a casa limpa, com o mínimo de esforço em tempo. E, para maior facilidade, use nosso crediário.

sômente
185,00
mensais

Modelos com ou sem espalhador de cera - Base blindada, hermeticamente vedada ao pó
Prefeitor dupla de borracha, com linares "Sultra-Movets" - Motor silencioso, montado com rolamentos S. K. F.

CASA
Coates
S. A.

MATRIZ: Andradas, 1306 - Fone 4446
FILIAL: 7 de Setembro, 1126 - Fone 855

Fig.143 - Aspirador Epel. Fonte: Jornal Folha da tarde, 19/04/1954.

Fig.144 - Enceradeira Epel. Fonte: Jornal Folha da tarde, 22/02/1954.

¹¹³ Folha da Tarde, 19/04/1954.

A última palavra

em fogão a gás de querosene

DÁKO

O fogão DÁKO é aquele com mais economia de querosene e maior de aproveitamento. Apresenta o mecanismo próprio, exclusivo de construção e sistema totalmente de aço.

- Sem fumaça
- Sem cheiro
- Sem ruído
- Sem mecha
- Sem sujeira

Vendido agora em prestações mensais de

\$ 400,-

145

V. também deve usar o fogão Bertoni em sua cozinha!

porque:

- Sua chama clara e forte dá maior economia
- Seu manejo é fácil e prático
- O revestimento, esmaltado a fogo, é feito com chapas de qualidade
- O recipiente transparente do querosene é adaptado ao próprio fogão, não exigindo pressão
- É fabricado em 5 tipos, com 3, 2 e 1 bocas, cabendo em qualquer cozinha

Peca uma demonstração em seu revendedor

Distribuidores exclusivos para todo o Estado

PEDRETTE & CIA. LTDA.

Rua Paraná, Curitiba n.º 331 - Tel. 9.176

146

O fogão *Lar* a gás de querosene.

mais econômico

do que qualquer outro.....

- * Sem fumaça
- * Sem cheiro
- * Sem ruído
- * Sem mecha
- * Não requer instalação.

O magnífico fogão "LAR", a gás de querosene foi construído para dar maior conforto ao seu lar e maior desconto à sua dona. Apresentado com 2 ou 3 queimadores, com amplo forno e mecanismo na porta para regular o calor.

compre pelo crediário

CASA VICTOR S.A.

onde o conforto custa menos

Andradas, 1212 - Filial n.º 1, Av. Assis Brasil, 308.
Filial n.º 2, Av. Presidente Roosevelt, 1236.

147

VEJA!

está em funcionamento o fogão

Franklin

A GÁS DE QUEROSENE

para facilitar o seu labor diário

Prático! Higiénico! Económico!

"FRANKLIN" apresenta-se a você em comodidade com um sistema de limpeza. Para isso foi especialmente concebido. FRANKLIN apresenta a mesma eficiência dos fogões a gás de aço. É um fogão econômico, fácil e seguro mesmo de manusear. O "FRANKLIN" em sua versão com 2 ou 3 queimadores e com um mecanismo de limpeza. Seu sistema de limpeza, com limpeza automática, dá facilidade e eficiente higienização de todo o aparelho pelo tipo. Mecanismo de limpeza a gás. A manutenção é feita de uma vez por semana e a sua melhor conservação. Precisa de mais informações? Escreva para: LOJAS SEGAL

Modelo 810 - 2 queimadores por hora até

Reendedor autorizada em PORTO ALEGRE:

LOJAS SEGAL

148

LIMPEZA ECONOMIA RAPIDEZ

FOGÃO ELÉTRICO LAYR

TODO DE AÇO INOXIDÁVEL

- 3 bocas com calor direto instantâneo.
- Cuiú abridor para fitulas e fôrmas rápidas - não precisa para um litro de água!
- Tirota (30) graduações elétricas

CONSUMO MENSAL COMPROVADO

Família de 4 pessoas (90 kilowatts/hora)

10 100

LIGA-SE NUMA SIMPLES TOMADA DE LUZ

FORNO LAYR

TODO DE AÇO INOXIDÁVEL

Chega à temperatura de assar dentro de 80 segundos! Ultra econômica e rápida. Forno com tipo de vidro resistente ao calor - 25 GRADUAÇÕES DE CALOR

Fornos de calor nas partes de cima e de baixo.

GABINETE

SELA PEÇA DE CHAPA DE AÇO esmaltada de bronze com 1ª parte superior e puchadores de aço inoxidável, com 2 gavetas, 2 portas e uma grade. Dim. 33 x 73 x 50 CM.

COMPANHIA IMPORTADORA SUL RIO GRANDENSE

incosul

PORTO ALEGRE

Matriz e escritório: Rua Dr. Flores, 119 - Telefones: 4224, 4061 e 4113 - Caixa 825 - Filial Rua Almirante Barroso, 202 - Tel.: 2-13-49 - Endereço Teleg. e Pétrola. Ponto de venda: PELOTAS - Rua 15 de Novembro, 664.

149

Fig.145 - Fogão Dako. Fonte: Jornal Folha da tarde, 15/03/1954.

Fig.146 - Fogão Bertoni. Fonte: Jornal Folha da tarde, 03/03/1954.

Fig.147 - Fogão Lar. Fonte: Jornal Folha da tarde, 11/02/1954.

Fig.148 - Fogão Franklin. Fonte: Jornal Folha da tarde, 19/11/1954.

Fig.149 - Forno Layr. Fonte: Jornal Folha da tarde, 15/03/1954.

V. também deve usar o fogão Bertolini em sua cozinha! Porque: sua chama clara e forte dá maior economia; seu manejo é fácil e prático; o revestimento, esmaltado a fogo, é feito com chapas de qualidade; o recipiente transparente do querosene é adaptado ao próprio fogão, não exigindo pressão; é fabricado em 5 tipos, com 3, 2 e 1 bocas, cabendo em qualquer cozinha.¹¹⁴

Ou ainda:

O magnífico fogão LAR, a gás de querosene foi construído para dar maior conforto ao seu lar e maior descanso à sua dona. Apresentado com 2 ou 3 queimadores, com amplo forno e termômetro na porta para regular o calor. Sem fumaça, sem cheiro, sem ruído, sem mecha, não requer instalação.¹¹⁵

O novo modo de morar com a eletricidade vinha sendo incorporado à vida cotidiana dos porto-alegrenses. Seja através dos novos aparelhos e suas facilidades para as donas de casa, seja pelo conforto oferecido por estes. Mas sem dúvida a presença destas máquinas no interior das habitações oferecia um status de modernidade jamais conhecido. Além da publicidade feita nos jornais locais, houve também uma apresentação ao público específico das mulheres da classe média-alta. A Revista do Globo se incumbiu de realizá-la.

3.4.2 Funcionalidade no apartamento

Na Revista do Globo, edição especial de 1958, há um capítulo inteiro dedicado à casa, mobiliário e organização interna, com o título: 'A casa: sua organização – seu arranjo'. Ocupa-se em ensinar o modo de usar as máquinas e dispor os móveis, utilizando como exemplo uma das casas que é referência do Movimento Moderno no Brasil: a Casa de Vidro da arquiteta Lina Bo Bardi (Fig. 150 e 151). Tanto o seu exterior como interior são usados como exemplos, na sua forma e sua funcionalidade. Também é apresentada a casa do Dr. B., de autoria do arquiteto Villanova Artigas, representante do modernismo em São Paulo.

¹¹⁴ Folha da Tarde, 03/03/1954.

¹¹⁵ Folha da Tarde, 11/02/1954.

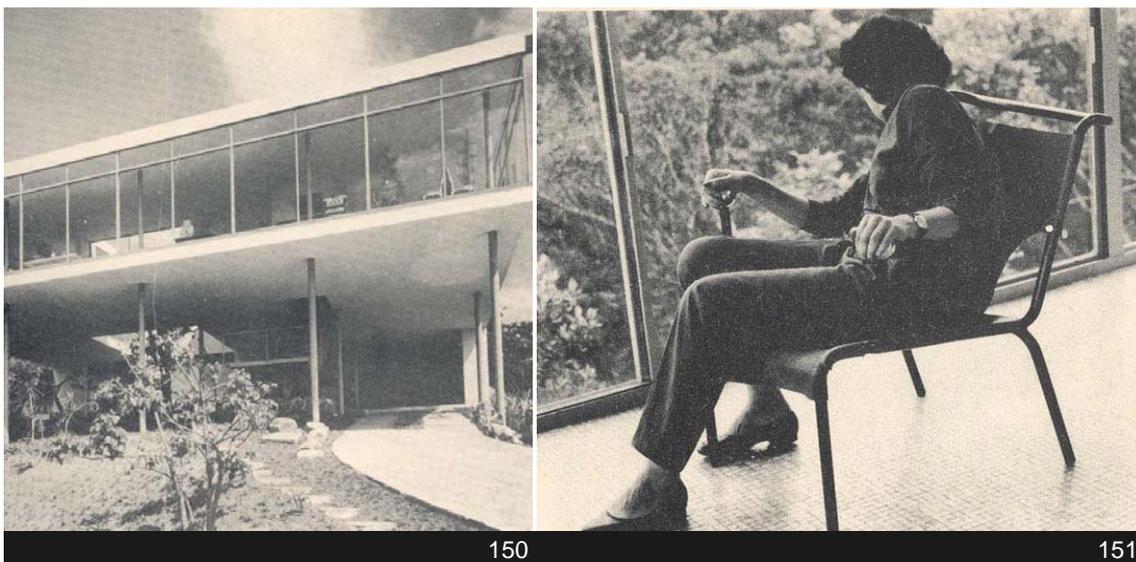


Fig.150 - Casa de vidro, arquiteta Lima Bo Bardi, São Paulo. Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 86.
 Fig.151 - Interior da casa de vidro. Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 86.

O vidro é largamente empregado nas casas modernas; hoje em dia o conceito de casa é muito diferente do adotado a alguns anos atrás, o ar e a luz nela devem entrar, a fim de fazer com que atmosfera seja alegre. (...) Essa casa (Lina Bo Bardi), em cimento armado e aço, mostra claramente o caráter da arquitetura contemporânea: vidro e claridade. A parte completamente envidraçada é a sala de estar, de um amplidão especial. Um pátio aéreo assegura um sistema de ventilação cruzada. (...) As cores são o branco, o cinzento e o vermelho-fogo para as partes metálicas.¹¹⁶

O interessante é que estas Revistas ou Enciclopédias eram dedicadas ao público feminino e tinham o objetivo semelhante a um manual, buscando ensinar as mulheres a serem donas de casas cultas, nos assuntos que eram pertinentes a seus afazeres, modernas, atualizadas e femininas. O tom do texto reflete exatamente essa forma de organizar a casa e o modo de viver em família. Era característico da época dar um teor moderno à dona de casa. Isso se verifica no despojamento dos mobiliários indicados para serem usados, nas vestimentas das mulheres e na maneira de desaconselhar o uso de móveis e acessórios, como cortinas, muito decoradas ou que demonstrassem algum estilo do passado (Fig. 152 e 153).

A escolha de objetos de adorno é também capital: nada de mulheres, coelhinhos, animaizinhos de péssimo gosto. É muito melhor terem-se cerâmicas populares, esculturas de madeira ou vasos de barro. A produção popular tem caráter artístico, e vale muito mais uma vaca

¹¹⁶ ENCICLOPÉDIA DA MULHER, 1958, p. 73-74.

pintada de vermelho de Pernambuco, do que uma dama vestida de rendas, das fabricadas em serie pelas manufaturas européias, cuja produção não tem mais valor a um século. (...) Se não tiver meios para comprar uma cerâmica de Picasso, recorra a um vaso de barro daqueles em que o povo guarda gordura, ou uma bilha em que se guarda leite. Como valor estético, estarão no mesmo plano da primeira, enquanto isso não acontecerá com o cachorro, ou o elefante de porcelana alemã ou da tchecoslováquia cujo preço atingirá quase o da cerâmica de Picasso.¹¹⁷

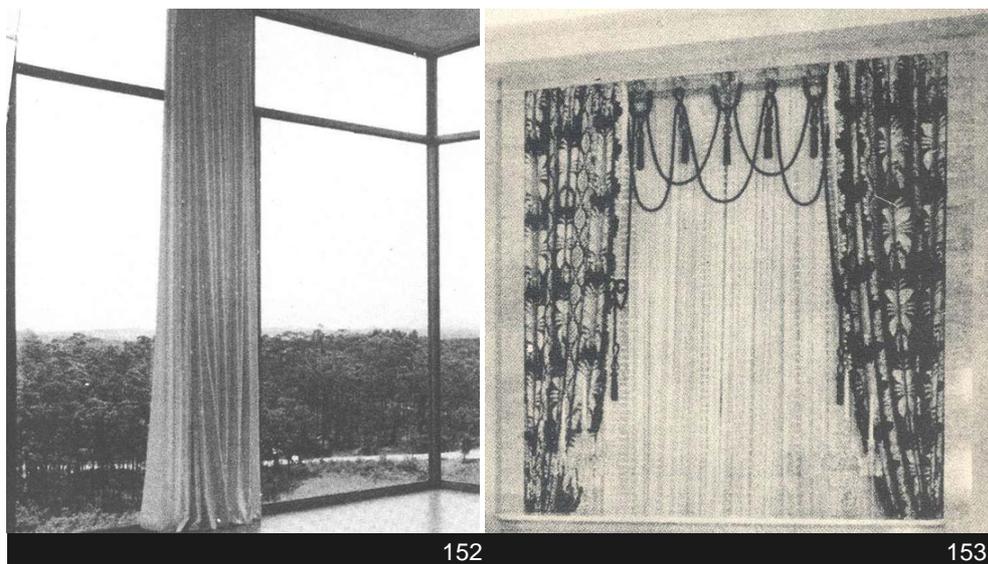


Fig.152 - Indicação da cortina a ser usada na habitação moderna.

Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 89.

Fig.153 - Indicação da cortina a ser usada na habitação moderna.

Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 89.

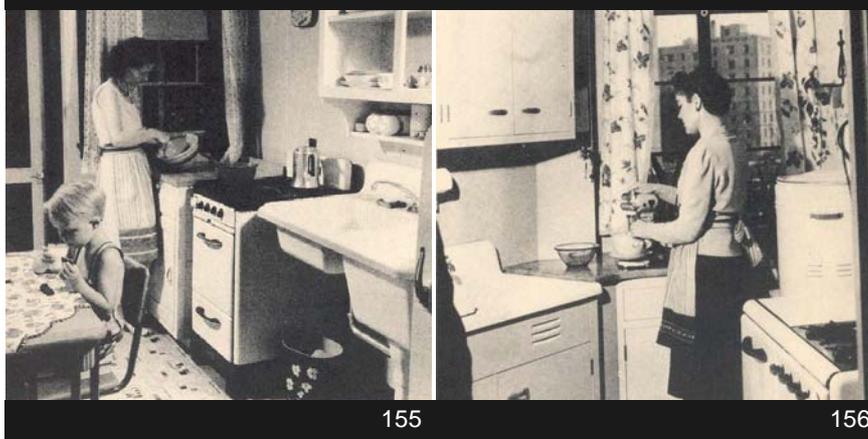
Os equipamentos e eletrodomésticos para a moradia moderna são oferecidos especialmente para o setor da habitação que mais se envolve com o serviço: a cozinha. As tarefas de armazenamento, lavagem, preparo e cocção são agilizados com novas e cada vez mais eficientes máquinas que utilizam tecnologias inovadoras para a modernização do trabalho doméstico. A cozinha é o maior exemplo, pois cada equipamento é detalhado o seu uso, e seu manuseio. A mecanização é fundamental na cozinha contemporânea, facilitando o trabalho doméstico e a manutenção da higiene. O balcão contínuo de aço inoxidável, a máquina de lavar pratos e copos, armários com portas movediças, e a iluminação feita por refletores, são alguns dos predicados obrigatórios à cozinha¹¹⁸ (Fig. 154, 155 e 156).

¹¹⁷ ENCICLOPÉDIA DA MULHER, 1958, p. 86.

¹¹⁸ Na verdade, a preocupação com uma organização mais racional do espaço de cozinha em apartamentos parisienses encontra-se presente desde o início do século XX. Assim, a diminuição efetiva de domésticas (por motivos que não cabe analisar aqui) e a possibilidade da crescente racionalização em equipamentos colocam o planejamento do espaço da cozinha como um elemento central da preocupação dos arquitetos. Ver, a respeito: ELEB, Monique; DEBARRE, Anne. **L'invention de l'habitation moderne**. Paris 1880-1914. Paris: Hazan/Archives d'architecture moderne, 1995, p. 125 e seguintes. A respeito da penetração intensiva de equipamentos mecanizados em residências e apartamentos europeus e norte-americanos, ver: GIEDION, S. **La mecanization au pouvoir**. Vol. 3: **Les machines dans la Maison**. Traduit de l'américain, Paris: Denoël/Gonthier, 1983.



154



155

156

Fig.154 - Imagem de uma cozinha moderna.

Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 91.

Fig.155 - Exemplo de uma cozinha moderna com comedor.

Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 91.

Fig.156 - Imagem de uma cozinha moderna com dimensões reduzidas.

Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 91.

No interior dos apartamentos modernos de Porto Alegre essas normas eram seguidas com o máximo de precisão. O exemplo da cozinha dos apartamentos do Edifício FAM mostra a disposição perfeitamente alinhada com a funcionalidade exigida na época.

Na Rua 24 de Outubro, o exemplo é da cozinha do Dr. Osvaldo Ludwig, revestida com chapas de ferro esmaltado, nas paredes e no teto. O mobiliário, feito sob medida por marceneiro de Novo Hamburgo, é todo em madeira de lei, com as portas pintadas em esmalte branco (Fig. 157, 158, 159 e 160).



157



158



159



160

Fig.157 - Edifício FAM - cozinha. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Fig.158 - Edifício FAM - sala de jantar. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Fig.159 - Edifício FAM - sala de estar. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Fig.160 - Edifício FAM - integração da área social. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Não se pode esquecer que o público alvo destes anúncios é do gênero feminino. É a dona de casa, que aos poucos se adapta as novas condições da vida moderna, precisando muitas vezes sair de casa em horários que normalmente cuidava dos afazeres domésticos para trabalhar e aumentar a renda da família. Além disso, um novo status e significado aparecia com esta independência da mulher moderna. As famílias a quem se dirigem os anúncios em questão são aquelas das elites da cidade que habitam nos bairros em desenvolvimento e buscam

adequar-se ao novo modo de morar que os apartamentos oferecem. Veremos que a própria cozinha altera sua dimensão para menor, em função das áreas disponíveis nos edifícios e pelo valor dos imóveis em zonas altamente valorizadas.

O tom de apresentação do autor pretende apresentar os temas pedagogicamente, ou seja, tentando ensinar a dona de casa como é o novo modo de morar, moderno, mais prático, mais econômico e mais eficiente. As ilustrações e imagens apresentadas como exemplo são de fundamental importância para reforçar o aprendizado das mulheres. A propósito, este tipo de enciclopédia era oferecido como presente dos noivos para as futuras esposas que, depois de casadas, apresentavam o conteúdo ricamente ilustrado para suas filhas, que desde crianças se acostumavam com as novas maneiras e formas de morar.

Embora em nenhum momento os anúncios de eletrodomésticos apareçam relacionados diretamente com os apartamentos modernos, fica clara a relação entre o tipo de moradia e a categoria de seus moradores. O edifício de apartamentos tornou-se símbolo do luxo, do bom gosto e do morar moderno. Morar em apartamento tornou-se um passaporte reconhecido para a ascensão social.

CAPÍTULO 4

O APARTAMENTO: ARQUITETURA E O MODO DE MORAR NA RADIAL INDEPENDÊNCIA E 24 DE OUTUBRO

O presente capítulo apresenta os edifícios de apartamentos da radial Independência/24 de outubro e faz uma análise das partes – cada unidade habitacional - e do todo - o edifício no seu entorno imediato. O ponto de partida para esta análise é o projeto arquitetônico: são os elementos mínimos para o entendimento da concepção espacial de tais edifícios, tais como plantas baixas, cortes, fachadas e perspectivas. O objetivo principal é identificar como moravam as elites porto-alegrenses em Porto Alegre na década de cinquenta. As tradições e novidades tiveram de conviver e de adaptar-se conforme as novas situações sociais. Condições estas que também dependiam de sua localização na radial. Depois de estudar a paisagem urbana com seus componentes e suas sociabilidades através dos bairros Independência e Moinhos de Vento, os edifícios serão apresentados de duas formas: primeiro conforme sua localização na radial, sempre que formarem “conjuntos urbanos” importantes os edifícios serão agrupados para análise, como em praças ou esquinas; segundo, conforme suas características funcionais e/ou formais, indicando grupos de edifícios com

semelhanças. Estes foram denominados “edifícios símbolo”¹ para as elites dos anos cinqüenta em Porto Alegre.

A situação urbana de um objeto arquitetônico é fundamental para sua caracterização. Morar em uma zona úmida da cidade é diferente de morar em uma colina arejada e ensolarada. Ou então ter seu dormitório de frente para uma grande avenida, movimentada de automóveis, é diferente de tê-lo voltado para uma praça arborizada. A análise do universo dos edifícios de apartamentos deve levar em consideração sua localização na cidade, no bairro e em cada lote. A orientação solar, a incidência de ventos, as visuais, as relações com os demais edifícios do entorno físico interferem na proposta de cada prédio e de cada apartamento.

As fontes para o presente estudo não se limitaram aos projetos arquitetônicos dos edifícios de apartamentos. Mas estes foram o ponto de partida para indicar as adequações dos espaços aos seus moradores. Neste sentido, os órgãos municipais têm seu papel no registro e na memória da arquitetura. Os projetos encaminhados à Prefeitura Municipal para aprovação são referência para estudos dos ideais dos arquitetos e engenheiros de um tempo e dos modos de morar das elites, no caso em estudo. Os jornais de grande circulação da época foram outra fonte preciosa, apresentando os grandes empreendimentos, alardeando as novidades e os custos de tais modernidades. Estes talvez sejam os documentos que mais contam a história dos modos de morar de grupos sociais. Há, ainda, a história contada, pelos próprios moradores, que fornecem ricos subsídios, identificando mudanças e alterações do cotidiano. É a história oral que, através de entrevistas com alguns dos moradores dos apartamentos, relatam os modos de morar.

Ao analisar os elementos da forma arquitetônica, devemos nos ater, primeiramente, ao termo “forma arquitetônica”. Forma é um termo bastante amplo e com diversas conotações, sendo enfocada neste estudo sob o ponto de vista da estrutura plástica da obra arquitetônica.

¹ A expressão “edifícios símbolo” foi utilizada no capítulo IV da tese de doutorado de Nara Machado, com a intenção de destacar as várias edificações no cenário da cidade, tanto por sua altura como por apresentarem características formais diferenciadas em relação ao historicismo dominante em Porto Alegre até o início da década de 40. (MACHADO, 1998, p. 318 – 334). Na presente tese, os edifícios símbolo possuem a mesma intenção de destaque, porém, por estarem situados na radial em estudo e por constituírem-se em edifícios de apartamentos projetados no período em estudo.

Assim, a forma arquitetônica é constituída por três elementos básicos: o volume, a superfície e o espaço. A combinação e inter-relação dos referidos elementos resultam na unidade da obra arquitetônica. Teoricamente, é possível analisar cada um dos elementos isoladamente, lembrando que a concepção plástica do projeto é resultado da análise da forma global. Os atributos da forma arquitetônica são a linha, a luz, a cor, a textura; e sob o ponto de vista da organização os princípios são de unidade, multiplicidade, equilíbrio, proporção, ritmo, harmonia, simetria, verticalidade, horizontalidade, etc.

O volume é a própria configuração da matéria construída, que expressa a tridimensionalidade física da arquitetura e pode, inclusive, predominar a sensação plástica, assumindo uma ênfase especial como forma geométrica pura. A disposição dos volumes expressa a intenção primeira da obra, racionalmente ordenada ou organicamente desenvolvida. A observação dos volumes é feita, normalmente, no exterior da obra; porém, também pode-se considerar volumes de espaços internos. Para expressar a importância do volume na configuração da forma arquitetônica Le Corbusier usou o seguinte enunciado no conceito de arquitetura: “A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz”².

A superfície é definida como parte exterior e visível dos corpos, os limites externos. Assim, os volumes arquitetônicos são compostos de planos que são as suas superfícies internas e externas: as paredes, as coberturas e os pisos. É no tratamento das superfícies que reside normalmente a decoração da obra arquitetônica, ou seja, se integram a pintura e a escultura. Também no tratamento da superfície aparece a textura, qualidade própria, que está ligada à natureza dos materiais empregados. A superfície pode assumir valor superior ao volume, mas normalmente tenderá a realçar suas formas. Parafraseando Le Corbusier, o mestre diz que “um volume é envolvido por uma superfície, uma superfície que é dividida conforme as diretrizes e as geratrizes do volume, marcando a individualidade deste volume.”³

Espaço é o oposto da matéria, é o que deixou de ser construído, o vazio que circunda a obra arquitetônica (espaço exterior) e os vazios interiores da obra, que lhe dão a razão de ser arquitetônica (espaço interior). O espaço arquitetônico

² LE CORBUSIER, 1981, p. 21.

³ LE CORBUSIER, 1981, p. 19.

pressupõe a presença humana, o penetrar, o mover-se, o habitar. É o espaço interior que dá a especificidade da obra arquitetônica, é a expressão maior, diferencia-o da escultura tradicional. Neste estudo do espaço deve-se considerar a planta, símbolo gráfico do espaço arquitetônico, através da qual podemos identificar a intenção que moveu a obra. O espaço pode ser considerado o gerador da obra arquitetônica, na medida em que de sua disposição depende a configuração da obra, a qual se gera de dentro para fora ou pela disposição geral dos volumes que gera uma obra de fora para dentro. Ainda, o espaço exterior participa da obra como parte integrante ou como mera moldura, mas deve ser sempre pensado como entorno na qual a obra se insere, e com o qual se relaciona.

No movimento moderno, a forma é tomada como resultado da funcionalidade do edifício. A teoria do funcionalismo enfatiza um processo de determinação formal, baseado em considerações programáticas e técnico-construtivas, e uma rejeição total à idéia de que precedentes históricos e métodos tradicionais podem úteis ao processo de criação de objetos arquitetônicos. Então, a partir dos aspectos expostos, apresentar-se-á uma análise formal de dois edifícios construídos na década de 50, em Porto Alegre.

4.1 Duas esquinas e meia: Garibaldi, Santo Antônio e Tomas Flores

4.1.1 Independência esquina Garibaldi: um hospital e três edifícios de apartamentos

A abertura da Rua Garibaldi é bastante antiga, data de 1883, especialmente o primeiro trecho entre a Avenida Independência e Avenida Osvaldo Aranha. O segundo trecho, até a Rua Cristóvão Colombo, é aberto um pouco depois, em 1892, e sendo também denominado de Francisco Félix. Os tipos de construções características nesta época eram casas térreas e alguns poucos sobrados. Para se ter uma idéia de seu porte, em 1920, quando o prolongamento da rua Garibaldi chegou até a Voluntários da Pátria⁴, toda a extensão havia cerca de trinta casas térreas.

⁴ O trecho ligava a Cristóvão Colombo à uma fábrica de pregos, denominada "Pontas de Paris". (FRANCO, 1992, p. 191).

A esquina desta rua junto à Avenida Independência adquiriu aspecto moderno em torno de 1950, quando a maioria dos lotes foi ocupada por edifícios de apartamentos com uma característica formal marcante: a da verticalidade. Porém, a primeira edificação de caráter moderno deste cruzamento não é de uso privado e sim, público. É o Hospital do Médico, cuja construção em lotes de meio de quadra, é familiar nesta avenida. É possível comparar sua situação urbana com as configurações que se estabeleceram ao longo da Avenida Independência, na direção centro-bairro. É uma situação muito semelhante, especialmente em relação à Praça Dom Feliciano e Dom Sebastião, que abrigaram hospitais, edifícios de serviços e de apartamentos, caracterizando assim a paisagem urbana, como foi visto no capítulo 2.

Além do Hospital do Médico, três lotes configuram a esquina. Todos são estreitos e compridos; estreitos para frente junto a Avenida Independência e compridos com relação à Rua Garibaldi. As dimensões variam entre 9,70 metros e 14,45 metros no lado menor, e 33,15 e 45,15 metros no lado maior. Esta característica dos lotes praticamente determinou o tipo de ocupação, aliada às diretrizes do Plano Diretor. A fachada junto à Independência é dedicada ao uso público, comércio e serviços, e a fachada junto à Rua Garibaldi é dedicada ao acesso dos edifícios de apartamentos e das garagens privativas.

A ocupação da esquina em questão, na década de 50, ocorre a partir do uso da habitação coletiva. São edifícios de apartamentos que ocupam três dos quatro lotes de testada junto à Independência. Em todos, a topografia é explorada para a setorização no uso de espaços públicos e privados. Isto é visto no programa arquitetônico junto à Avenida Independência, no topo do espigão, onde estão situados os espaços para lojas, normalmente com francas aberturas no nível do térreo, para uso público. Esta característica é uma herança dos edifícios altos localizados no centro da cidade. As fachadas mais extensas são resguardadas para o uso privado, o acesso dos moradores e a guarda dos automóveis com entradas privativas, lembrando a situação urbana dos bairros.

Os anos 50 serviram para determinar a escala desta esquina até os dias de hoje, os edifícios de 10 andares em média, que caracterizam a parte mais alta da cidade.

4.1.1.1 Os Edifícios de apartamentos

Três são os edifícios de apartamentos que compõem a esquina em estudo: Edifício Mariante, Edifício Elizabeth e Edifício Professor Elyseu Paglioli. Os dois primeiros apresentam características semelhantes, pavimento térreo dedicado ao comércio e serviços e os demais pavimentos de uso privativo dos moradores. O Edifício Professor Elyseu Paglioli é uma tipologia nova na radial; pois alia, além de pequenas lojas no térreo, um cinema e um conjunto de apartamentos nos demais pavimentos.

O Edifício Mariante está situado na esquina da Avenida Independência com a Rua Garibaldi (Fig.161, 162 e 163). Possui uso misto, com térreo comercial e pavimentos-tipo residenciais, somando um número de 10 pavimentos-tipo. Conforme o projeto arquitetônico encaminhado à Prefeitura Municipal⁵, em 1951, o empreendimento era de propriedade da Sociedade Imobiliária Mauá, e sua autoria é dedicada ao Escritório de Engenharia e Arquitetura de Paulo Ricardo Levacov, cuja construção é assinada pelo engenheiro civil Paulo Ricardo Levacov. O Edifício Mariante não apresenta muitas sutilezas na sua composição; porém a sua presença se faz sentir especialmente pela base robusta, que apresenta uma boa articulação volumétrica.



Fig.161 - Edifício Mariante. Fonte: Fotos do acadêmico Riggs.

Fig.162 - Edifício Mariante, fachada Rua Garibaldi.

Fonte:Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

Fig.163 - Edifício Mariante, acesso pela Rua Garibaldi.

Fonte:Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

⁵ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 23025/51.

No pavimento térreo, há a utilização de lojas na parte do lote que se relaciona com a Avenida Independência, e, na lateral, as portas para o acesso principal do edifício e para as garagens se organizam em conjunto com algumas aberturas, seguindo o mesmo alinhamento. Os acessos tanto para as lojas como para o edifício de apartamentos se organizam a partir de um mesmo critério: a elevação através de uma escadaria. Este é o elemento que sugere uma certa importância para cada uma das funções: habitação e comércio.

Dois apartamentos por andar caracterizam o pavimento-tipo do Ed. Mariante, cada um com três dormitórios. Há a presença de um hall de entrada nos apartamentos, com uma porta que o separa do restante da unidade, configurando uma saleta na entrada. A área social se mantém idêntica nas duas unidades, e as de serviço e íntima se adequam à situação do lote e à situação da esquina. As sacadas possuem uma função de integração, mais para favorecer a composição da fachada, do que a composição espacial interna dos apartamentos, visto que relaciona a sala de jantar a um dos dormitórios, ou seja, vincula o setor social e público ao íntimo. A entrada social e a de são fazem separadas, com a presença de dois elevadores e a escada de uso comum. Todos os cômodos, exceto o banheiro de serviço, são iluminados e ventilados naturalmente. É certo que a situação do lote é bastante generosa, especialmente por ocupar uma esquina, mas o aproveitamento deve-se, essencialmente, a organização do autor em priorizar tais condicionantes.

Do mesmo autor, o engenheiro civil Paulo Ricardo Levacov, é o projeto arquitetônico⁶ do Ed. Garibaldi (Fig.164), o qual foi construído muito próximo ao Edifício Mariante. Apesar de ser um prédio de pouca altura, com térreo mais dois pavimentos, os apartamentos apresentam algumas diferenças com relação ao anterior, e mesmo não estando situado junto à Avenida em estudo, cabe apresentar suas características. Está situado na Rua Garibaldi e é exclusivamente residencial. O projeto apresentado à Prefeitura Municipal⁷, em 1952, indica como proprietário o mesmo do Ed. Mariante, a Sociedade Imobiliária Mauá S.A., assinado por seu representante, Sr. Inocêncio Guaspari.

⁶ O projeto apresenta-se completo, com selo contendo autores e proprietário e o Escritório de Engenharia e Arquitetura de Paulo Ricardo Levacov, com autoria do desenhista P. P. Pereira.

⁷ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 38993/52.



Fig.164 - Perspectiva do Edifício Garibaldi. Desenho de P. P. Pereira.
 Fonte: Projeto Arquitetônico. Prefeitura Municipal. Processo nº 38993/52.

O apartamento tipo, com 280 m², possui dois dormitórios. São apartamentos idênticos, tanto o de frente como o de fundos. A área social - estar e jantar - é totalmente integrada. A área de serviço se faz completa, inclusive com acesso separado do acesso social. A área íntima, além dos dormitórios e do banheiro, possui também um quarto de costura, tradicional desde as habitações dos casarões⁸.

O Edifício Elizabeth (Fig.165, 166 e 167) é um importante edifício localizado na esquina da Avenida Independência com a Rua Garibaldi. A localização é bastante privilegiada, pois além de se encontrar num cruzamento importante de duas vias, ainda pode usufruir a topografia acidentada para constituir o acesso de automóveis, no pavimento inferior, o que se tornou característica dos projetos de esquina da Independência.

Como característica já citada destes edifícios, o uso misto se mantém, térreo comercial e pavimentos residenciais, no caso 11 pavimentos de apartamentos. O projeto arquitetônico apresentado à Prefeitura⁹ data do ano de 1954, com proprietário não identificado, assim como a sua autoria. Sabe-se, porém, que foi construído Empresa Azevedo Moura & Gertum.

⁸ No estudo de Lúcia Gea, o quarto de costura aparece em sobrados, situados em terrenos amplos, como o exemplo da residência para Edmundo Dreher, onde este compartimento estava situado no pavimento térreo, entre o gabinete e o setor de serviço. GEA, 1995, p. 164.

⁹ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 13167/54.



Fig.165 e 166 - Edifício Elizabeth. Fonte: Fotos do acadêmico Riggs.
 Fig.167 - Edifício Elizabeth, fachada Rua Garibaldi.
 Fonte: Fotos do acadêmico Riggs.

O acesso do Edifício Elizabeth se dá pela Rua Garibaldi através de duas entradas separadas, pois o edifício se configura em dois blocos de apartamentos independentes (Fig.168 e 169). A fachada menor, com frente para a Avenida Independência, possui relação com o térreo através de pilotis, onde funcionam pequenas lojas de comércio e de prestação de serviços. Formalmente é um pavimento inexpressivo, se comparado com outros edifícios da mesma época nesta avenida. Porém, é imprescindível assinalar a presença de marquises curvas no térreo, protegendo o acesso dos moradores aos blocos de apartamentos e insinuam,

⁴¹⁴ Fonte: Processo nº 13167/54.

⁴¹⁵ Para citar alguns exemplos, na própria Avenida Independência, encontravam-se as residências de Frederico Becker, Leopoldo Dexheimer e Luíza de Primio Beck, estudadas por Gea. GÉA: 1995, p. 94, 95 e 108.

⁴¹⁶ Estas marquises curvas não são novidade para a arquitetura brasileira. O arquiteto Oscar Niemeyer já havia introduzido a curva na arquitetura moderna brasileira em suas obras da Pampulha.

ainda que de maneira muito tímida, o uso diferente do serviço junto à Avenida. As curvas não são regulares, são amebóides, o que fascina ainda mais a visualização destes estranhos elementos que ressaltam a entrada dos apartamentos. Se antes, nas décadas de 20 ou 30, encontrávamos nos acessos aos casarões portões de ferro ou portas com elementos historicistas ou *art nouveau*¹⁰, carregados de monumentalidade e pompa para homenagear os moradores, na década de 50 pode-se dizer que são estes outros os elementos¹¹ que registram sua presença, por exemplo.



Fig.168 e 169 - Edifício Elizabeth, entrada pela rua Garibaldi. Fonte: Fotos do acadêmico Riggs.

O pavimento-tipo é composto por dois apartamentos de três dormitórios e um banheiro em cada um dos blocos. A área social possui estar e jantar separados, e a área de serviço é completa, com dependência de empregada e banheiro. O acesso social e de serviço são separados, cada bloco possui um elevador e a escada de uso comum, voltada para o serviço.

A presença de sacadas caracteriza, especialmente, o bloco de apartamentos voltado para as duas frentes, onde dormitórios ou jantar são beneficiados com as aberturas. No outro bloco apenas um dormitório possui sacada. A escolha mostra claramente a adequação à composição formal da fachada, não levando em consideração a teoria do funcionalismo, onde escolha seria por beneficiar um tipo de cômodo ou outro. A fachada da Rua Garibaldi expressa uma falsa simetria ou um falso equilíbrio, uma vez que não corresponde nem aos espaços internos dos apartamentos, nem aos acessos no pavimento térreo, que se encontram correspondentes cada um a seu bloco.

¹⁰ Para citar alguns exemplos, na própria Avenida Independência, encontravam-se as residências de Frederico Becker, Leopoldo Dexheimer e Luíza de Primio Beck, estudadas por Gea. GÉA, 1995, p. 94, 95 e 108.

¹¹ Estas marquises curvas não são novidade para a arquitetura brasileira. O arquiteto Oscar Niemeyer já havia introduzido a curva na arquitetura moderna brasileira em suas obras da Pampulha.

Este tipo de lote é recorrente desde a Rua Barros Cassal até a Rua Ramiro Barcelos. Nota-se um tipo de “pesquisa urbana” feita por diversos arquitetos e empresas na constituição de exemplares modernos que satisfizessem tanto ao uso público quanto ao privado do bairro em questão.

4.1.1.2 Habitação e cinema: a modernidade alia funções

Talvez a Avenida Independência seja a radial de Porto Alegre que mais buscou manter a vitalidade do centro na década de 50, sendo a continuidade da Rua dos Andradas, tão característica da cidade. A tipologia de edifício de apartamentos aliado ao cinema é uma comprovação da idéia de vitalidade. Na Independência encontramos o importante Edifício Professor Elyseu Paglioli, com o cinema Um, sala Vogue, e na Rua Vinte e Quatro de Outubro, o Edifício Moinhos de Vento, com o cinema Coral.

Mas, não foram os edifícios da radial que inauguraram esta tipologia em Porto Alegre. O primeiro caso foi o Edifício da Cia. Previdência do Sul, na Rua dos Andradas, em 1929. Somente no fim da década de 50 é que o cinema chegou aos bairros, incorporado aos edifícios de apartamentos. Porém, muito antes, a Porto Alegre do início do século XX já conhecia a arte do cinema, no centro e nos bairros, em edifícios construídos somente para este fim. Vejamos um pouco deste desenvolvimento da tipologia e de seu uso pela sociedade.

A presença do cinema para a sociedade de Porto Alegre é uma constante desde o início do século XX. O cinematógrafo surgiu inicialmente como uma curiosidade, em circos e teatros, mas logo atingiu sua importância junto à sociedade, sendo expressa inclusive como um fato urbano que se espalharia pela cidade através de salas para exposições até a década de 80. Neste momento iniciou uma grande crise que teve como principal fator o processo de concorrência entre televisão e cinema. Essa competição ocorreu a partir de 1958, mesma data da inauguração da TV Piratini, Canal 5. Mas, em 1907 já se têm notícias de salas de cinemas no centro de Porto Alegre e em 1913, nos seus bairros¹².

¹² FRANCO, 1992, p. 116.

O desenvolvimento da sétima arte – o cinema - em Porto Alegre se deu rapidamente, e não foi somente para as elites. Nos cinemas de bairros o custo da entrada era mais acessível. Nas salas do centro, que eram mais luxuosas e requintadas, aí sim, o valor do ingresso era mais elevado. Na década de 30 a cidade contava com 22 cinemas, com capacidade de até 2000 lugares, como no Cine-teatro Apollo, que foi citado no capítulo 2.

As alterações nas instalações dos espaços para projeção cinematográfica também acompanharam o crescimento do número de pessoas que se interessavam pelos filmes. No início, a utilização de circos, teatros e praça de touros era comum, devido à novidade desta arte. Em seguida surgiram os cine-teatros, tipologia que servia tanto para as apresentações de teatro, já tradicionais na cidade, como para as exibições de filmes, inclusive com seções exclusivas para crianças. Desde 1909 tem-se notícias de salas de cinemas, divulgando na imprensa local a exibição de filmes no centro de Porto Alegre.

As salas de cinemas eram construídas inicialmente em grandes pavilhões, sem uma preocupação formal característica. Logo em seguida os edifícios foram se transformando em fatos urbanos, verdadeiros marcos que apresentavam as diretrizes desta arte: a modernidade. As fachadas dos edifícios eram muito valorizadas, expressando muitas vezes a grandiosidade e o progresso da sociedade através de um escalonamento centralizado, demonstrando o *sky-line* crescente, no caso da moderna cidade de Porto Alegre. Existem vários exemplos de cinemas, especialmente nos bairros, como o Avenida, Ritz, Baltimore, entre outros.

Essa modernidade trazida pelos cinemas também acompanhou o desenvolvimento de parte da sociedade, as elites, que aos poucos passou a habitar em edifícios de apartamentos, verdadeiras torres e conformadoras do *sky-line* porto-alegrense. O cinema passou a compartilhar seu caráter de progresso com os edifícios de apartamentos que também acompanhavam as alterações no modo de morar moderno.

O programa arquitetônico complexo aliado ao edifício de apartamentos é peculiar do Movimento Moderno em arquitetura. A referência a Le Corbusier e sua Unidade de Habitação em Marselha encabeça essa idéia de compartilhar funções diferentes em um mesmo edifício, identificando-o como uma situação urbana complexa e ao mesmo tempo independente e auto-suficiente.

Em Porto Alegre, desde o final da década de 20, a idéia já estava presente. O Edifício da Companhia Previdência do Sul, primeiro edifício com apartamentos duplex na cidade, trazia em seu programa de necessidades a presença no pavimento térreo do cinema Imperial (Fig.170 e 171).

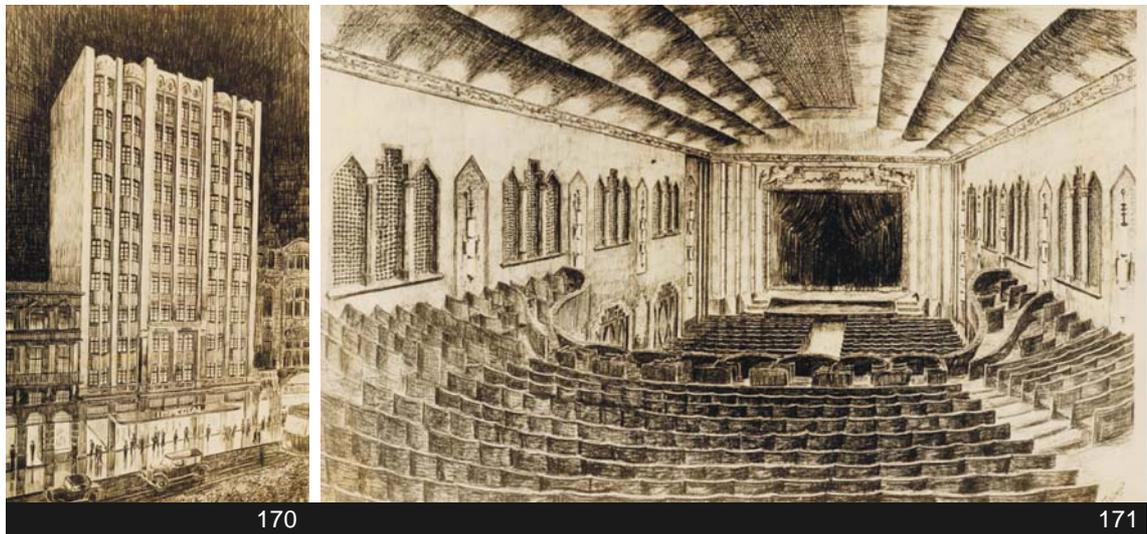


Fig.170 e 171 - Edifício Imperial. Livro Imagem e Construção. Fonte: Ana paula Canez...[et al],2004,p.22-25.

Segundo Nara Machado¹³, esse é o prédio de maior destaque do período, por se tratar de um edifício de grandes proporções e por possuir um programa que abriga cinema, com sua respectiva galeria; salas para alugar no segundo andar e, a partir do terceiro pavimento, apartamentos duplex. A idéia da presença da casa empilhada¹⁴ seria uma *autêntica inovação rio-grandense*, antecipando inclusive a capital paulista: Talvez a presença maior da idéia da casa, possibilitando ir lá em baixo, ou referir-se a algo ou alguém que está lá em cima, explique a inovação (...)”¹⁵.

A construção do prédio da Companhia Previdência do Sul iniciou em 1929 e foi concluído em 1931, data da inauguração do cinema Imperial. A autoria do projeto é compartilhada por dois arquitetos da Empresa Azevedo Moura & Gertum. O espaço interno teria ficado a cargo do arquiteto Egon Weindorfer e a fachada principal, a cargo de Agnello de Lucca. Estes dados estão presentes nos originais do projeto arquitetônico e não são novidades para projetos de grande porte,

¹³ MACHADO, 1998, p. 320.

¹⁴ A idéia de casas empilhadas é apresentada por MACHADO, ou seja, apartamentos duplex como uma analogia à casa assobradada.

¹⁵ MACHADO, 1998, p. 320.

especialmente, em empresas da época. Era freqüente o trabalho dividido em etapas, planta baixa e fachada, neste período em que a concepção do projeto como um todo não vinha carregado de ideais tão fortes, como os projetos do modernismo, onde o exterior – a fachada – seria simplesmente o resultado do seu interior¹⁶.

Por aí podem imaginar o que foi a inauguração do cinema Imperial, em 1931, num 18 de abril que pouco faltou para se tornar fatídico. A nova casa ostentava as melhores galas do bom gosto, disfarçando o luxo com a simplicidade da decoração. (...) O cinema escolheu o filme “Romance”, da Metro, tendo Greta Garbo e John Gilbert como intérpretes. Grandes nomes, grande filme, grande momento inaugural. E se tudo foi grande, a tropelia foi maior ainda. A massa humana jogava-se com violência contra os gradis de separação e os que vieram atrás levaram tudo por diante. Ferros e bronzes retorcidos, vitrinas espatifadas, espelhos partidos. E lá dentro finalmente a estraçalhada satisfação dos sobreviventes, os heróis da noite.¹⁷

Com uma clara vocação de modernidade o Edifício Imperial é um dos marcos da verticalização promovida pela presença do *skycraper style* no centro de Porto Alegre, usado principalmente em edifícios comerciais. Explora a linguagem *Art Dèco* em sua ornamentação abstrata de fachada, como “prevaleceu na corrida sul-americana às alturas”¹⁸.

Sua volumetria é marcada pela composição tripartida, como nas colunas clássicas, onde térreo e sobreloja marcam a “base”, os demais pavimentos que se repetem intercalados entre aberturas e superfícies curvas, o “fuste”, sendo que o coroamento equivale ao “capitel”. Com relação ao coroamento, o remate segue formulação recorrente no *Art Dèco*, uma seqüência de elementos geométricos escalonados apontando para o céu, recurso retórico que sublinhava a vontade ascendente e a vocação da verticalidade¹⁹.

No acesso principal do tradicional cinema Imperial, a da fachada forma um pórtico, que engloba as aberturas centrais nos dois pavimentos acima, solução que lembra a que foi adotada, anteriormente, no acesso principal da Galeria Pedro Chaves Barcelos, à Rua dos Andradas, de autoria dos mesmos arquitetos, com o uso, neste caso, de ornamentação em baixo-relevo com motivos de cerâmica marajoara²⁰.

¹⁶ A conhecida frase de Mies van der Rohe - a forma segue a função – explica essa idéia.

¹⁷ RUSCHEL, 1971, p. 240.

¹⁸ MACHADO, 1998, p. 231.

¹⁹ LIMA, Raquel Rodrigues; LUZ; Maturino; CANEZ, Anna Paula. **A contribuição de Egon Weindorfer para a arquitetura moderna de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2000. Relatório de Pesquisa.

²⁰ LIMA, 2000, s/p.

A situação urbana do Edifício Imperial é caracterizada como um lote de meio de quadra, em frente a Praça da Alfândega, em um período em que este local era muito simbólico para a cidade. Nilo Ruschel conta a história da Rua da Praia e assinala a importância e carisma que o Imperial possuía junto à população.

A praça da Alfândega, com seu quiosque na esquina, passou a ser o centro mais importante da cidade. Davam frente para ela os jornais mais prestigiosos, e principalmente os principais hotéis, por ficarem mais próximo ao porto. A escadaria de pedra era o melhor portal de acesso. A praça, desde logo foi circundada pelo cinturão de ferro dos carris urbanos, primeiro os bonde puxados a burro, seguidos mais tarde pelos elétricos, em que avultava o bonde de dois andares, que fazia a linha “Circular”. Era um só e tinha o nome de Imperial, mas o povo o apelidava de “Chope Duplo”.²¹

A tipologia usada pelo Edifício Imperial é resultado do programa complexo que inclui um cinema e, por conseqüência, um grande vão livre para o funcionamento da platéia. A rigidez estrutural necessária à configuração implica em solução complexa, se forem utilizados os pavimentos acima deste espaço. Desta forma, o partido arquitetônico adotado, e viável para a época, pois consistia na liberação do espaço da platéia do espaço de pavimentos superiores a esta que deveria conter uma estrutura de menor vão. Assim, os apartamentos duplex que configuram a torre situam-se na parte da frente do cinema propriamente dito. Isto privilegia a paisagem urbana que recebe o prédio junto ao alinhamento da praça, configurando um cenário harmônico para os acontecimentos locais.

Quase dez anos depois, em 1938, a avenida que mais traduziu a introdução da modernidade em Porto Alegre, a Borges de Medeiros, recebeu a construção do Edifício Vera Cruz de propriedade dos Edifícios Reunidos S. A²². O cinema Vera Cruz, mais tarde denominado Vitória, também possuía no pavimento térreo duas lojas, junto à esquina da Rua Andrade Neves, considerado um importante espaço de lazer para a sociedade. O projeto é de autoria de Antonio João Monteiro Neto e a construção ficou a cargo da Empresa Azevedo Moura & Gertum. “Em planta-baixa tem o formato em L, onde o vazio formado pela área construída é ocupado, no térreo, pelo cinema.”²³

²¹ RUSCHEL, 1971, p. 32.

²² MACHADO, 1998, fig. 386.

²³ WEIMER, 1998, p. 136.

A situação urbana do Edifício Vera Cruz (Fig.172, 173, 174 e 175) é diferente do Imperial, pois está localizado em terreno de esquina, que organiza a ocupação do lote de forma a circundar os limites externos, pelo menos no que se refere à torre. Isto é importante porque libera a área central para a disposição do programa de forma diferente, com outra modulação estrutural para o cinema.



Fig.172 e 173 - Edifício Vera Cruz - Perspectivas do Acervo Azevedo Moura e Gertum. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.
 Fig.174 e 175 - Edifício Vera Cruz - Fotos da década de 30.
 Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Os acessos, neste caso, se configuram de maneira ainda mais distintos. A entrada para os pavimentos que dá acesso aos apartamentos, hoje ocupados por salas comerciais, ocorre na fachada mais larga, junto à Avenida Borges de Medeiros. O tamanho da porta, o vestíbulo de pé-direto duplo (interno) e a simetria na fachada externa proporcionam monumentalidade à entrada e ao próprio prédio.

O acesso ao cinema localiza-se junto à esquina e, com menor imponência do que o dos pavimentos, faz um movimento urbano. Este movimento é a curva que parece dobrar a avenida da modernidade, como se quisesse homenagear, através do cinema, a manifestação que deu velocidade à arte e ao progresso da cidade.

Os andares superiores concentram apartamentos, cinco por andar, de área aproximada de 50 à 105 m², do sétimo ao décimo andar.

Conforme Xavier,

Sua arquitetura guarda mais parentesco com o Guaspari que com o Sulacap, os edifícios concebidos numa mesma época e na mesma avenida, ou seja, uma busca de sobriedade no tratamento do volume edificado, com jogo de planos nas duas fachadas, apresentando, nos trechos centrais, janelas de canto, de modo a evidenciar mesmo em escala discreta, as novas possibilidades propiciadas pelo concreto armado.²⁴

A grande inovação se dá em dois aspectos: a ocupação do lote com possibilidade de agrupar funções diferentes e a solução formal a partir do uso do concreto armado. A organização do terreno em L será repetida no Edifício Professor Elyseu Paglioli cujas aberturas de canto indicam uma estética que será explorada pela janela em fita, item importante apresentado por Le Corbusier como um dos cinco pontos da arquitetura moderna.

A década de 50 foi responsável pela construção de outros importantes edifícios com salas de cinema, tais como o Edifício Jaguaribe, com o cinema São João, em 1951 e o Edifício Cacique, em 1954, com os cinemas Cacique e Scala.

O Edifício Jaguaribe (Fig.176 e 177), com implantação em L no terreno de esquina da Avenida Senador Salgado Filho e da Rua Vigário José Inácio, é o prédio que reúne o maior número de atividades e, conseqüentemente, o mais complexo. Xavier ressalta essa característica do programa peculiar:

²⁴ XAVIER: 1987, p. 51.

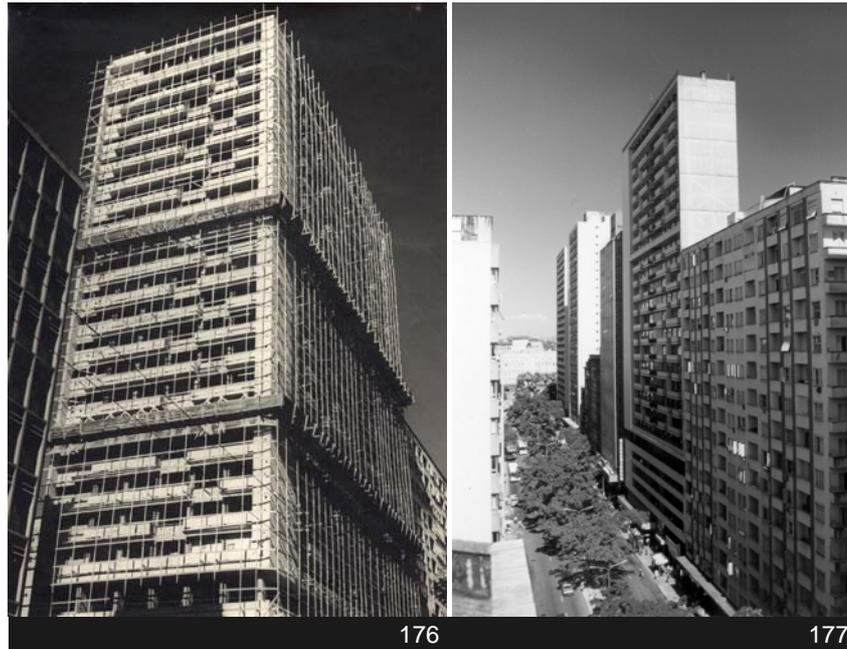


Fig.176 e 177 - Edifício Jaguaribe.
Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

(...) garagem no sub-solo, cinema com capacidade para dois mil lugares, confeitaria no segundo pavimento, 40 apartamentos e andar (originalmente o nono) para uso exclusivo dos moradores, compreendendo clube, restaurante, associação e área recreativa.²⁵

Na realidade, o prédio construído apresenta o programa específico para os moradores no pavimento imediatamente acima do cinema. Existia também a opção, no projeto, de usar pórticos sobre o cinema, capazes de suportar uma sucessão de andares de apartamentos. Porém, por razões financeiras, a idéia foi abandonada e a ocupação no lote se manteve muito semelhante ao caso anterior estudado.

Nos bairros não é constante a presença desta tipologia. Somente na radial Independência/24 de Outubro, é que encontramos a presença de edifícios de apartamentos aliados ao cinema.

A obra mais significativa da Avenida Independência esquina com Rua Garibaldi é o prédio denominado Edifício Professor Elyseu Paglioli (Fig.178, 179, 180 e 181) e os motivos são vários, como cita Xavier:

²⁵ XAVIER: 1987, p. 51.



Fig.178 - Edifício Paglioli, detalhe fachada rua Garibaldi. Fonte: Profº Arquiteto Maturino da Luz.

Fig.179 - Edifício Paglioli, entorno do edifício. Fonte: Foto Riggs.

Fig.180 - Edifício Paglioli, detalhe fachada avenida Independência. Fonte: acadêmico de arquitetura João Gallo.

Fig.181 - Edifício Paglioli, detalhe das esquadrias. Fonte: Foto Riggs.

Como preocupação plástica, destaca-se na edificação o emolduramento da fachada sul com painel decorativo de pastilha cerâmica, a evidência dos elementos de suporte do edifício, no trecho dos andares baixos, o enquadramento da caixilharia da sobreloja e o tratamento diferenciado da unidade de cobertura. (...) É um prédio de quatro apartamentos por andar, com três dormitórios e demais dependências, não possui distinção entre as circulações social e de serviço, já que as unidades são servidas, duas a duas, por um elevador. Os que se voltam para a rua Garibaldi, face oeste, têm planta simétrica, enquanto os da av. Independência, por serem face sul, organizam-se de forma diferenciada, decorrência da procura de outras faces (norte e oeste, mais desejáveis) para orientação dos dormitórios. (...) O cinema, construído nos fundos do terreno, é resultado de ampliação posterior e a loja de esquina apresenta painel publicitário em dissonância com a fisionomia do edifício.²⁶

O Edifício Moinhos de Vento (Fig.182 e 183), situado à Rua 24 de Outubro, nº 624, em frente ao Parque Moinhos de Vento, é outro exemplo de edifício que usufrui os serviços de lazer proporcionados pelo cinema. A aprovação do projeto arquitetônico junto a Prefeitura Municipal data de 1958, e é de autoria do arquiteto Mauro Guedes de Oliveira. A construção é da Empresa Azevedo Bastian, Castilhos S. A., cuja assinatura do diretor Engº João Carlos Bastian²⁷ está presente nos originais²⁸.

²⁶ XAVIER, 1987, p. 142-143.

²⁷ Engº João Carlos Bastian - CREA 6773.

²⁸ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 28540.



Fig.182 - Edifício Moinhos de Vento.Fonte: Foto Riggs.

Fig.183 - Edifício Moinhos de Vento,detalhe fachada.Fonte: Foto Riggs.

Fig.184 - Edifício Moinhos de Vento,acesso principal.Fonte: Foto Riggs.

O partido arquitetônico é semelhante aos apresentados para projetos em meio de quarteirão. O volume do cinema é recuado em relação à torre de apartamentos. Portanto, somente o acesso ao espaço de lazer é visualizado pela fachada frontal. Contudo, esse acesso é bastante valorizado por uma escadaria no centro da fachada, guarnecida por esbeltos pilotis, se comparados às proporções da torre, a qual possui uma forma curva, quase lúdica na entrada da sala de cinema.

Na época, a inauguração do cinema, foi notícia de jornal. A fotografia que apresentava as cômodas poltronas e o amplo espaço interno impressionavam o público.

Novo cinema para Porto Alegre. Segunda-feira, a inauguração do “Moinhos de Vento” – em sessão de *‘avant-premiere’* cuja renda reverterá em benefício da Associação das voluntárias ‘Zizi Cruz’, será inaugurado segunda-feira próxima o luxuoso cine Moinhos de Vento, de propriedade da Empresa Moinhos de Vento Teatros e Cinema S.A. e construído à rua 24 de Outubro quase defronte o antigo hipódromo. Sala moderna, dotada de todas as conquistas da técnica no setor da cinematografia, o Moinhos de Vento terá ainda o mérito de revelar para o porto-alegrense o sistema de projeção e som chamado *Todd-Ao*. (...) ²⁹

²⁹ Correio do Povo, 25/10/1961, p. 9.

O acesso ao edifício de apartamentos (Fig.184) se dá por uma das laterais da entrada do cinema, quase despercebida. Do lado oposto, há o acesso às garagens, que ficam localizadas no sub-solo. A separação entre as duas funções, no nível visual da fachada, ocorre de maneira muito elegante por utilizar marquise e pilotis; e, ainda, uma espécie de mezanino - um pavimento intermediário que comporta a altura da sala de cinema.

A partir do mezanino, elevam-se dez pavimentos com dois apartamentos por andar, servidos por circulações separadas, a social e a de serviço. Os apartamentos são amplos, com três dormitórios, um deles com suíte, um banheiro social, e a área social integrada com a de serviço através de uma copa.

A fachada apresenta uma simetria total, enfatizando as aberturas da área social dos apartamentos. Todos os apartamentos têm frente e fundos, ou seja, o prédio encontra-se encostado nas duas divisas, oferecendo uma fachada social e outra de serviço para cada unidade.

É um edifício que apresenta uma importância bastante grande junto ao conjunto de edificações e espaços abertos onde se encontra. A paisagem mantém uma certa harmonia, no que diz respeito à linguagem arquitetônica dos edifícios e se torna completa com presença do cinema.

4.1.2 Independência esquina Santo Antônio: uma flor e os “José”.

A origem da Rua Santo Antônio deu-se em 1854, e esteve ligada a duas figuras ilustres da época, ambas chamadas Antônio José³⁰. Sua ocupação não ocorreu de imediato, no primeiro trecho da Avenida Independência em direção ao Bom Fim, tem-se notícias de apenas uma casa em 1884. Porém, a partir de seu prolongamento até a Floresta, por volta de 1887, desencadeou-se um processo de ocupação, por uns cinco anos. Foram construídos 83 prédios. Inicialmente, não houve nenhum estímulo concreto para a ocupação dos lotes; pois, até 1906, quando foi feito o calçamento da rua, as condições urbanas eram precárias. O prolongamento até a Rua Cristóvão Colombo foi feito na segunda década do século XX³¹.

³⁰ A Câmara Municipal recebeu uma oferta dos proprietários Antonio José Pedroso, vereador e presidente da Câmara, e Antonio José de Araújo Bastos, de uma faixa de terreno com 60 palmos ligando a Avenida Independência (antiga rua dos Moinhos) à Várzea. (FRANCO, 1993, p. 373).

³¹ FRANCO, 1993, p. 373.

Na década de 50, a modernidade marcou a esquina da Rua Santo Antônio com a Avenida Independência; porém, sem deixar de registrar a sua origem, que ficou marcada com o nome de seus dois primeiros proprietários - Antônio. O segundo nome dos referidos proprietários, José, nomeou grandes prédios de apartamentos. Dois edifícios, no ano de 1957, marcaram o novo modo de morar na radial, o edifício José Pilla e o edifício Dr. José Ricaldone. Mas, antes destes, em 1953, o edifício Vitória Régia cujo nome remete a uma flor, fez a transição entre a tradição e a modernidade.

4.1.2.1 O edifício da transição: Edifício Vitória Régia.

O Edifício Vitória Régia (Fig. 185) está situado na Avenida Independência esquina com a Rua Santo Antônio, nº 747, 750. Possui um programa arquitetônico misto: o térreo para uso de atividades comerciais, e os 10 pavimentos-tipo para moradia, cujos apartamentos são de diferentes tamanhos. O projeto é assinado pelo arquiteto Pedro Paulo Comassetto e a construção ficou a cargo da Empresa Construtora Ernesto Woebke S. A – Engenharia Civil. Datado de 1953, o Edifício Vitória Régia é de propriedade do Dr. Bruno Shlatter³².

O prédio possui planimetria complexa, especialmente por dois motivos: terreno de esquina com forma irregular, o que indicou uma ocupação junto ao alinhamento dos dois logradouros, que não possuem ângulo de 90º; e topografia acidentada, que foi explorada pelo autor do projeto. O partido geral se organiza em formato de “V”, possibilitando aberturas para todas as frentes, exceto para o limite com o lote vizinho da Avenida Independência. O núcleo de circulação vertical é a rótula de articulação de cada pavimento, que acomoda quatro apartamentos por andar: três com dois dormitórios e um com três dormitórios.

Nenhum apartamento possui a mesma distribuição; portanto são quatro unidades distintas com áreas compactas que dividem a mesma circulação social e de serviço. O prédio possui um diferencial que agrega o máximo de ocupação do lote, uma vez que um dos apartamentos está disposto a meio nível com relação aos demais. É claro que esse apartamento, além de ser o menor e sem

³² Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 9978/53.

dependência de empregada, não tem acesso direto aos elevadores e é a única unidade totalmente de fundos, aspectos que o desfavorece com relação aos demais. Porém, a justificativa é plausível, visto que aproveita o desnível do terreno.

A semelhança deste aspecto – aproveitamento total do espaço - pode ser observada no Edifício Santa Teresinha, de 1954, situado na esquina da Rua Santa Teresinha com a Rua Jerônimo de Ornellas, no bairro Santana. Neste caso, o arquiteto Emil Bered, autor de tantos outros importantes edifícios de apartamentos em Porto Alegre, desenvolve em terreno plano, dois blocos principais de apartamentos que possuem entre si um desnível de meio pavimento. Estas unidades de habitação têm características diferentes das do edifício Vitória Régia; os apartamentos do Santa Teresinha são maiores e possuem aspectos mais funcionais e modernos com relação à estética. Talvez, aqui, o arquiteto tenha escolhido a solução do acesso a meio pavimento porque não possui apartamentos no térreo, ou mesmo para dar um pouco mais de intimidade ou *status* para o apartamento mais amplo, de frente para a Rua Jerônimo de Ornellas. Da mesma forma, Pedro Paulo Comassetto faz uma distinção com relação ao apartamento menor de cada pavimento, usando a mesma solução de desnivelamento.

Dois apartamentos de dois dormitórios, um de esquina e outro de frente para a Rua Santo Antônio, compõem cada pavimento do Edifício Vitória Régia. Cada unidade tem a seguinte distribuição: um sanitário próximo aos quartos; hall de entrada que distribui os diferentes setores, estar e serviço. Não se pode deixar de assinalar que o apartamento de esquina ficou bastante prejudicado na sua distribuição, principalmente, no setor de serviço que está dividido pela circulação do apartamento. O apartamento de três dormitórios possui um funcionamento bem setorizado, sendo os dormitórios privilegiados por usufruírem uma área íntima que não interfere na distribuição dos demais cômodos. Além disso, é o apartamento que faz frente à Avenida Independência.

As fachadas externas (Fig.186 e 187) possuem composição harmônica, utilizando alternância de curvas e volumes regulares que se projetam sobre o volume básico do prédio. As fachadas internas se articulam de forma a oferecer iluminação e ventilação aos cômodos.



Fig.185 - Edifício Vitória Régia, perspectiva. Fonte: Foto Riggs.

Fig.186 - Edifício Vitória Régia, fachada av. Independência. Fonte: Foto Riggs.

Fig.187 - Edifício Vitória Régia, detalhe na fachada.Fonte: Foto Riggs.

A base do edifício é composta de dois pavimentos. O primeiro é o sub-solo, que reúne a infra-estrutura do prédio - caixa d'água, medidores, bombas e lixo - ; depósitos para as lojas do pavimento térreo; acesso de serviço junto à divisa com o lote vizinho na Rua Santo Antônio, local onde o desnível do terreno é mais acentuado. Acima do sub-solo, o térreo, encontra-se a entrada principal para os apartamentos e as lojas, de frente para a Avenida Independência. Cabe destacar que a entrada principal do edifício não se encontra alinhada com a composição do restante da fachada nem com relação aos pilotis, pois a porta fica deslocada no entrecolúnio. Contudo, a imponência se mantém através do revestimento de material nobre, o granito, usado nos pilotis e na área de acesso.

As fachadas que usam curvas e insinuam um movimento, regrado pelo compasso das aberturas e panos cegos, não é privilégio somente do Edifício Vitória Régia. Na própria Independência encontramos mais dois exemplos, o Edifício São Paulo e o Edifício América, e na Rua 24 de Outubro, os Edifícios Plaza, Querência, Santa Luíza e Bela Vista.

E a transição? Transição entre a tradição de morar em casas ou em sobrados, da rua Santo Antônio e da Avenida Independência e a modernidade de viver em apartamentos modernos é marcada por três aspectos. O primeiro diz respeito à diversidade da distribuição de cada apartamento em cada pavimento. A falta de preocupação com a repetição de um mesmo apartamento no mesmo nível demonstra a opção pela variedade do público alvo, como se ainda fossem moradores de casas diferentes.

O segundo aspecto a ser destacado diz respeito aos meios-níveis. A situação se adequa perfeitamente aos aspectos já mencionados, de topografia e utilização máxima do solo. Mas não se pode deixar de perceber que aquela alusão ao “estar lá em cima” ou ter que descer para sala”, por exemplo, citada por Machado³³, foi transferida para os apartamentos: “o apartamento de cima ou de baixo”, sem se referir a um pavimento propriamente dito.

Por fim, o último aspecto da transição entre a tradição e a modernidade diz respeito à linguagem arquitetônica que é observada nas torres dos edifícios. O Edifício Vitória Régia parece que busca articular as formas curvas e o princípio da simetria do historicismo, ainda que de maneira pouco harmoniosa, com a pureza das linhas e volumes do modernismo.

4.1.2.1 Os “Josés”

Os dois edifícios de nome José apresentam uma correlação entre composição arquitetônica e linguagem. A planta dos apartamentos, com composição funcional e bem distribuída, corresponde à linguagem moderna de suas fachadas.

O Edifício José Pilla (Fig.188, 189 e 190) possui uma solução arquitetônica incomum, apresentando de forma simples, porém contemporâneas às questões relacionadas ao habitat moderno. No projeto arquitetônico³⁴, encaminhado à Prefeitura Municipal, constam como autores os arquitetos Joaquim M. Warchawski e Moacir Moojen Marques. A execução é da Construtora Mello Pedreira S. A³⁵.

³³ MACHADO, 1998, p. 320.

³⁴ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 57507/57.

³⁵ A Construtora Mello Pedreira possuía escritório na Travessa Francisco L. Truda, nº 98, no Edifício Brasília.



Fig.188 e 189 - Edifício José Pilla, fachada Av. Independência.
 Fonte: Acadêmico João Gallo.
 Fig.190 - Edifício José Pilla, perspectiva.
 Fonte: Acadêmico João Gallo.

Situado em um lote irregular de esquina, semelhante a outros tantos presentes na Avenida Independência, o edifício propõe o acesso principal junto à esquina. Não é propriamente uma entrada que marque a confluência das duas ruas; mas, oferece, sutilmente, a possibilidade do pedestre ingressar tanto pela Rua Santo Antônio, quanto pela Independência. É sutil porque a rampa de acesso indica, através da topografia, a subida ao patamar que delimita a entrada ao prédio.

Além disso, a composição da base do edifício apresenta a solidez necessária para suportar os 11 pavimentos-tipo. Isso ocorre através do subsolo que utiliza pedras com as pequenas aberturas necessárias à ventilação da garagem, e as portas de acesso para os automóveis. Há também a presença de pilares em forma de “V” nos dois sentidos, que expressam o peso dos pavimentos acima sem sobrecarregar a forma e a composição harmônica do térreo (Fig.191 e 192).



Fig.191 -Edifício José Pilla; detalhe pilotis, vista interna. Fonte: Foto Acadêmico Riggs.

Fig.192 -Edifício José Pilla, detalhe pilotis na rua Sto Antônio. Fonte: Foto Acadêmico Riggs.

Os pavimentos-tipo são bem distribuídos, contendo três apartamentos de três dormitórios cada um. São todos diferentes entre si, embora mantenham as características gerais semelhantes. Por exemplo, além dos três dormitórios, cada apartamento possui dois banheiros sociais, dependência completa de serviço, estar e jantar associados e, como era tradicional nas habitações das elites, o acesso de serviço separado do social. Para tanto, a opção foi oferecer um elevador de serviço associado à escada de uso comum e dois elevadores sociais atendendo a um e dois apartamentos respectivamente.

Com relação à orientação solar, os dormitórios, em número de três, voltados para a Avenida Independência são os mais prejudicados com a fachada sul. Os demais estão orientados para o norte e para o leste. No que se refere à ventilação, há um poço no interior do prédio que oferece boas condições de ventilação e iluminação para as áreas de serviço, banheiros e escada de uso comum.

As aberturas dos apartamentos sugerem uma horizontalidade, quase na mesma proporção da janela horizontal de Le Corbusier, apresentada como um de seus cinco pontos. Sem dúvida a presença dos vazios prevalece com relação aos cheios. Isso é oportunizado pela orientação solar das fachadas que são revestidas com pastilha cerâmica e reboco. O uso de gradis de ferro se dá nas sacadas e floreiras que compõem fachadas das áreas sociais dos apartamentos. Assim como a sutileza acontece no pavimento térreo, no acesso ao edifício junto à esquina, os pavimentos-tipo também fazem referência a essa situação urbana do edifício. As sacadas da esquina apresentam a única forma triangular, com ângulo que parece

mais acentuado devido à sua localização. O ângulo maior que 60° reforça ainda mais a presença do edifício na cena urbana.

Num anúncio do Jornal Correio do Povo, consta uma propaganda do empreendimento da Cia. Imobiliária Vera Cruz, como um convite à “participação da excepcional incorporação” Tal investimento oferece a idéia de segurança, renda, valorização e conversibilidade aos associados que, através do Fundo de Investimentos em conta de participação no Edifício José Pilla, teriam um lucro mínimo de 85% sobre a inversão realizada. Entre a lista de mais quarenta associados, cujos nomes constam no anúncio, aparecem importantes empresas porto-alegrenses Bojunga Dias & Morganti, Potter, Scheid & Cia Ltda, Cia Phenix de Porto Alegre, além da própria Construtora Mello Pedreira S. A .

No anúncio ainda aparece o desenho de perspectiva do edifício (Fig.193), vista da esquina, seu melhor ângulo. Duas alterações importantes com relação ao projeto encaminhado à Prefeitura constam no desenho: o volume da esquina arredondado e os pilares em forma de colunas, com diâmetro circular. Na verdade o edifício foi construído conforme o projeto, nos levando a crer que o desenho é meramente ilustrativo.

O Edifício Dr. José Ricaldone (Fig.194 e 195), situado à Avenida Independência, nº 715, esquina com a Rua Santo Antônio, é de propriedade da Sociedade Imobiliária e Construtora Ltda. O projeto arquitetônico, encaminhado à Prefeitura Municipal³⁶, data de 1957, e traz a assinatura do Engenheiro José Jamardo³⁷.



Fig.193 - Anúncio. Correio do Povo: 06/12/1957.

³⁶ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 80766/57.

³⁷ Engenheiro José Jamardo - CREA nº 6770.



Fig.194 -Edifício José Ricaldone. Fonte: Foto Acadêmico Riggs.
 Fig.195 -Edifício José Ricaldone, fachada Av. Independência.
 Fonte: Acadêmico João Gallo.

É um edifício de grandes proporções, que ocupa o pavimento térreo com lojas, na fachada da Avenida Independência, garagens e apartamento de fundos junto à fachada da Rua Santo Antônio. Os pavimentos-tipo, em numero de doze, são ocupados por três apartamentos de três dormitórios cada um, todos os três com planta baixa diferentes entre si. Ainda, em cada unidade são oferecidas duas oportunidades que valorizam as moradias. Primeiro, cada apartamento possui fachada de frente, ou para a Rua Santo Antônio, ou para os dois logradouros. Sem dúvida, o apartamento privilegiado é o de esquina, que além disso, possui área maior que os demais. Em segundo lugar, todos os apartamentos possuem sacadas, de pequenas proporções, mas que proporcionam um jogo de volumes que quebra a monotonia da longa fachada lateral.

O prédio é provido de dois elevadores, porém não há separação na circulação vertical e horizontal entre a área social e a de serviço. Embora em cada unidade a hierarquia se apresenta através de duas portas de acesso.

O que impressiona nas fachadas (Fig.196, 197 e 198) é a quantidade e o tamanho das aberturas; são janelas amplas em cada cômodo que formam um conjunto harmônico e bastante moderno. A fachada da Rua Santo Antônio possui uma simetria perfeita nos pavimentos-tipo, sendo coordenada pela porta de acesso ao edifício, no andar térreo, que possui uma generosa quantidade de vidros para o seu balizamento. Interessante é que o menor apartamento, somente de frente para esta rua, está situado exatamente neste eixo. Dois conjuntos de *brises*, um na área de serviço e outro no banheiro social,

compõem a fachada, equilibrando a força vertical. Uma solução elegante, visto que foram protegidas as áreas reservadas ao serviço de uma das fachadas principais.



Fig.196 - Edifício José Ricaldone, brises. Fonte: Foto Acadêmico Riggs.

Fig.197 - Edifício José Ricaldone, acesso rua Sto Antônio.

Fonte: Foto Acadêmico Riggs.

Fig.198 - Edifício José Ricaldone, detalhe das sacadas.

Fonte: Foto Acadêmico Riggs.

4.1.3 Independência esquina Tomás Flores.

4.1.3.1 Projeto para a cidade: uma esquina pela metade.

A Rua Tomás Flores³⁸ tem início na Avenida Independência e termina na Avenida Osvaldo Aranha, pertencendo, assim, a dois bairros, Independência e Bom Fim. Já constava na planta de Porto Alegre desde 1896, mas recebeu sua primeira pavimentação, com pedras irregulares, em 1903³⁹. Ao longo do tempo foi ocupada por casas e sobrados. Mas é na década de 50 que a modernidade parece se instalar neste logradouro, ao menos em termos de idéias e projetos. É nesta década que dois projetos arquitetônicos são exaltados na imprensa local como edifícios de apartamentos luxuosos e modernos.

No Jornal Correio do Povo aparece, na seção de pequenos anúncios, a perspectiva desenhada e os dados do “Majestoso” Edifício Tomás Flores (Fig.199). O projeto, construção e incorporação do Engenheiro Adalberto R. de Carvalho é apresentado da seguinte forma:

³⁸ O nome da rua rende homenagem ao militar porto-alegrense Coronel Tomaz Thompson Flores, falecido em 1897, na Guerra de canudos. FRANCO,1992, p. 410.

³⁹ FRANCO,1992, p. 410.

Apartamentos residenciais de alta classe. Estilo moderno e acabamento luxuoso. Restam quatro a venda com garagem. OBSERVEN: os principais requisitos: somente dois apartamentos por piso (detalhe muito importante para famílias grandes e parentes que desejarem morar juntos, um ao lado do outro, adquirindo assim, um andar inteiro). (...) ⁴⁰



MAJESTOSO EDIF. TOMAS FLORES — Apartamentos residenciais de alta classe — Estilo moderno e acabamento luxuoso — Restam 4 a venda c/ garagens. OBSERVEN — Requisitos principais: Somente 2 apart. por piso, (detalhe muito importante p/ famílias grandes e parentes que desejarem morar juntos um ao lado do outro, adquirindo assim um andar inteiro). Todos c/ 11 lindas e confortáveis peças, sendo 3 dorm., entrada nobre e serv., água quente e fria, banheiro c/ box, arm. e cofre embutidos, escultura gesso, pisos pastilha e cerâmica, entrada principal trab. em mármore, 2 elevadores automáticos, frente p/ asfalto — Local obra, rua Tomas Flores onde existiam prédios 41 e 55 (junto Av. Independência). Zona 100 % residencial, junto a colégios, ginásios, Faculdades e praça. — PREÇOS E CONDIÇÕES: 10 % ENTRADA e 50 % durante construção, prazo 30 meses, saldo 8 anos. Preços: 725 e 775 mil. — PROJETO, CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO do Eng. Adalberto R. de Carvalho — Plantas e inf. c/ concessionário e supervisor das vendas

Escritório Caiçara - W. Ritter
Especialidade em incorporações imobiliárias em geral, planejadas e executadas.
R. SENEZ - 57 AND. - SALAR 911/12

Fig.199 - Anúncio. Fonte: CORREIO DO POVO: 26/06/55, p. 29.

Na esquina com a Avenida Independência, o Edifício Santa Fé (Fig.200), prédio de 15 pavimentos, é anunciado em coluna de página inteira do Correio do Povo. O tamanho do anúncio é generoso, assim como os comentários sobre o empreendimento. O Edifício Santa Fé, com “excelente localização, deslumbrante vista panorâmica e próximo ao Centro, Colégios e Faculdades”, consta como propriedade incorporação e financiamento de Barcellos Theodosio & Santos Ltda. As vendas ficaram a cargo exclusivo do Escritório Brasileiro Guerra.

O Escritório Brasileiro Guerra tem o prazer de apresentar aos seus distintos clientes da capital, interior, Rio de Janeiro, São Paulo e Santos e ao público em geral, através de seu DEPARTAMENTO IMOBILIÁRIO, este empreendimento onde refulgirão o arrojo de um grandioso planejamento, a conquista de idéias moças e avançadas, e a beleza fulgurante de uma arquitetura moderna em majestática imponência: EDIFÍCIO SANTA FÉ. ⁴¹



- APARTAMENTOS DE LUXO
- 2 E 3 DORMITÓRIOS
- LIVING-ROOM
- SALA DE JANTAR
- PLAY-GROUND
- GARAGENS
- 15 PAVIMENTOS
- ELEVADORES

Fig.200 - Anúncio. Fonte: Correio do Povo: 12/12/54, p. 13.

⁴⁰ Correio do Povo, 26/06/55, p. 29.

⁴¹ Correio do Povo, 12/12/54, p. 13.

Como atrativo para venda, o anúncio reforça as condições de pagamento, que incluem entrada e prestações mensais durante a construção, e financiamento em até 15 Anos. Há também a intenção, da firma incorporadora, de instalar em suas lojas do térreo, “Luxuosa Confeitaria, Fiambreria em Estilo Americano e Leiteria com instalações modernas e completas”.

O edifício não foi construído, e no seu lugar há o Edifício Cruzeiro, de menores proporções, mas em acordo com as tendências da Avenida Independência.

Os dois anúncios nos revelam intenções preciosas com relação ao modo de morar da época. Em primeiro lugar, as palavras escolhidas e formulação das frases indicam a modernidade que será construída no bairro, quando convidam os clientes para conhecer o novo empreendimento. E esses clientes incluem moradores de outros estados do Brasil, o que coloca Porto Alegre num patamar de metrópole, como Rio e São Paulo. Isso sugere um *status* para as elites proto-alegrenses que, sem dúvida, transforma estes apartamentos em desejáveis bens de consumo.

Em segundo lugar, a intenção de inserir um modo de morar moderno não exclui a identidade e algumas tradições locais. No caso do Edifício Tomás Flores, a idéia de vender um pavimento para parentes que desejam morar próximos, indica a manutenção da idéia de casarão que abrigava toda a família, inclusive quando esta se desdobrava em mais de uma. É a intenção de valorizar a privacidade e, ao mesmo tempo, manter as relações tradicionais da família. No caso do Edifício Santa Fé, a modernidade e tradição se revelariam ao conciliar um edifício de quinze andares de apartamentos com a prestação de serviços característica de um pequeno comércio. É certo que Leiteria, Fiambreria e Confeitaria seriam serviços de qualquer rua menor; porém, se agregarmos o luxo e o estilo americano observamos o processo de renovação e modernização.

De autoria do arquiteto Plínio de Almeida, o Edifício Cruzeiro ocupa a esquina que antes era dedicada ao Santa Fé. Com 7 pavimentos-tipo, o prédio encontra-se solto no terreno, com as quatro fachadas livres de divisas. Cada pavimento possui três apartamentos de três dormitórios cada um, que circundam o bloco da escada e dos elevadores. Há também uma área livre no interior do paralelepípedo, que serve como poço de iluminação e ventilação para área de serviço e banheiros de duas das unidades.

Todos os três apartamentos por andar são diferentes entre si, sendo o de esquina o maior e privilegiado com relação à localização (Fig.201, 202 e 203).



Fig.201 - Edifício Cruzeiro. Fonte: Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

Fig.202 - Edifício Cruzeiro, fachada rua Tomás Flores. Fonte: Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

Fig.203 - Edifício Cruzeiro, detalhe esquadrias. Fonte: Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

De uso exclusivamente residencial, o Edifício São Sebastião é composto por sub-solo, térreo e 11 pavimentos-tipo, com dois apartamentos de três dormitórios cada um. De propriedade de Luiz Oscar Bastian Meyer e Oscar Bastian Meyer, o prédio foi construído pela Empresa Azevedo, Bastian, Castilhos e Cia. Ltda. O autor do projeto arquitetônico é o Arquiteto Mendonça, e data de 1953.

O Edifício São Sebastião (Fig.204 e 205) tem uma localização instigante, em meio de quadra, entre a Rua Barros Cassal e a Rua Garibaldi, na Avenida Independência, entre os números 548 e 566⁴², em frente a Rua Tomás Flores. O curioso está justamente na situação que indica, não só pelos recuos existentes no passeio junto à Independência, mas também pela configuração e solução adotada pelo projeto, pois este seria um lote de esquina.

⁴² Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 30579/53.



Fig.204 e 205 - Edifício São Sebastião. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Ainda que sua configuração em planta baixa se divida em duas áreas maiores compactas unidas por uma área longitudinal, e que nos extremos – frente e fundos – o edifício encoste-se aos limites, há uma indicação de acessos pela fachada oeste que nos dá a sensação de ser esta uma fachada de frente também. No pavimento térreo a indicação é ainda mais clara, porque o acesso ao apartamento dos fundos se faz por uma circulação integrada aos canteiros com vegetações e pilotis. Na fachada do corpo longitudinal, temos as aberturas dos dormitórios como predominância, o que a transforma em uma *“lateral nobre”*, se compararmos com a leste onde predominam os terraços de serviço. O argumento de fachada de frente se fortalece quando analisamos a orientação solar que não favorável aos dormitórios, que seria justamente a leste.

Mas são os apartamentos que demonstram a modernidade do habitar. É quase imperceptível que um lote que não tem 10 metros de largura abrigue apartamentos tão modernos, funcionais e com tanta independência entre os setores.

O grande diferencial destes apartamentos é a privacidade dos acessos. Eles ocorrem a partir da separação entre área de serviço e área social. Existe uma entrada de serviço concentrada para os apartamentos em cada andar. Porém a entrada social se dá individualmente para cada apartamento. É quase uma porta para a rua, sendo que a pessoa que entra já acessa direto o hall do apartamento. Salieta-se a privacidade obtida a partir desta solução projetual. É claro que isso só é possível num edifício dedicado às elites de Porto Alegre, que consegue adquirir um imóvel com elevador privativo para cada unidade.

A solução de localizar o elevador no centro do apartamento aliada à posição central da circulação de serviço no prédio, oportuniza a independência total dos setores de cada unidade. O setor social, estar, jantar e terraço, se comunicam diretamente com o hall de entrada. Deste hall se tem acesso a circulação íntima, que leva aos dormitórios e ao banheiro, e à cozinha e à área de serviço. Como aspectos não favoráveis à composição salienta-se dois pontos: o número e a localização do banheiro e as áreas desperdiçadas com corredores, de serviço e junto aos dormitórios.

4.2 Os Edifícios de Apartamentos da Praça Júlio de Castilhos

A Praça Júlio de Castilhos é um verdadeiro exemplo de parcela urbana que mantém suas sociabilidades ao longo do tempo utilizando espaços e edifícios de diferentes períodos e que convivem entre si. É o cenário de uma transformação arquitetônica na cidade de Porto Alegre que envolve diferentes tendências do século XX. São casarões, edifícios de pouca altura, arranha-céus, com linguagens diversas desde o ecletismo até o racionalismo extremo do Estilo Internacional.

Atualmente, nenhum dos antigos casarões, característicos da Avenida Independência e da Rua 24 de Outubro, sobrevive intacto à acelerada ação imobiliária no entorno da praça. Em meados de 2004, o último exemplar ainda remanescente foi posto abaixo para, no espaçoso terreno, organizar-se um estacionamento até que outro grande edifício ocupe a área. É lastimável que o último sobrevivente, o casarão, não componha mais o visual dessa variedade arquitetônica da praça; e, ainda, deixou um vazio neste rico espaço urbano das elites.

Além da variedade de tipologias arquitetônicas, ainda o desenho urbano presenteia o entorno com duas ruas articuladas de maneira diferente da forma tradicional da cidade. Não são únicas, mas são exceções. São os *cul de sac*⁴³ que tangenciam a praça, mantendo traços da tradição local das chácaras.

⁴³ *Cul de sac* é uma rua de pequena extensão que dá acesso a lotes residenciais, em geral tendo na extremidade uma área de manobra. Comumente possui uma única faixa carroçável de 4 metros de largura e um comprimento de até 80 metros. O mesmo que rua sem saída, beco. (FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal Editora, 2004, p. 99.)

4.2.1 Os anos 40 na Praça:

Batovi, Moinhos de Vento, João Ibanez

A década de 40 marcou a Praça Júlio de Castilhos com três edifícios de apartamentos. Os primeiros prédios altos desta paisagem apresentam-se com pouco requinte, porém, com um charme próprio e uma sobriedade característica dos anos iniciais do processo de modernização. Aqui os primeiros moradores de edifícios de apartamentos junto à praça começam a se adaptar a um contexto bastante agradável, tendo como jardim, à sua frente, a agradável vegetação e os canteiros da praça Júlio.

A verticalidade chega ao cotovelo da radial, mas é certo que ainda estariam por ser construídos os verdadeiros arranha-céus neste mesmo entorno. Os edifícios com seis pavimentos, térreo mais cinco, ainda não formavam o *sky line* já conhecido no centro de Porto Alegre (Fig.206) . Isto porque estas construções eram, além de robustas, possuidoras de poucas aberturas e com um aspecto de tectonicidade muito forte, além de estar situadas em lotes com frentes bastante extensas. Assim, o aspecto de paralelepípedo agarrado ao solo é muito mais perceptível que a verticalização dos seis pavimentos que, em média, apresentam os edifícios. De qualquer forma, os primeiros edifícios em altura retiraram os habitantes das casas térreas ou sobrados, iniciando uma tradição local em “habitar nas alturas”.



Fig.206 - Edifício Batovi.

Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter

O Edifício Batoví (Fig.207 e 208) encontra-se totalmente voltado para a Praça Júlio de Castilhos, no eixo central da sua maior extensão. O projeto arquitetônico data de 1941⁴⁴ e foi construído pela Empresa Azevedo Moura & Gertum, contendo a assinatura do desenhista Guido Trein⁴⁵. É um dos primeiros edifícios de apartamentos da Praça Júlio de Castilhos, que traz, além da condição de modernidade do edifício em altura, a presença dos apartamentos com possibilidade da guarda de automóveis. O acesso para veículos acontece do lado esquerdo do prédio, possibilitando aos moradores uma independência na utilização das garagens. A base do edifício era utilizada por apartamentos térreos que também preservaram a independência. Os pilotis ainda não faziam parte do cenário da praça.

O edifício possui 6 pavimentos, não diferenciando o térreo no que se refere à utilização, ou seja, também é ocupado por apartamentos, como foi citado anteriormente. O acesso principal é marcado pela porta que está envolvida uma moldura cuja valorização se dá pelo material utilizado - o granito. A ornamentação da porta com o granito proporciona a monumentalidade máxima ao prédio. O ritmo aparente na fachada principal é marcado pelas dimensões das janelas, que se harmonizam com os panos de alvenaria. Entretanto, o charme do edifício localiza-se nos vértices laterais da fachada principal, na qual duas sacadas em curvas balizam o volume com especial elegância, oferecendo um fechamento ao prédio como se tivesse a intenção de ser o único exemplar defronte à praça.



207



208

Fig.207 - Edifício Batoví. Fonte: Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

Fig.208 - Edifício Batoví, acesso principal. Fonte: Fotos da acadêmica Ecléa Morais.

⁴⁴ Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter – Acervo AM&G.

⁴⁵ Guido Trein é formado no curso de nível médio da Escola Técnica Parobé na área de construções. Trabalhou na Empresa Azevedo Moura e Gertum de 1940 até o início de 1966. Desempenhou a função de arquiteto na empresa e projetou os edifícios Brasília (1946), Comendador Azevedo (1951) e Sede do Sul Banco (1954). (Acervos Azevedo Moura Gertum e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre / Anna Paula Canez ... [et al.]. Porto Alegre: UniRitter Editora, 2004, p. 88)

A base do edifício é bem delimitada, apesar de manter o mesmo tipo de aberturas nos apartamentos do térreo e nos pavimentos-tipo. Uma faixa robusta demarca a tectonicidade do volume preso ao solo. Cada pavimento possui dois apartamentos com três dormitórios. São unidades idênticas, rebatidas, que têm acesso pelo bloco de circulação vertical ao fundo do edifício. Com acessos separados, serviço e social, cada unidade possui o setor íntimo bem privado, mas há integração entre os demais setores. Ressaltam-se as dimensões do vestíbulo social, que divide o trânsito para os três setores do apartamento. O prédio possui uma característica própria, que é muito valorizada especialmente pelas elites, todos os apartamentos são de frente para a praça. Para quem morava em uma casa, com frente e fundos, esta condição é importante, pois mantém a percepção da situação urbana de antes; ou seja, habitar unidade que possua frente e fundos, mas com o benefício de elevar-se do solo.

A orientação solar dos dormitórios não é a mais favorável, sudeste, mas também não fica comprometida em função das amplas janelas. Volumetricamente é um objeto arquitetônico especial, por ser moldado por um paralelepípedo, que se configura como uma barra, e essa seria a sua característica compositiva espacial mais moderna. Embora, as curvas nas laterais, a simetria perfeita e o acesso ornamentado não permitiram que essa tendência se desvendasse logo no início dos anos 40.

Essa tipologia é recorrente na cidade. Na Avenida Independência, nº 128 há um exemplo, o Edifício Terra Lopes, construído pela mesma empresa, a Azevedo Moura & Gertum e de propriedade da Dra. Maria José Terra Lopes. O referido edifício é exclusivamente residencial, possui seis pavimentos e uma composição simétrica, assim como o Batoví. A data do projeto arquitetônico é 1940, e constam três assinaturas nos originais, a do desenhista Guido Trein e outras duas assinaturas não identificadas⁴⁶.

É um prédio de pequeno porte, com térreo e cinco pavimentos-tipo com quatro apartamentos por andar. Há apartamentos com três que ficam na parte da frente e os dois dormitórios são de fundos. Porém, ambos possuem área social ampla, com *hall* de entrada bastante grande, e área de serviço completa. Este é um dos raros exemplos onde a entrada social não está separada da de serviço.

⁴⁶ Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter – Acervo AM&G.

O Edifício Moinhos de Vento da Praça Júlio de Castilhos ocupa a esquina que dá origem à Rua 24 de outubro. De porte semelhante ao prédio anterior, térreo mais cinco pavimentos-tipo, é dotado de uma simplicidade na volumetria e de ímpares fachadas que ficam voltadas para a praça. Faz a referência à esquina através de uma tímida angulação, ainda sobrevivente da forma utilizada pelo estilo *Art Dèco*. Outras relações que o edifício mantém com a praça e a Rua 24 de outubro são as sacadas, de pequena largura, porém expressivamente compridas para abrigar dormitórios e áreas sociais dos apartamentos.

O projeto arquitetônico data de 1942⁴⁷, e seu autor é o arquiteto Fernando Corona, que nesta época trabalhava na Empresa Azevedo Moura & Gertum. O partido arquitetônico adotado configura-se no esquema de ocupação exterior do lote, liberando uma área interna para o uso de garagens. O pavimento térreo é ocupado por lojas e os cinco pavimentos-tipo possuem quatro apartamentos por andar. São apartamentos pequenos, os dois das extremidades com três dormitórios e os dois junto à esquina com dois dormitórios. Neste caso, as unidades privilegiadas, em termos de área e de hierarquia, são as das extremidades. Ambos possuem entrada social separada da de serviço.

O Edifício João Ibanez (Fig.209 e 210) também tem uma composição espacial muito semelhante aos anteriores que se localizam nos lotes no meio de quarteirão. O Edifício é de autoria do arquiteto Fernando Corona, mesmo autor do Moinhos de Vento, e data de 1948. Com pouca altura, térreo mais três pavimentos, o prédio possui um requinte na sua linguagem. Não é a mesma dos anteriores, simples, indicando robustez e expressão moderna. É um outro exemplo de modernidade que está presente, concebida, conforme Canez⁴⁸, a partir da soma do neocolonial californiano e mexicano, e de origem portuguesa:

Simplificando, pode-se dizer que a arquitetura do Edifício Ibanez representa uma soma de arquiteturas neocoloniais, incluídas aí o estilo californiano com suas origens espanholas e mexicanas e o estilo neocolonial com suas origens portuguesas. Talvez isso ocorra justamente porque essas arquiteturas agradavam ao gosto burguês.⁴⁹

⁴⁷ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 23025.

⁴⁸ CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: UE / Porto Alegre / Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.

⁴⁹ CANEZ, 1998, p. 136,137.



Fig.209 e 210 - Edifício João Ibanez.
Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Os apartamentos são rebatidos a partir de um eixo central que se dispõem no centro da escada elíptica. O apartamento dos fundos possui a área de serviço mais completa se comparado com o de frente. Tanto o apartamento de frente como o de fundos mantém a característica de uma casa, se analisarmos sua implantação no terreno, que fica livre nas divisas e é complementado com o estilo neocolonial, que tanto agradava as elites na referida época.

O projeto original era constituído de térreo com a mesma disposição nos dois pavimentos superiores. Foi previsto um pavimento, acima do segundo para guardar malas. No entanto, esse pavimento foi acrescido de espaços para compor mais um apartamento.

Por se tratar de um edifício com apenas quatro pavimentos, não lhe foi exigido o uso do elevador, sendo a circulação pública organizada somente pela escada elíptica, que lhe confere um charme especial, devido ao arco pleno que coroa a porta de acesso ao edifício. Há outros elementos presentes na obra que, também, reforçam o requinte do neocolonial: as telhas de barro, os muxarabis, as paredes rebocadas de branco em contraste com a pintura azul-anil das aberturas.

Embora não esteja localizado exatamente na Praça Júlio, mas muito próximo, o Edifício João Ibanez tem a mesma função de transição. Se por um lado não dialoga com o entorno por não possuir o acesso voltado para a rua principal; por outro lado coloca em debate as idéias que estavam em discussão no Brasil na época: a linguagem neocolonial que se manifesta como uma transição entre o ecletismo de caráter histórico e o racionalismo. Segundo Bruand, “foi uma primeira tomada de consciência, por parte dos brasileiros, das possibilidades de seu país e de sua

originalidade”⁵⁰. Com a aparência de ser uma casa com número maior de pavimentos, indica a consciência, mesmo que somente no aspecto formal, do resgate do passado (Fig.211, 212 e 213).



Fig.211, 212 e 213 - Edifício João Ibanez, detalhe esquadrias. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

4.2.2 Elegância e Modernidade na praça: Edifícios Plaza e América

A transição da tradição do morar em casa para o morar em apartamento pode ser explorada por um conjunto de edifícios que articulam a tradição e a modernidade. Há apartamentos que já esboçam uma funcionalidade interna. Vários são os exemplos ao longo da radial em estudo. Na Avenida Independência, próximo ao centro, encontramos o Edifício São Paulo e, mais adiante, o Edifício Vitória Régia. Na Rua 24 de Outubro, são os edifícios Querência, Santa Luíza e Bela Vista que registram tanto a modernidade como a elegância da tradição. No cotovelo da referida radial não poderiam faltar exemplos que articulassem a linguagem historicista à moderna: são os edifícios Plaza e América que fazem esse papel. Mesmo em situações urbanas diversas, um de esquina e outro de meio de quadra, possuem semelhanças notáveis na busca do compor o tecido urbano. Em ambos os casos, a ocupação dos lotes ocorre de divisa a divisa.

⁵⁰ BRUAND, 1991, p. 52.

O Edifício Plaza (Fig.214 e 215), situado na Praça Júlio de Castilhos nº 92, é um exemplo da moradia das elites porto-alegrenses na década de 50. Além de possuir volumetria e fachada imponentes, é o mais expressivo exemplar da Praça Júlio de Castilhos que busca fazer a transição entre o morar em casa e o morar em apartamento e, ainda, manter o *status* no modo de morar das elites, conferido pelos antigos casarões.

O projeto arquitetônico⁵¹ encaminhado à Prefeitura Municipal, em 1952, é bastante completo, especialmente se comparado com os demais projetos do mesmo período. São várias plantas, cortes e fachadas que a Construtora Tedesco & Cia Ltda. encaminhou para a aprovação, tendo como responsável o engenheiro civil João Hippmann⁵². No mesmo documento consta como proprietária a Sra. Aracy Ávila de Azevedo⁵³.

Cada pavimento contém dois apartamentos, um com dois dormitórios e o outro com três. O de três dormitórios possui uma área muito extensa, utilizando para sua organização a esquina do prédio. Além de duas salas de estar, possui jantar, e toda área de serviço completa com acesso independente. O setor íntimo composto por dois dormitórios, balizados pelo banheiro, e uma suíte que incorpora banheiro, rouparia e *hall*.



Fig.214 - Edifício Plaza. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Fig.215 - Edifício Plaza, esquina com a Vila Cristofel. Fonte: Fotos acadêmica Ecléa Moraes.

⁵¹ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 17214/52.

⁵² Engenheiro civil João Hippmann - CREA 9400.

⁵³ Além da assinatura desta proprietária constam mais duas assinaturas não identificadas.

O edifício possui algumas vagas de garagem, com acesso pela Rua Jardim Christófell. Há também uma sobreloja que é incorporada pelas lojas do térreo que tem acesso pela Rua 24 de Outubro.

A composição das fachadas (Fig.216 e 217) busca ainda referências historicistas, especialmente por manter a divisão tripartite: base, corpo e coroamento. Na base encontramos a presença de pilares na fachada principal, que se adequam à mistura dos acessos público – lojas – e privados – edifício de apartamentos. A separação entre a base e os pavimentos-tipo ocorre através de uma marquise esbelta. As duas fachadas do corpo do edifício mantêm uma composição harmônica, equilibrando linhas retas e curvas com o bloco aparentemente compacto do todo. Aparentemente porque no interior do edifício a volumetria é toda recortada, em função de poços de ventilação e de iluminação que se fazem necessários. Apesar de apresentar relativa simetria e equilíbrio de linguagem, a forma externa não corresponde ao uso interno do conjunto de apartamentos. Ou seja, a teoria do funcionalismo não foi usada como conceito de projeto.

O coroamento do edifício é dividido em duas partes. A primeira parte faz uma composição harmônica com o volume do edifício. O bloco faz o seu próprio fechamento, através de pavimento com acabamento diferente e uma cornija que acompanha a ornamentação do volume. Porém, dois pavimentos de cobertura, para uso de zeladoria e de salão de festas foram adicionados ao edifício.



Fig.216 - Edifício Plaza, fachada Praça Júlio de Castilho. Fonte: acadêmica Ecléa Morais.
 Fig.217 - Edifício Plaza, acesso principal. Fonte: fotos acadêmica Ecléa Morais.

Situado próximo à Praça Júlio de Castilhos, o Edifício América participa do cenário urbano mesmo estando situado na Avenida Independência, nº 1184. O proprietário era o Sr. Breno Nunes Dias, e a empresa construtora responsável era a Azevedo Moura & Gertum, que encaminhou o projeto arquitetônico junto à Prefeitura Municipal em 1954⁵⁴.

O pavimento térreo é composto por dois apartamentos, localizados junto ao acesso principal. A parte posterior do pavimento é dedicada à garagem. Em 1945, este importante edifício já incorporava ao seu cotidiano a máquina de mover-se, ou seja, o automóvel. Certamente não contemplava todos os apartamentos, mas demonstra uma preocupação contemporânea. Os apartamentos do térreo possuem dois dormitórios cada um, um gabinete e sala de jantar como área social e área de serviço completa.

Cada pavimento-tipo conta com o que poderia se chamar de dois blocos, dois conjuntos de dois apartamentos separados pela circulação horizontal e vertical com dois elevadores e escada. A solução adapta-se ao terreno e torna-se interessante devido à disposição dos apartamentos, que prioriza a iluminação e ventilação em três das quatro fachadas. Além disso, as áreas que mantêm visuais entre um apartamento e outro são dedicadas ao serviço, o que privilegia a privacidade das áreas social e íntima.

Os apartamentos são muito semelhantes. A diferença consiste, basicamente, no aproveitamento da insolação nos dormitórios. Os dormitórios dos fundos, todos orientados para o noroeste, usufruem do sol da manhã, sem deixar de serem protegidos do sol da tarde por uma sacada vantajosa que abraça quatro, dos seis de cada pavimento. A área de serviço e social se mantêm iguais.

É importante salientar a setorização do apartamento, em que a área de serviço, composta por terraço, dormitório e w.c., copa e cozinha, se mantém independente através do acesso externo da área de circulação de uso comum. Outra comunicação importante é a ligação da cozinha, com a copa e com a sala de jantar. Os dormitórios possuem circulação própria, visto que há a presença de somente um banheiro, como era usual. Este fato acarreta um problema, pois mistura a parte pública, a área social, com a mais íntima.

⁵⁴ Constam na Prefeitura Municipal três processos consecutivos: nº 13497/44, cujo responsável técnico é a empresa A D. Aydos, de 1944; nº 21993/45, cujo responsável técnico é a empresa Azevedo Moura & Gertum, de 1945; e outro processo de nº 21939/45, com mesmo responsável técnico e mesma data do anterior.

4.2.3 Esplanada e Armênia: Praça Júlio de Castilhos

O primeiro destes dois grandes edifícios residenciais a ser projetado e construído foi o Edifício Esplanada (Fig.218 e 219). Localizado na Rua Ramiro Barcelos esquina Avenida Independência e Rua André Puentes possui frente para estes três logradouros, o que já o configura como um elemento articulador das respectivas esquinas. Foi projetado, em 1953, pelo arquiteto uruguaio Roman Fresnedo Siri (1903 – 1975). Como era costume até então, arquitetos estrangeiros e mesmo os arquitetos de outros estados do Brasil eram contratados pelas empresas construtoras locais, principalmente pela escassez de profissionais na cidade. No caso de Fresnedo Siri, foi contratado em 1951 pela empresa de engenharia Azevedo Moura & Gertum para elaborar projeto para o concurso do Hipódromo do Rio Grande do Sul.

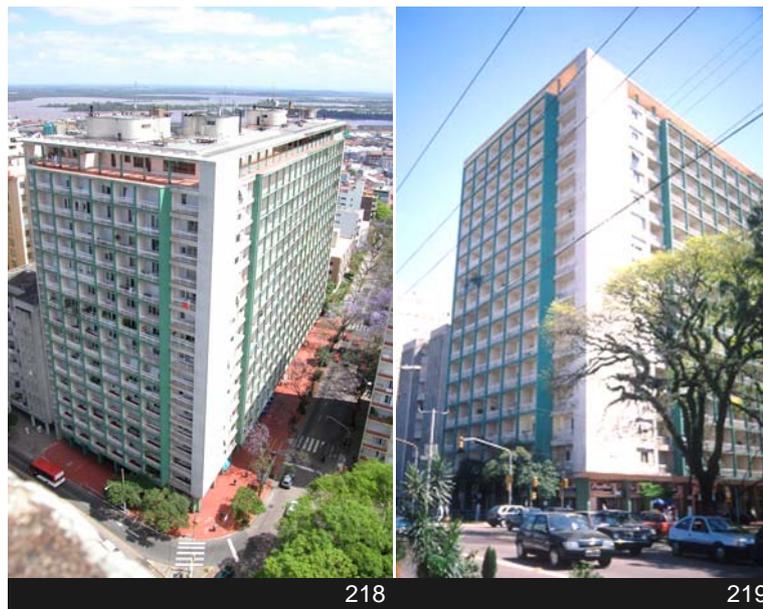


Fig.218 - Edifício Esplanada. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.
Fig.219 - Edifício Esplanada. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Mas a presença da influência uruguaia no Rio Grande do Sul não iniciou na década de 50. O arquiteto Fresnedo Siri é um dos profissionais uruguaio que estiveram presentes na história que une os arquitetos da República vizinha aos arquitetos do sul do Brasil. O início desta relação de influência uruguaia na arquitetura e construção civil local data da década de 1930, segundo Demétrio Ribeiro⁵⁵, que apresenta o caso dos arquitetos Antonio María Rubio⁵⁶ – uruguaio – e Saul

⁵⁵ RIBEIRO, 2000, p. 6.

⁵⁶ Antonio María Rubio nasceu em Taquarembó (1896), Uruguai, formado pela Faculdade de Arquitetura de Montevidéu, em 1924, e colega de Saul Macchiavello, com quem formou a firma que tinha o nome de ambos. Foi um dos fundadores da seção regional do IAB, em 1948 (CREA nº 95). (WEIMER, 2004, p. 150,151).

Macchiavello⁵⁷ – brasileiro – que estudaram na Faculdade de Arquitetura de Montevidéu. Associados ou individualmente, estes arquitetos tiveram uma presença marcante na produção arquitetônica de Porto Alegre.

A formação dos arquitetos rio-grandenses também contou com a influência uruguaia, principalmente a partir de 1943, quando os arquitetos Edvaldo Ruy Pereira Paiva⁵⁸ e Luiz Arthur Ubatuba de Faria⁵⁹ viajaram ao Uruguai, como bolsistas da Prefeitura de Porto Alegre. O objetivo era cursar as disciplinas de urbanismo do curso de arquitetura da Faculdade de Montevidéu⁶⁰. Sabe-se que esta faculdade tinha existência autônoma desde 1917, constituindo-se em um centro maduro e experiente, e que este fato traria grandes contribuições para o Rio Grande do Sul que iniciava o ensino superior em Arquitetura.

Exemplo profissional e docência formal foram os dois enfoques que a influência uruguaia trouxe aos arquitetos rio-grandenses. Cabe citar Demétrio Ribeiro que, formado em Montevidéu, fixou residência em Porto Alegre no ano de 1944 e, desde então, participou ativamente da arquitetura e urbanismo, como docente⁶¹ e como profissional⁶². Mais que isto, Demétrio Ribeiro teve a competência

⁵⁷ Saul Macchiavello nasceu em Uruguaiana (1896), e estudou na Faculdade de Arquitetura de Montevidéu, onde conheceu Antonio Rubio. Produziu uma importante obra arquitetônica no Rio Grande do Sul, incluindo casarões, edifícios religiosos, hospital, banco, etc. (CREA nº 96). (WEIMER, 2004, p. 111,112).

⁵⁸ Edvaldo Ruy Pereira Paiva (1911 – 1981) estudou no Colégio Júlio de Castilhos e formou-se em Engenharia Civil em 1935 (CREA nº 1300). Exerceu a atividade de Professor Catedrático da disciplina Urbanismo e Arquitetura Paisagística, no Curso de Arquitetura do IBA (1946 – 1951); Professor Catedrático da disciplina Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura de Porto Alegre (1956 – 1964); Professor do Curso de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura de Brasília (1963); Diretor do Departamento de Investigações do Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura de Montevidéu (1965 – 1971). Participou das equipes que elaboraram Planos Diretores para cidades do Rio Grande do Sul, ressaltando-se aqui a do Plano Diretor de Porto Alegre (1954 – 1959). Autor de mais de 50 artigos publicados e 6 livros publicados e várias conferências em todo o Brasil. (IAB, 1985, p. 7,8 ; WEIMER, 2004, p. 131,132).

⁵⁹ Luiz Arthur Ubatuba de Faria (1908 – 1954) formou-se em Engenharia Civil em 1932 (CREA nº 625). Trabalhou na Prefeitura de Porto Alegre como técnico em urbanismo, colaborando com Edvaldo Pereira Paiva na elaboração do Plano Diretor de 1942. Foi co-fundador do curso de Urbanismo na Escola de Belas Artes e assinou a ata de fundação do Departamento Regional do IAB. (WEIMER, 2004, p. 59).

⁶⁰ Segundo Macedo, a partir desta experiência, os arquitetos Paiva e Ubatuba de Faria articularam a vinda do professor Maurício Cravotto, para lecionar um curso de paisagismo. O mestre da República vizinha teria marcado profundamente os discípulos e professores do Instituto de Belas Artes. (Correio do Povo, 8 de dezembro de 1974, p. 4).

⁶¹ Como docente Demétrio Ribeiro foi professor do Instituto de Belas Artes (1946 – 1952) e da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1952 – 1964 e 1980 – 1988).

⁶² Demétrio Ribeiro teve uma importante atividade profissional. Entre os projetos de edificações destacam-se o Colégio Venezuela (1946); o Instituto de Pesquisas Biológicas (1950); e o Colégio Estadual Júlio de Castilhos (1953), com a colaboração de Enilda Ribeiro, contratado mediante concurso público. No urbanismo participou com autoria ou co-autoria de planos diretores para Florianópolis, Caxias do Sul, Passo Fundo, Panambi, Uruguaiana, Alvorada, São Gabriel e Taquara; e também na atualização de planos diretores em pelotas, Alegrete, Estrela e Nova Ita. (RIBEIRO: 2000, p. 11; MIZOGUCHI e XAVIER: 1987, p. 398).

de transformar sua experiência adquirida em Montevideu em conhecimento a ser usado na solução de problemas enfrentados em Porto Alegre. Foi um grande mestre ao transmitir senso de responsabilidade crítica ao profissional de arquitetura. Cabe lembrar que, até a década de 40, a natureza da profissão de arquiteto era praticamente desconhecida, ou confundida com a profissão de decorador de fachadas⁶³.

Na década de 50, como já foi citado anteriormente, Porto Alegre conheceu o trabalho profissional de Roman Fresnedo Siri. Entretanto, sua trajetória profissional iniciou com sua saída da Faculdade de Arquitetura de Montevideu, em 1930⁶⁴, formação esta que teve continuidade com várias viagens, à Europa (em 1934) e aos Estados Unidos (1941 e 1961), algumas delas a serviço. O trabalho profissional de Fresnedo Siri contou com a execução de projetos e a participação em concursos, nos quais obteve uma atuação destacada. Sua obra abrange o plano edilício⁶⁵ e projetos urbanísticos⁶⁶.

Em seus projetos e obras realizadas estão presentes os princípios de arquitetura renovadora, autêntica e original. No entanto, esta arquitetura não se constitui num mero uso de repertório ou linguagem formal. A composição arquitetônica utiliza esses princípios através da reelaboração pessoal dos mesmos, que não segue uma corrente ou uma influência dominante de apenas um dos mestres do Movimento Moderno. Fresnedo Siri cria uma linguagem própria e, mesmo utilizando a repetição dos elementos que caracterizam sua obra, não há um esgotamento criativo. E isso ocorre por sua concepção pessoal de função e de espaço arquitetônico⁶⁷.

⁶³ Ver artigos, entrevistas, discursos e depoimentos em LICHT, Flávia Boni e CAFRUNI, Salma: **Demétrio Ribeiro**. Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.

⁶⁴ Sua formação como estudante se deu entre os anos de 1923 e 1930, em um período no qual a Faculdade de Arquitetura apresentou uma coerência ideológica imposta pelo Professor Mr. José P. Carré. Suas idéias de cunho racionalista derivaram diretamente do pensamento de H. Labrousse e se método para o ensino de arquitetura era o aplicado na Escola de Belas Artes de Paris (BORONAT e RISSO: 1981, p. 3).

⁶⁵ Suas principais obras de edificações no Uruguai foram o Hipódromo de Maroñas, a Faculdade de Arquitetura, o Sanatório Americano, o Edifício para a Comissão Honorária para a Luta Antituberculose, o Hospital Militar e habitações unifamiliares. Foi autor de projetos internacionais como o Sanatório Pedro II, hoje Fundação Dr. Nelson Líbero, em São Paulo, Brasil; a Organização Pan-americana da Saúde, em Washington, Estados Unidos; Edifício Cepis, em Lima, Peru. (BORONAT e RISSO: 1981, p. 15-112).

⁶⁶ No plano urbanístico, Fresnedo Siri realizou a Urbanização *Arroyo Seco* e a Urbanização *Villa Del Cerro*, no Uruguai. (BORONAT e RISSO: 1981, p. 36-46; 53-61).

⁶⁷ BORONAT e RISSO: 1981, p. 9.

No Brasil, a presença deste uruguaio como arquiteto e divulgador de uma 'arquitetura renovadora', como citado acima, ocorreu em vários estados: São Paulo, Brasília e Rio Grande do Sul. Especificamente em Porto Alegre foi autor de dois importantes projetos, o Hipódromo do Cristal⁶⁸, que desde meados de 40 queria mudar a sede acanhada no coração do Bairro Moinhos de Vento, e o Edifício Esplanada, cuja execução ficou a cargo da Empresa Azevedo Moura & Gertum.

Na década de 50, o empreendimento residencial mais divulgado foi o do Edifício Esplanada que, além de grandiosas proporções, contava com cerca de 120 apartamentos organizados em quatro blocos, e possuía um partido arquitetônico apropriado ao momento e ao local, mais nobre da cidade. Quanto ao partido arquitetônico, será feita uma análise posterior. Inicialmente, veremos se o impacto que pretendia causar nas elites porto-alegrenses foi atingido.

Os instrumentos de divulgação deste empreendimento foram diversos, entre jornais, revistas e catálogos da época. Este aspecto não era novidade, pois todos os empreendimentos de grande porte ou de empresas reconhecidas em torno da década de 50 usavam estes recursos. O que espanta é a quantidade, um grande número de anúncios e reportagens sobre o edifício; a qualidade especialmente dos anúncios, com desenhos, fotos de maquetes, textos publicitários enfatizando aspectos da modernidade do empreendimento; e também o tamanho dos anúncios, que chegavam a ocupar página inteira do jornal ou da revista. Os anúncios enfocavam basicamente três aspectos centrais: a localização privilegiada, o luxo que o condomínio oferecia e os modos modernos de morar do Edifício Esplanada (Fig.220, 221 e 222).

"Porto Alegre aos seus pés, do alto de seu mais luxuoso edifício"⁶⁹ Quanto à sua localização, não havia dúvidas que era a "preferida pelas elites porto-alegrenses"⁷⁰. Os motivos já eram conhecidos, pois se situava no coração dos Moinhos de Vento, em zona tradicionalmente residencial da capital, onde havia "luz, sol, alegria e uma deslumbrante vista da cidade".⁷¹

⁶⁸ Sobre o projeto e construção do Hipódromo do Cristal, ver CANEZ, Anna Paula. **Arquiteturas Cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eládio Dieste em Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2004.

⁶⁹ Correio do Povo, 28/04/1957, p. 15.

⁷⁰ Correio do Povo, 25/10/1953, p. 11.

⁷¹ Correio do Povo, 28/04/1957, p. 15.

TUBRO DE 1953 NOTICIÁRIO 11

A localização preferida pela elite pôrto-alegrense

EDIFÍCIO *Esplanada*
o maior e mais luxuoso condomínio de Pôrto Alegre

AGRADECIMENTO

Há bem pouco tempo, planejamos e lançamos à venda, o primeiro bloco do Edifício Esplanada, com 30 apartamentos. A acolhida e o interesse público superou a nossa mais otimista expectativa!

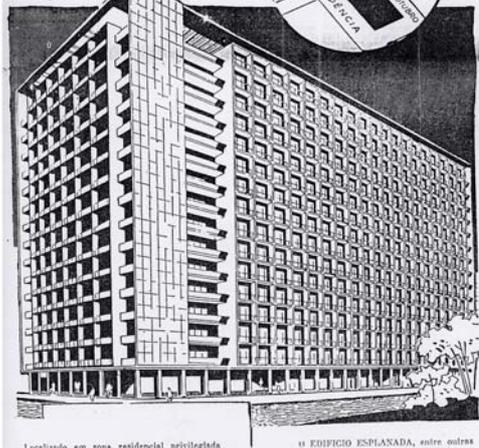
Nesta mesma oportunidade, é-nos sumamente grato consignar a todos os nossos amigos e clientes o lançamento à venda do segundo bloco do Edifício Esplanada, agora com apartamentos muito mais amplos, tendo as mesmas características do primeiro bloco e com as mesmas grandes facilidades para aquisição.

Pelo que, aproveitamos aqui, expressar os nossos melhores agradecimentos.

LOCALIZAÇÃO

ANDRÉ PUEIRO
BANCO SÉCULO
AV. JUIZ DE CASTILHO
AV. JOSE JACINTO

OS INDEBENTADORES



Localizada em zona residencial privilegiada

o EDIFÍCIO ESPLANADA, entre outros

221

De vitrine - Inspiração nos magníficos bairros...

Vale a pena Viver NO EDIFÍCIO *Esplanada*

Imagine viver assim...

A BARRA D'ÁGUA DO LARGO DA DORCE

SOCIEDADE IMOBILIÁRIA IOCHPE LTDA.

220

Vale a pena Viver NO EDIFÍCIO *Esplanada*

222

Fig.222 - Edifício Esplanada. Fonte: Correio do povo, 28/04/57.

Fig.223 - Edifício Esplanada. Fonte: Correio do povo, 25/10/57.

Fig.224 - Edifício Esplanada. Fonte: Correio do povo, 28/04/57.

Junto: ao Colégio Bom Conselho, Hospital Moinhos de Vento, Praça Júlio de Castilhos, Jardins da Caixa D'água, Praça de Esportes José Montaury, Colégio São Luiz, Jôquei Clube e Grêmio P. Alegrense. Próximo: ao Club Recreio Juvenil, Grêmio Náutico União, Universidade Católica, Ginásio N. S. do Rosário, Colégio Batista Americano, Jardim N. S. de Fátima, Igrejas Santa Terezinha, São Pedro e Auxiliadora.⁷²

É perceptível a mensagem do anúncio de enfatizar a privilegiada localização do prédio. Se por um lado reconhecemos a grande quantidade de serviços que se encontravam próximos ao conjunto residencial em questão, por outro lado, ainda era necessário fazer esta divulgação. Não se pode esquecer de que o momento ainda era o de consolidação dos bairros enquanto territórios auto-suficientes, uma vez que o comércio estava situado no centro da cidade.

⁷² Correio do Povo, 25/10/1953, p. 11.

O luxo dos apartamentos do Edifício Esplanada era oferecido aos clientes através dos materiais usados, dos espaços amplos, e “muito mais do que você pode imaginar...”⁷³ As imagens usadas nos anúncios não eram nem um pouco acanhadas, ao contrário, grandes perspectivas ilustrando interiores dos espaços sociais privativos dos apartamentos e sociais de uso comum, como os terraços. Eram também apresentadas fotos e desenhos do prédio e da vista que ele ofereceria, entusiasmando cada vez mais as elites porto-alegrenses. Era “o luxo de um palacete num edifício de apartamentos!”⁷⁴

Espaços luxuosos e modernos se somavam enquanto qualificações no modo de morar do Esplanada. Era considerado um edifício dotado dos requisitos mais modernos, de modo a possibilitar aos seus proprietários as vantagens de um confortável e luxuoso lar. Dentre estes requisitos são salientados pelos anúncios os 4 amplos e independentes salões de festas; água quente e fria permanente; 8 amplos e rápidos elevadores, com força própria; 4 grandes e luxuosas entradas; incinerador de lixo; calefação em todos os aposentos; *playground* e garagens no sub-solo. Todos estes aspectos de um edifício de apartamentos eram inovadores para a época, especialmente reunidos em um único prédio, ainda na localização desejada pelas elites. Mas ainda alardeavam os materiais modernos, aliados aos tradicionais luxuosos:

Tijolo de vidro cercando a porta principal de cada apartamento, executada em ferro... Entrada e hall social no pavimento térreo com espelhos de cristal bisotado, mármore e ornamentos em gesso (...) ⁷⁵

A verdade dos materiais, ou seja, a aparência do vidro, do ferro, cristais e mármore, eram muito explorados pela arquitetura moderna. Estava relacionada à pureza da linguagem arquitetônica, que explorava a essência dos materiais numa busca de simplicidade e ao mesmo tempo de autenticidade. Isto percebe-se, claramente, na concepção da porta de entrada dos apartamentos do Esplanada, na qual o tijolo de vidro baliza uma porta de ferro; materiais expostos que estão, e esteticamente aliados aos cristais bisotados e mármore do *hall* de entrada.

⁷³ Correio do Povo, 28/04/1957, p. 15.

⁷⁴ Correio do Povo, 28/04/1957, p. 15.

⁷⁵ Correio do Povo, 28/04/1957, p. 15.

Junto à Praça Júlio de Castilhos (Fig.223 e 224), o Esplanada está situado em um contexto importante, configurado por significativas construções da arquitetura moderna que, como foi analisado anteriormente, começaram a surgir desde a década de 40. Xavier apresenta este empreendimento:

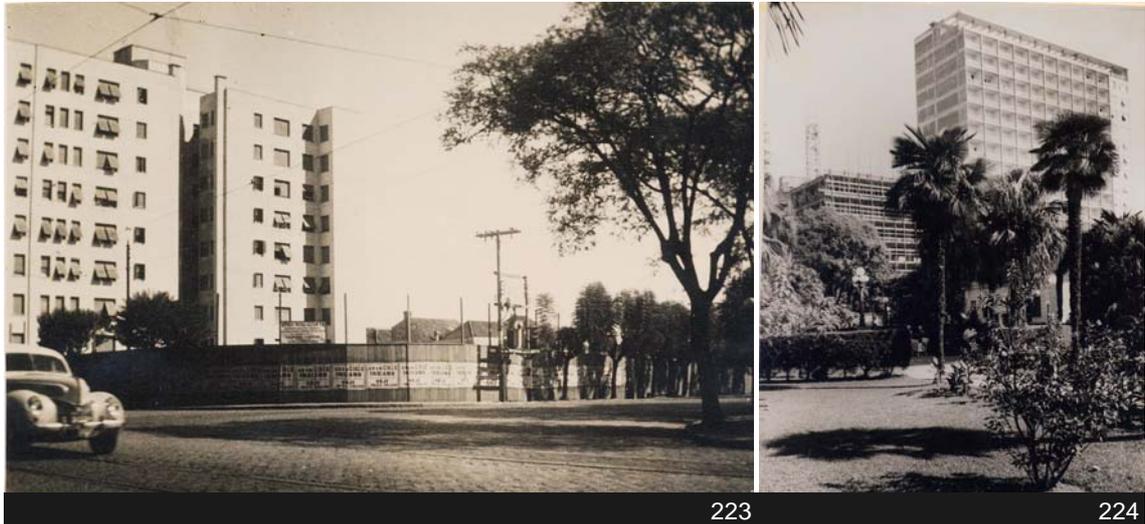


Fig.223 - Edifício Esplanada. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.
Fig.224 - Edifício Esplanada. Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Iniciativa de grandes proporções para a época, com cerca de 20.000 m² de área edificada, o Esplanada compreende quatro blocos, construídos por etapas, contando cada um com amplos e confortáveis apartamentos. Ocupa terreno de 1.800 m² e três frentes, para as quais se voltam as dependências principais dos apartamentos, todas dotadas de varandas, recurso que impõe um forte ritmo à edificação.⁷⁶

O edifício está organizado em quatro blocos isolados e contíguos entre si. Os blocos B e C possuem acesso pela Rua Ramiro Barcelos, o bloco A pela Rua André Puento e o Bloco D, pela Avenida Independência (Fig.225, 226 e 227). Plena autonomia plástica e alusão a uma urbanística global.

Com relação à planta, é possível considerar três conjuntos do programa arquitetônico: o térreo e sobreloja, com uso comercial; o pavimento-tipo, com 15 plantas residenciais; e o pavimento de cobertura, no último andar, que abriga dependências do zelador e salão de festas. No térreo é marcante a presença dos pilotis que, a partir de um ritmo conseqüente da malha estrutural do edifício, confere ao pedestre uma escala que o relaciona tanto com o próprio edifício quanto ao contexto urbano. Além disso, o comércio de pequenas lojas, farmácias, bares,

⁷⁶ XAVIER, 1987, p. 63.

confere ao espaço uma movimentação própria, criando um micro-clima que sugere uma certa autonomia ao edifício. Cabe citar o conceito da Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier (1949) (Fig.228, 229 e 230).

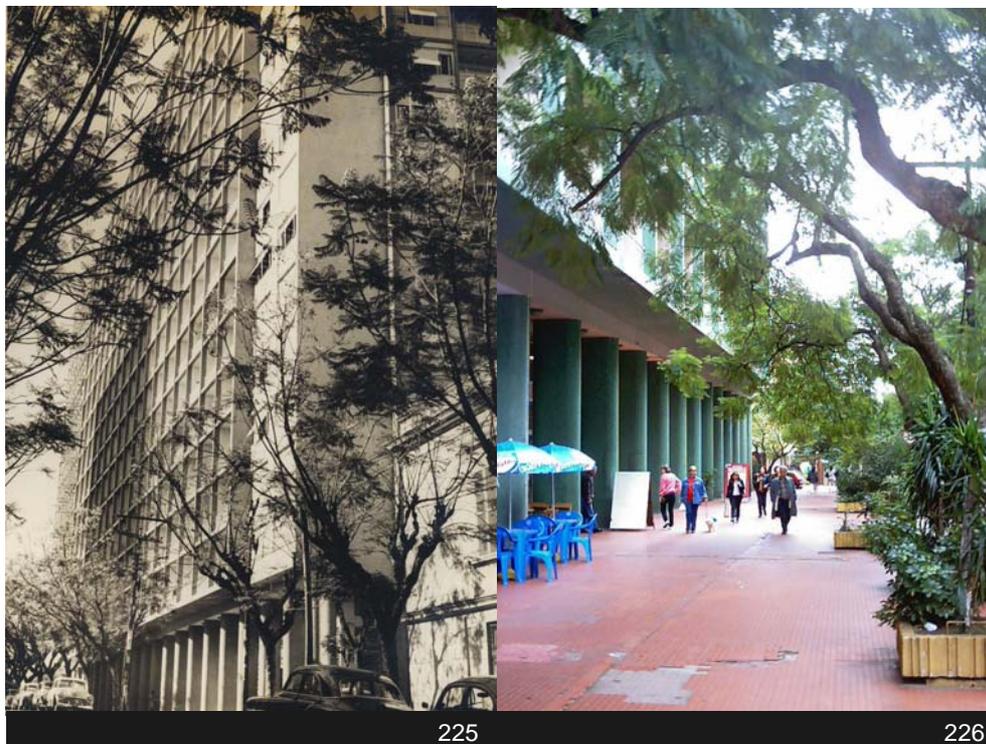


Fig.225 - Edifício Esplanada.

Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Fig.226 - Edifício Esplanada, vista Rua Ramiro Barcelos.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.227 - Edifício Esplanada, acesso bloco B pela Rua Ramiro Barcelos.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.



228



229



230

Fig.228 - Edifício Esplanada, fachada Av. Independência.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.229 - Edifício Esplanada.

Fonte: Laboratório de História e Teoria do UniRitter.

Fig.230 - Edifício Esplanada, coroamento do edifício.

Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

O pavimento-tipo do bloco D apresenta-se com três apartamentos: dois deles com três dormitórios e um com dois dormitórios. Percebe-se que no interior do bloco está concentrada a circulação vertical e horizontal de uso condominial, e no âmbito privado, concentra-se a área de serviços dos apartamentos. Portanto, todos os dormitórios e salas sociais dispõem das fachadas principais ou laterais. No que diz respeito à funcionalidade é notável uma setorização bastante rigorosa, no momento em que separa a área de serviço, da social e ainda da área íntima da habitação. Possivelmente esta era uma exigência do modo de vida da sociedade da época.

No último pavimento, como era comum na década de 30, o espaço era dedicado ao apartamento do zelador e ao salão de festas. A inovação neste período está presente no volumes destes espaços. São volumes soltos do restante do bloco e, ainda mais, não correspondem à mesma geometria do edifício: são curvilíneos e sem um ritmo e ordenação lógica, a não ser os volumes de infra-estrutura (caixas de elevador e reservatórios d'água) que correspondem à planta do pavimento-tipo. Ainda é importante salientar a presença de um pergolado na cobertura do Esplanada. Este elemento pode ser entendido como um coroamento do volume como um todo, conferindo, ao mesmo tempo, uma esbeltez e uma certa leveza ao bloco pesado do conjunto. O pergolado está presente em muitos edifícios residenciais de Porto Alegre, como o Armênia, que será analisado a seguir, e o Edifício Paglioli, na Avenida Independência, que possui uma semelhança grande em vários aspectos com o Esplanada.

A volumetria do Edifício Esplanada (Fig.231, 232 e 233) se configura por um prisma regular nos limites fronteiros as ruas, porém, recortado nos fundos. Pode ser interpretado como processo de determinação formal, baseado nas considerações programáticas da própria residência em voga. E ainda, como resposta ao conjunto urbano da Praça Júlio. Pode-se também dizer que o volume do Esplanada é resultado da combinação de diferentes volumes, em que persiste a idéia de complementaridade, resultante do agrupamento ordenado de um determinado número de elementos: o térreo recuado com os pilotis, o bloco dos apartamentos e os volumes dispersos na cobertura. Drebs⁷⁷ utilizou a designação de uma barra alta dobrada, enfatizando sua direção linear principal (Fig.234, 235, 236 e 237).

O Edifício Armênia (Fig.238, 239 e 240) localiza-se na Rua Mostardeiro esquina Praça Júlio de Castilhos. Foi projetado em 1955, pelo arquiteto Ari Mazzini Canarim, e o cálculo estrutural e construção é de responsabilidade do engenheiro civil Dicran Gureghiam⁷⁸. Devido à qualidade da proposta, o projeto arquitetônico foi contemplado com Medalha de Bronze no 1º Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul, em 1960⁷⁹. A crítica aparece na Revista Espaço/Arquitetura:

⁷⁷ DREBS, 2004, p 168.

⁷⁸ Revista Espaço/Arquitetura, nº1, p. 10.

⁷⁹ XAVIER, 1987, p. 126.



Fig.231 e 232 -Edifício Esplanada, construção. Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum.

Fig.233 -Edifício Esplanada. Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum.

Fig.234- Edifício Esplanada, detalhe fachada.Fonte: Fotos acadêmico de arquitetura João Gallo.

Fig.235- Edifício Esplanada. Fonte: Acervo Azevedo Moura & Gertum.

Fig.236- Edifício Esplanada, fachada Av. Independência.

Fonte: Fotos acadêmico Riggs.

Fig.237- Edifício Esplanada, detalhe fachada Rua Ramiro Barcelos.

Fonte: Fotos acadêmico de arquitetura João Gallo.



Fig.238- Edifício Armênia, vista da Av. Independência. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.239- Edifício Armênia. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.240- Edifício Armênia, vista da Praça Júlio de Castilhos. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Ao atentarmos para a corrida desenfreada da especulação imobiliária, aqui temos um exemplo de solução honesta e feliz, onde o puro interesse comercial é sobrepulado pela compreensão dos interessados, concedendo ampla liberdade ao arquiteto no desenvolvimento do seu trabalho.⁸⁰

A obra, também situada em um terreno de esquina, apresenta uma diferença com relação à implantação do Edifício Esplanada: as dimensões do terreno, 12 x 28 m, ou seja, bem mais reduzido. Na época de sua construção existiam ao seu redor somente edifícios residenciais com comércio no térreo, e foi assim que o Armênia foi concebido, com térreo e sobreloja dedicado a serviços e 14 pavimentos residenciais. A descrição de Mizoguchi apresenta a solução elogiável:

O programa de necessidades corresponde a apartamentos de três dormitórios com área de 130 m², servidos por um único banheiro. Essas dependências, nas unidades de esquina estão voltadas para o poente, cujos efeitos são atenuados com quebra-sol móvel de alumínio e sistema de venezianas de guilhotina, antepostas à varanda. Para dois dos dormitórios da outra unidade o arquiteto evitou a face sul, orientando-os para as laterais do terreno.⁸¹

O pavimento térreo não apresenta pilotis visível no passeio dos pedestres, e o comércio promove o mesmo movimento deflagrado no Esplanada. O acesso para os apartamentos ocorre pela Rua Mostardeiro, provavelmente por possuir a maior testada do terreno.

A planta baixa do pavimento-tipo apresenta-se com estrutura muito semelhante a do Edifício Esplanada. Os dois elevadores e a escada de uso condominial estão

⁸⁰ Revista Espaço/Arquitetura, nº1, p. 10.

⁸¹ XAVIER, 1987, p. 126.

centralizados no bloco do edifício e são combinados com o *hall* de entrada dos apartamentos, que possuem uma característica funcional e outra social e, conseqüentemente, há a separação do acesso social e de serviço. A funcionalidade interna setoriza áreas de serviço, social e íntima. Com o mesmo critério que o edifício anterior, também o Armênia privilegia os dormitórios e as salas com as visuais das duas vias (Av. Independência e Rua Mostardeiro), solucionando os problemas de condicionamento ambiental de maneira exemplar. Principalmente na fachada oeste, Canarim utiliza-se de um recurso característico da nossa cultura, da nossa tradição, que é a varanda. O arquiteto cria uma fachada aparente para o exterior, que protege os cômodos de dormir com uma antecâmara de ar protegendo os ambientes internos das mudanças bruscas de temperatura, próprias desta orientação solar.

No pavimento de cobertura (Fig.241, 242 e 243), estão dispostos a infra-estrutura do edifício e o apartamento do zelador. Também a presença de um pergolado coroando o grande e esbelto volume comparece proporcionando unidade ao conjunto – base, corpo e coroamento – possuidor de uma linguagem moderna, característica dos novos prédios residenciais de Porto Alegre.



241



242



243

Fig.241- Edifício Armênia, coroamento. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.242- Edifício Armênia. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.243- Edifício Armênia, detalhe fachada. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

O volume se configura como um prisma regular nos limites fronteiros às vias principais e recortado nos fundos. As superfícies externas do Armênia apresentam uma diferença com relação ao Esplanada: a ênfase na estrutura. Se, no Esplanada as fachadas são feitas da combinação de elementos verticais e horizontais que são os *brises* que conformam as sacadas enfatizando uma unidade formal, no Armênia as fachadas oeste e sul são diferenciadas. Na oeste, a malha de concreto e as esquadrias (guilhotina e *brises* verticais) não salientam a profundidade existente por trás destes elementos. Na sul, as vigas de concreto aparente “abraçam” as aberturas maiores que configuram uma harmoniosa fachada envidraçada.

Se é certo que a arquitetura moderna determinou uma unidade na forma usada, é próprio também desta arquitetura a adaptação de uma linguagem aplicada a diferentes edifícios de uma mesma função. Poder-se-ia citar como exemplo o Edifício Paglioli e o Edifício Santa Terezinha, ambos residenciais. Muito embora, esta mesma linguagem pode ser identificada em edifícios com funções completamente diferentes, como no caso do Hospital de Clínicas, onde a célula aparente na fachada é a célula do dormitório, assim como nos apartamentos; ou ainda na arquitetura bancária, como no Edifício-Sede do Sul Banco. Verifica-se que, além da forma, que possui sua autonomia baseada na função interna, há outros determinantes da estética moderna.

4.2.4 Dois exemplos de Arquitetura Moderna: Embaixador e Cerro Formoso.

O edifício Cerro Formoso (Fig.244 e 245), na Praça Júlio de Castilhos, nº 64, é um dos exemplares arquitetônicos que compõe o “catálogo” Júlio de Castilhos. Construído pela Empresa Azevedo, Bastian, Castilhos & Cia Ltda, o edifício de uso exclusivamente residencial, apresenta uma moderna solução formal, que se assemelha às soluções adotadas pelo Estilo Internacional. Consta no projeto⁸² aprovado pela Prefeitura, em 1954, o Dr. Amarílio Macedo como sendo o proprietário do investimento.

⁸² Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 15133/54.



Fig.244- Edifício Cerro Formoso.

Fonte: Fotos AcadêmicoJoão Gallo.

Fig.245- Edifício Cerro Formoso, praça Júlio de Cstilha.

Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Sua fachada norte reúne as janelas em fitas, ou melhor, em grupos de fitas, pois ainda não consiste na janela horizontal de Le Corbusier, contínua em toda a extensão da fachada. É a base do edifício, sob esguios pilotis, que organiza esses grupos de aberturas. Esta unidade, quase monótona, traduz a composição da fachada em linguagem moderna, reforçada pela escolha dos materiais, tanto os de revestimento quanto os das esquadrias. A fachada sul é organizada de forma a permitir a entrada da iluminação de forma mais ampla, abrangendo as aberturas de pavimento a pavimento, uma verdadeira cortina de vidro na área dos dormitórios.

Os 12 pavimentos-tipo reúnem dois apartamentos idênticos por andar. São amplas unidades, com algumas características únicas dedicadas às elites. Além dos três dormitórios na área íntima, há a presença de dois banheiros. Na área social, a sacada, o estar e o jantar, encontram-se alinhados, formando um espaço amplo e sem divisórias pesadas, ou seja, sem paredes de alvenaria. A área de serviço, com acesso isolado, possui copa, cozinha e dependência de empregada completa, com um serviço (hoje chamado de área de serviço). Há a presença de uma sala de costura, com dimensões maiores que a própria cozinha, situada numa área entre a de serviço e a social.

Mas, a característica mais marcante deste edifício é o acesso social independente para cada apartamento. Existe um elevador social, com parada em cada pavimento, que dá acesso no interior dos apartamentos, privatizando completamente o ingresso das pessoas. O acesso de serviço continua cumprindo as exigências da circulação vertical com elevador comum de acesso a cada pavimento.

A cozinha e a sala de costura são nitidamente espaços de transição; não só físicos; pois, apesar da mulher ainda dominar os referidos espaços, já se observa uma distinção entre sua permanência no habitat doméstico como prestadora de serviços e sua permanência como dona de casa que, conseqüentemente, usufrui mais do espaço social e íntimo da casa. Este exemplo não é único, pois o edifício Linck, que será analisado mais adiante, apresenta a mesma característica.

Outro importante edifício moderno é o Embaixador (Fig.246, 247 e 248) que faz frente ao Esplanada e, se não possui toda a extensão do terreno nem a complexidade de seu vizinho, não deixa nada a desejar nem em termos de distribuição interna dos apartamentos nem com relação à linguagem arquitetônica moderna. Em outras palavras, acompanha a imponência proposta pelo Esplanada.



Fig.246- Edifício Embaixador. Fonte: Fotos Acadêmico de arquitetura João Gallo.
 Fig.247- Edifício Embaixador, vista Praça Dom Feliciano. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.
 Fig.248- Edifício Embaixador, detalhe fachada. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

O prédio possui térreo mais quatorze pavimentos-tipo. No pavimento térreo, os pilotis organizam a base do edifício que é ocupada por lojas. O acesso principal ocorre pela Rua Ramiro Barcelos, nº 1090, e possui uma enorme ênfase marcada por *brises* que ocupam toda altura da fachada. É como representassem a indicação da entrada do edifício. Os *brises* protegem um poço de ventilação que atende as áreas de serviço dos apartamentos desta fachada. É uma solução instigante, pois demarca a entrada do prédio com monumentalidade e sugere uma simetria, que na realidade não existe. A marcação da esquina é feita através de um pano de alvenaria, semelhante ao da esquina do Edifício Esplanada, que formaliza a virada do edifício para a praça.

O projeto⁸³ possui a data de 1958 e é de autoria e construção do engenheiro civil Armando Battista⁸⁴. O pavimento-tipo é composto por quatro apartamentos, três com dois dormitórios e um, o de esquina, com três dormitórios. Nenhum dos apartamentos é igual ao outro; porém, suas áreas privativas se assemelham, exceto o de esquina que é um pouco maior. A presença da entrada de serviço separada da social é constante em todos os apartamentos.

4.2.5 Vila e chácara na história dos edifícios Christofell e Linck.

Pertencentes a dois importantes industriais e políticos do início do século XX, Alberto Bins e Frederico Linck, as chácaras adjacentes à Praça Júlio de Castilhos são exemplos de que o bairro ainda mantém os indícios de sua história composta por requintadas *villas*⁸⁵. Essas grandes propriedades foram transformadas em ruas *cul de sac*, e oferecem aos seus moradores a tranquilidade de uma rua sem saída, próxima ao centro da cidade.

Uma chácara e um grande solar na Rua Mostardeiro, esquina Ramiro Barcelos de propriedade do industrial e político Frederico Linck⁸⁶ deu origem à rua que atualmente tem o seu nome: Rua Cel. Frederico Linck. Possui um único edifício residencial, o Edifício Linck (Rua Cel. Frederico Linck, nº55), que foi alardeado na imprensa local como possuidor de qualidades marcantes na configuração do seu espaço interior e na sua linguagem arquitetônica. Em anúncio de jornal da época⁸⁷ é citado como um edifício de “linhas modernas e construção esmerada” contendo “luxuosos apartamentos” na “melhor zona residencial da cidade” (Fig.249).

⁸³ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 48499/58.

⁸⁴ Engenheiro civil Armando Battista, CREA nº 1542.

⁸⁵ As villas tiveram origem na Antigüidade Clássica, sendo o exemplo mais conhecido a “Vila de Adriano”, o imperador romano que criou uma grande estrutura residencial aliada a equipamentos culturais fora da cidade de Roma. Ao longo da história esta tipologia recebeu conotações semelhantes e sempre estiveram ligadas a figuras poderosas e/ou ilustres. No caso, a Vila Jardim Christofell também esteve relacionada a uma figura ilustre da cidade, e servia como residência em bairro privilegiado, fora do centro de Porto Alegre.

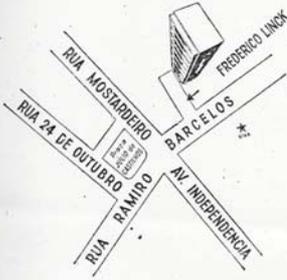
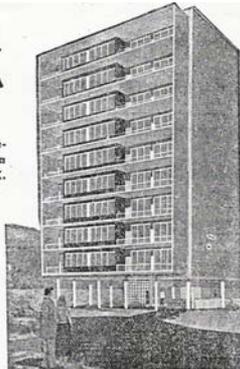
⁸⁶ Frederico Linck nasceu em Gravataí, então município de Porto Alegre, em 1855 e faleceu em Porto Alegre, em 1936. Industrial e político, explorou durante anos o ramo da marchantaria, sendo estabelecido em Guaíba, com o matadouro São Geraldo. Exerceu a função de Provedor da Santa Casa de Misericórdia. (FRANCO: 1992, p.254).

⁸⁷ Correio do Povo, 1º/04/1954, p. 43.

À venda os **ULTIMOS** Apartamentos do
EDIFÍCIO LINCK

Restam ainda alguns luxuosos apartamentos
no EDIFÍCIO LINCK.

★ Ótima localização nos MOINHOS DE VENTO – a melhor zona residencial da cidade. A 50 metros da Praça Júlio de Castilhos, na Rua Cel. Frederico Linck. Segura e rápida valorização.

O Edifício LINCK, de linhas modernas e construção esmerada, dispõe de todo conforto. FORÇA PRÓPRIA – CALEFAÇÃO – GARAGE – PLAY-GROUND – INCINERADOR DE LIXO – INSTALAÇÃO CONTRA INCÊNDIO – ÁGUA QUENTE – COZINHA totalmente mobiliada e com Fogão a gás, de 4 bocas.

★ O Edifício tem 9 pavimentos com 2 apartamentos por andar. Cada apartamento dispõe de 4 DORMITÓRIOS – SALA DE ESTAR – SALA DE JANTAR – QUARTO DE COSTURA – DEPENDÊNCIAS P. EMPREGADA – 2 BANHEIROS SOCIAIS.

CONSTRUCÃO DE
MELLO PEDREIRA & CIA. LTDA.
INCORPORACÃO DA
SOC. EDIFÍCIO LINCK LTDA.

INFORMAÇÕES
PLANTAS
VENDAS com o

Banco de Crédito Real

R. 7 DE SETEMBRO, 1055
— FONES 4102 E 3-1548 —
— TELEGR. "GARANTIA" —
C. Postal, 208 - P. ALEGRE

Fig.249- Anúncio Edifício Linck.

Fonte: Correio do Povo, 1º/04/1954, p. 43.

O estudo arquitetônico para o local aparece para aprovação na Prefeitura Municipal⁸⁸ em 1949, com lote localizado na esquina da Avenida Independência com a Rua Ramiro Barcelos. É um projeto com acesso pela esquina e com grande potencial de integração com a situação urbana, justamente por respeitar estas duas frentes; consta no acervo da Empresa Azevedo Moura & Gertum⁸⁹.

Contudo, o projeto arquitetônico executado possui a data de 1952 e sua autoria é dedicada a equipe de arquitetos composta por Emil Bered, Roberto Veronese e Salomão Kruchin. Ainda constam dados da construção, de Mello Pedreira & Cia. Ltda., incorporação, da Sociedade Edifício Linck Ltda. e vendas realizadas pelo Banco de Crédito Real⁹⁰ (Fig.250 e 251).

A análise de Ströher⁹¹ identifica o partido arquitetônico adotado pelo acesso principal do prédio, circulações e zonas de serviço, como se fossem as duas pernas de um "H", formando áreas internas de ventilação e iluminação, visto que o edifício ocupa o terreno de divisa a divisa.

⁸⁸ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 20374/49.

⁸⁹ Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter. Acervo AM&G.

⁹⁰ Estes dados constam em documentos de diferentes fontes: Jornal Correio do Povo, 1º/04/1954, p. 43.; SPALDING: 1953, s/p; XAVIER, 1987, p. 94.

⁹¹ STRÖHER, 1997, p. 73.



Fig.250- Edifício Linck. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.251- Edifício Linck. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Os apartamentos, duas unidades idênticas por andar, possuem uma ampla área de 220 m², com três dormitórios cada um. Há uma peculiaridade com relação a um dos dormitórios: possui um vestiário com área aproximadamente de 9 m² e um banheiro, privativo. Configura-se como uma suíte, uma inovação para a época.

A presença do quarto de costura nos remete ainda aos afazeres das mulheres que moravam nos casarões na Avenida Independência. Em entrevista com uma moradora deste edifício⁹², fica clara a referência ao *status* que existia em habitar uma das unidades junto à Avenida Independência.

Quando morávamos na Rua Barros Cassal, em um sobrado, a grande curiosidade e expectativa encontrava-se em descobrir como seria habitar um apartamento. Por mais confortável e espaçosa que era a nossa casa, minha família tinha almejava residir na Avenida Independência, pelo *status* da rua, e num apartamento, pela modernidade de suas acomodações. Tanto que, quando casei fui morar no Edifício São Mateus, depois no São Lucas e na década de sessenta viemos então para o Edifício Linck.⁹³

A área social também é extensa, valorizando o *hall* de entrada com dimensões fartas. Isto tem relação ainda com o uso dos vestíbulos dos antigos casarões, que

⁹² Entrevista com o casal Carlos Peixoto, moradores do apt^o. 71, em 04/08/2003.

⁹³ Entrevista com o casal Carlos Peixoto, moradores do apt^o. 71, em 04/08/2003.

expressavam o quanto poderoso econômica e culturalmente era o dono da habitação. “O *hall* de entrada possuía sempre uma esmerada decoração, pois expressava a classe social e a cultura que tinha o dono da casa ou do apartamento.”⁹⁴ A área de serviço também é expressiva em seu tamanho, especialmente o quarto de empregada que possui, além de 12 m², um banheiro privativo.

O acesso social, separado do acesso de serviço, possui uma escada de uso comum, amplamente iluminada e ventilada por uma área aberta de boas dimensões. Aliás, exceto o banheiro de empregada, todos os cômodos são iluminado e ventilados naturalmente.

A articulação da fachada principal organiza cheios e vazios através das aberturas dos dormitórios e da área social. A esta parede de fechamento dos apartamentos é sobreposta uma grelha, criando as sacadas revestidas em pastilhas e peitoril em gradil de ferro. Luccas⁹⁵ identifica a esta composição como sendo uma solução atípica: recebeu uma “grelha horizontal de balcões”, que atende à necessidade de proteção da orientação solar norte. O arranjo dá ênfase às linhas horizontais e afasta o precedente da grelha ortogonal.

O pavimento térreo apóia o edifício sob pilotis, e possui a “(...) parte posterior do pavimento térreo é ocupada por apartamento idêntico ao dos andares superiores, restando sob pilotis o trecho fronteiro, onde se destaca painel de pastilhas de vidro de Saulo Gomes.”⁹⁶

A Vila Jardim Christófell tem uma história semelhante ao Edifício Linck. Onde hoje se encontra a rua em *cul de sac* denominada Rua Vila Jardim Christófell, existia uma vila de propriedade do Sr. Alberto Bins.

A aprazível “Villa Christoffel”, é localizada a Praça Júlio de Castilhos é residência própria do sr. Alberto Bins na capital do Estado. (...) É essa uma das mais belas “villas” da cidade de Porto Alegre, oferecendo ao seu proprietário e sua digna família o mais completo e perfeito bem-estar.⁹⁷

⁹⁴ Entrevista com o casal Carlos Peixoto, moradores do apt^o. 71, em 04/08/2003.

⁹⁵ LUCCAS, 2004, p. 158.

⁹⁶ XAVIER, 1987, p. 95.

⁹⁷ COSTA, 1922, p. 278.

Na vila, vários edifícios de apartamentos foram construídos ao longo da década de 50, como por exemplo o Edifício Jardim⁹⁸, da Construtora Tedesco S/A. Porém, a obra que se destaca em termos de edifícios residenciais é o Edifício Christóffell (Rua Jardim Christóffell, nº 67). O projeto, do arquiteto Emil Bered, de 1962, recebeu Medalha de Bronze no segundo Salão de Arquitetura do Rio Grande do Sul⁹⁹. O partido arquitetônico é tradicional, a circulação vertical separa os dois apartamentos rebatidos e idênticos. Cada um deles possui cerca de 250m², e uma distribuição interna que prima pela funcionalidade e independência dos setores (Fig.252 e 253). A descrição de Xavier é precisa:

(...) O setor íntimo orienta-se para leste, e o social para a frente do terreno, donde se pode descortinar uma vista apreciável. Por se tratar de face poente, o arquiteto providenciou a proteção das áreas envidraçadas através de superfícies sacadas e de painéis de elementos vazados de louça, na cor azul, que se contrapõem às paredes cegas, revestidas com pastilhas na cor amarela. O pavimento térreo que abriga as dependências de zelador e de equipamentos, é predominantemente livre, destinado a play-ground e jardins. No subsolo localiza-se a garagem, dotada de duas vagas e um depósito para cada apartamento.¹⁰⁰



Fig.252- Edifício Jardim Christóffell. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Fig.253- Edifício Jardim Christóffell. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

⁹⁸ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 19798/53.

⁹⁹ XAVIER, 1987, p. 177.

¹⁰⁰ XAVIER, 1987, p. 177.

A área social tem grandes dimensões, assim como é grande o número de seus cômodos: vestíbulo, gabinete, lavabo, estar, jantar, um jardim de inverno e sacada. Pode-se dizer que a área social atinge quase metade da área total do apartamento.

A composição da fachada principal utiliza panos de alvenaria rebocados em branco com painéis de elementos vazados em louça azul. As sacadas são revestidas com azulejos amarelos (Fig.254 e 255).



254



255

Fig.254 - Edifício Jardim Christóffel, detalhe brises.

Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Fig.255 - Edifício Jardim Christóffel.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

4.3 Edifícios de Apartamentos Símbolos

Os edifícios chamados símbolos são todos aqueles que demonstram, através de suas qualificações relacionadas à arquitetura moderna, o auge do modo de morar das elites porto-alegrenses. Muitos destes edifícios já foram apresentados anteriormente, neste mesmo capítulo. O motivo é muito simples: eles compõem a cena urbana analisada, seja em uma das esquinas da Avenida Independência, seja em uma das praças que se sucedem na radial.

Fica evidente, entretanto, a mudança de paradigmas urbanos na Rua 24 de Outubro. Esta continuação da Avenida Independência é bem mais uniforme, se considerarmos a altura, a linguagem arquitetônica dos edifícios e o espaço interno dos apartamentos.

Poucos são os prédios baixos (3,4 ou 5 pavimentos). A maioria apresenta mais de 10 pavimentos. Isto confere um gabarito urbano à rua, propiciado pela incidência da lei, que oferece o caráter de modernidade ao bairro das elites de Porto Alegre.

Em relação à linguagem arquitetônica usada, percebe-se uma certa variação entre o historicismo e o racionalismo. Mantendo a mesma altura, os edifícios alimentam um “debate construído” de idéias sobre a forma e a função na arquitetura.

4.3.1 São Paulo, Querência, Santa Luíza e Bela Vista.

O importante Edifício São Paulo (Fig.256 e 257), situado à Avenida Independência esquina Rua Barros Cassal, nº 44, foi construído pelo Escritório de Engenharia Toigo, Geremia & Cia. Ltda., e seu projeto data de 1947¹⁰¹. A autoria do projeto arquitetônico é do engenheiro civil Hélio Geremia e consta como proprietário, a Sociedade Edifício São Paulo Ltda. É um edifício de uso misto, comercial no térreo e residencial nos pavimentos-tipo, com seis pavimentos mais cobertura.

¹⁰¹ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 02594



Fig.256- Edifício São Paulo, vista Av. Independência. Fonte: Acervo Maturino da Luz.
 Fig.257- Edifício São Paulo. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

A imprensa local cita o São Paulo como um dos edifícios com “luxuosos e confortáveis apartamentos no coração da cidade pelo preço de custo”. Esta é a manchete da extensa notícia que elogia o trabalho da Empresa Petry, que é a incorporadora, segundo essa reportagem, do Edifício São Paulo:

Com linhas arquitetônicas modernas, possuindo duas frentes, sol da manhã nas peças principais, situado em excelente posição, o Edifício São Paulo constituirá uma das mais belas obras que Porto Alegre vai ter. É de conhecimento de todos a importância da Avenida Independência como zona residencial e traço de união entre o centro de Porto Alegre e os mais distantes bairros da capital. No entroncamento da rua Dr. Barros Cassal e Independência, escoadouro para o tráfego entre a Av. Alberto Bins e Floresta, é que estão sendo ativadas as obras do Edifício São Paulo, incorporação da firma Helmuth M. Petry.¹⁰²

As “linhas arquitetônicas modernas” que são grifadas na notícia chamam a atenção dos leitores e estão se referindo por um lado à simplicidade na organização das aberturas e seu funcionamento inovador, e por outro, ao movimento que a composição do edifício como um todo sugere, através de sua relação com a marcante esquina que é coroada com a sutileza de uma curva. Mas não se pode deixar de ressaltar o *status* e a imponência que a composição tripartite oferece ao conjunto. Requite e um pouco da tradição não se furtam a designar a classe social

¹⁰² Correio do Povo, 25/12/1948, p. 25.

dos moradores. A base é diferenciada do resto das fachadas por uma marquise que separa as funções de comércio e de habitação. O acesso é fortemente marcado não só pela tradicional porta ornamentada e balizada por matérias nobres, como também pela referência em toda a fachada através de uma reentrância volumétrica que indica verticalmente o acesso ao edifício. A cobertura é coroada com pergolados que reforçam a idéia de modernidade através do movimento traduzido pelos elementos amarrados (Fig.258 e 259).



Fig.258 - Edifício São Paulo, fachada Av. Independência. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.
Fig.259- Edifício São Paulo, acesso principal. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

O lançamento deste empreendimento despertará, por certo, grande interesse entre os nossos capitalistas, mormente em se tratando de obra a ser construída em zona tipicamente residencial próxima do centro e dos estabelecimentos de ensino. Representando, por outro lado, uma das melhores formas de aplicação de capital, com ampla remuneração, em virtude das especiais condições oferecidas pela nova modalidade de incorporação, está, a idéia da construtora Petry, fadada a ser coroada do mais inteiro êxito. O local, o tipo e a qualidade da construção, aliadas ao preço e a modalidade de integração são uma garantia de mais uma vitória do sistema de incorporação ora posto em prática em nossa Capital.¹⁰³

Possui dois apartamentos por andar; um com três dormitórios e o outro com quatro. O funcionamento do espaço interno ainda é tradicional, com dormitórios abrindo para sala de estar e falta de setorização em cada apartamento. Também o acesso de serviço não está separado do social, requisito fundamental para as elites aprovares a moradia coletiva.

¹⁰³ Correio do Povo, 25/12/1948, p. 25.

Na Rua Barros Cassal outros edifícios semelhantes formam um certo conjunto reunindo o mesmo porte de edifícios de apartamentos, como o Edifício Glória, da mesma empresa, e o Edifício Bagé.

Na entrevista com o Dr. Osvaldo Ludwig, idealizador do anteprojeto do Edifício Querência, percebe-se um depoimento rico em fatos e vivências no modo de morar em Porto Alegre. Do médico Dr. Osvaldo Ludwig e do Sr. José Barcellos Rentzch, dono da Livraria Americana surgiu a idéia de construir um edifício de apartamentos para um grupo de pessoas que queriam reunir suas famílias para morar em lugar nobre e próximas entre si. O Dr. Ludwig foi em busca de um terreno que satisfizesse suas intenções e encontrou-o na Rua 24 de Outubro, onde não havia nenhuma construção e, além disso, perfeito para concretizar a sua idéia. Negociações feitas, hora de pensar no projeto. Amante da arte de projetar desde jovem, o Dr. Ludwig prontamente disponibilizou-se para lançar a concepção inicial do projeto arquitetônico. Depois de feito o anteprojeto, conforme o depoente, esse deveria ser devidamente desenvolvido para, posteriormente, ser aprovado na Prefeitura Municipal. Foi então que os proprietários chamaram dois arquitetos, um de São Leopoldo e outro de origem alemã, o arquiteto Erwin Brand, residente em Porto Alegre. Este último teria sido o responsável técnico pelo projeto arquitetônico. A Construção teria ficado a cargo da Empresa Tedesco (Fig.260).



Fig.260 - Perspectiva Edifício Querência.
Fonte: Acervo particular Dr. Osvaldo Ludwig.

Mas o Dr. Ludwig ressalta mesmo é a beleza da fachada e das proporções encontradas pelo arquiteto (Fig.261 e 262). Conta que foi questionada a possibilidade de ser recuado o primeiro pavimento para encontrar as tais proporções. Como este apartamento seria de propriedade do próprio Dr. Ludwig, ele prontamente aceitou a alteração da unidade em benefício da estética proposta por Brand. Então, o primeiro pavimento ficou desprovido da sacada na fachada frontal, para a Rua 24 de Outubro, fato que o morador atesta como sendo positivo, além dos benefícios estéticos do prédio como um todo, a sala social não teria os incômodos ventos da fachada sul, penetrando pela porta da sacada (Fig.263).



Fig.261- Edifício Querência. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Fig.262- Edifício Querência, fachada Rua 24 de Outubro. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Fig.263- Edifício Querência, detalhe fachada. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

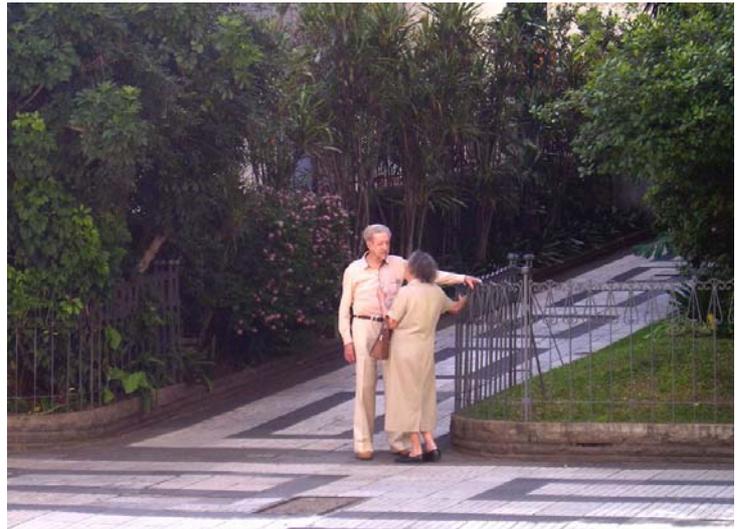
No depoimento do Dr. Ludwig, há um fato que mostra que o modo moderno de morar em um apartamento não foi assimilado de uma vez só (Fig.264 e 265). Natural de Canoas, mas descendente de alemães¹⁰⁴, o Dr. Oswaldo Ludwig conta o quanto gostaria de voltar a morar em casa, com “um chão e um jardim”. Já teria morado em apartamento no centro de Porto Alegre, mas suas recordações de habitar em casa eram ainda muito fortes. Então, ao surgir a oportunidade de morar neste novo empreendimento na Rua 24 de Outubro e, sendo ele o principal idealizador do projeto arquitetônico, solicitou aos seus companheiros que a unidade do primeiro pavimento fosse sua. A idéia foi prontamente aceita, porém, o Dr. Oswaldo Ludwig pensava além; ele tinha intenção de usufruir, privativamente, do terraço que estava situado

¹⁰⁴O Dr. Oswaldo Ludwig é da quarta geração de alemães. Seu bisavô teria vindo para Porto Alegre com um dos primeiros grupos de imigrantes, tendo estabelecido-se em Canoas, na conhecida Vila Mimosa, preservada até hoje. (Conforme entrevista com o Dr. Oswaldo Ludwig, em 10/02/05).

na fachada norte do prédio, cobrindo as garagens. Sua vontade foi aceita pelos demais; porém, a área era considerada de uso público e não poderia ser incorporada diretamente como sua propriedade. Então, por sugestão do Sr. Rentzch, o Dr. Oswaldo Ludwig faria uso durante algum tempo, e ao completar o tempo previsto por lei, faria uso dos benefícios da Lei do Uso Capião, tudo em concordância com os demais condôminos. E foi o que ocorreu.



264



265

Fig.264 - Edifício Querência, acesso principal. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.265 - Edifício Querência, Dr. Oswaldo Ludwig. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

O Dr. Oswaldo Ludwig queria, na verdade, um jardim para seu apartamento, a exemplo de uma casa, com terra, plantas, espaço ao ar livre, e usufruir do sol na melhor orientação. Será que temos aqui um exemplo do que o grande mestre Le Corbusier chamou de terraço-jardim? Se a resposta for positiva, deveríamos fazer as devidas adequações – por se localizar em um edifício, não deveria ser de uso público, ou este terraço era conceitualmente pertencente somente a uma residência unifamiliar? Sim, nos parece um terraço-jardim, mas com as apropriações do uso cotidiano de uma família que buscava adaptações ao novo modo de morar em Porto Alegre. Buscavam-se todas as melhorias da modernidade, sem deixar de lado as lembranças e tradições que dariam identidade à sociedade moderna. São novos modos de morar, modernos, por assimilar o edifício de apartamentos como a nova moradia das elites que habitavam coletivamente num mesmo terreno. Moderno também por usufruir o conceito do funcionalismo, no qual a máquina faz parte do cotidiano. A incorporação da garagem para os próprios automóveis é um exemplo; assim como os espaços internos, setorizados, mesmo que ainda com algumas dificuldades de acomodar todos os espaços provenientes do antigo casarão; porém, mantendo a distinção entre social,

íntimo e serviço, para que a unidade funcione perfeitamente bem, assim como uma máquina. Moderno pela concepção da cozinha, onde materiais contemporâneos revestem as paredes e forro rebaixado com ferro esmaltado, são utilizados para ressaltar a higiene e funcionalidade do espaço. Também os armários da cozinha americana, parecem que saíram dos anúncios da época, foram projetados e confeccionados por um marceneiro de Novo Hamburgo, em madeira de lei.

Projetado pelo mesmo autor do edifício vizinho Bela Vista, engenheiro civil Hélio Geremia¹⁰⁵, o Edifício Santa Luíza (Fig.266 e 267), cujo projeto é de 1948, possui semelhanças evidentes com o Edifício Bela Vista. Situado na Rua 24 de Outubro, nº 540, é um edifício de uso misto, o térreo é comercial e os pavimentos-tipo são residenciais. Os dois prédios possuem o mesmo número de pavimentos, além de localizarem no térreo o acesso para entrada de automóveis e algumas lojas junto ao acesso principal do edifício. Há também uma marcante simetria na fachada principal, o que não corresponde aos espaços internos dos apartamentos.



Fig.266 - Edifício Santa Luíza, à esquerda e a direita o Edifício Bela Vista. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.
Fig.267 - Edifício Santa Luíza, Dr. Oswaldo Ludwig. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

A planta do pavimento-tipo é dividida pela circulação vertical e de uso comum, separando os dois apartamentos, de cada andar, em de frente e de fundos. Os dois são praticamente iguais, diferenciando-se pela área maior do apartamento de frente da sala de almoço, da sala de costura e do sanitário social que o apartamento de fundos não possui.

¹⁰⁵ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 35129/48.

O setor social é servido por *hall*, estar, jantar e sacada, funcionalmente distribuídos para dar independência aos diferentes setores. O setor íntimo organiza os dormitórios e banheiro, e o setor de serviço, com entrada separada, é completo e está orientado para sudoeste.

A fachada principal é ornamentada aos moldes do historicismo, mantendo uma axialidade perfeita, que se estende desde a porta de acesso do edifício até o coroamento com um mastro vertical no eixo. A presença da curva é marcante nas sacadas, abraçando o volume central do edifício e oferecendo *status* e requinte às elites que moram neste local.

Localizado na Rua 24 de Outubro, o Edifício Bela Vista, datado de 1952, faz conjunto com o Edifício Santa Luíza, sendo responsável pelo projeto e pela construção, o engenheiro civil Helio Geremia¹⁰⁶. O Edifício Bela Vista tem também uso misto, térreo para fins comerciais e 8 pavimentos-tipo para fins residenciais.

A característica mais marcante do referido prédio, quando se analisa planta baixa e fachada, é falta de concordância entre estes elementos. A fachada expressa uma simetria perfeita balizada desde o térreo até o acesso principal, marcado por uma porta ricamente ornamentada em ferro, passa pelos pavimentos-tipo com a presença de uma vantajosa e curva sacada, ladeada por outras duas; e é coroada por uma platibanda cuja verticalidade é marcada por um mastro (Fig.268).

No entanto, o pavimento-tipo é categoricamente assimétrico. Dois apartamentos, um de dois dormitórios e um de três, são distribuídos funcionalmente, privilegiando a unidade maior. Todavia, a privacidade é mantida em ambos, tanto com relação aos acessos, social e de serviço, quanto na intimidade que é preservada na circulação para os dormitórios e o banheiro. A área social e a cozinha são proporcionalmente maiores na unidade com três dormitórios. O térreo é ocupado por lojas e o acesso para garagem que ocupa a parte posterior do bloco do edifício.

A fachada principal mostra a composição tripartite, sendo a base bastante ornamentada, especialmente no coroamento das lojas que marca a separação das

¹⁰⁶ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 15950/52.

funções com a presença de uma cornija de dimensões robustas. Em todos os pavimentos a ornamentação está presente, seja nos gradis de ferro que perfuram as sacadas, seja nos adornos aplicados nos panos de alvenaria que encimam as aberturas (Fig.269 e 270).



Fig.268 - Edifício Bela Vista, acesso principal. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.269 - Edifício Bela Vista, detalhe sacadas. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.270 - Edifício Bela Vista, ornamentação. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

É marcante o caráter do edifício adequadamente incorporado à sua composição, especialmente no que se refere ao *status* dos moradores que abriga. No bairro Moinhos de Vento uma das ruas mais suntuosas é a Vinte e Quatro de Outubro, e neste sentido o edifício cumpre com sua função de oferecer a imagem e o requinte que os moradores possuem. Porém, para início da década de 50, poderia se dizer que já é anacrônico se utilizar essa linguagem para demonstrar tal *status*. O imaginário coletivo, principalmente, se falarmos no grupo de arquitetos que desenvolveram a arquitetura moderna no Brasil, expressava esse *status* com uma linguagem mais contemporânea. Basta compararmos o Edifício Bela Vista com o Edifício Esplanada ou com o Edifício Armênia.

4.3.2 Flores da Cunha, Roma, Maximus

Construindo o movimento moderno junto ao centro da cidade, o Edifício Flores da Cunha (Fig.271) mistura linguagens e materiais de forma a demonstrar a transição pela qual passavam os arquitetos, os engenheiros e as respectivas construtoras. Na esquina da Rua Coronel Vicente com a Avenida Independência, o edifício mostra sua imponência no pavimento térreo, bem como na altura desenvolvida dos pavimentos residenciais. De uso misto, térreo comercial e 12 pavimentos-tipo residenciais, o declive do terreno propiciou a utilização do sub-solo para garagens. O projeto data de 1953 e consta como execução da obra a Empresa Azevedo, Bastian, Castilhos & Cia. Ltda., sendo o proprietário Mares da Cunha¹⁰⁷.

Certamente, é no pavimento térreo que a transição ocorre de maneira mais visível. Na fachada principal, voltada para a Avenida Independência, os pilotis ganham robustez através do material escolhido para expressar a base do edifício. Com as lojas e acesso ao prédio recuado, essa “quase galeria” nos faz sentir a proteção que o prédio Sulacap nos oferece na Avenida Borges de Medeiros. É a presença da galeria que, tão sutilmente, integrou o espaço aberto da modernidade ao espaço fechado das atividades públicas ou privadas no centro da cidade. Agora essa presença se faz sentir, em alguns edifícios, ao longo da Avenida Independência (Fig.272).

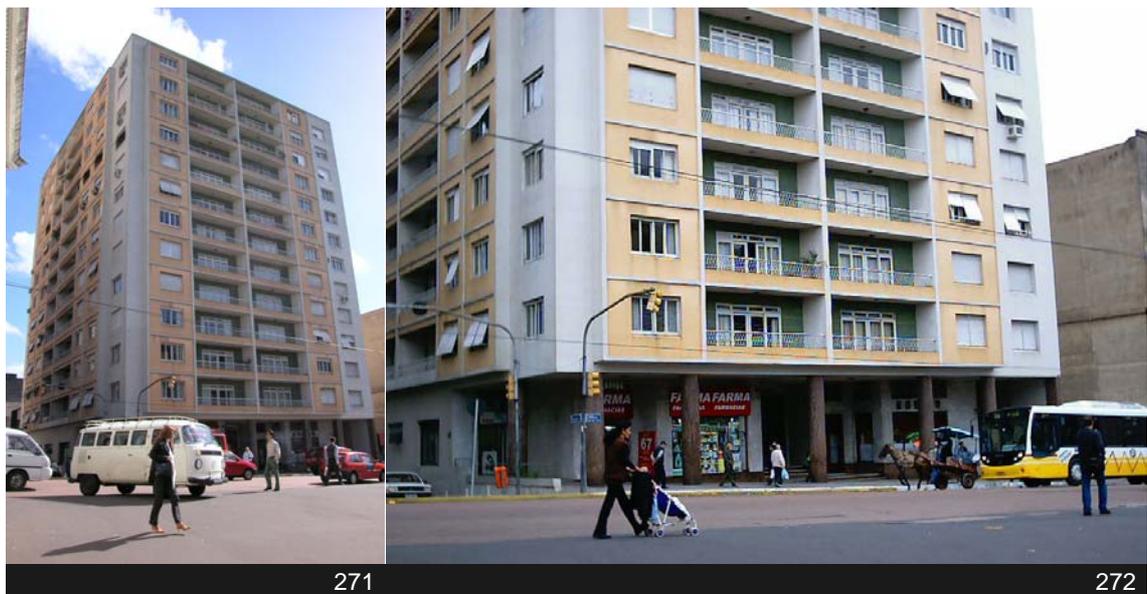


Fig.271 - Edifício Flores da Cunha. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo .

Fig.272 - Edifício Flores da Cunha, galeria no pavimento térreo. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

¹⁰⁷ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 5222/53.

O Edifício Flores da Cunha é dividido em dois blocos, cujos acessos aos pavimentos são independentes, sendo única a entrada no pavimento térreo. Cada bloco possui dois apartamentos de três dormitórios cada um e, uma novidade, um destes dormitórios é suíte, ou seja, tem um banheiro incorporado ao quarto. As salas de estar e jantar são amplas, sempre em composição com uma sacada. A área de serviço de cada unidade é completa, inclusive mantendo a separação do acesso de serviço e do social. Nem todos os dormitórios têm sacadas, a organização é feita conforme a composição volumétrica, atendendo aos aspectos formais da obra arquitetônica.

A fachada oeste possui uma interessante composição através de seus *brises*, que se apresentam nas sacadas oferecendo proteção com relação a essa orientação. Certamente, quando o edifício foi projetado a ocupação da vizinhança oferecia uma vista e uma habitabilidade diferentes da que se encontra hoje no prédio. Neste sentido, é oportuno comparar essa solução com a utilizada pelo arquiteto Ari Mazzani Canarin, no Edifício Armênia. Com a mesma orientação, porém com a praça à sua frente, o arquiteto utilizou os *brises-soleils* na proteção das sacadas dos dormitórios (Fig.273).

O coroamento do edifício é dado pelas torres de circulações verticais, através de dois volumes curvos, com proporções harmônicas e que acompanham as formas e volumes do núcleo vertical (Fig.274).



Fig.273 - Edifício Flores da Cunha, coroamento. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.274 - Edifício Flores da Cunha, fachada. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo .

O Edifício Roma (Fig.275 e 276) localiza-se na esquina da Rua 24 de outubro com a Rua Hilário Ribeiro. Além da sua excelente localização, possui dois fatores que valorizam ainda mais a edificação: o tamanho dos apartamentos e a cuidadosa composição formal das fachadas.

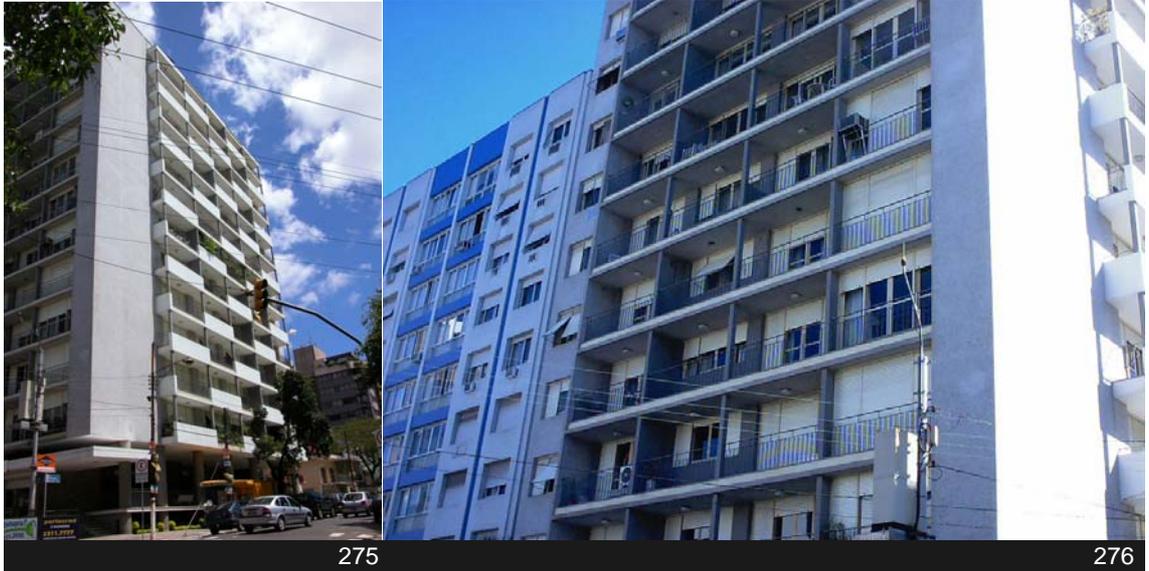


Fig.275- Edifício Roma, coroamento.
 Fonte: Fotos acadêmico João Gallo.
 Fig.276- Edifício Roma, fachada.
 Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

É um prédio de grandes proporções, com térreo mais doze pavimentos-tipo. Também de grandes proporções são os dois apartamentos de cada andar. Especialmente, o de esquina possui uma ampla área social com jardim de inverno e gabinete, além de ampla sala de estar e de jantar. Os dormitórios são amplos, sendo um deles composto por suíte. A área de serviço também é bastante generosa, com copa e cozinha separadas, dependência completa de empregada e mais uma lavanderia.

O apartamento de frente para a Rua 24 de Outubro tem dimensões menores, mas a setorização é também priorizada. Ambas unidades possuem entradas separadas: social e de serviço (Fig.277 e 278).

Os apartamentos são dotados de sacadas que articulam uma composição com seus panos fechados e grades que dão um movimento especial para a fachada da Rua Hilário Ribeiro.

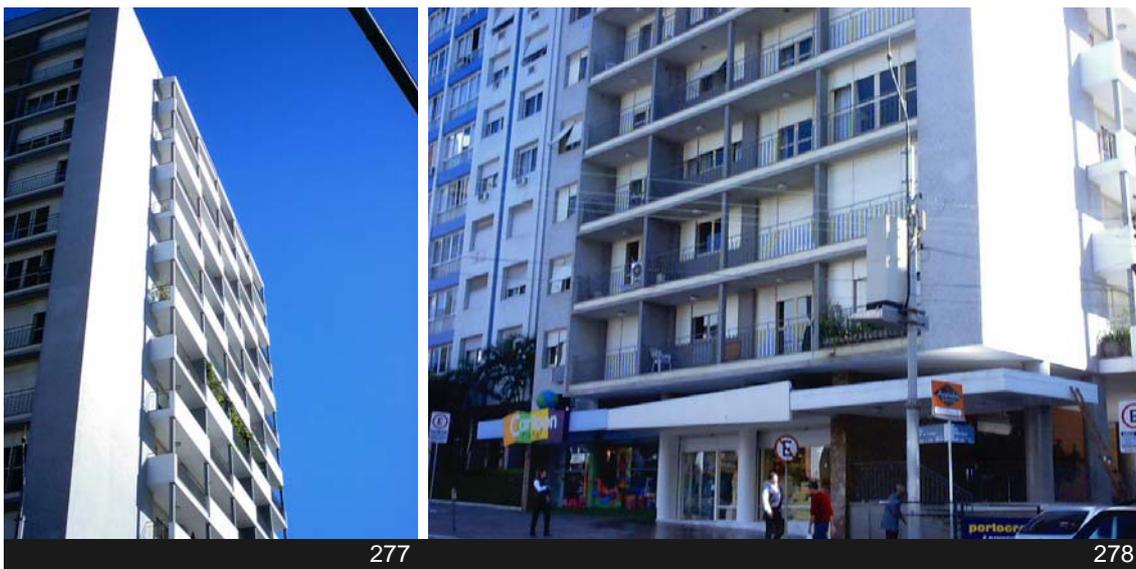


Fig.277- Edifício Roma, detalhe fachada. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.
 Fig.278- Edifício Roma. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs .

O Edifício Maximus encontra-se na Rua 24 de Outubro esquina Rua Fernando Gomes. É um prédio de situação privilegiada, principalmente, por sua frente estar voltada para os jardins da Hidráulica Moinhos de Vento (Fig.279 e 280). Embora o acesso se dê pela rua mais importante, a Rua Vinte e Quatro de Outubro, a fachada principal se volta para a mais ampla vista. Ainda que a orientação solar não é a mais favorável, a noroeste, mas é a melhor entre as fachadas disponíveis.



Fig.281- Edifício Maximus. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.
 Fig.282- Edifício Maximus, detalhe fachada. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

A construção do edifício foi responsabilidade da Empresa Tedesco e Cia. Ltda., com a assinatura do engenheiro civil Ruy A A Tedesco¹⁰⁸, cujo projeto arquitetônico data de 1956.

É um edifício de grandes proporções, com onze pavimentos-tipos, que abrigam dois apartamentos iguais de dois dormitórios por andar. Estas unidades possuem uma diferença se comparadas com a maioria dos edifícios da mesma época: não há entrada de serviço separada da social. O acesso é o mesmo, mantendo uma porta para o comedor que fica junto ao *hall* de entrada.

O setor social é bastante valorizado, não só pelas suas dimensões, mas pela composição dos espaços integrados entre si. O *hall* de entrada, que se configura como uma pequena saleta, faz a ligação entre os cômodos íntimos, sociais e de serviço. Amplas salas, de jantar e de estar, são interligadas também com o terraço. Há um jardim de inverno que faz a transição daqueles espaços e os dormitórios. É o que hoje chamaríamos de estar íntimo. Um dormitório é servido por um terraço e por um banheiro, caracterizando a suíte, e os demais são servidos por outro sanitário. O setor de serviço possui comedor, cozinha, terraço e dependência de empregada completa.

As fachadas (Fig.281 e 282), através do uso de pastilhas de diversas cores, criam uma composição harmônica. Este mesmo material é usado para diferenciar os panos das fachadas que são reentrantes ou os terraços que são salientes. Há também a presença de uma grelha na fachada da Rua Fernando Gomes que demarca as diferentes partes da fachada, e que oferece um colorido não usual à paisagem urbana.



Fig.281 e 282 - Edifício Maximus, detalhe esquadria. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

¹⁰⁸ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 17386/56.

O pavimento térreo, com altura elevada abriga em sua composição um mezanino e apresenta lojas voltadas para a Rua Vinte e Quatro de Outubro. O acesso ao edifício de apartamentos é pela rua Fernando Gomes, bem como a entrada para a garagem.

4.3.3 Independência, Santo Ângelo, Oiapoc-Chuí.

Ocupando um lote longitudinal (Fig.283), o Edifício Independência traz o tom da modernidade que a avenida de mesmo nome carrega. Não só pela aparência de verticalidade que se apresenta na fachada principal, inclusive com janelas nesta mesma direção, mas, principalmente, pela racionalidade ímpar dos seus apartamentos, cobertos por uma linguagem que mistura a nobreza e o *status* já conhecidos do historicismo, com a simplicidade de formas característica do racionalismo (Fig.284 e 285).



Fig.283 - Edifício Independência.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.284 - Edifício Independência, detalhe esquadrias.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.285 - Edifício Independência, detalhe sacadas.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Neste edifício, o pavimento térreo era originalmente dedicado a apartamentos e não a lojas. Percebe-se essa característica pelas aberturas e divisões internas das atuais unidades dedicadas ao comércio. Os oito pavimentos-tipo possuem a solução conhecida de separar os dois apartamentos de frente com a circulação vertical, escada e elevadores, dos dois apartamentos dos fundos. O eixo de simetria que corta a planta baixa em duas metades é rigoroso, fazendo com que em cada pavimento se apresente dois tipos de apartamentos. Os apartamentos de frente compartilham um poço de ventilação para vestíbulo e banheiro. Possuem uma área maior que a dos apartamentos de fundos, que não possuem nem as sacadas nem a sala de jantar com as mesmas dimensões.

É elogiável, contudo, a racionalidade com que o projeto apresenta a distribuição dos cômodos em cada setor funcional. O projeto arquitetônico é de autoria do engenheiro civil Hélio Geremia e a construção é da Empresa Toigo, Geremia e Cia. Ltda. Compactos, cada setor se desenvolve com o mínimo de circulação possível, e perfeitamente integrados um com relação ao outro. O setor de serviço junto do acesso ao apartamento, o setor social no centro da unidade e setor íntimo no ponto mais distante do acesso social.

A volumetria do edifício é bastante recortada, atendendo às dimensões dos cômodos, sendo os dois volumes dos apartamentos visivelmente distintos. As três fachadas do bloco frontal são bastante trabalhadas, seguindo a composição tripartite de base, corpo e coroamento, ressaltando a verticalidade como já foi citado anteriormente. Os elementos decorativos do coroamento superior lembram os acabamentos dos edifícios que buscavam delinear o *sky line* das cidades com a chegada da modernidade. A porta de acesso ao prédio é monumental, tanto pela escada que a eleva do nível da calçada e como pelos materiais nobres que utiliza para revestimento: mármore, granito e ferro.

O Edifício Santo Ângelo (Fig.286) está situado no centro da quadra da Avenida Independência, no nº 798, em lote tradicional, onde a opção pela implantação foi a de centralizar o edifício, liberando as laterais para ventilação e iluminação. Isto só não ocorre na frente e nos fundos do lote, onde o setor íntimo ocupa de divisa a divisa o lote. A execução é da Construtora Medaglia S. A.

De uso misto (Fig.287), no pavimento térreo possui uma loja, cada um dos dez pavimentos possui três apartamentos de três dormitórios. O de frente é privilegiado em área e distribuição, e os dos fundos se adaptam ao espaço.

A fachada da Avenida Independência (Fig.288 e 289) é bastante simples, e usando o elemento da grelha, oferece uma composição simétrica e equilibrada. O material usado no revestimento é a pastilha, muito usada na época. É um dos únicos casos estudados que apresenta diferenças tão grandes entre os apartamentos de cada pavimento.



Fig.286 - Edifício Sto Ângelo. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.287 - Edifício Sto Ângelo, atividade comercial no térreo. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.288 - Edifício Sto Ângelo, fachada Av. Independência. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.289 - Edifício Sto Ângelo, detalhe sacadas. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

O nome do edifício - Oiapoc-Chuí (Fig.290 e 291) - é bem sugestivo. Talvez possa se fazer a relação do nome com sua implantação urbana. É um edifício de implantação peculiar na cidade, pois ocupa duas frentes de importantes ruas – Vinte e Quatro de Outubro e Mostardeiro, em lote estreito. Pode-se fazer uma comparação com o Edifício São Gabriel do arquiteto Egon Weindorfer, situado na Avenida Cristóvão Colombo e Rua dos Andradas, embora seu lote não seja tão estreito.

O tipo edilício é misto, sendo dedicado o térreo da Rua 24 de Outubro à uma loja, e os treze pavimentos-tipo a apartamentos. O projeto arquitetônico, data de 1953, e a construção são do engenheiro civil Paulo Ricardo Levacov, de propriedade da Imobiliária Iguaçu Ltda. e outros¹⁰⁹.

Cada pavimento contém dois apartamentos idênticos de frente, pela situação urbana, com três dormitórios cada um. Estão separados pelo conjunto de circulação vertical e horizontal de uso comum. Essa circulação oferece entrada de serviço separada da social, incluindo elevadores para cada setor.

Os apartamentos não possuem uma área social grande, pois há apenas uma sala dedicada ao estar e uma sacada de pequenas proporções. Na área de serviço, há a cozinha e o comedor integrados e dependência de empregada completa. O setor íntimo organiza os três dormitórios em torno do banheiro, único social, sendo separado completamente das demais áreas.

As fachadas são simples (Fig.292 e 293), porém com uso de pastilhas cerâmicas de composição harmônica. Há um rigor geométrico que destaca a estereotipia das formas. Como a Rua Vinte e Quatro de Outubro é mais elevada que a Mostardeiro, essa ganha dois pavimentos que são dedicados um a garagem e outro a um apartamento.



Fig.290 - Edifício Oiapoc-Chuí. Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.291 - Edifício Oiapoc-Chuí. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.292 - Edifício Oiapoc-Chuí, detalhe esquadrias. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.293 - Edifício Oiapoc-Chuí, acesso principal. Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

¹⁰⁹ Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre - processo nº 44254/53.

4.3.4 Santa Tecla, Rio Grande do Sul

O Edifício Santa Tecla (Fig.294 e 295) possui uma implantação curiosa em lote no meio do quarteirão, desenvolve-se longitudinalmente em relação à Avenida Independência. Na verdade, o acesso pela avenida é feito pelos fundos do prédio. É um dos poucos edifícios com uso exclusivamente residencial. Segundo Luccas¹¹⁰, o projeto inicial data de 1953, e teve a autoria do arquiteto Edgar Guimarães do Valle, contratado no centro do país.

Seu partido arquitetônico configura-se como uma barra, adicionada por um volume curvo ocupado pela circulação vertical, com 23 pavimentos-tipo. De divisa a divisa, as fachadas norte e sul são as que oferecem ventilação e insolação aos cômodos, isso sem falar na bela vista que a área social e a maioria dos dormitórios usufruem quanto mais alto o pavimento (Fig.296).



Fig.294 e 295- Edifício Sta tecla. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Fig.296 - Edifício Santa tecla, acesso principal. Fonte: Acervo Maturino da Luz.

Cada pavimento é dividido em dois apartamentos, setorizados, social, íntimo e serviço, com amplos compartimentos racionalmente distribuídos. Dois elevadores sociais voltam-se para o *hall* de entrada de cada unidade, e um de serviço separa a circulação e o acesso, como já é tradicional nos apartamentos das elites.

¹¹⁰ LUCAS, 2004, p. 158,160.

O primeiro item a ressaltar é a localização privilegiada do Edifício Rio Grande do Sul, na Rua Vinte e Quatro de Outubro, em frente ao sítio em que, posteriormente, seria construído o Parcão, para onde está voltada a área de estar dos apartamentos. É uma vista ampla que contempla a vegetação ali implantada; além dos moradores usufruírem a perimetral que faz ligações com os bairros da cidade. É um projeto com pavimento térreo e 11 pavimentos-tipo.

O Edifício Rio Grande do Sul é mais um edifício para as elites de Porto Alegre, porque possui um amplo apartamento por andar, com três dormitórios, gabinete e área social. A planimetria de cada unidade é compacta, priorizando a privacidade das diferentes áreas funcionais e de sua habitabilidade. Todos os cômodos são atendidos por ventilação e iluminação naturais, exceto a lavanderia, e o banho de empregada e a circulação vertical de uso comum. A circulação de uso comum possui, além da escada, dois elevadores e está localizada no centro do edifício, oferecendo a oportunidade da circulação horizontal se desenvolver no interior do apartamento. A volumetria do edifício é bastante interessante, pois apresenta referências do movimento moderno, soltando a área de estar do volume mais pesado através de fachadas livres e horizontais (Fig.297, 298 e 299).



Fig.297 - Edifício Rio Grande do Sul.

Fonte: Fotos Acadêmico João Gallo.

Fig.298 - Edifício Rio Grande do Sul, detalhe fachada.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

Fig.299 - Edifício Rio Grande do Sul, acesso principal.

Fonte: Fotos Acadêmico Riggs.

4.4 Modos de morar nos apartamentos da Independência e 24 de Outubro.

Quando se fala em apartamentos da década de 50 na radial Independência/24 de Outubro não se pode deixar de relacionar com as expressões: tradição e modernidade. Que o edifício de apartamentos nos bairros era uma novidade neste período não se tem dúvida. Porém, quais aspectos novos apareceram nestes exemplos com relação aos já existentes no centro de Porto Alegre? Como foram integrados aos hábitos já tradicionais das elites porto-alegrenses? Será que inseriram novas rotinas ao cotidiano familiar?

Os modos de morar em apartamentos na radial Independência/24 de Outubro sofreram, sim, alterações ao longo da década de 50. Contudo, alguns hábitos já haviam sido sedimentados ao longo do surgimento dos apartamentos em Porto Alegre e foram mantidos ou ajustados para receber novas modificações.

Higiene e salubridade eram requisitos presentes nos projetos residenciais desde que as alcovas passaram a ser quartos ou dormitórios. Nos apartamentos da década de 30, estes requisitos se mantiveram. Tanto que para facilitar o acesso a área de serviço da unidade, esta se deslocou para a parte da frente, e não mais permaneceu nos fundos.

Outro aspecto que se tornou característico nos edifícios de apartamentos brasileiros, e também em Porto Alegre, é a separação dos acessos de serviço e social nas portarias dos prédios, sempre que possível, mas principalmente em cada apartamento. Em praticamente todos os exemplos estudados esta distinção é feita, sedimentando, assim, modos de morar hierarquizados próprios dos brasileiros, que tiveram sua representação nos prédios das elites porto-alegrenses.

O terceiro aspecto tradicional da moradia que foi assimilado pelos edifícios de apartamentos foi a carta de apresentação do dono da casa, digo, do apartamento: o *hall* de entrada. Nos estudos de Lúcia Géa aparece a constatação que o vestíbulo dos casarões da Avenida Independência era o espaço da moradia que representava o *status* e a cultura do dono da casa. Essa tradição foi incorporada aos apartamentos das elites na referida radial. Pode ser comprovada pelas dimensões deste espaço, que mantiveram uma escala proporcionalmente igual a anterior, nos casarões. Ainda pode ser comprovado pelo depoimento dos moradores,

que apresentam o vestíbulo do seu apartamento com todo requinte de decoração, é necessário que esteja a altura de recepcionar seus convidados.

A utilização de um apartamento em cada pavimento dos edifícios é próprio dos grupos de elites da sociedade. Em alguns exemplos encontram-se apartamentos com as quatro fachadas livres das divisas e com acesso privativo pelo elevador social. A única relação que um apartamento possui com o outro e através da escada e elevador de serviço.

Separação entre os diferentes setores, social, íntimo e serviço foi uma conquista atingida nas obras executadas daquele período. A consagração desta divisão deve-se a um aspecto já conhecido, porém reinterpretado. A privacidade é buscada através da setorização, que concentra os sons na área de serviço, que com os eletrodomésticos cada vez aumentam mais. Oferece maior privacidade ao setor íntimo, dos dormitórios, que se concentram normalmente em torno do banheiro, sem relação visual direta com o setor social. Este, por sua vez, sempre próximo à entrada da unidade, mantém o ar oficial e cerimonioso para as visitas. A teoria do funcionalismo influenciou na vida cotidiana as relações da família. Em primeiro lugar, a independência entre os setores da habitação, proporciona que as pessoas entrem e saiam sem passar por todos os setores, fazendo com que a moradia funcione perfeitamente, como uma máquina.

Uma novidade deste período é a criação da suíte. Alguns apartamentos estudados, com três dormitórios começaram a comportar um conjunto de dormitório com banheiro, além do sanitário servente aos demais quartos. Novamente a idéia de intimidade e privacidade, no caso, para o casal, é oferecida com o aumento da área úmida da unidade. Em alguns exemplos, a área social passa a oferecer também um lavabo, um pequeno banheiro somente para visitas, ou que atenda a área social do apartamento.

Uma característica marcante é a fachada principal que oferece prioridade para o social e para o íntimo. Os compartimentos voltados para as fachadas nobres dos casarões eram, via de regra, os sociais, as salas, gabinetes e vestíbulos de entrada. Com a verticalização dos prédios, foi possível usufruir mais destas frentes, especialmente, em cômodos que exigiam privacidade como os dormitórios. Além disso, as orientações solares das fachadas de frente para os logradouros, muitas vezes, eram as mais favoráveis à insolação matinal, por exemplo. Essa exigência

também pode ser atendida. Entretanto, alguns compartimentos de serviço, como sanitários ou mesmo áreas de serviço, às vezes necessitaram enfrentar a fachada principal. A solução foi elegante e econômica. Elegante porque usou elementos da arquitetura moderna – os *brises soleil* – conhecidos da arquitetura corbuseana para manter a nobreza da fachada e dar privacidade para tais espaços tão reservados na unidade. Econômica, porque possibilitou a subdivisão dos pavimentos em um número maior de unidades, atendendo à demanda da sociedade e/ou à especulação imobiliária.

Para finalizar esse capítulo, não se pode deixar de assinalar as duas correntes visivelmente diferentes apresentadas nos projetos de edifícios de apartamentos analisados. Uma é representada pelos arquitetos com ideais modernos. A outra é representada pelos engenheiros e construtores com tradições muito fortes, especialmente na composição formal dos edifícios. Além do debate de idéias entre os próprios arquitetos, como foi visto no primeiro capítulo, há também um debate construído sobre a forma de morar das elites. Engenheiros e construtores construindo linguagens baseadas no historicismo; arquitetos locais ou estrangeiros, apresentando linguagens arquitetônicas de vertentes modernas.

CONCLUSÃO

Levando-se em consideração o problema central que norteou a presente tese a articulação do espaço e do tempo agiram para que os edifícios de apartamentos da Avenida Independência e Rua Vinte e Quatro de Outubro imprimissem novos modos de morar, ditos modernos, para as elites porto-alegrenses. Para tal, nos apoiamos na nova história urbana, buscando desenvolver a análise dialética entre a arquitetura e a sociedade, e a cidade e o edifício. Estas duas categorias, cidade e edifício, no século XX, nos apresentaram outra dualidade entre engenharia e arquitetura, que trouxe à tona a problemática do significado da cidade. Partindo do pressuposto que a construção da história urbana é um processo em constante revisão, a presente tese buscou confrontar projetos urbanos e arquitetônicos e ideais dos profissionais com a cidade existente, que foi realmente construída.

Quanto aos resultados atingidos, têm-se algumas considerações a fazer. Os materiais encontrados no jornal Correio do Povo e Folha da Tarde, reportagens, notícias, anúncios e muitas imagens, fotografias e desenhos de projetos, nos apontam algumas conclusões. A primeira conclusão diz respeito à importante posição que a arquitetura atingia na década de 50, provavelmente, conquistada de forma gradual, ao possuir um espaço, periódico para sua divulgação, em um dos jornais mais importantes do sul do Brasil. A segunda conclusão está relacionada com a anterior: a grande maioria, para não dizer a totalidade, das reportagens se referem à arquitetura moderna.

A terceira conclusão pode ser relacionada com a sociedade da época. Tanto nos Salões do IBA (Instituto de Belas Artes), como na Revista do Globo, a divulgação de uma nova Estética era direcionada à sociedade e estava ao seu alcance, mesmo que atingisse diferentes e específicos públicos. Mas, quando se trata de um jornal conceituado e de grande circulação não se tem dúvida da abrangência e da forte atuação reflexiva artística (no caso, arquiteto) e sociedade. Assim, a arte começa a libertar-se de suas ligações e funções tradicionais, para redescobrir a arte, que busca seu próprio espaço público, as revistas, os salões, os jornais.

Aliando o plano das idéias às realizações arquitetônicas, não se pode deixar de assinalar as duas correntes visivelmente diferentes apresentadas nos projetos de edifícios de apartamentos analisados. Uma é representada pelos arquitetos com

ideais modernos de vertente ou não corbuseana; a outra é representada pelos engenheiros e construtores com tradições muito fortes, especialmente na composição formal dos edifícios. Além do debate de idéias entre os próprios arquitetos como foi visto no primeiro capítulo, há também o debate construído, ou seja, as idéias materializadas nas obras, sobre a forma de morar das elites. Engenheiros e construtores erigindo edifícios com linguagens baseadas no historicismo; arquitetos locais ou estrangeiros, apresentando linguagens arquitetônicas de vertente moderna, sejam a do proto-racionalismo, a do neocolonial, com influências de Lúcio Costa, ou ainda a do racionalismo.

No plano da materialidade, a cidade do território material, nos apresentou uma convivência de tempos históricos que se ajustaram ao longo dos períodos. Convivências de diferentes tipologias: casa, sobrado, edifício de 4 pavimentos, edifícios de mais de 10 pavimentos, encostado nos limites, torres soltas no lote, casarões com torres nos fundos.

O Plano Diretor de 1959 suscitou um acirrado debate na cidade. Muitos foram os fatores que possibilitaram esse panorama. Mas três destes fatores devem ser apontados aqui como uma resposta, aos dados analisados anteriormente. O primeiro está no âmbito da cidade. O desenvolvimento das etapas de planejamento de Porto Alegre certamente tem sua parcela de responsabilidade. O Plano Diretor de 1959 imprimiu diretrizes que marcaram profundamente a forma urbana. A intenção de criar um novo parcelamento do solo seria desastroso se tivesse sido colocado em prática. Isso porque teria apagado todos os vestígios desta parcela da cidade já existente e da memória dessa sociedade. O Plano Diretor de 1959 propunha, neste sentido, um redimensionamento dos lotes, buscando ampliá-los para implantar a arquitetura moderna, do tipo “torre no parque”, ou seja, edificação isolada em um amplo terreno. Bem, a respeito destas indicações, já se teve a experiência do próprio Le Corbusier, em seus planos urbanísticos, o projeto para a cidade de três milhões de habitantes, o *Plan Voisan* para Paris, a *Ville Radieuse*, que não foram postos em prática devido ao seu despropósito, especialmente o de Paris, que romperia com a escala urbana secular existente. Com isso, não se quer dizer que tais diretrizes não pudessem ser aplicadas e com sucesso. Porém, não se tem dúvida que a localização deste tipo de parcelamento, característico do movimento moderno, não seria a adequada, em um projeto de uma parcela da cidade já loteada e tradicionalmente utilizada como um sítio urbano incorporado às vivências das elites, no caso. Talvez essa proposta de ampliação para a cidade seria bem

recebida, onde novas circunstâncias e sociabilidades estivessem sendo elaboradas pela coletividade.

E embora esse parcelamento não tenha sido executado, os limites de áreas construídas, alturas e ocupação do solo causaram cicatrizes urbanas que jamais serão apagadas. A intenção era coerente e buscava a solução de um problema que era contemporâneo: o crescimento da população, a modernidade e, por sua vez, a necessidade cada vez maior de aproveitar os melhores e mais privilegiados locais da cidade. Sem entrar na questão da especulação imobiliária, a idéia de cidade funcional seria a solução, se partíssemos do princípio que partes da cidade seriam *completamente demolidas* e reconstruídas aos moldes previstos.

Utopia, talvez. O que se verificou foi a implantação, em muitos terrenos da radial das elites, justamente porque estas elites tinham condições econômicas de financiar tais alterações, como por exemplo os índices e as previsões do Plano Diretor. E isto é facilmente explicável. Por motivos que não nos cabe analisar neste trabalho, pois foge ao período escolhido, a cidade não parou, a radial se estendeu ainda mais, as novas elites foram se estabelecendo em diferentes locais, no caso, o bairro Boa Vista seria o próximo. E a radial Independência/24 de Outubro ficou com o projeto interrompido porque as elites continuaram “caminhando”, buscando áreas privilegiadas – tradicionalmente usadas pelas elites ou fisicamente privilegiadas, como no topo da cidade, com boa insolação e ventilação e oferecendo visuais amplas para a paisagem urbana - para se fixarem. Assim, a Rua Duque de Caxias transferiu seu *status* para a Avenida Independência, que por sua vez, o fez à Rua Vinte e Quatro de Outubro, que por sua vez, o fez ao bairro Boa Vista, Higienópolis, e assim por diante. O projeto urbano ficou interrompido porque não se teve tempo para implantar completamente a verticalidade na radial em estudo, para que então se pudesse fazer uma apreciação completa das idéias debatidas.

Levantou-se a hipótese dos modos de morar modernos estarem em relacionados à situação urbana, ao espigão da cidade, ao local privilegiado, com boa vista, próximo ao centro da cidade que era cobiçado pelas elites de Porto Alegre. Mas, além da localização, os espaços internos desta moradia deveriam ter dimensões grandiosas, mas assimilando o funcionalismo em sua distribuição. Esses modos de morar modernos foram alardeados pela imprensa local, através da publicidade dos projetos arquitetônicos e das construções que poderiam manter o *status* desta elite; e mais, com a possibilidade de incorporar a garagem para seu

automóvel, máquina essencial para todo *ser moderno* da metade do século XX. Neste caso, é fundamental lembrar a ideologia modernista que associa a concepção clássica de modernidade à construção de uma imagem racionalista do mundo que integra o homem na natureza. Pode-se indicar que, de certa forma, a felicidade das elites porto-alegrenses estariam sendo apresentada, através da imprensa, pelo progresso que as máquinas traziam consigo para dentro do apartamento. A busca pelo gosto e pelo prazer é próprio da modernidade. O homem que usufrui as inovações técnicas e que incorpora aos modos de morar essas facilidades do mundo industrial passa a fazer parte deste universo. E essa inserção na modernidade lhe confere *status*, próprio das elites que podem financiar os modos modernos de morar.

O patrimônio arquitetônico da radial Independência e 24 de Outubro caracteriza um acervo construído na cidade de Porto Alegre que registra, através da sua materialidade, a importância deste momento em que ocorreu o processo da assimilação dos modos de morar modernos. São os apartamentos desta radial que indicam, por sua área construída, por seu funcionalismo interno, pela verticalidade de seus prédios, pela linguagem arquitetônica expressa em seus volumes em suas fachadas os modos de morar de sua sociedade. Este patrimônio, estudado nesta tese, deve ser apreciado e mantido o seu respeito. Um patrimônio que expressa o momento de modernidade das elites porto-alegrenses.

Com a introdução destas idéias pretende-se abrir um novo campo para futuras pesquisas, mas essencialmente salientando a importância e a necessidade de preservar as edificações modernas, pois essas representam as concepções arquitetônicas e da própria sociedade que são fundamentais para a história da cidade.

Foi apresentada anteriormente a polêmica entre Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff que tratava da estética da arquitetura moderna. Mas será que a construção da cidade, especialmente da radial, teve tempo para assimilar o conteúdo importantíssimo da polêmica em questão? Ou será que foi atropelado pelo *boom* imobiliário, que buscava a todo custo oferecer habitação, para as elites, na Independência/24 de Outubro?

Os lugares, por apresentarem-se como construções simbólicas, representam uma série de valores, evidenciando uma organização econômica, que por sua vez se refere a uma estrutura social que se realiza através de modos de vida

característicos, configurando, assim, práticas culturais. E, participar de uma cultura é estar em casa, dentro dela, dominando seus códigos classificatórios.

A questão da relação entre o centro/bairro fica clara através da história dos bairros através de suas principais vias. Se é certo que a radial Independência/Vinte e Quatro de Outubro estabeleceu um desenvolvimento no sentido centro/bairro, não poderíamos dizer o mesmo com relação ao desenvolvimento e ocupação do bairro. Com o Bairro Moinhos de Vento poderíamos dizer que sua ocupação se deu no sentido bairro/centro, visto que a Praça São Manoel e sua capela, o Prado Independência, mais tarde o Parcão, a Igreja Auxiliadora com seu casario ao redor, foram equipamentos e serviços urbanos, como hospitais, escolas e cinemas, que vinham se estabelecendo de forma quase independente do centro. Desta forma, nos anos 50, verificamos o início da instalação efetiva desta auto-suficiência do bairro.

O tema da verticalidade está intimamente ligado à modernidade: morar em uma torre de apartamentos é diferente de morar em um casarão. O elevador era um equipamento demasiado caro. Portanto, morar em edifícios de apartamentos, especialmente as torres, também passou a significar uma forma de morar das elites.

As relações dos edifícios de apartamentos com os espaços abertos ocorreram, especialmente, nas esquinas da radial. A configuração das esquinas do bairro Independência indica que o imaginário urbano, semelhante ao do centro da cidade, estava presente. Nas esquinas da Avenida Independência com as ruas Garibaldi, Santo Antônio e Tomás Flores, os usos no pavimento térreo estavam sempre direcionados à prestação de serviços. É como se o caminhar no centro da cidade, com suas lojas e atrativos comerciais se estendessem pela Avenida Independência. Agrega-se à questão do uso comercial a incorporação do uso de pilotis, propiciando uma sociabilidade urbana que aliou o tempo – moderno - ao o espaço público da cidade – estendida pela avenida Independência. O passeio dos cidadãos que era realizado no centro de Porto Alegre, nas décadas de 30 e 40 protegidos pelas galerias comerciais, como a Galeria Chaves, ou mesmo junto à Avenida Borges de Medeiros nas galerias do Edifício Sulacap, por exemplo, nas décadas de 50 e 60, pode ser verificado na Avenida Independência, especialmente nas esquinas acima citadas. Da galeria ao pilotis, o porto-alegrense se movimenta no espaço semi-aberto da cidade que vem tradicionalmente do centro e se incorpora ao bairro dessa radial.

No âmbito privado do apartamento destacam-se algumas considerações. As alterações nos modos de morar modernos, no interior dos apartamentos, ocorreram devido, principalmente, à funcionalidade da concepção projetual. E esse processo ocorreu paulatinamente, desde as primeiras décadas do século XX, quando os edifícios de apartamentos foram implantados em Porto Alegre. Na década de 50 acentuam-se as características de setorização da habitação – setor social, íntimo e serviço – reforçando a convicção da época em torno da teoria do funcionalismo; de uso de equipamentos e máquinas, especialmente na cozinha, fazendo com que esse fosse um dos cômodos mais instigantes para o projeto dos arquitetos; de uso de materiais como expressão estética – tanto na cozinha, como no setor social.

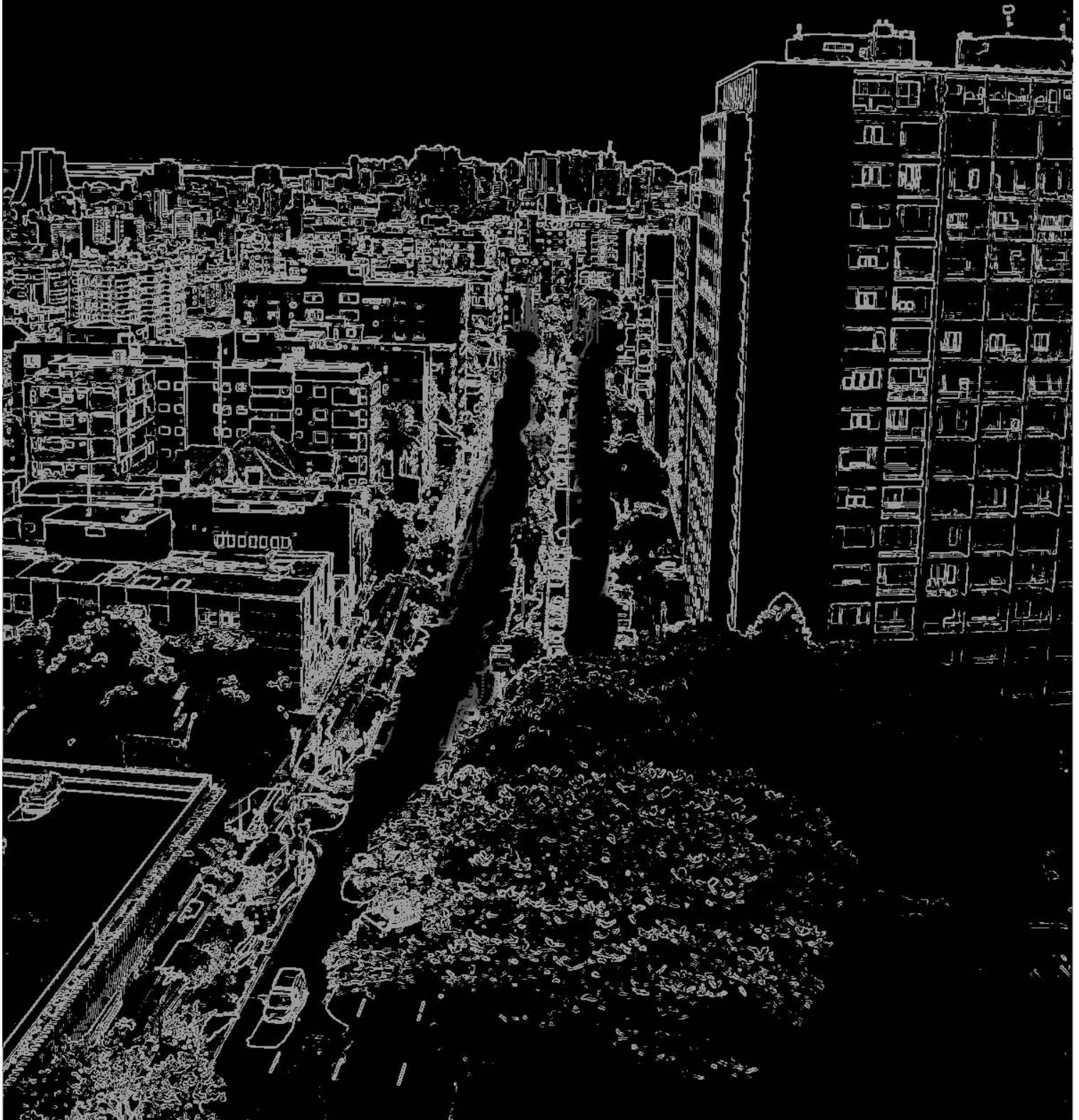
A partir das ênfases às máquinas, equipamentos e eletrodomésticos que a cozinha foi assimilando com os modos modernos de morar, ressalta-se o poder que a mulher adquiriu. Os anúncios em jornais e revistas tinham como público alvo o gênero feminino. A dona de casa, aos poucos se adapta as novas condições da vida moderna; muitas vezes, precisando sair de casa, em horários que normalmente cuidava dos afazeres domésticos, para trabalhar e aumentar a renda da família. Além disso, um novo *status* e significado aparecia com esta independência da mulher moderna. As famílias a quem se dirigem os anúncios em questão são aquelas das elites da cidade que habitam nos bairros em desenvolvimento e buscam adequar-se aos novos modos de morar que os apartamentos dos anos 50 oferecem. A própria cozinha altera sua dimensão para menor, em função das áreas disponíveis nos edifícios e pelo valor dos imóveis em zonas altamente valorizadas. As mensagens nos anúncios são apresentadas pedagogicamente, ou seja, tentando ensinar a dona de casa como são os novos modos de morar, modernos, mais práticos, mais econômicos e mais eficientes. As ilustrações e as imagens apresentadas como exemplos são de fundamental importância para reforçar o aprendizado das mulheres. A propósito, as revistas da época e as edições especiais das enciclopédias dedicadas à mulher, eram oferecidas como presente dos noivos para as futuras esposas que, depois de casadas, apresentavam o conteúdo ricamente ilustrado para suas filhas, que desde crianças se acostumavam com as novas maneiras e formas práticas de manter as residências.

Para finalizar, retorna-se à questão da contemporaneidade da História. É a partir de indagações presentes que a pesquisa histórica busca investigar e sistematizar o conhecimento sobre o passado. Na virada do século XX para o XXI vê-se um panorama urbano dominado pela fragmentação. Este foi um dos principais

motivos, a fragmentação urbana atual, que nos levou a pesquisar apenas um dos fragmentos desta cidade e desta radial, especificamente. A radial estudada é, nesta virada de século, um forte exemplo da fragmentação da cidade de Porto Alegre. É um exemplo da acumulação de objetos arquitetônicos e espaços abertos de diferentes épocas. É um conjunto de fragmentos herdados ao longo de sua vivência. O que se fez neste estudo foi olhar para uma destas partes fragmentadas, a da década de 50, que apresentou modos modernos de morar, lado a lado, à tradição.

Mesmo analisando somente um dos fragmentos da cidade, as questões não se esgotam. Novas pesquisas deverão investigar e sistematizar aspectos importantes, como outros bairros no mesmo período, com formações urbanas e arquitetônicas diferentes, que poderão ter imprimido modos de morar distintos dos apresentados por esta tese. Outra questão significativa é a relação dos edifícios arquitetônicos com os espaços abertos da cidade que, no presente estudo descreveu e analisou uma sucessão de praças com peculiaridades da radial das elites; mas em outras regiões de Porto Alegre, como se comportou a construção dos espaços abertos? Os edifícios modernos participaram do processo? E a habitação, como se relacionou com tais espaços? Outras tantas questões deverão surgir. Apenas uma última pergunta: será que a casa moderna, também pertencente à elite porto-alegrense, construída em diferentes bairros da cidade, imprimiu modos modernos de morar semelhantes ao dos apartamentos da radial das elites? Essa questão seria importante de ser investigada.

ANEXOS



BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

1.1 Documentos:

HICKEL, Humberto. **Compilação de instrumentos legais de Porto Alegre – 1893 a 1963**. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, 1988.

PAIVA, Edvaldo Pereira. **Expediente Urbano de Porto Alegre**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1943.

PAIVA, Edvaldo Pereira; FARIA, Luis Ubatuba de. **Contribuição ao estudo da urbanização**. Mimeografado. Porto Alegre, 1938.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (1964). **Plano Diretor de Porto Alegre**. Porto Alegre: PMPA.

SILVA, Loureiro da; PAIVA, Edvaldo. **Um plano de urbanização**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1943.

1.2 Entrevistas:

ALMEIDA, Plínio de Oliveira. Entrevista à acadêmica Ecléa Moraes Müllich. Porto Alegre: 25/08/2003.

HICKEL, Humberto. Entrevista à autora. Porto Alegre: 11/08/2003.

LUDWIG, Oswaldo. Entrevista à autora. Porto Alegre: 10/02/2005.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Entrevista à autora. Porto Alegre: 21/11/2000.

MIZOGUCHI, Ivan. Entrevista à autora. Porto Alegre: 14/11/2000.

PEIXOTO, Carlos. Entrevista à autora. Porto Alegre: 04/08/2003.

RIBEIRO, Demétrio. Entrevista à autora. Porto Alegre: 14/05/2003.

SOUZA, Nelson. Entrevista à autora. Porto Alegre: 24/09/2003.

WEIMER, Günter. Entrevista à autora. Porto Alegre: 07/12/2000.

1.3 Periódicos:

Acrópole

1943

“Particularidades na construção de hotéis modernos”. Revista Acrópole, fevereiro/1943, nº 58.

“Edifício Residencial Flórida” - Porto Alegre, arquiteto Gehard Krause. Revista Acrópole, abril/1943, nº 60.

“Particularidades na construção de hotéis modernos” (continuação). Revista Acrópole, abril/1943, nº 60.

“Paris, Haussmann, Rio de Janeiro e o Concurso do Itamaraty”. Revista Acrópole, maio/1943, nº 61.

“Acrópole no Rio Grande do Sul”. Revista Acrópole, outubro/1943, nº 66.

1944

“Favelas”. Revista Acrópole, fevereiro/1944, nº 70.

“Exposição “*Brazil Builds*” em São Paulo”. Revista Acrópole, fevereiro/1944, nº 71.

“*Brazil Builds* e dos Edifícios Públicos Paulistas”. Revista Acrópole, maio/1944, nº 73.

SANTOS, José de Almeida. “Sabemos morar?” Revista Acrópole, junho/1944, nº 75.

SZILLARD, A. “Dos Regulamentos de Construções”. Revista Acrópole, junho/1944, nº 75.

SANTOS, José de Almeida. “Sabemos morar?” (continuação). Revista Acrópole, setembro/1944, nº 77.

“Dez Horas de Trabalho”. Revista Acrópole, outubro/1944, nº 78.

“O problema da Habitação Popular em face da crise de residências”. Revista Acrópole, outubro/1944, nº 78.

SANTOS, José de Almeida. “Sabemos morar?” (continuação). Revista Acrópole, outubro/1944, nº 78.

SANTOS, José de Almeida. “Sabemos morar?” (continuação). Revista Acrópole, novembro/1944, nº 79.

1945

“A Cidade Escocesa de Glasgow enfrenta o problema da habitação”. Revista Acrópole, janeiro-fevereiro/1944, nº 81-82.

“O problema da habitação na Inglaterra”. Revista Acrópole, abril/1945, nº 84.

1946

CARDIM FILHO, Carlos A. Gomes. “As profissões de Engenheiro, Arquiteto e de Agrimensor”. Revista Acrópole, janeiro/1946, nº 93.

“Tente a Arquitetura para o desenho funcional”. Revista Acrópole, junho/1946, nº 98.

“Produção em massa de materiais de construção”. Revista Acrópole, junho/1946, nº 98.

“Quatro milhões de novos lares em dez anos” – Londres. Revista Acrópole, agosto/1946, nº 100.

“Cidades para os cidadãos britânicos” – Londres. Revista Acrópole, agosto/1946, nº 100.

MELLO, Eduardo Kneese de. “Porque Arquitetura Contemporânea”. Revista Acrópole, outubro/1946, nº 102.

SANTOS, José de Almeida. “O ambiente doméstico e a Sociologia”. Revista Acrópole, dezembro/1946, nº 104.

1947

“Projeto para um prédio de apartamentos em encosta de morro – Rio de Janeiro” – arquiteto Roberto Lacombe e arquiteto Flávio Barbosa. Revista Acrópole, janeiro/1947, nº 105.

STENHOF, Eugenio. “A fase escultural da arquitetura”. Revista Acrópole, maio/1947, nº 109.

STENHOF, Eugenio. “Método de ensino da arquitetura criadora”. Revista Acrópole, junho/1947, nº 110.

STENHOF, Eugenio. “Panoramas da Arquitetura Residencial Contemporânea”. Revista Acrópole, agosto/1947, nº 112.

1948

“O arquiteto Oscar Niemeyer”. Revista Acrópole, fevereiro/1948, nº 118.

SZILLARD, Adalberto. “Visita a São Paulo”. Revista Acrópole, junho/1948, nº 122.

MELLO, Eduardo Kneese de. “Arquitetura, Urbanismo e Democracia”. Revista Acrópole, julho/1948, nº 123.

ROCHA, Francisca Franco da. “Última criação no gênero apartamento”. Revista Acrópole, julho/1948, nº 123.

MINDLIN, Henrique. “Verdade e mentira em arquitetura”. Revista Acrópole, agosto/1948, nº 124.

ROBERTO, Marcelo. “Arquitetura, Urbanismo e Mura das Lamentações”. Revista Acrópole, setembro/1948, nº 125.

Cadernos de Estudos - Seleções da Revista Ágora do CEUA

1958

WRIGHT, Frank Lloyd. "Conceitos de uma Arquitetura Orgânica". Revista Ágora do CEUA, agosto/1958, v. 1.

LE CORBUSIER. "A vocação do arquiteto". Revista Ágora do CEUA, agosto/1958, v. 1.

GROPIUS, Walter. "Um novo capítulo da minha vida". Revista Ágora do CEUA, agosto/1958, v. 1.

PAIVA, Edvaldo Pereira. "A Urbanística e Realidade Brasileira". Revista Ágora do CEUA, agosto/1958, v. 2.

1959

PAIVA, Edvaldo Pereira. "A Urbanística e Realidade Brasileira" (continuação). Revista Ágora do CEUA, março/1959, v. 4.

WAGNER, Mário. "Fundamentos Econômico-Sociais da Profissão de Arquiteto". Revista Ágora do CEUA, maio/1959, v. 5.

KORN, Arthur. "A História constrói as Cidades". Revista Ágora do CEUA, maio/1959, v. 5.

1960

FREYRE, Gilberto. "As Cartas de Vauthier". Revista Ágora do CEUA, 1960, v. 7.

VASCONCELOS, Sylvio de. "Sobre a Evolução do Espaço Arquitetônico". Revista Ágora do CEUA, 1960, v. 8.

LEVI, Rino. "Evolução da Arquitetura" – Aula inaugural de 1958. Revista Ágora do CEUA, 1960, v. 8.

SAIA, Luiz. "Técnica e Arquitetura". Revista Ágora do CEUA, 1960, v. 8.

JACOBBI, Ruggero. "Expressão Artística" – série de conferências sobre estética. Revista Ágora do CEUA, setembro/1960, v. 9.

1961

MARTIN, Francisco J. San. "As Técnicas a Formação do Arquiteto". Revista Ágora do CEUA, 1961, v. 10.

GRAEFF, Edgar. "A Formação Teórica do Arquiteto". Revista Ágora do CEUA, 1961, v. 10.

RIBEIRO, Demétrio. "O Projeto na Formação do Arquiteto". Revista Ágora do CEUA, 1961, v. 10.

"A Carta de Atenas" – CIAM. Revista Ágora do CEUA, 1961, v. 12.

GROPIUS, Walter. "O Arquiteto na Sociedade Industrial". Revista Ágora do CEUA, 1961, v. 13.

ANDRADE, Mário de. "O Artista e o Artesão". Revista *Ágora do CEUA*, 1961, v. 13.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. "A Moradia". Revista *Ágora do CEUA*, 1961, v. 13.

NEVES, Jorge. "A Atividade Interprofissional na Programação de Habitações". Revista *Ágora do CEUA*, 1961, v. 14.

ARTIGAS, Vilanova. "Faculdade de Arquitetura de São Paulo". Revista *Ágora do CEUA*, 1961, v. 15.

CESAR, Roberto Cerqueira. "O Ensino da Arquitetura e do Urbanismo". Revista *Ágora do CEUA*, 1961, v. 15.

MACEDO, Francisco Riopardense de. "A Casa Panke". Revista *Ágora do CEUA*, 1961, v. 15.

1962

KORN, Arthur. "A História Constrói a Cidade". Revista *Ágora do CEUA*, setembro/1962, v. 17.

ANDRADE, Mário de. "*Brazil Builds*" – texto retirado de "O Estado de São Paulo". Revista *Ágora do CEUA*, setembro/1962, v. 17.

1963

"Habitação" – série de textos e seminários sobre habitação. Revista *Ágora do CEUA*, março/1963, v. 18.

MANCUSO, Carlos Antônio. "A Importância da Arte na Vida Contemporânea". Revista *Ágora do CEUA*, abril/1963, v. 19.

FAYET, Carlos. "Palestra sobre Urbanismo". Revista *Ágora do CEUA*, abril/1963, v. 19.

BARATA, Mário. "A Criação e a Sociedade". Revista *Ágora do CEUA*, junho/1963, v. 20.

PINTO, Armando de Andrade. "Uma Arquitetura para o Homem". Revista *Ágora do CEUA*, junho/1963, v. 20.

GIEDION, S. "A Formação do Arquiteto". Revista *Ágora do CEUA*, junho/1963, v. 20.

1966

COSTA, Lucio. "Razões da Nova Arquitetura". Revista *Ágora do CEUA*, agosto/1966, v. 23.

1967

GRAEFF, Edgar. "Os Fatores da Arquitetura e suas Relações". Revista *Ágora do CEUA*, fevereiro/1967, v. 24.

GRAEFF, Edgar. "Três Categorias Artísticas na Arquitetura". Revista *Ágora do CEUA*, fevereiro/1967, v. 25.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. "Arquitetura e Desenvolvimento". Revista *Ágora do CEUA*, junho/1967, v. 26.

GRAEFF, Edgar. "Importância Social e Humana na Arquitetura". Revista *Ágora do CEUA*, junho/1967, v. 26.

WURSTER, Catherine Bauer. "O Aspecto Social da Arquitetura Moderna na Década de 30". Revista *Ágora do CEUA*, outubro/1967, v. 28.

ARTIGAS, Vilanova. "Uma Falsa Crise". Revista *Ágora do CEUA*, outubro/1967, v. 28.

1968

GRAEFF, Edgar. "Os Elementos Estruturais de uma Praça". Revista *Ágora do CEUA*, maio/1968, v. 29.

FERRO, Sérgio. "Arquitetura Nova". Revista *Ágora do CEUA*, maio/1968, v. 29.

Correio do Povo

1945

Anúncio de propaganda de cerâmica. *Correio do Povo*, 05/10/45, p. 17.

Anúncio de classificados para terreno próprio para apartamentos na Av. Independência. *Correio do Povo*, 07/10/45, p. 18.

1946

Anúncio de classificados de materiais de construção, *Quando for construir lembre-se de nossos: azulejos, cerâmicas, instalações hidráulicas, tintas, ferragens, etc.* *Correio do Povo*, 14/04/46, p. 6.

Anúncio de classificados do ed. Tiradentes na Av. Independência, 550/566, próximo a Thomas Flores, de projeto do arquiteto Max Hermann Schlupmann. *Correio do Povo*, 21/04/46, p. 11.

"A arquitetura em Porto Alegre". *Correio do Povo*, 08/05/46, p. 7.

1947

"Diagonal é a nossa favorita no clássico desta tarde nos Moinhos de Vento". *Correio do Povo*, 01/05/47, p.10.

"Maioral foi campeão de domingo, nos Moinhos de Vento". *Correio do Povo*, 13/05/47, p. 13.

RAMAYANA, S. D. de. "A fisionomia de ontem e de hoje de Porto Alegre e sua predestinação turística". *Correio do Povo*, 07/09/47, p. 14.

MAZERON, Gaston Hasslocher. "Queriam fazer o cemitério nos Moinhos de Vento". *Correio do povo*, 21/09/47, p. 12.

RIFF, Raul Francisco “Precisa-se de um Plano Diretor”. Correio do povo, 21/09/47, p. 14

RIFF, Raul Francisco. “A caminho do Plano Diretor”. Correio do Povo, 28/09/47, p. 14.

Anúncio de classificados do ed. Mariante, Av. Independência esquina com a Garibaldi. Correio do Povo, 18/05/47, p. 17.

1948

“Jóquei Clube do rio Grande do Sul vai construir sua nova sede”. Correio do Povo, 08/12/48p. 9.

“Luxuosos e confortáveis apartamentos no coração da cidade pelo preço de custo”. Correio do Povo, 25/12/48p, 25.

1949

“Empolgante leilão de majestosas peças de arte”. Correio do povo, 05/06/49, p. 22.

“Oportunidade excelente para a obtenção da casa própria em Petrópolis, com financiamento a longo prazo”. Correio do Povo, 12/06/49, p. 3.

1950

“Na próxima semana serão iniciadas as obras do Hipódromo Cristal”. Correio do Povo, 18/02/50, p. 11.

1951

“Notas de arte - arquiteto Eduardo Kneese de Melo”. Correio do Povo, 11/05/51, p. 16.

“Inaugurada a Herma do prof. Mário Totta”. Correio do Povo, 12/05/51, p. 16.

“O quarteirão da Santa Casa de Misericórdia”. Correio do Povo, 24/05/51, p. 4.

“Notas de Arte – História e Crítica da Arquitetura”. Correio do Povo, 10/10/51, p. 8.

“O Estudo para a sede do Grêmio Náutico União”. Correio do Povo, 19/10/51, p. 11.

“Stand da Praça de Júlio de Castilhos”. Correio do Povo, 04/11/51, p.5.

“Notas de arte – Projeto da Arquitetura Colegial”. Correio do Povo, 06/11/51, p. 18.

“Elevador para construção”. Correio do Povo, 07/11/51, p. 3.

Anúncio de propaganda do Ed. Duque de Caxias, sito a rua Duque de Caxias esquina com Av. Borges de Medeiros, com características modernistas ressaltadas. Correio do Povo, 18/11/51, p. 24.

“A eleição de hoje nos Moinhos de Vento”. Correio do Povo, 09/12/51, p. 20.

1952

“Constroem-se nove casas por dia em Porto Alegre”. *Correio do Povo*, 30/01/52, p. 12.

“Assegurada a execução do maior empreendimento urbano do sul do país: A Av. Beira Rio”. *Correio do Povo*, 01/04/52, p. 16.

“A Av. Beira Rio”. *Correio do Povo*, 03/04/52, p. 4.

“Condomínio com renda própria sem despesa mensal”. *Correio do Povo*, 06/04/52, p. 21.

“Poderosas forças econômicas aplaudem entusiasticamente a construção da gigantesca Av. Beira Rio”. *Correio do Povo*, 15/04/52, p. 7.

Anúncio dos classificados do Ed. Esplanada, anunciando as inúmeras vantagens de adquirir o imóvel, uma delas é sua localização *no melhor bairro da capital*. *Correio do Povo*, 29/04/52, p. 11.

“Notas de arte – a arquiteto Steinhof”. *Correio do Povo*, 03/06/52, p. 18.

1953

Anúncio dos classificados do Ed. Prof. Lucchesi, localizado na Santo Antônio entre a Av. Independência e Cristóvão. *Correio do Povo*, 22/04/53, p. 33.

“Hipódromo do Cristal, marco grandioso na história do progresso de Porto Alegre”. *Correio do Povo*, 01/10/53, p. 26.

Anúncio dos classificados do Ed. Esplanada, *A localização preferida pela elite de Porto Alegre... Ed. Esplanada o maior e mais luxuoso condomínio de Porto Alegre*. *Correio do Povo*, 25/10/53, p. 11.

1954

Anúncio dos classificados do Ed. Evereste, localizado na rua Duque de Caxias esquina com a Av. Borges de Medeiros. *Correio do povo*, 11/04/54, p. 17.

Seção especial intitulada de *TURFE*, dedicada ao hipismo e corridas de cavalo. Conta ainda com uma tabela: *As seis últimas atuações e outros informes dos concorrentes desta tarde no Moinhos de Vento*. *Correio do Povo*, 11/04/54, p. 25.

Anúncio dos classificados do Ed. Linck, localizado na Frederico Linck. *Luxuoso edifício no bairro Moinhos de Vento a 50 metros da Praça Júlio de Castilhos*. *Correio do Povo*, 11/04/54, p. 43.

“Porto Alegre aos seus pés, do alto do mais luxuoso edifício”. *Correio do Povo*, 18/04/54, p. 19.

Anúncio dos classificados do Ed. Monarca, localizado na Av. Independência esquina Pinheiro Machado. *Correio do Povo*, 01/05/54, p. 35.

Anúncio dos classificados do Ed. Ouro Verde, localizado na rua Duque de Caxias esquina Marechal Floriano. *Correio do Povo*, 09/05/54, p. 31.

ROCHE, Jean. “Porto Alegre: Metrópole do Brasil Meridional”. *Correio do Povo*, 31/07/54, p. 9.

Anúncio dos classificados do Ed. Suelka, localizado na Ramiro Barcellos entre a Osvaldo e a Independência. Correio do povo, 17/10/54, p. 38.

Anúncio dos classificados do Ed. Padilla, localizado na Santo Inácio no Bairro Moinhos de Vento *local mais aristocrático da cidade*. Correio do Povo, 31/10/54, p. 37.

Anúncio dos classificados do Ed. Nilza Esther, localizado na 24 de Outubro no Bairro Moinhos de Vento. Correio do Povo, 12/12/54, p. 46.

Anúncio dos classificados do Ed. Santa Fé, localizado na Av. Independência esquina com Tomás Flores. Correio do Povo, 12/12/54, p. 49.

OBINO, Aldo. “Porto Alegre na visão de um parisiense e de um pernambucano”. Correio do Povo, 24/07/54, p. 4.

ANDRÉ, Alberto. “O conselho do plano”. Correio do Povo, 25/04/54, p. 21,24.

“Novo instituto de radioterapia nesta capital”. Correio do Povo, 10/10/54, p. 7.

1955

Anúncio dos classificados do Ed. Tomás Flores, localizado próximo a Av. Independência. Correio do Povo, 26/06/55, p. 29.

“Um túnel para Porto Alegre”. Correio do Povo, 07/08/55, p. 24.

Anúncio de *Tintas Ypiranga*. Correio do Povo, 12/08/55, p. 10.

Anúncio de edifício localizado no bairro Santana, ed. Olavo Bilac. Correio do Povo, 21/08/55, p. 37.

1956

“Completada a estrutura do bloco B do Edifício Esplanada”. Correio do Povo, 10/06/56, p. 15.

Anúncio dos classificados do Ed. Suelka, na Ramiro Barcellos *a três quadras da Praça Júlio de Castilhos*. Correio do povo, 22/07/56, p. 41.

GOIDANICH, Osvaldo. “Uma perda para a arquitetura rio-grandense”. Correio do Povo, 29/07/56, p. 26.

PETERSEN FILHO. Germano. “Problemas urbanos – Projeto de um viaduto na Av. Independência”. Correio do Povo, 07/11/56, p. 11.

Anúncio dos classificados do Ed. De Minco, na Ramiro Barcellos, Arquiteto Irineu Breitman. Correio do Povo, 08/12/56, p. 17.

1957

Anúncio dos classificados do Ed. Jardim Sevigne, na Duque de Caxias *com rua particular continuação da Vigário J. Inácio*. Correio do Povo, 06/01/57, p. 35.

Anúncio do ed. Açoriano, localizado na rua Miguel Tostes próximo a Mostardeiro. Correio do Povo, 13/03/57, p. 45.

Anúncio do ed. 24 de outubro, com 12 pavimentos e projeto do Emil Bered. 17/03/5715

“Compungido o Rio Grande do Sul com a nova tragédia aviatória de amplas proporções”. Deputado Liberato Viera da Cunha, morto no acidente, é sepultado com grande funeral, e o cortejo passa pela Av. Independência. Correio do povo, 09/04/57, p. 26.

“Viaduto ligando a Farrapos ao Bomfim Coluna Câmara Municipal”. Projeto do Viaduto localizado na Av. Independência esquina com a rua da Conceição, homenageando o Dr. Alcindo Porto Alegre. Correio do Povo, 13/04/57, p. 11.

“Iniciada a segunda etapa do levantamento de capital”. Informe do Hospital Fêmina, realizações e programas da obra (conclusões e previsões), dados gerais sobre o edifício. Correio do Povo, 19/04/57, p. 11.

Vale a pena viver no Esplanada, anúncio com planta baixa em 3D, descrição dos materiais e do moderno e luxuoso edifício. Correio do povo, 28/04/57, p. 15.

Anúncio do ed. José Pilla, *situado num dos melhores pontos de Porto Alegre, Av. Independência esquina Santo Antônio*. Correio do Povo, 01/05/57, p. 25.

Anúncio do ed. Esplanada, *Vale a pena viver no edifício Esplanada, imagine viver assim,...com este luxo no corredor de entrada do edifício,...comenta magnífica porta de entrada de seu apartamento,...neste imponente living social, etc..* Perspectiva, foto da vista e *História em Quadrinhos*. Correio do Povo, 05/05/57, p. 17.

Anúncio do ed. Annes Dias. Correio do Povo, 04/08/57, p. 5.

Anúncio do ed. Mônaco, localizado na rua Binarte Ribeiro próximo a Padre Chagas. *Luxo! Conforto! Distinção! nos Moinhos de Vento*. Correio do Povo, 25/08/57, p. 48.

Anúncio do ed. Profº Annes Dias. Correio do Povo, 11/12/57, p. 5.

“Trinta anos de lutas trabalhos no campo de batalha da arquitetura”. Correio do Povo, 22/12/57, p. 36.

GOIDANICH, Osvaldo. “Até quando o sinal estará fechado para a divisão de trânsito?” Correio do Povo, 29/12/57, p. 26.

“Vale a pena viver aqui?” Correio do Povo, 29/12/57, p. 26.

1958

D'ANGELO, Dante. “Movimento imobiliário de Porto Alegre”. Correio do Povo, 12/01/58, p. 7.

Anúncio de classificados do ed. Annes Dias, enumerando as vantagens e materiais. Correio do Povo, 17/01/58, p. 5.

ANDRÉ, Alberto. “Urbanismo para o povo”. Correio do Povo, 30/03/58, p. 19.

Anúncio de classificados do ed. Senador, rua Duque de Caxias esquina Bento Martins. Correio do Povo, 06/04/58, p. 44.

ANDRÉ, Alberto. “Plano Diretor da cidade”. Correio do Povo, 06/04/58, p. 28.

ANDRÉ, Alberto. “Plano Diretor da cidade”. *Correio do Povo*, 13/04/58, p. 30.

“Plano Diretor”. *Correio do Povo*, 20/04/58, p. 24.

Propaganda do fornecedor de esquadrias para o ed. Santa Tecla com fotografia da construção. *Correio do povo*, 22/04/58, p. 13.

D’ANGELO, Dante. “A moça está crescendo... Porto Alegre precisa cuidar de seu futuro”. *Correio do Povo*, 27/04/58, p. 24.

Anúncio do ed. Vésper, localizado na rua Duque de Caxias esquina Marechal Floriano. *Correio do Povo*, 27/04/58, p. 50.

“A cozinha eletrônica de amanhã”. *Correio do Povo*, 27/04/58, p. 32.

Anúncio de classificados do ed. Armênia, *este é o seu apartamento*, formas de pagamentos, acabamento, *fachada toda revestida com pastilhas*. *Correio do Povo*, 06/07/58, p. 22.

1959

PEREIRA, Miguel. “O problema do espaço na arquitetura”. *Correio do Povo*, 15/02/59, p. 15.

PEREIRA, Miguel. “O problema do espaço na arquitetura” (continuação). *Correio do Povo*, 01/03/59, p. 17.

Anúncio de classificados do ed. Porto Alegre, localizado na rua Duque de Caxias, projetado pelo arquiteto Emil Bered. *Correio do Povo*, 03/03/59, p. 7.

PEREIRA, Miguel. “O problema do espaço na arquitetura” (continuação). *Correio do Povo*, 15/03/59, p. 17.

GUERRA, Aldrovando E. “Arquitetos querem a sua independência”. *Correio do Povo*, 05/04/59, p. 17.

NEVES, Jorge B. Aspectos da obra de Wright”. *Correio do Povo*, 24/05/59, p. 29, 30.

NIEMEYER, Oscar. “O homem e a cidade contemporânea”. *Correio do Povo*, 12/07/59, p. 17, 27.

COSTA, Lucio. “Alguns conceitos sobre arquitetura”. *Correio do Povo*, 26/07/59, p. 17, 27.

GROSSMANN, Leo. “Pioneiros da arquitetura moderna – Gropius”. *Correio do Povo*, 09/08/59, p. 27, 28.

GROSSMANN, Leo. “Frank Lloyd Wright, o sentimental”. *Correio do Povo*, 16/08/59, p. 29, 30.

1960

COSTA, Lucio. “Depoimento sobre a arquitetura moderna”. *Correio do Povo*, 30/01/60, p. 23, 24.

“Brasília Marco Zero”. *Correio do Povo*, 21/04/60, p. 16,17.

1961

Anúncio de classificados do ed. José Pilla, na seção de pequenos anúncios. Correio do povo, 11/03/61, p. 17.

NEVES, Jorge. “O problema da habitação e suas bases econômicas”. Correio do Povo, 12/03/61, p. 25,26.

Anúncio de classificados do ed. Montenegro, localizado na rua Pinto Bandeira a 40 metros da Av. Independência. Correio do Povo, 12/03/61, p. 48.

“Com o auxílio da direção – A Faculdade de arquitetura organizou e está aplicando a reforma de ensino.” Correio do Povo, 19/03/61, p. 14.

Entrevista com o professor Batista Pianca. “A participação do arquiteto na sociedade gaúcha”. Correio do Povo, 26/03/61, p. 26.

Anúncio de classificados do ed. Caravelas, localizado na Av. 24 de Outubro esquina com rua Dr. Timóteo. Correio do Povo, 01/10/61, p. 42.

“Dia 21: desfile – recepção no Cine Teatro Moinhos de Vento”. Correio do Povo, 11/10/61, p. 11.

Anúncio de classificados do ed. Alegrete. Correio do Povo, 15/10/61, p. 45.

“Novo cinema para Porto Alegre”. Correio do Povo, 25/10/61, p. 9.

1962

ALVAREZ, Bernardino. Correio do leitor – Faixa de segurança na Av. Independência. Correio do Povo, 18/10/62, p. 4.

Correio do leitor – “Que é que há com a água Sr. Prefeito?” Correio do Povo, 25/10/62, p. 4.

Anúncio de classificados do ed. Pavão, localizado na Av. Independência nº 722 e 786, e *novos anúncios*. Correio do Povo, 25/10/62, p. 39.

1963

Correio do leitor – Para onde vai a correspondência de uma vasta zona da Independência? Correio do Povo, 18/05/63, p. 4.

Anúncio de classificados do ed. São Matheus, localizado na Av. Independência esquina Cel. Vicente. Correio do Povo, 01/09/63, p. 45.

Anúncio de classificados do ed. São Matheus, na seção de pequenos anúncios. Correio do Povo, 10/19/63, p. 24.

1966

CUNHA, Luiz Carlos da. “Habitação, construção e planejamento”. Correio do Povo, 20/03/66, p. 24,29.

Anúncio de classificados do ed. Jardim Independência, pequenos anúncios. Correio do Povo, 27/03/66, p. 51.

SPALDING, Walter. “Os Coronas”. Correio do Povo, 04/09/66, p. 14,24.

Anúncio de classificados do ed. São Lucas, localizado na Av. Independência, nº 1152. Correio do Povo, 11/09/66, p. 45.

1967

Anúncio de classificados de edifício próxima a Caixa D'água, quase esquina Florêncio Ygartua. Correio do Povo, 03/12/67, p. 55.

1968

"Problemas da cidade – Porto Alegre é assim". Correio do Povo, 13/03/68, p. 9.

BIASOTTI, Miriam Mara de La Rocha. "Uma biblioteca no Parque". Correio do Povo, 13/03/68, p. 11.

"Problemas da cidade – Porto Alegre é assim". Correio do Povo, 24/03/68, p. 17.

"Da independência ou morte". Correio do Povo, 01/10/68, p. 16, 24.

1969

"Obras do Parque Moinhos de Vento vão ter início este mês". Correio do Povo, 08/04/69, p. 12.

COSTA, Telmo Cardoso. "Ascensão e queda dos bondes". Correio do Povo, 06/07/69, p. 17.

"Traçado de Perimetral". Correio do Povo, 08/07/69, p. 22.

ANDRÉ, Alberto. "Túneis e viadutos vão mudar a face da cidade". Correio do Povo, 27/07/69, p. 17.

1970

"Independência vai mal de asfalto". Correio do Povo, 01/03/70, p. 43.

"Terceira Perimetral vai ter três viadutos". Correio do Povo, 04/03/70, p. 22.

"Em plena Praça Júlio de Castilhos, o edifício Villa Rica... *um luxuoso e requintado edifício para pessoas de classe como você!*" Fotomontagem com vegetação da praça e fachada da Av. Independência. Correio do Povo, 08/03/70, p. 67.

Reportagem sobre as obras do Túnel da Conceição. Correio do Povo, 14/03/70, p. 7.

"As novas cidades da era do espaço". Correio do Povo, 06/12/70, p. 7.

Espaço/Arquitetura

FAYET, Carlos M.; CORONA, Luis F. "Palácio da Justiça". Espaço/Arquitetura, novembro-dezembro/1955, nº 1, p. 4.

CANARIN, Ari. “Edifício Armênia”. Espaço/Arquitetura, 1955, nº 1, p. 10,11.

GRAEFF, Edgar. “Dez anos de arquitetura”. Espaço/Arquitetura, 1955, nº 1, p 12.

BREITMAN, Irineu. “Hospital Fêmeina”. Espaço/Arquitetura, 1955, nº 2, p 20.

RIBEIRO, Demétrio. “A profissão do arquiteto”. Espaço/Arquitetura, 1955, nº 2, p .37

Folha da Tarde

1950

“Cruzada da Santa Casa: espetáculo beneficente”. Folha da Tarde, 01/08/50, p. 3.

“Cruzada da Santa Casa: espetáculo beneficente” (continuação). Folha da Tarde, 24/08/50, p. 14.

“A Sociedade Portuguesa Beneficência inaugurou seu novo bloco hospitalar”. Folha da Tarde, 28/08/50, p. 3,7.

1951

FORTINI, Archimedes. “Da Chácara da Brigadeira não restará em breve mais do que uma lembrança”. Folha da Tarde, 12/01/51, p. 3.

FORTINI, Archimedes. “Os bondes de tração animal e elétrico”. Folha da Tarde, 14/02/51, p. 10.

FORTINI, Archimedes. “O custo da vida em Porto Alegre”. Folha da Tarde, 22/08/51, p. 5.

“Santa Casa: 1084 doentes recusados por falta de leitos”. Folha da Tarde, 22/08/51, p. 16.

1952

FORTINI, Archimedes. “Transporte de peixe, festa sem padre”. Folha da Tarde, 01/02/52, p. 10.

FORTINI, Archimedes. “Resultados dos exames da antiga escola de guerra”. Folha da Tarde, 19/11/52, p. 13.

1953

BIMBI, Firmino. “Mesmo sem grandes planejamentos, Porto Alegre constrói 13 prédios por dia”. Folha da Tarde, 16/01/53, p. 16.

FORTINI, Archimedes. “Corridas de touro em Porto Alegre”. Folha da Tarde, 06/10/53, p. 3.

“Casa de Saúde Independência, rua 24 de Outubro, 445. Assistência médica a escolha do cliente” – anúncio. Folha da Tarde, 07/10/53, p. 2.

FORTINI, Archimedes. “Cantores teuto-brasileiros”. Folha da Tarde, 14/11/53, p. 3.
“Construção de recantos infantis nos edifícios de apartamentos”. Folha da Tarde, 09/12/53, p. 2.

FORTINI, Archimedes. “Um ano de grandes realizações em Porto Alegre”. Folha da Tarde, 11/12/53, p. 11.

1954

FORTINI, Archimedes. “Denominação de “menu” – perfis de antigas lentes”. Folha da Tarde, 07/01/54, p. 7.

ANDRÈ, Alberto. “O concurso – fator de eficiência e moralidade no serviço público”. Folha da Tarde, 06/02/54, p. 6.

FORTINI, Archimedes. “Santa Casa em 1873 – desaparecerá mais um edifício tradicional da cidade”. Folha da Tarde, 12/02/54, p. 5.

“Prepara-se a Beneficência Portuguesa para comemorar seu centenário”. Folha da Tarde, 17/02/54, p. 3.

ANDRÉ, Alberto. “À vista o atendimento de alguns problemas do Mont Serrat”. Folha da Tarde, 23/02/54, p. 3.

FORTINI, Archimedes. “A instrução pública de outros tempos em Porto Alegre”. Folha da Tarde, 09/06/54, p. 9.

FORTINI, Archimedes. “Desenvolvimento da pintura em Porto Alegre”. Folha da Tarde, 02/09/54, p. 15.

FORTINI, Archimedes. “Dentro de 20 anos as habitações serão um sonho”. Folha da Tarde, 02/09/54, p. 21.

ANDRÉ, Alberto. “Alargamento e pavimentação da Assis Brasil até as comunicações para a zona do campo”. Folha da Tarde, 13/09/54, p. 12.

Revista da Escola de Engenharia

1954

BILL, Max. “O arquiteto, a arquitetura, a sociedade”. Revista da Escola de Engenharia, junho de 1954, nº 36/37. p. 11 – 13.

1956

PELLEGRINI, Sérgio E. “Poesia e realidade nas estruturas”. Revista da Escola de Engenharia, junho de 1956, nº 44. p. 29.

Revista do Globo

1949

“Inaugurado o maior edifício de Porto Alegre”. Revista do Globo, ano 1949, nº 494, 29/10/49. p. 66.

1963

FONSECA, Ney. “Porto Alegre de ontem e hoje”. Revista do Globo, ano 1963, nº 837, 18/01/63. p. 6 – 11.

PINTO, Eduardo. “Progresso muda feição de Porto Alegre”. Revista do Globo, ano 1963, nº 841, 02/03/63. p. 34 – 36.

PINTO, Eduardo. “Turismo descobre o Rio Grande”. Revista do Globo, ano 1963, nº 844, 13/04/63. p. 6 – 11.

1964

PINTO, Eduardo. “Porto alegre em busca do milhão”. Revista do Globo, ano 1964, nº 869, 28/03/64, p. 42 – 45.

PINTO, Eduardo. “Casa sonho de pedra e cal”. Revista do Globo, ano 1964, nº 875, 20/06/64, p. 22 – 25.

ANDRADE, Renato Brenol. “Solução ou paliativo?” Revista do Globo, ano 1964, nº 887, 05/12/6. p. 54,55.

1965

VERÍSSIMO, Érico. “Porto Alegre na mira do turista”. Revista do Globo, ano 1965, nº 896. p. 2 – 7.

PINTO, Eduardo. ‘Lar é um sonho de Pedra e Cal’. Revista do Globo, ano 1965, nº 896. p. 34 – 37.

BASTOS, Fúlvio. “A capital dos automóveis”. Revista do Globo, ano 1965, nº 901. p. 10 – 13.

LISBOA, Luiz Carlos. “Susana, a noite e a moda”. Revista do Globo, ano 1965, nº 908. p. 36,37.

1966

DEMÉTRIO, Darci. “A cidade para quem quiser ver”. Revista do Globo, ano 1966, nº 914, jan/66. p. 5 – 13.

1.4 Projetos de Edificações

Pesquisa dos projetos de edificações no período de 1940 a 1960. Projetos microfilmados. Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Arquivo Particular de Günter Weimer.

2. Bibliografia Geral

A

Acervos Azevedo Moura Gertum e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre / Anna Paula Canez ... [et al.]. Porto Alegre: UniRitter Editora, 2004.

Agora. Vol.8, nº1 e 2. (Jan./Dez. 2002). – Santa Cruz do Su: EDUNISC, 2003.

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

AMARAL, Aracy. **Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira 1930 – 1970**. São Paulo: Nobel, 1984.

ANDRADE, Paulo Raposo. Uma outra cultura da modernidade. **AU – Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, nº 51, dez. 1983/ jan. 1994, p. 73-77.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ART DÉCO na América Latina. **Centro de Arquitetura e Urbanismo. 1º Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, Solar Gradjean de Montigny - PUC/RJ, 1997.

ARTIGAS, Vilanova. As posições dos anos 50. Entrevista a Aracy do Amaral. **Projeto**. São Paulo, nº 109, abril de 1988, p. 95-102.

ARTIGAS, Vilanova. **Fragmentos de um discurso complexo**. Depoimento a Lena Coelho Santos. **Projeto**. São Paulo, nº 109, abril de 1988, p. 92-94.

B

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKOS, Margareth. **A Continuidade administrativa no Governo Municipal de Porto Alegre. 1897-1937**. Tese de doutoramento em História Econômica. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1986.

BALDESSARINI, Sonia T. Ricon. Arquitetura e Poder. **Projeto**. São Paulo, nº 89, julho de 1986. p. 94-95.

BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

- BARTHES, Roland. **O discurso da história**. IN: **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 145-157.
- BATTISTI, Emilio. **Arquitectura, ideologia y ciência: teoria y práctica en la disciplina del proyecto**. Madrid: Hermann Blume, 1980.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno – séculos XIX e XX**. Lisboa: Edições 70, 1977, volume II.
- BAZIN, German. **História da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BECKER, Alfredo Ernesto. Novas tendências da arquitectura monumental europeia. **Acrópole**. São Paulo, Anno 1, nº 1, maio de 1938. p. 34-36.
- BELTRÃO, Maria Fátima. **O térreo do edifício moderno brasileiro – uma incursão à primeira década (1936-1946) da arquitetura moderna brasileira em sua relação com o meio**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2003 (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Presidente Juscelino, os “anos dourados”**. Revistausp, Março, Abril, Maio, 2002, nº 53, p. 32-41.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BENÉVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1994.
- BENEVOLO, Leonardo. **La captura del infinito**. Madri: Celestes Ediciones, 1994.
- BENJAMIN, Walter. “A modernidade.” IN: **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 12.
- BERNARDES, Dalton. **Jaguaribe e Esplanada: o edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2003 (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).
- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando. **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. Série Documenta, nº 3.
- BOHRER, Glênio Vianna. **CEASA – RS Espaço e lugar na Arquitetura e Urbanismo Moderno**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1999. Dissertação de Mestrado.
- BOIS, Guy. “**Marxismo e História nova**” (1978). In: LE GOFF, Jacques (org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 241-260.
- BOIS, Yve-Alain. **Viva o formalismo (bis)**. In: FERREIRA, Glória & MELLO, Cecília Cotrim. **Clement Greenberg e o debate crítico**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Lembranças dos velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1982.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. “**O marxismo e a história**”. In: **As Escolas Históricas**. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa- América, 1990. p. 153-176.

BROWNE, Enrique. **Outra arquitetura em America Latina**. México: Gustavo Gilli S. A., 1998.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1991, 398 p.

BRUNA, Paulo J. V. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento**. São Paulo, Perspectiva, 1976. Coleção Debates, nº 136.

BURKE, Peter. **As fronteiras instáveis entre história e literatura**. IN: **Gêneros da fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997, p. 107-114.

BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história. Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

C

CABRAL, Gilberto Flores. **Distribuição espacial dos usos residenciais do solo urbano – o caso de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano. Porto Alegre, Faculdade de Arquitetura, PROPUR, UFRGS, 1982.

CABRAL, Gilberto Flores. **Paradoxos de uma modernidade longínqua: Le Corbusier e o imaginário corbuseano – uma análise de suas interações com o Brasil**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em História/URFGS, 2002 (Tese de Doutorado em História).

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. **Afonso Eduardo Reidy. O poeta construtor**. Barcelona: Escola Superior de Arquitetura de Barcelona, 2000. (Tese de Doutorado).

CANEZ, Anna Paula. **Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole**. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado em andamento, PROPAR/UFRGS, 2003.

CANEZ, Anna Paula. **Arquiteturas Cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eládio Dieste em Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2004.

CANEZ, Anna Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: UE / Porto Alegre / Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 1998.

CANTON, Kátia. **Retrato da Arte Moderna. Uma história no Brasil e no mundo Ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 120p. il.

CARDEMAN, David. **O Rio de Janeiro nas alturas**. David Cardeman e Rogério Goldfeld Cardeman. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). **Arquitetura da Modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento MG, 1998.

Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo: memória que gera cultura, cultura que gera memória / Maria da Glória Bordini (organizadora). – Porto Alegre: CCCEV, 2002. 152 p. il.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CESA FILHO, Paulo. “**Arquitetura da verticalidade na recém-aberta avenida Borges de Medeiros.**” Porto Alegre:UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, PROPARG – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

CESAR, Guilhermino. **Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1981.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

COLLINS, Peter. **Los ideales de la architecture moderna; su evolución (1750-1950)**. Barcelona: Gustavo Gili S.A., 1998.

COLQUHOUN, Alan. **Racionalismo: um conceito filosófico na arquitetura**. Rio de Janeiro: Revista Gávea, Dezembro de 1991.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e Tradição Clássica. Ensaio sobre arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. A arquitetura moderna, estilo Corbu, Pavilhão Brasileiro. **AU – Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, nº 26, out/nov 1989, ano 5, p. 92-101.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Da atualidade de seu pensamento. **AU – Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, nº 38, out/nov 1991, p. 69-74.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. De arquitetura, de arquitetos e de alguma coisa que sei a seu respeito. **Guia das Artes**: p.36-44.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Identidade nacional, caracterização arquitetônica**. Texto datilografado, p. 7.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões brasileiras sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos**. Paris: Universidade de Paris 8, 2002 (Tese de Doutorado em arquitetura).

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Protótipo e monumento, um ministério, o ministério. **Projeto**. São Paulo, nº 102, agosto de 1987, p. 137-149.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Racionalidade e uma pitada de erotismo**. Texto datilografado. 20 p.

CONDE, Luis Paulo. Protomodernismo em Copacabana. **AU – Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, nº 16, p. 68 – 75, fev/mar. 1988.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **A conquista do tempo noturno: Porto Alegre “moderna”**. Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XX, nº 2, dezembro/1994, p. 65-84.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século**. Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XXIV, nº 1, junho/1998, p. 149-164.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Sobre a atualidade de Vico**. Histórica: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul/Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nº 4, 2000 – Porto Alegre: APGH, PUCRS, 2000, p. 7 –15.

CORNOLDI, Adriano. **La arquitetura de la vivienda unifamiliar. Manual Del espacio doméstico**. Barcelona: Editorial Gustavi Gilli S. A., 1999. 294 p. il.

CORONA E LEMOS. **Dicionário de Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Edart-São Paulo Livraria Editora Ltda., 1972, 1ª edição.

CORONA, Fernando. **50 anos de formas plásticas e seus autores**. In: BECKER, Klaus (org.). Enciclopédia Sul-Riograndense. Canoas, Regional, 1957, vol. 3, p. 217-270.

CORONA, Fernando. **Cem anos de formas plásticas e seus autores**. In: BECKER, Klaus (org.). Enciclopédia Sul-Riograndense. Canoas, La Salle, 1956, vol. 2, p. 141-161.

CORREA, Ernani. **Evolução arquitetônica de Porto Alegre**. In: SHIDROWITZ, Leo Jerônimo et al. (org.). **Porto Alegre, biografia de uma cidade**. Porto Alegre, Ed. Tipográfica do Centro, s.d., p. 140-148.

CORREIA, Telma de Barros. **A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950**. São Carlos: RiMa/FAPESP, 2004.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. **Antigualhas – Reminiscências de Porto Alegre**. Organização e notas de Sérgio da Costa Franco. 2. ed. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1922.

COSTA, Lúcio. **Sobre Arquitetura**. Porto Alegre: CEUA, 1962.

CURTIS, William. **La architecture moderna desde 1900**. Tradução do inglês por Jorge Sainz Avia. Madrid: Hermann Blume, 1986.

D

DAMASCENO, Athos. **Imagens sentimentais da cidade**. Porto Alegre, Globo, 1940.

DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755 – 1900)**. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

DE FUSCO, Renato. **Historia de la arquitectura contemporanea**. Madrid: Hermann Blume, 1981.

DEGANI, José Lourenço. **Modernidade e Tradição no ciclo dos IAPs: o conjunto residencial do Passo d'Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil**. Porto Alegre, 2003. 177 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). PROPARG – UFRGS, 2003.

Dicionário ilustrado de la arquitetura contemporânea. Dirigido por Gerd Hatje. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S. A., 1980, 360p. il.

DORFLES, Gillo. **A arquitetura moderna**. Lisboa: Edições 70, 1980.

DREBS, Fernanda Jung. **O Edifício de Apartamentos e a Arquitetura Moderna**. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2004 (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).

E

ELEB, Monique. G n ealogie de l'habitation et histoire sociale. In: **Méthodes em histoire de l'architecture**. Centre des monuments nationaux/Monum,  ditions du patrimoine, Paris, 2002, p. 137 – 149.

Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Editora Globo S. A., 1958.

F

FERREIRA, Glória & MELLO, Cecília Cotrim. **Clement Greenberg e o debate crítico**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. (Org.) Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Funda o Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) **Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral**. Rio de Janeiro: Funda o Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.) **História Oral e Multidisciplinalidade**. Rio de Janeiro: Diadorin, 1994.

FIORI, Renato Holmer. **Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945   1951**. Porto Alegre: PUC-RS, 1992. Disserta o de Mestrado.

FISCHER, S lvia & ACAYABA, Marlene. **Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Projetos Editores Associados Ltda., 1982.

FLORES, Hilda Agnes Hübner (org.). **Porto Alegre: História e Cultura**. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 1987.

FOLLIS, Frans rgio. **Moderniza o urbana na Belle  poque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia crítica de la arquitectura moderna**. Barcelona: Gustavo Gilli S.A., 1987.

FRANCO, Sérgio da Costa, **Porto Alegre: Guia Histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre, Associa o Comercial, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Santa Casa 200 anos: Caridade e Ciência**. Porto Alegre: Editora da ISCMPA, 2003, 200p.

FROTA, José Arthur D'Al . **El vuelo del f nix. La aventura de una idea**. Barcelona: ETSAB, 1977 (Tese de Doutorado em arquitetura).

FUGUITT, Glenn V.; JOHNSON, Donald E.; SCHNEIDER, Ivo A. **Crescimento urbano no Rio Grande do Sul: 1950 – 1960**. In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1973, n  1.

G

GEA. Lúcia Segala. **O espaço da casa: arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893 – 1929)**. Disserta o de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre: IFCH, PUC/RS, 1995.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. **Arte e Técnica na formação do arquiteto**. São Paulo: Studio Nobel: Fundação Vilanova Artigas, 1995.

GREENBERG, Clement. **Arte e cultura**. São Paulo: Editora Atica, 1996.

GREGOTTI, Vittorio. **El territorio de la arquitectura**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili S. A., 1972.

GUIMARAES. Ceça. **Paradoxos Entrelaçados – as torres para o futuro e a tradição nacional**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2002.

GYTAHY, Maria Lucia Caira e PEREIRA, Paulo César Xavier. **O Complexo industrial da construção e a habitação econômica moderna, 1930-1964**. São Carlos RiMa/FAPESP, 2002.

H

HABERMAS, Jürgen. “ **La modernidad: su consciencia del tiempo y su necesidad de autocercioramiento.**” IN: **El discurso filosófico de la modernidad**. Madrid: Taurus, 1989, p. 13-32.

HABERMAS, Jürgen. **Modernidade versus pós-modernidade. Arte em revista**. São Paulo, nº 7, p. 86-91, agosto 1983.

HARTOG, François. **A arte da narrativa histórica**. IN: BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (orgs.). **Passados recompostos. Campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1998, p. 193-202.

HITCHCOCK, Henry-Russel. **Arquitetura de los siglos XIX y XX**. Madrid: Manuales Arte Catedra, 1998.

HOBSBAWN, Eric. “**O que os historiadores devem a Karl Marx?**” (1868). In: **Sobre História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 155-170.

HOLTZMANN, Bernard. **Le grand atlas universalis de l’architecture**. Tradução de Glenda Pereira da Cruz. 1998.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O prédio Martinelli: ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo**. São Paulo: Projeto, 1984.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

J

JENCKS, Charles. **Movimentos modernos em arquitetura**. Traduzido do inglês por José Marcos Lima. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999.

K

KERN, Arno. “**A Escola Metódica**”. Texto didático.

KERN, Arno. “**A Historiografia da Revista “Annales”**”. Texto didático.

KERN, Arno. **“A Nova história: continuação da historiografia da Revista Annales?”** Texto didático.

KERN, Arno. **“O perfil dos historiadores no novo milênio”**. Revista da SBPH – Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (Curitiba) 19:3-17, 2000.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **A modernidade Argentina e os sistemas formais franceses**. Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XIV, nº 2, dezembro/1988, p. 153-176.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **Estado Novo: crítica de arte e ideologia**. In: BULHÕES, Maria Amélia (org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul. Pesquisas Recentes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 1995, p. 33 – 44.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **A revista Cercle et carré e a crise dos projetos messiânicos**. Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XXIII, nº 2, dezembro/1997, p. 29-44.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **A crítica de arte no Rio Grande do Sul e o debate sobre tradição e modernidade**. Veritas. Revista trimestral da PUC/RS Porto Alegre: vol. 34, nº 136, dez. 1989.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **Os impasses da história da arte: interdisciplinaridade e/ou especificidades do objeto de estudo?** Curitiba: Revista da SBPH Nº16, 1999.

KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel, 1990.

KOSTOF, Sapiro. **The city shaped – urban patterns and meanings through history**. Londres: Thames and Hudson Ltda., 1999, 352p.

KOSTOF, Spiro. **Historia de la arquitectura**. Madrid: Alianza Editorial S. A. 2000, volume 2, il.

L

LAMAS, José M. Resseano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1981.

LE GOFF, Jacques. **“A história como ciência: o ofício de historiador”**. In: **História e memória**. Campinas, SP: Edit. UNICAMP, 1990, p. 105-127.

LEAL, Elizabete. **Construindo um sindicato: 50 anos do SINDUSCON-RS (1949-1999)**. Porto Alegre: Grafic-Offset, 1999.

LEME, Maria Cristina da Silva. **Urbanismo no Brasil: 1895 – 1965**. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.

LEMOS, Carlos A. C. **Cozinhas, etc**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. , 1976.

LEMOS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**/Bernard Lepetit; seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro; tradução Cely Arena. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, 323 p.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Os Liceus de Artes e Ofícios do Rio Grande do Sul (1900 – 1930)**. Dissertação de Mestrado, PROPARG/UFGRS, 1996.

LIMA, Raquel Rodrigues; CANEZ, Anna Paula; LUZ, Maturino. **A Contribuição de Egon Weindorfer para a Arquitetura Moderna de Porto Alegre**. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre, 1999.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1980, 132 p. (Série Revisão, 3).

LUCAS, Luiz Henrique Haas. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2004. Tese de Doutorado - Faculdade de Arquitetura, PROPARG – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

LUCIO, Ramón López de. **Ciudad y urbanismo a finales del siglo XX**. Valência: Universitat de València/Servei de Publicacions, 1993.

LUKÁCS, Georg. **Beiträge zur Geschichte der Aesthetik**. Berlin, 1954. IN: PATETTA, Luciano. **Historia de la arquitectura. Antologia critica**. Madri: Celestes Ediciones, 1997.

LUZ, Maturino Salvador Santos da. **Ide todos a José. A arquitetura de Joseph Lutzemberger (1920-1951)**. Porto Alegre:UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, PROPARG – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

M

MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFGRS, 1993.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre – História e vida da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, origem e crescimento**. Porto Alegre, Sulina, 1968. Coleção Meridional.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **A Exposição do Centenário Farroupilha: ideologia e arquitetura**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre, IFCH, PUC/RS, 1990.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **Modernidade, arquitetura e urbanismo: O centro de Porto Alegre (1928 - 1945)**. Porto Alegre: PUC-RS, 1998. Tese de Doutorado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

MAGLIA, Viviane Villas Boas. **Refinaria Alberto Pasqualini: aplicação dos paradigmas modernistas à tipologia industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, PROPARG – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

MAHFUZ, Andréia Machado. **Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre.** Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 1996 (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).

MAHFUZ, Edson. **Os conceitos de polifuncionalidade, autonomia e contextualismo e suas conseqüências para o ensino do Projeto Arquitetônico.** IN: COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação.** São Paulo: Projeto, 1986. 96.

MARCHÁN FIZ, Simon. **“La autonomia de la estética en la Ilustración.”** IN: **La estética en la cultura moderna.** Madrid: Alianza Forma, 1996, p. 11-36.

MARINAS, José Miguel & SANTAMARINA, Cristina. **La Historia Oral: métodos e experiências.** Madri: Debate, 1993.

MARQUES, José Carlos. **História de uma via. O advento da arquitetura moderna e a configuração da Avenida Salgado Filho. Porto Alegre, 1940 – 1970.** Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, PROPARG/UFRGS, 2003.

MARQUES, Sérgio Moacir. **Tendências da Arquitetura Contemporânea no Rio Grande do Sul: mudanças de paradigmas nos anos 1980.** Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, PROPARG/UFRGS, 1999.

MARTINEZ, Alfonso Corona. **Ensaio sobre o Projeto.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 198 p.:il.

MARX, Murilo. **Cidade brasileira.** São Paulo: Melhoramentos: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MARX, Murilo. **Nosso chão: do sagrado ao profano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MASCARÓ, Lúcia R. de. **As condições de vida e de trabalho dos operários da construção no Rio Grande do Sul.** Dissertação de Mestrado em Sociologia. Porto Alegre, ICHF, UFRGS, 1982.

MATTAR, Leila Nesralla. **Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900-1930).** Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre, IFCH, PUC/RS, 2001.

MEIHL, José Carlos Sebe Bom. (Org.) **(Re)introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional em Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Porto Alegre, IFCH, PUC/RS, 2001.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **O fogão da *Societée anonyme du gaz*** – Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária. Projeto História – História e Imagem. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – São Paulo: novembro/2000, no. 21, PUC-SP, p. 105-119.

MEYER, Augusto. **Segredos da Infância e No tempo da Flor.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Fundo Estadual da Cultura, 1997.

MIGNOLO, Walter. **Lógica das diferenças e política das semelhanças e vice-versa.** IN: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio W. (org.). **Literatura e História na América Latina.** São Paulo: EDUSP, 1994, p. 115-161.

MINAYO, Maria Cecília et alli. **Pesquisa Social: teoria, metodologia e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura moderna no Brasil**. Tradução Lauro Pedreira. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.

MIRANDA, Wander Melo. **Anos JK: margens da modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2002. 170p.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura y crítica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1999.

MONTANER, Josep Maria. **La modernidad superada - Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1997.

MONTEIRO, Charles. **Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)**. Curitiba: Anais da XXI Reunião da SBPH, 2002.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas – Histórias e Memórias (1940 e 1972)**. São Paulo: PUC-SP, 2001. Tese de Doutorado em História, 2001.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção História; 4).

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção História; 4).

MONTEIRO, Charles. **Duas Leituras sobre as transformações da cultura urbana de Porto Alegre nos anos 1970: entre memória e ficção**. Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XXX, nº 2, dezembro/2004, p. 89-104.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais. Solos, improvisos e memórias musicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2000.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1981.

MÜLLER, Geraldo. **A economia política gaúcha dos anos 30 aos 60**. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 358-402.

MÜLLER, Werner e VOGEL, Gunther. **Atlas de arquitectura**. Madrid: Alianza Editorial S. A., 1995.

N

NASI, Eduardo. A Revista que seduz o país. **Revista Aplauso**. Porto Alegre: 1998, p.24-31.

NAVES, Rodrigo. **As duas vidas de Clement Greenberg**. In: GREENBERG, Clement. **Arte e cultura**. São Paulo: Editora Atica, 1996.

NEVES, Jorge. **O problema da sub-habitação em Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Meridional EMMA, 1962.

NEVES, Margarida de. **História da crônica. Crônica da história.** IN: RESENDE, Beatriz. **Cronistas do Rio.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 17-31.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitectura occidental.** Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, S. A., 1999.

O

OLIVEIRA, Franklin de. **Rio Grande do Sul: um novo nordeste.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1960.

ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

OTXOTORENA, Juan M. . **Arquitectura y proyecto moderno. La pregunta por la modernidad.** Barcelona: Ediciones Internacionales Universitarias, 1991.

P

PANERAI, Philippe e MANGIN, David. **Proyectar la ciudad.** Madrid: Celeste Ediciones, 2002, tradução de Inés Sánchez de Madariaga, 286p.

PANIZZI, Wranna M. e ROVATTI, João F. (org.). **Estudos Urbanos: Porto Alegre e seu planejamento.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.

PARADEDA, Maria Regina Matos. **Arquitetura da Paisagem e Modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860 – 1930).** Porto Alegre: PUC-RS, 2003. Dissertação de Mestrado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de Apartamentos: Belo Horizonte, 1939-1976. Formações e transformações tipológicas na arquitetura da cidade.** Belo Horizonte: AP Cultural, 1998.

PATETTA, Luciano. **Historia de la arquitectura. Antologia critica.** Madri: Celestes Ediciones, 1997.

PEIXOTO, Marta Silveira. **Sistemas de proteção de fachadas na escola carioca: de 1935 a 1955.** Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 1995 (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).

PEREIRA, André Luiz Simas. **Histórias do Abastecimento de Água em Porto Alegre.** Coordenação Unidade de Comunicação Social – DMAE, Porto Alegre, 1991.

PEREIRA, Cláudio Calovi. **Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936 – 1954).** Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 1993. Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, Cláudio Calovi. **Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936 – 1954).** Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 1993. Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, Cláudio Calovi. **Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936 – 1954).** Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 1993. Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, Cláudio Calovi. **Primórdios da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul: a presença dos arquitetos cariocas**. Monografia das disciplinas Arquitetura do Rio Grande do Sul I e II, PROPAR/UFGRS, 1990.

PEREIRA, Miguel Alves. **Arquitetura e os caminhos de sua explicação**. São Paulo: Projeto, 1984.

PEREIRA, Miguel Alves. **Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PESAVENTO, Sandra. **Memória Porto Alegre – espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

PEVSNER, Nikolaus. **Origens da arquitetura moderna e do design**. São Paulo: M. Fontes, 1981.

PEVSNER, Nikolaus; MONTEIRO, João Paulo. **Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius**. São Paulo: M. Fontes, 1980.

PIÑON, Hélio. **“Recuperação, salvaguarda e valorização do patrimônio arquitetônico”**. In: Congresso sobre Patrimônio Arquitetônico. Porto: Portugal, mar. 1999.

PORTO ALEGRE uma história em três tempos. Catálogo de exposição: Porto Alegre, 1998.

R

RAGO, Luzia Margareth. **As marcas da pantera: Michael Foucault na historiografia brasileira contemporânea**. Revista do Curso de Pós-Graduação em História. Anos 90. Porto Alegre, Nº 1, maio de 1993, UFRGS. Volume 1.

REIS Filho, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ROBERTSON, D. S. **Arquitetura Grega e Romana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 518 p. il.

RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1992, 85 p. Série Princípios, 220).

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1995, Coleção Primeiros Passos, nº 203.

RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: 1971.

RYBCSYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 2002. Tradução de Betina von Staa. (1943).

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**. 2004.

S

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964**. São Carlos: RiMa/FAPESP, 2002.

SANHUDO, Ary da Veiga. **Porto Alegre – crônicas da minha cidade**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, Instituto Estadual do Livro; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979, 1. vol.

SANTOS, José de Almeida. **Sabemos morar?** Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Brasileiros do Rio de Janeiro, Ano VI, Vol. XII, nº 34,35,36, jan., fev., mar., abr., mai., jun. de 1944; p. 179 a 206.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público – Jardins do Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP. 1996, 255p.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.

SEGRE, Roberto. **Habitat Latino-Americano. Fogo e sombra, opulência e precariedade**. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis. V. 1, abr. 1999.

SILVA, Regina Helena Dutra Rodrigues da. **Wölfflin: estrutura e forma na visualidade artística**. In: WÖLFFLIN, Heinrich. **Renascença e Barroco**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S. A., 1987, p. 11-25.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. São Paulo: Edito Nacional, 1974.

SODRÈ, Nelson Werneck. **1964: A ditadura anunciada**. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Golpe de 64**. Porto Alegre, EU/Porto Alegre: 1994, 64 p. Cadernos Porto e Virgula, 5.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador. São Paulo 1920-1939**. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1997. (Coleção Cidade Aberta).

SOUZA, Abelardo de. **Arquitetura no Brasil - depoimentos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

SOUZA, Célia Ferraz de & MÜLLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFGRS, 1997.

SOUZA, Célia Ferraz de & MÜLLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFGRS, 1997.

SOUZA, Maria Adélia. **A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo**. Hucitec/Edusp, 1994, col. "Estudos Urbanos".

SOUZA, Nelson. **Arquitetura moderna**. In: WEIMER, Günter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 191 - 205.

SPALDING, Walter. **A Beneficência Portuguesa**. Porto Alegre: Estabelecimento Gráfico Santa Teresinha Ltda., 1954, 92 p. il.

SPALDING, Walter. **A herança do Irmão Joaquim – Histórias da Santa Casa**. Porto Alegre: Redactor Empreendimentos Editoriais Ltda., 1984, 53p.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre, Sulina, 1967. Coleção Meridional.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre, Sulina, 1967. Coleção Meridional.

SPALDING, Walter. **Porto Alegre – monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal**. São Paulo: Habitat Editora Ltda., 1953.

STEINHOF, Eugen. A arquitetura moderna. **Revista do Globo**. Porto Alegre, 1 (21): 59-60, 16 nov 1929.

STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, Imprensa e Sociedade em Porto Alegre (1896-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 278 p.

STROHER, Eneida Ripoll. **A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado.

T

TAFURI, Manfredo; DALCO, Francesco. **Modern Architecture**. Translated from the Italian by Robert Erich Wolf. Milan/London: Faber and Faber, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, Alan. **A crítica da modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

TROTSKY, Leon. **Arte. Liberta**. Milão: Editora Schwartz, 1958. IN: PATETTA, Luciano. **Historia de la arquitectura. Antologia crítica**. Madri: Celestes Ediciones, 1997.

V

VAZ, Lílian Fessler. **Modernidade e Moradia – Habitação Coletiva no Rio de Janeiro. Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7Letras/ FAPERJ, 2002.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, il.

VILAR, Pierre. “**História marxista, história em construção**”. In: LE GOFF, J. e NORA, P. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 146-178.

VOLPE, Galvano della. **Crítica Del gusto**. Barcelona: Ed. Seix Barral, 1966. IN: PATETTA, Luciano. **Historia de la arquitectura. Antologia crítica**. Madri: Celestes Ediciones, 1997.

VON SIMSON, Olga. (Org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.

W

WEIMER, Günter (org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992.

WEIMER, Günter. (Org.). Textos escolhidos da arquitetura gaúcha I. **Estudos tecnológicos Unisinos Arquitetura**. São Leopoldo, nº 27, 1996.

WEIMER, Günter. **A arquitetura de Porto Alegre e a imigração alemã.** In: MAUCH, Claudia & VASCONCELOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história.** Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 185 - 197.

WEIMER, Günter. **A arquitetura.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS, 1992. Síntese rio-grandense/12-13.

WEIMER, Günter. **Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul.** São Pulo, FAU/USP, 1989. Tese de doutoramento.

WEIMER, Günter. **Arquitetura modernista em Porto Alegre entre 1930 e 1945.** Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1998.

WEIMER, Günter. **Arquitetura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

WEIMER, Günter. **Arquitetura.** In: FLORES, Hilda Agnes Hubner (org.). Porto Alegre: História e Cultura. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1987, p. 91-96.

WEIMER, Günter. **Bibliografia da arquitetura gaúcha no Correio do Povo: 1940-1959.** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1994. Estudos Tecnológicos, Arquitetura 24 e 25.

WEIMER, Günter. **Engenheiros Alemães no Rio Grande do Sul, na década 1848 - 1858. Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre, PUC-RS, v (2): 151 - 205, dez 1980.

WEIMER, Günter. **Estruturas sociais gaúchas e arquitetura. INId. (org.). A arquitetura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. Série "Documenta", nº 15, p. 155-190.

WEIMER, Günter. **Estudos Tecnológicos - Textos Escolhidos da Arquitetura Gaúcha I, nº 27.** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1996.

WEIMER, Günter. **Levantamento de projetos arquitetônicos. Porto Alegre: 1892 à 1957.** Porto Alegre, Prefeitura de Porto Alegre/PROCEMPA, 1998.

WERNER, Edmundo et al. **Pluralismo na Habitação.** São Paulo: Annablume, 2001.

WHITE, Hayden. **O texto histórico como artefato literário.** IN: **Tópicos do discurso – ensaio sobre a crítica da cultura.** São Paulo: EDUSP, p. 97-116.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

X

XAVIER, Alberto (org.). **Arquitetura moderna brasileira - Depoimentos de uma geração.** São Paulo: Pini: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura: Fundação Vilanova Artigas, 1987.

XAVIER, Alberto e MIZOGUCHI, Ivan. **A arquitetura moderna em Porto Alegre.** Porto Alegre/São Paulo/ FAU-UFRGS/Pini, 1987.

Z

ZEIN, Ruth Verde. **O futuro do passado, ou as tendências atuais. Projeto.** São Paulo, nº 104, outubro de 1987, p. 87 – 114.

ZEVI, Bruno. **A Linguagem Moderna da Arquitetura**. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
 ZURKO, Edward Robert. **La teoría del funcionalismo en la arquitectura**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1957 (1970).

3. Locais de Pesquisa

Arquivo da Zero Hora

Arquivo do Correio do Povo

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Arquivo Particular do Arq. Plínio de Almeida

Arquivo Particular do Prof. Arq. Günter Weimer

Arquivo Particular do Dr. Oswaldo Ludwig

Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Biblioteca Central Irmão José Otão, da PUC

Biblioteca Central da UFRGS

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFRGS

Biblioteca da Faculdade de Engenharia da UFRGS

Biblioteca Dr. Romeu Ritter dos Reis, do UniRitter

Biblioteca da Secretaria Municipal de Obras e Viação – SMOV

Biblioteca do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Rio Grande do Sul – CREA/RS

Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul

Centro de Documentação Histórica do Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS

Centro de Pesquisa da Imagem e do Som do Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Laboratório de História e Teoria da Arquitetura do UniRitter

Laboratório para Estudos de História da Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, PUCRS

Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

CAPÍTULO 1

- Fig. 1 - Bairro Navegantes – Porto Alegre
- Fig. 2 - IAPI – Porto Alegre
- Fig. 3 - Planta da cidade de Porto Alegre - 1839
- Fig. 4 - Mapa do Plano Geral de Melhoramentos - 1914
- Fig. 5 - Mapa do Pré-Plano ou Plano Gladosch - 1938
- Fig. 6 - Mapa do Plano Diretor de Porto Alegre – Prefeitura Municipal de Porto Alegre - 1959
- Fig. 7 - Mapa do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – 1º PDDU. Lei 43/47 - 1979
- Fig. 8 - Mapa do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – Alterações na Lei 2046/2047 – 1961/1964
- Fig. 9 - Anúncio do Banco Hipotecário Lar Brasileiro S. A.
- Fig. 10 - Edifício Glória, à rua Dr. Barros Cassal. Projeto e construção: Helmut M. Pretry
- Fig. 11 - Edifício à avenida Independência, esquina com rua Dr. Barros Cassal. Projeto e construção: Helmut M. Pretry
- Fig. 12 - Edifício à rua Dr. Augusto Pestana. Projeto e construção: Helmut M. Pretry
- Fig. 13 - Anúncio da Empresa Azevedo, Bastian, Castilhos e Cia. Ltda.
- Fig. 14 - Anúncio da Construtora Mello Pedreira e Cia Ltda.
- Fig. 15 - Anúncio da Empresa Irmãos Irace Ltda.

CAPÍTULO 2

- Fig. 16 - Foto satélite de Porto Alegre, identificando a Avenida Independência e a Rua 24 de Outubro (início de 2000)
- Fig. 17 - Vista aérea da radial Independência/24 de Outubro na década de 1950.
- Fig. 18 - Rua 17 de junho, antiga “Rua dos Coqueiros”, no arrabalde do Menino Deus.
- Fig. 19 - Trecho da Rua Cristóvão Colombo, com vista para a “Cervejaria Becker”

- Fig. 20 - Rua Cristóvão Colombo, antiga Floresta. Trecho da “Cervejaria Bopp”, o mais importante estabelecimento do gênero no Rio Grande do Sul
- Fig. 21 - Colocação de trilhos de bonde na Avenida 24 de Outubro, em 1907
- Fig. 22 - Trecho da Avenida Independência, na década de 20, com o harmônico conjunto de casarões
- Fig. 23 - Avenida Independência, na década de 20
- Fig. 24 - Avenida Independência, na década de 20
- Fig. 25 - Avenida Independência, na década de 20
- Fig. 26 - Praça Dom Feliciano, na década de 50
- Fig. 27 - Praça Dom Feliciano, no fim do século XX
- Fig. 28 - Praça Dom Feliciano e Hospital Santa Casa, vista aérea, no fim do século XX
- Fig. 29 - Planta de situação da Praça Dom Feliciano
- Fig. 30 - Hospital Santa Casa, na época de sua inauguração
- Fig. 31 - Hospital Santa Casa, sustentada pela Irmandade de Misericórdia, em 1900
- Fig. 32 - Escadaria do Hospital Santa Casa, na década de 30
- Fig. 33 - Detalhe da escadaria do Hospital Santa Casa, na década de 30
- Fig. 34 - Projeto para o Cine-Teatro Apolo, não construído
- Fig. 35 - Cine-Teatro Apolo, na Avenida Independência, junto à Praça Dom Feliciano
- Fig. 36 - Edifício Santa Tecla, entrada pela avenida Independência.
- Fig. 37 - Edifício Santa Tecla, vista da fachada da avenida Independência
- Fig. 38 - Edifício Parque Dom Feliciano, vista da praça
- Fig. 38 - Edifício Parque Dom Feliciano, detalhe da fachada para a praça
- Fig. 40 - Edifício Parque Dom Feliciano, vista da praça
- Fig. 41 - Edifício Annes Dias, vista da fachada principal
- Fig. 42 - Edifício Annes Dias, acesso principal
- Fig. 43 - Edifício IAB, acesso principal
- Fig. 44 - Edifício IAB, visto em conjunto com o Edifício Annes Dias
- Fig. 45 - Planta de situação da Praça Dom Sebastião
- Fig. 46 - Praça Dom Sebastião, na década de 30
- Fig. 47 - Igreja Nossa Senhora da Conceição, na avenida Independência, em frente à praça Dom Sebastião
- Fig. 48 - Lançamento da pedra fundamental do Hospital Beneficência Portuguesa, em 1867, publicada no semanário “Sentinela do Sul”
- Fig. 49 - Vista do Hospital Beneficência Portuguesa, fachada lateral

- Fig. 50 - Hospital Beneficência Portuguesa, fachada principal
- Fig. 51 - Vista do conjunto hospitalar da Beneficência Portuguesa
- Fig. 52 - Sede das faculdades Pontifícia Universidade Católica, na praça Dom Sebastião
- Fig. 53 - Atual Colégio Rosário
- Fig. 54 - Projeto de um viaduto na Avenida Independência
- Fig. 55 - Hospital Beneficência Portuguesa, fachada principal
- Fig. 56 - Hospital Beneficência Portuguesa, fachada da rua Conceição
- Fig. 57 - Tomada da elevada da Conceição para o Edifício Ely
- Fig. 58 - Croqui da Avenida Perimetral, trecho "C"
- Fig. 59 - Vista aérea da construção do túnel da Conceição
- Fig. 60 - Vista aérea do túnel da Conceição
- Fig. 61 - Planta de situação de trecho da avenida Independência
- Fig. 62 - Casa de Saúde Independência Ltda.
- Fig. 63 - Hospital do Médico
- Fig. 64 - Hospital do Médico, no contexto do bairro Independência
- Fig. 65 - Hospital Presidente Vargas, década de 70
- Fig. 66 - Hospital Presidente Vargas, interior do conjunto hospitalar, década de 70
- Fig. 67 - Planta de situação da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 68 - Planta do *Deutsches Krankenhaus*, 1913
- Fig. 69 - Hospital Alemão, construção interrompida em 1914, no início da 1ª Guerra Mundial
- Fig. 70 - Hospital Alemão, em 02/10/1927, dia da inauguração
- Fig. 71 - Hospital Alemão, 1907. Vista da Rua Tiradentes
- Fig. 72 - Hospital Alemão e seu jardim, depois da inauguração
- Fig. 73 - Rua Ramiro Barcelos, antiga entrada do Hospital Alemão
- Fig. 74 - Ampliação do prédio principal do Hospital Moinhos de Vento
- Fig. 75 - Ampliação do prédio principal do Hospital Moinhos de Vento
- Fig. 76 - Ampliação do prédio principal do Hospital Moinhos de Vento
- Fig. 77 - Hospital Moinhos de Vento, no fim da década de 50
- Fig. 78 - Praça Júlio de Castilhos e o palacete da Sociedade Germânia, antiga sede da associação
- Fig. 79 - Entorno da praça Júlio de Castilhos, com edifícios de apartamentos, na década de 60
- Fig. 80 - Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, na rua Ramiro Barcelos
- Fig. 81 - Instituto Santa Luzia, na avenida Independência, sede inicial da instituição de Dona Lydia Moshetti

- Fig. 82 - Projeto da nova sede do Instituto Santa Luzia, para cegos e surdo-mudos.
- Fig. 83 - Rua Mostardeiro, no arrabalde Moinhos de Vento, na década de 20
- Fig. 84 - Trecho da rua Moinhos de Vento, na década de 20
- Fig. 85 - Residências de Theodoro Saibro e Ernesto Hugo, Edmundo Eichenberg e Ernesto Heitmann. Arrabalde Moinhos de Vento, na década de 20
- Fig. 86 - Residência do Sr. Hugo Gertum, diretor do Banco Nacional do Comercio, à rua Mostardeiro, na década de 20
- Fig. 87 - Residência do Sr. Waldemar Bromberg, à rua Mostardeiro, no arrabalde Moinhos de Vento, na década de 20
- Fig. 88 - Luxuosas habitações em Posto Alegre: residência de Carlos Daut, à rua Independência; e residência de Henrique^a Jaeger, à rua Dr. Valle, na década de 20
- Fig. 89 - Moinho de vento típico dos Açores, modelo trazido para o Rio Grande do Sul, na metade do século XVIII
- Fig. 90 - Planta de situação da Hidráulica Moinhos de Vento
- Fig. 91 - Um pipeiro anônimo, distribuindo água potável na área próxima do Parque Farroupilha.
- Fig. 92 - Humor crítico da edição “O Século”, em 2 de novembro de 1884. Tanques primitivos da Guahybense, no Moinhos de Vento, com a água “suculenta” oferecida à população.
- Fig. 93 - Vista geral da Hidráulica Municipal de Porto Alegre
- Fig. 94 - Vista das construções da Hidráulica Municipal de Porto Alegre
- Fig. 95 - Vista aérea da Hidráulica Municipal de Porto Alegre
- Fig. 96 - Klinger(à esquerda, de óculos) chegou a morar na Hidráulica Moinhos de Vento para acompanhar os serviços de ampliação
- Fig. 97 - Vista aérea dos jardins da Hidráulica Municipal de Porto Alegre
- Fig. 98 - Vista dos tanques da Hidráulica Municipal de Porto Alegre
- Fig. 99 - Hidráulica Municipal de Porto Alegre. Um dos aspectos das instalações na rua Moinhos de Vento.
- Fig. 100 - Prado da Independência no início do século XX
- Fig. 101 - Pavilhão do Hipódromo da “Protetora do Turfe”, em dia de corrida, no início do século XX
- Fig. 102 - Parcão, na década de 80
- Fig. 103 - Parcão, na década de 80
- Fig. 104 - Parcão, na década de 90
- Fig. 105 - Parcão, na década de 90
- Fig. 106 - Parcão, na década de 90
- Fig. 107 - Associação Leopoldina Juvenil, à rua Marques do Herval
- Fig. 108 - Sede da Sociedade Leopoldina Juvenil, fundada em 1863

CAPÍTULO 3

Fig. 109 -A Casa – Capa do capítulo da Enciclopédia da Mulher

Fig. 110 - *Insulae* - Casas urbanas de vários pisos

Fig. 111 - Casas na “Vila di Diana”, Óstia (reconstituição)

Fig. 112 - Casas na “Vila di Vigil”, Óstia (reconstituição)

Fig. 113 - Tipos básicos europeus: Palácios e hotel

Fig. 114 - Residências nobres e centrais de governo: Palácios barrocos na França

Fig. 115 - Palácios barrocos na França: configuração do corpo arquitetônico por meio da união de corpos parciais

Fig. 116 - Palácios barrocos na França: configuração da planta por meio da união de grupos de espaços

Fig. 117 - Anúncio de geladeira americana Crosley – 1950

Fig. 118 - Anúncio de geladeira americana General Electric – 1950

Fig. 119 - Anúncio americano Daystrom – 1950

Fig. 120 - Anúncio americano Texolite – 1950

Fig. 121 - Anúncio americano Congowall – 1950

Fig. 122 - Anúncio americano Crosley – 1950

Fig. 123 - Anúncio americano Cheaper – 1950

Fig. 124 - Anúncio americano Simmons: hide-a-bed – 1950

Fig. 125 - Anúncio americano Pittsburgh Paints – 1950

Fig. 126 - Anúncio americano Zenith – 1950

Fig. 127 - Anúncio americano Capehart – 1950

Fig. 128 - Anúncio americano Carrier – 1950

Fig. 129 - Anúncio Lojas Segal

Fig. 130 - Fachada do edifício da CEEE, Porto Alegre

Fig. 131 - Interiores do edifício da CEEE, Porto Alegre

Fig. 132 - Anúncio do refrigerador Kelvinator, Casa Victor S.A.

Fig. 133 - Anúncio do refrigerador Springer

Fig. 134 - Anúncio dos refrigeradores GE, Casa Lux

Fig. 135 - Anúncio do liquidificador Arno

Fig. 136 - Anúncio do liquidificador, Casa Coates S. A.

Fig. 137 - Anúncio dos exaustores Contact

Fig. 138 - Anúncio da lavadeira elétrica, Casa Victor S.A.

Fig. 139 - Anúncio do rádio Mascote II, Casa Coates S. A.

Fig. 140 - Anúncio da máquina de costura Elna

- Fig. 141 -Anúncio “Para você descansar amanhã”
- Fig. 142 -Anúncio “Conforto e bom gosto para o seu lar”
- Fig. 143 -Anúncio do aspirador Epel, Casa Coates S. A.
- Fig. 144 -Anúncio da enceradeira Epel, Casa Coates S. A.
- Fig. 145 -Anúncio do fogão Dako
- Fig. 146 -Anúncio do fogão Bertoni, Importadora Pedrette e Cia. Ltda.
- Fig. 147 -Anúncio do fogão Lar, Casa Victor S.A.
- Fig. 148 -Anúncio do fogão Franklin, Lojas Segal
- Fig. 149 -Anúncio do forno Layr, Importadora Imcosul
- Fig. 150 -Casa de vidro, arquiteta Lina Bo Bardi, São Paulo
- Fig. 151 -Interiores da casa de vidro, arquiteta Lina Bo Bardi, São Paulo
- Fig. 152 -Indicação da cortina a ser usada na habitação moderna
- Fig. 153 -Indicação da cortina a não ser usada na habitação moderna
- Fig. 154 -Imagem de uma cozinha moderna equipada com iluminação, mobiliário e eletrodomésticos
- Fig. 155 -Exemplo de uma cozinha moderna com comedor
- Fig. 156 -Exemplo de uma cozinha moderna com dimensões reduzidas
- Fig. 157 -Edifício FAM – cozinha
- Fig. 158 -Edifício FAM – sala de jantar
- Fig. 159 -Edifício FAM – sala de estar
- Fig. 160 -Edifício FAM – integração da área social

CAPÍTULO 4

- Fig. 161 -Edifício Mariante
- Fig. 162 -Edifício Mariante, fachada da rua Garibaldi
- Fig. 163 -Edifício Mariante, acesso pela rua Garibaldi
- Fig. 164 -Perspectiva do Edifício Garibaldi. Desenho de P.P. Pereira
- Fig. 165 -Edifício Elizabeth
- Fig. 166 -Edifício Elizabeth
- Fig. 167 -Edifício Elizabeth, fachada da rua Garibaldi
- Fig. 168 -Edifício Elizabeth, fachada da rua Garibaldi
- Fig. 169 -Edifício Elizabeth, entrada pela rua Garibaldi
- Fig. 170 -Edifício Imperial
- Fig. 171 -Cinema Imperial, vista interna

- Fig. 172 -Edifício Vera Cruz, perspectiva
- Fig. 173 -Edifício Vera Cruz, perspectiva
- Fig. 174 -Edifício Vera Cruz, vista da avenida Borges de Medeiros
- Fig. 175 -Edifício Vera Cruz, detalhe da fachada da avenida Borges de Medeiros
- Fig. 176 -Edifício Jaguaribe, em obras
- Fig. 177 -Edifício Jaguaribe, em conjunto com outros edifícios na avenida Salgado Filho
- Fig. 178 -Edifício Professor Elyseu Paglioli, detalhe da fachada da rua Garibaldi
- Fig. 179 -Edifício Professor Elyseu Paglioli, entorno do edifício
- Fig. 180 -Edifício Professor Elyseu Paglioli, detalhe da fachada da avenida Independência
- Fig. 181 -Edifício Professor Elyseu Paglioli, detalhe da grelha e esquadrias
- Fig. 182 -Edifício Moinhos de Vento
- Fig. 183 -Edifício Moinhos de Vento, detalhe da fachada
- Fig. 184 -Edifício Moinhos de Vento, acesso ao cinema Coral
- Fig. 185 -Edifício Vitória Régia
- Fig. 186 -Edifício Vitória Régia, fachada da avenida Independência
- Fig. 187 -Edifício Vitória Régia, detalhe das aberturas
- Fig. 188 -Edifício José Pilla, fachada da avenida Independência
- Fig. 189 -Edifício José Pilla, visto da esquina
- Fig. 190 -Edifício José Pilla e Edifício Vitória Régia
- Fig. 191 -Edifício José Pilla, detalhe dos pilotis, vista interna
- Fig. 192 -Edifício José Pilla, detalhe dos pilotis, na rua Santo Antônio
- Fig. 193 -Edifício José Pilla, anúncio do Correio do Povo
- Fig. 194 -Edifício José Ricaldone
- Fig. 195 -Edifício José Ricaldone, fachada da avenida Independência
- Fig. 196 -Edifício José Ricaldone, fachada da rua Santo Antônio
- Fig. 197 -Edifício José Ricaldone, acesso pela rua Santo Antônio
- Fig. 198 -Edifício José Ricaldone, detalhe da sacada
- Fig. 199 -Anúncio do Edifício Tomás Flores
- Fig. 200 -Anúncio do Edifício Santa Fé
- Fig. 201 -Edifício Cruzeiro
- Fig. 202 -Edifício Cruzeiro, fachada da rua Tomás Flores
- Fig. 203 -Edifício Cruzeiro, detalhe das esquadrias
- Fig. 204 -Edifício São Sebastião, fachada da avenida Independência
- Fig. 205 -Edifício São Sebastião, acesso principal

- Fig. 206 -Edifício Batovi, década de 50
- Fig. 207 -Edifício Batovi, acesso principal
- Fig. 208 -Edifício Batovi, fachada da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 209 -Edifício João Ibanez, acesso pela rua 24 de Outubro
- Fig. 210 -Edifício João Ibanez, vista das fachadas dos fundos e lateral
- Fig. 211 -Edifício João Ibanez, detalhe da esquadria acima da porta de entrada
- Fig. 212 -Edifício João Ibanez, detalhe da porta de entrada
- Fig. 213 -Edifício João Ibanez, detalhe das esquadrias de madeira
- Fig. 214 -Edifício Plaza, fachada da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 215 -Edifício Plaza, detalhe das esquadrias de esquina
- Fig. 216 -Edifício Plaza, detalhe da fachada da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 217 -Edifício Plaza, acesso principal
- Fig. 218 -Edifício Esplanada, vista aérea da esquina avenida Independência e rua Ramiro Barcelos
- Fig. 219 -Edifício Esplanada, vista do nível do observador da esquina avenida Independência e rua Ramiro Barcelos
- Fig. 220 -Anúncio do Edifício Esplanada
- Fig. 221 -Anúncio do Edifício Esplanada
- Fig. 222 -Anúncio do Edifício Esplanada
- Fig. 223 -Vista do terreno a ser construído o Edifício Esplanada
- Fig. 224 -Edifício Esplanada, blocos A e B construídos, blocos C e D em construção
- Fig. 225 -Edifício Esplanada, vista da rua Ramiro Barcelos
- Fig. 226 -Edifício Esplanada, vista dos pilotis, na rua Ramiro Barcelos
- Fig. 227 -Edifício Esplanada, acesso do bloco B
- Fig. 228 -Edifício Esplanada, fachada da avenida Independência
- Fig. 229 -Edifício Esplanada, pilotis da avenida Independência
- Fig. 230 -Edifício Esplanada, salão de festas, apartamento do zelador e conjunto de casa de máquinas
- Fig. 231 -Edifício Esplanada, construção dos blocos A e B
- Fig. 232 -Edifício Esplanada, construção do bloco B
- Fig. 233 -Edifício Esplanada, fachada da rua André Puente
- Fig. 234 -Edifício Esplanada, detalhe da fachada da rua Ramiro Barcelos
- Fig. 235 -Edifício Esplanada, construção do bloco D
- Fig. 236 -Edifício Esplanada, fachada da avenida Independência
- Fig. 237 -Edifício Esplanada, detalhe da fachada da rua Ramiro Barcelos
- Fig. 238 -Edifício Armênia, vista da avenida Independência

- Fig. 239 -Edifício Armênia
- Fig. 240 -Edifício Armênia, vista da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 241 -Edifício Armênia, salão de festas e casa de máquinas
- Fig. 242 -Edifício Armênia, fachada da rua Mostardeiro
- Fig. 243 -Edifício Armênia, detalhe da fachada da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 244 -Edifício Cerro Formoso
- Fig. 245 -Edifício Cerro Formoso, fachada da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 246 -Edifício Embaixador, vista aérea
- Fig. 247 -Edifício Embaixador, fachada da Praça Júlio de Castilhos
- Fig. 248 -Edifício Embaixador, detalhe da fachada da rua Ramiro Barcelos
- Fig. 249 -Anúncio do Edifício Linck
- Fig. 250 -Edifício Linck, vista aérea
- Fig. 251 -Edifício Linck, fachada da rua Frederico Linck
- Fig. 252 -Edifício Jardim Cristófell, fachada da rua Jardim Cristófell
- Fig. 253 -Edifício Jardim Cristófell, detalhe da fachada principal
- Fig. 254 -Edifício Jardim Cristófell, detalhes dos *brises*
- Fig. 255 -Edifício Jardim Cristófell, detalhes dos *brises*
- Fig. 256 -Edifício São Paulo, vista da avenida Independência
- Fig. 257 -Edifício São Paulo, vista da esquina da avenida Independência com a rua Barros Cassal
- Fig. 258 -Edifício São Paulo, fachada da rua Barros Cassal
- Fig. 259 -Edifício São Paulo, acesso principal
- Fig. 260 -Edifício Querência, perspectiva
- Fig. 261 -Edifício Querência, vista da rua 24 de Outubro
- Fig. 262 -Edifício Querência, fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 263 -Edifício Querência, detalhe da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 264 -Edifício Querência, acesso principal
- Fig. 265 -Edifício Querência, o casal Oswaldo Ludwig junto ao portão de acesso do edifício
- Fig. 266 -Edifício Santa Luíza, à esquerda, e o edifício Bela Vista, à direita
- Fig. 267 -Edifício Santa Luíza, fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 268 -Edifício Bela Vista, acesso principal
- Fig. 269 -Edifício Bela Vista, detalhe das sacadas
- Fig. 270 -Edifício Bela Vista, detalhe da ornamentação
- Fig. 271 -Edifício Flores da Cunha, vista da avenida Independência
- Fig. 272 -Edifício Flores da Cunha, pilotis no pavimento térreo

- Fig. 273 -Edifício Flores da Cunha, vista da esquina da avenida Independência com a rua coronel Vicente
- Fig. 274 -Edifício Flores da Cunha, fachada da avenida Independência
- Fig. 275 -Edifício Roma, fachada da rua Florêncio Ygartua
- Fig. 276 -Edifício Roma, fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 277 -Edifício Roma, detalhe da fachada da rua Florêncio Ygartua
- Fig. 278 -Edifício Roma, pilotis e lojas da rua 24 de Outubro
- Fig. 279 -Edifício Maximus, vista da esquina da rua 24 de Outubro com a rua Fernando Gomes
- Fig. 280 -Edifício Maximus, detalhe da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 281 -Edifício Maximus, detalhe das esquadrias e cerâmicas da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 282 -Edifício Maximus, detalhe das esquadrias da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 283 -Edifício Independência, fachada da rua Independência
- Fig. 284 -Edifício Independência, detalhe das esquadrias da fachada da rua Independência
- Fig. 285 -Edifício Independência, detalhe da sacadas da fachada da rua Independência
- Fig. 286 -Edifício Santo Ângelo, fachada da avenida Independência
- Fig. 287 -Edifício Santo Ângelo, pilotis no térreo e acesso principal
- Fig. 288 -Edifício Santo Ângelo, detalhe central da fachada da avenida Independência
- Fig. 289 -Edifício Santo Ângelo, detalhe das sacadas da fachada da avenida Independência
- Fig. 290 -Edifício Oiapoc-Chuí, fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 291 -Edifício Oiapoc-Chuí, vista da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 292 -Edifício Oiapoc-Chuí, detalhe das esquadrias da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 293 -Edifício Oiapoc-Chuí, acesso principal
- Fig. 294 -Edifício Santa Tecla, fachada vista da rua Andrade Neves
- Fig. 295 -Edifício Santa Tecla, fachada da avenida Independência
- Fig. 296 -Edifício Santa Tecla, acesso principal, pela avenida Independência
- Fig. 297 -Edifício Rio Grande do Sul, vista da rua 24 de Outubro
- Fig. 298 -Edifício Rio Grande do Sul, detalhe da fachada da rua 24 de Outubro
- Fig. 299 -Edifício Rio Grande do Sul, acesso principal

